MIGRANTES E PEREGRINOS NA BACIA DO MEDITERRÂNEO: SÉCULOS I - XIII

JORGE CARVALHO ARROTEIA

2020

Editor: Jorge Carvalho Arroteia
Lista de ISBNs: 978-989-99779-5-2;
[Título: Migrantes e Peregrinos na Bacia do Mediterrâneo: Séculos I - XIII];
[Autor: Jorge Carvalho Arroteia];
[Co-autor(es):];
[Suporte: Eletrónico];
[Formato: PDF / PDF/A]

ÍNDICE

	Pág.
Abertura	5
1 – INTRODUÇÂO	9
1 – Enquadramento	11
2 – Fontes e andamento da escrita	14
3 – A bacia do Mediterrâneo	20
3.1 – Apontamento geográfico	22
3.2 – Vida de relação e mercancia	30
2 – NA SENDA DAS MIGRAÇÕES BÍBLICAS	47
2.1 – Movimentos associados ao Islamismo	49
2.1 – Movimentos associados ao Cristianismo	67
2.2.1 – Evangelização	68
2.2.1 – Perseguições	75
3 – AS MIGRAÇÕES NA IDADE ANTIGA E IDADE MÉDIA	83
3.1 – Invasões	87
3.2 – As peregrinações a Jerusalém	93
3.2.1 – Idade Antiga	95
3.2.2 – Idade Média	106
4 – AS MIGRAÇÕES ASSOCIADAS AO ISLAMISMO	121
4.1 – A Hégira e o ordenamento político-religioso do Islão	122
4.2 – Migrações: Jhiad e Peregrinação	139
5 – GEOGRAFIAS DE PODER	153
5.1 – As Cruzadas e a criação dos Estados Latinos	154
5.1.1 – 'Cruzada popular'	159
5.1.2 – Cruzadas orientais	166
5.2 – A formação dos Reinos no Ocidente	185
CONCLUSÃO	199
BIBLIOGRAFIA	207
ANEXOS	219

Às minha netas:

DAVINA e MILANA

U. K.

ABERTURA

O trabalho iniciado aquando da elaboração do ensaio sobre as migrações descritas nos textos da Bíblia (Arroteia, 2019) e a sequência de acontecimentos aí registados que acompanharam a evolução da religião Judaica, a expansão do Cristianismo e a instabilidade social e política na área do Crescente Fértil relacionados com a dominação do Império Romano, justifica esta nova incursão sobre o tema. Nele pretende-se aprofundar o fenómeno das migrações, sobretudo as de natureza religiosa ocorridas no decurso da Idade Antiga e parte da Idade Média e que deram continuidade a situações referenciadas nesse estudo. Como matriz dominante registamos o predomínio de movimentos forçados da população num cenário físico e humano com *"traços mais antigos e permanentes da fisionomia do Globo"* (Ribeiro, 1967, p. 3), o Mediterrâneo e as suas gentes.

Assinala o mesmo autor (loc. cit.), *"foi no convívio da gente mediterrânica que a restante Europa se enriqueceu de ideias e de crenças, depois espalhadas por todo o mundo"*. Com elas foram as marchas de guerra alimentadas pelos movimentos de consolidação de diferentes impérios e povos, do Levante e do Império romano, que conduziram à pacificação da população então submetida ao seu domínio, antes da invasão de outros povos oriundos do continente asiático e da expansão da nova religião islâmica a partir do século VII por todo o mundo mediterrâneo. Na sua unidade como *"zona terrestre e um destes vastos domínios de civilização que podem demarcar-se à superfície dos continentes"* (Ribeiro, 1968, p. 33), o Mediterrâneo e os países que o cercam representam traços civilizacionais e humanos de três continentes distintos: Europa, África e Ásia, com as suas diferenças culturais, sócio-económicas e religiosas que alimentam, de há muito, importantes e constantes movimentos de população.

Com exceção das invasões dos bárbaros as muitas migrações aí registadas tiveram um traço comum, de natureza religiosa, na proteção e defesa dos lugares sagrados de Jerusalém relacionados com o Cristianismo, sobretudo depois da queda do império romano do ocidente, alimentando desde então viagens dos devotos da nova

religião do oriente e do ocidente para o centro da cristandade e lugar do templo dos antigos habitantes de Israel. Durante séculos estas deslocações tiveram lugar para cumprir deveres dos crentes em romagem a um território sagrado pela sua história e acontecimentos que deram origem à religião católica. Após a pregação de Maomé e a subjugação dos infiéis residentes nos territórios vizinhos - descendentes de Abraão mas não da sua escrava Agar - as peregrinações, embora consentidas em diversos ciclos da história da humanidade, tornaram-se cada vez mais dificultadas pela ação dos exércitos do Islão e pela invasão dos povos asiáticos que ocuparam os territórios próximos da Anatólia, local de passagem obrigatória para os viajantes por via terrestre.

As migrações ora contempladas, dando continuidade a movimentos já registados nas Escrituras, espelham a forte mobilidade dos povos do Levante nos territórios de origem e a sua expansão por toda a bacia do Mediterrâneo, primeiramente na sua parte oriental e mais tarde no ocidente, desdobrando-se em diferentes classes de uma tipologia comum às migrações onde sobressaem as causas de natureza religiosa. Neste ensaio seguimos o conceito de religião proposta por Durkheim (1907, p. 5): *"On a défini la religion par l'idée du surnaturel, c'est-à-dire d'un ordre de choses dans lequel l'intelligence ne peut pénétrer, d'un domaine mystérieux, inconcevable, inexprimable"* e a idéia de *"facto religioso"* sagrado e profano (op. cit., p. 7). Perante esta situação o autor (loc. cit.) amplia a sua noção de religião, como sendo *"un système de croyances et de pratiques relatives à des choses sacrées - croyances et pratiques communes à une collectivité déterminée. La religion nous apparaît ainsi dès le début comme un phénomène social"*.

Acerca da posição assumida pelos cidadãos em relação à religião, Schlegel (2012) entende que,

> *"Consciemment ou non, intégristes et fondamentalistes réactivent ainsi la distinction entre le sacré et le profane que la modernité séculière travaille à effacer. Soucieuses de ne pas être distancées par la modernité, les grandes religions du monde pratiquent au contraire une 'herméneutique', une interprétation de leur tradition (donc aussi de leur Révélation écrite) qui permet de déplacer les frontières du sacré et du profane, de désacraliser la tradition immuable et de l'inclure dans une histoire et une temporalité".*

Como fenómeno social as religiões consideradas nesta análise apresentam, por tradição, necessidade de expansão do credo e das obrigações para com o seu Deus. Fazem-no, internamente, através da celebração de atos religiosos e do cumprimento do dever de Peregrinação. Esta prática é comum às religiões Judaica, Cristã e Islâmica. O novo contexto religioso surgido no século VII com o Islão justifica algumas referências ao ordenamento doutrinal que acompanha a pregação de Maomé e a escrita do Alcorão, intimamente relacionado com as migrações humanas que então se intensificam e que tiveram nas Cruzadas o seu epílogo. Estes movimentos seguem a linha condutora associada às migrações de natureza religiosa da Antiguidade descritas na Vulgata Clementina. Complementarmente às deslocações aos lugares sagrados e à participação em atos de culto, as conquistas e as migrações populacionais contribuem para o alargamento das áreas de influência de um determinado credo, da sua implantação em áreas específicas do território ou da sua segregação social e cultural.

A essência destas migrações confirma o significado de tais movimentos (Claval, 1992, p. 11): *"Ce que les religions, les métaphysiques ou les idéologies révèlent, c'est la nature des forces qui sont responsables du devenir du monde"*; a criação de espaços sagrados e de espaços profanos; a existência de territórios dominados e libertos, fruídos por diferentes sistemas religiosos e de poder e com ação diferenciada consoante o sistema político e militar vigente. Na verdade se na antiguidade os seus efeitos faziam-se sentir nas marchas de guerra, combates e domínio militar, as civilizações medievais aproveitam outras estratégias assentes na vida de relação e de comércio, em alianças e iniciativas régias diferentes da atualidade. Hoje em dia as redes sociais e os meios de comunicação social permitem novas formas de interação, de transmissão de códigos sociais, de representação coletiva e de modelo de civilização às quais a Geografia e a Sociologia não podem ficar indiferentes.

Nesta sequência o avanço das religiões e das práticas sociais dos fiéis são mais do que "sistemas de comunicação". No dizer de Claval (1992.a, p. 19)

> *"Elles servent à légitimer les instances du pouvoir ou la stratification sociale, à faire apparaître comme normales ou comme désirables des relations que la critique démasque*

facilement comme inégales ou injustes et à magnifier la cohésion du corps social alors qu'il est entaché de dysfonctionnements et génère oppression et exploitation".

São exemplo as migrações entendidas como manifestação material e dinâmica, regional e global de ideologias religiosas e de sistemas sociais e políticos cristalizados ou em vias de desagregação por motivos da crença, língua, pertença étnica, confissão política, traduzindo estes movimentos sinais evidentes de tragédias nacionais e de conflitos nacionais. Mais ainda, *"do caos das relações internacionais dominadas pela relação de força"* (Morin, s/d, p. 110) e de nacionalismos transnacionais conducentes a uma *"hiperfragmentação planetária"* (op. cit., p. 111).

Revisitar o fenómeno das migrações humanas na atualidade, mesmo que evocando as fontes e os traços mais antigos e subtis destes movimentos e incidindo sobre os movimentos acompanhados de causas religiosas, que não só as peregrinações, é um assunto dos nossos dias. Em muitos dos seus aspetos, nomeadamente nas suas representações diárias, o *Hommo migrans* de hoje mais não faz do que percorrer trilhos anteriormente seguidos pelos seus antepassados continuando a afirmar-se, nos dias de hoje (Papa Francisco), como *"símbolo de todos os descartados de uma sociedade globalizada"*[1].

[1] Palavras do Papa Francisco proferidas em 8JUL2019 na Basílica Vaticana aquando da celebração do 6º aniversário da sua vista à Ilha de Lampedusa.

INTRODUÇÃO

O interesse em aprofundar a análise das migrações humanas que dão continuidade às migrações bíblicas nos primeiros séculos da nossa era no espaço geográfico alargado do Crescente Fértil e da bacia do Mediterrâneo, leva-nos a uma análise dos movimentos de população associados às três religiões monoteístas dominantes na Idade Antiga e Idade Média, ocorridos nesse território. Na sua essência estes movimentos dão sequência:

- À diversidade e significado do Panteão de deuses de Roma e à imposição do culto aos imperadores romanos, preceito que ia contra as religiões abraâmicas fundadas na crença de um Deus único e na observância das leis, valores e tradições religiosas baseadas no Deus único de Abrão, de Isaac e de Jacob;

- À afirmação de uma nova religião, o Cristianismo, na sua relação com as práticas religiosas seguidas pelos Judeus e na continuidade e reforço da mensagem pregada por Jesus;

- À mensagem de Cristo, Messias e *"salvador da humanidade"* (ECP)[2], fundador da nova religião cristã e à evangelização pregada pelos seus discípulos;

- Aos conflitos inter-religiosos, de expressão militar, entre as civilizações oriental e a ocidental, surgidos nos primeiros séculos de expansão do Islão na área da bacia do Mediterrâneo;

- Aos movimentos seguintes desencadeados pela memória religiosa da Terra Santa e do seu domínio territorial que deu origem a alterações profundas na vida de relação e cultural dos povos da bacia do Mediterrâneo.

Seguindo a cronologia da nossa história civilizacional os movimentos agora descritos apresentam relações de continuidade com situações anteriormente referidas no Antigo Testamento, o qual relata a afirmação do Deus de Abrão, de Isaac e de Jacob, até ao

[2] ECP – Judaísmo: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1079 22MAI20

nascimento do Messias (ECP)[3]: *"Messias, do hebr./aram., através do gr. (cristo), quer dizer ungido (...) o Messias (Cristo) Filho de David"*, e aos primeiros séculos do desenvolvimento da religião Cristã. Este fenómeno não apagou os preceitos e as tradições da religião Judaica (ECP – Judaismo)[4]: *"Religião do povo judeu, radicada em antigas tradições dos tempos de Abraão, Moisés e David, conservadas pela tribo de Judá, dispersa pelo mundo na era cristã"*. A coexistência inicial das duas religiões deu lugar à separação das duas doutrinas conduzindo, no decurso da dominação romana sobre a Judeia e demais territórios da antiga Palestina e em todo o império, a perseguições contra estes povos bem como a inimizades entre eles, traduzidas em diversos movimentos da população.

No decurso do século VII a fundação da religião Islâmica por Maomé e a defesa do deus único – Alá – deu origem ao Islamismo (ECP)[5]: *"(Do árb. = submissão, entenda-se, à vontade de Deus)"*. Esta nova religião *"que se designa uma das mais importantes religiões monoteístas, a dos muçulmanos"*. Com origem na Península Arábica, alimentou os movimentos de expansão religiosa no continente asiático, em África e na Europa, desenvolvendo-se em torno da bacia do mar Mediterrâneo e nos domínios do antigo império romano. Muitos destes territórios acolhiam já seguidores da religião Cristã. A partir de então a oposição de conceitos, crença e práticas religiosas entre os fiéis Cristãos e os Islamitas deu origem a conflitos militares ligados à ocupação dos lugares santos, à cessação da invasão muçulmana e aos movimentos de reconquista encetados pelas forças militares cristianizadas do ocidente europeu.

Para além destes movimentos as migrações de povos bárbaros residentes fora dos limites do império romano estiveram na origem da queda do Império Romano do Ocidente (em 476) e mais tarde do Império Romano do Oriente (em 1453). Ficaram associadas a marchas de guerra, à invasão e dominação do território e de populações já sedentarizadas, ao desenvolvimentos de novas formas de relação e de domínio militar que passaram pela sua aculturação. Antes disso apontam-se as lutas travadas para

[3] ECP – Messias: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1222 15MAI20

[4] ECP – Judaismo: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1079 15MAI20

[5] ECP – Islamismo – Islão: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1053 15MAI20

combater a invasão desses povos, as lutas encetadas em defesa da fé cristã e para a sua conversão à religião dominante, o acolhimento destas populações em territórios cristianizados.

Os movimentos associados à tomada de Constantinopla[6] e à queda do Império Romano do Oriente não são já considerados neste ensaio que encerra com as migrações representadas pelas Cruzadas na sua luta de libertação dos lugares sagrados de Jerusalém em posse dos muçulmanos. Sempre que possível incluem-se referências à situação socioeconómica e cultural na bacia mediterrânica e na Europa medieval marcada pelo florescimento do comércio e das suas rotas entre o oriente e o ocidente, a fundação de ordens religiosas mendicantes, a divulgação do conhecimento científico árabe e do pensamento aristotélico, a criação das Universidades, o crescimento urbano, a diversificação dos géneros literários, a peregrinação e o acréscimo da mobilidade dos seus habitantes.

1 - ENQUADRAMENTO

O nascimento de Jesus Cristo assinala o início da era Cristã ou era comum que hoje seguimos. Na sua divulgação universal a cronologia dos acontecimentos registados antes de Cristo (a.C.) ou após a sua nascença (d.C.), preenchem um calendário universal que veio a substituir o antigo calendário Romano – estabelecido em -753 a.C -, modificado pelo calendário Juliano, iniciado em -46 a.C.. Em 1582, o Papa Gregório XII estabeleceu, com base no calendário Juliano, uma nova datação a qual, suprimindo os dias de 5 a 14 de Outubro desse ano – resultante do atraso de 11 dias registados pelo calendário Juliano -, configurou o calendário que hoje no rege: horas do dia, dias do ano, anos bissextos, fazendo coincidir situações de natureza astronómica, como os equinócios e os solstícios, ao início das estações do ano.

Os movimentos de população descritos nos textos da Bíblia: Antigo e Novo Testamento, regem-se pelo antigo calendário

[6] Cidade fundada por Constantino II em 325 d.C.

Hebraico, estabelecido, certamente, no decurso do IV milénio a.C. e referido por Moisés aquando do início do Êxodo (Ex 13:4), *"neste mês de Abib"*. Esta saída assinala o início da purificação estabelecida a Moisés: *"durante sete dias comerão pão sem fermento e no sétimo dia farão festa em honra do Senhor"* (Ex 13:6). Esta celebração ficou designada por *"festa dos Pães sem fermento"* (Ex 23:15), ou *"Festa da Páscoa"* (Dt 16:1), uma das festas obrigatórias do povo de Israel. As demais eram *"a festa da ceifa das primeiras searas"* (Ex 23:17) e a *"festa das colheitas, no fim do ano"* (Ex 23:16). São estas celebrações que se transmitem de geração em geração, acompanhando a sua mobilidade ao longo de séculos tal como está contemplada em tipologia anteriormente seguida (Arroteia, 2019).

Essa grelha classificativa descreve e situa no espaço, no tempo e no contexto civilizacional de então, os diversos tipos de migrações associadas à viagem e à peregrinação de Abraão e dos seus descendentes, da baixa Mesopotâmia até à Palestina, daí até ao Egipto e a ocupação do território de Canaã situado nas margens do Rio Jordão, já habitado por Cananeus, Hititas, Amorreus, Heveus e Jebuseus. Seguimos, em seguida, a marcha de Moisés pelo deserto de Sinai até à terra da Promissão, por ordem do Senhor, *"com mão forte"* (Ex 13:9) e conduzidos por *"uma coluna formada de nuvens, para lhe mostrar o caminho; e de noite, como uma coluna de fogo, de modo a poderem caminhar de dia e de noite"* (Ex 13:21). Diversos acontecimentos assinalam, a partir de então, as errâncias do povo hebreu, estruturado no decurso da sua viagem pelo Sinai, na obrigatoriedade de participação nas cerimónias sagradas e nos holocaustos e sacrifícios de reconciliação (Ex 24:5) que marcam a junção do Senhor com o povo de Israel, consubstanciada na Arca da Aliança que acompanha a sua marcha até à construção do primeiro Templo, em Jerusalém, ao tempo do Rei Salomão (1 Reis 3:1).

Nesse período a narrativa bíblica está marcada pelas mobilidades que estruturam o domínio dos Patriarcas, do Reino de Israel e de outros reinos vizinhos, bem como as marchas de guerra que tecem a história da região do Crescente Fértil, igualmente marcada pela dominação de outros povos e civilizações asiáticas e mediterrânicas, até à construção do Império Romano que dominou toda a bacia do Mediterrâneo antes, ainda, do início da era Cristã. Destes movimentos interessam-nos, nesta parte do trabalho, a mobilidade humana associada à expansão dos credos judeu, católico e islâmico

e ao seu encontro nas margens da bacia intercontinental situada entre terras antigas e berços de antigas e poderosas civilizações do Médio Oriente, do Norte de África e do sul da Europa. Estas deslocações, contextualizadas no decurso do trabalho sobre as migrações bíblicas, são agora aprofundadas em consonância com o desenvolvimento do sistema migratório oriundo do Médio Oriente para Ocidente e mais tarde da Europa para esta parte do globo.

Nesta tipologia inscrevem-se diversos tipos de movimentos, tais como:

- As migrações de natureza religiosa relacionadas com o apelo da fé e a missão evangelizadora dos Apóstolos e dos crentes nos antigos territórios da diáspora judia, residentes fora do território palestino e dos gentios das regiões vizinhas;

- As migrações forçadas causadas pelas invasões e marchas militares sobre as populações vencidas, conduzindo-as a situações de dominação em cativeiro, de exílio e de perseguição;

- As peregrinações ao Templo de Jerusalém descritas no Antigo Testamento (Jer 17:25-27; Salmos 42:5) e aos lugares santos associados ao martírio de Cristo e a outros centros considerados como referenciais da religião cristã;

- As marchas de guerra associadas à expansão e à *Jhiad* islâmica – enquanto movimento individual de resistência e luta e coletiva, associada a expedições, campanhas e razias (Bleuchot, 2000, p. 1) e à *"conversão dos infiéis (8, 39 ; 9, 5) ou à sua submissão (9, 29)"* (op. cit. p. 5);

- As peregrinações associadas aos deveres da religião Islâmica, de visita aos seus lugares sagrados;

- As peregrinações individuais e de grupos aos lugares santos de Jerusalém e as Cruzadas religioso-militares que lhes seguiram;

- O movimento de reconquista na Europa meridional.

Com esta referência concluímos o nosso trabalho. Para além destes temas outros interesses, que não só os de natureza religiosa e de defesa dos lugares santos mas os propósitos comerciais, diplomáticos, militares e estratégicos seguidos ao longo do tempo passaram a superar os apelos de fé, as indulgências concedidas, as

promessas e a remissão de faltas anteriores, durante as viagens às terras de Cristo.

2 - Fontes e andamento da escrita

Contrariamente ao estudo sobre as migrações bíblicas as fontes ora utilizadas não se circunscrevem às Escrituras antigas, mas alargam-se a outros domínios do conhecimento levando à consulta de trabalhos académicos e outros. A marcha da humanidade e a evolução do saber e da ciência transcrita nas páginas da história desde a civilização grega e latina, em relatos de viagens e de observação dos astros, no levantamento de roteiros terrestres e portulanos, em documentos de natureza histórica, geográfica e de outras ciências sugerem uma visão ampla e alargada destes movimentos da população e dos seus reflexos sobre as sociedades que os acolhem. Embora com limitações tentamos completar o acervo deste texto com a informação necessária ao esclarecimento de alguns desses processos.

Como geógrafo recuperamos o atavio de viandante, que perante a imensidão cultural e testemunhal das memórias do Mar dos Filisteus ou do Mar Supremo - como o identificaram alguns profetas - retoma pedaços de memória e retalhos de uma paisagem delineada pelo antigo Mar de Tétis, apertada entre a garganta das Colunas de Hércules e a litosfera continental circundante. A herança civilizacional das suas margens consolida-se e expande-se no rendilhado das suas costas e mares interiores, nos golfos e cais de acostagem, nos seus portos e centros de comércio, na beleza e diversidade de uma paisagem geográfica e mítica constituída por uma vastidão de ilhas, cantadas e ornadas por divindades e seres supremos. Os elementos de paisagem e as atividades ora descritas perpetuam-se em ciclos ao longo da história da nossa humanidade revestindo, em cada um deles, aspetos particulares da sua identidade e glória, da sua mobilidade e riqueza, do seu valor e fragilidade perante os poderes temporais instalados na área e fora dela.

Como noutros locais do globo os habitantes, tal como colmeias de vastos enxames soltam-se dos seus lugares de origem e atravessam-no ecoando, não cânticos de louvor como nos textos do Antigo Testamento, mas orações e prantos de dor impostos pela civilização global e poderes, do antigamente aos nossos dias. Nesse interim desenrolam-se outros movimentos voluntários e forçados da população, com muitos habitantes e atores vivos de um passado real e presente que preenche o imaginário do autor e, porventura, dos que queiram acompanhar-nos nesta viagem. Em conjunto podemos aprofundar uma das máximas inscritas na Ilíada, de Homero: *"Como os portões do Hades me é odioso aquele homem que esconde uma coisa na mente mas diz outra"*.

O período de análise, extenso e complexo na sua extensão territorial, calendário e marcha civilizatória, vai além da época correspondente ao primeiro milénio da nossa era abarcando referências da Idade Antiga (até ao século V), da alta Idade Média (século V ao século XI) e da baixa Idade Média (século XI ao século XIII). Das razões que justificam a escolha deste período de análise referimos, na sua extensão temporal:

- A relação entre o fenómeno das migrações nesta parte do globo, nomeadamente o processo de reconquista em curso na Europa meridional durante, ainda, o primeiro milénio e as Cruzadas pregadas no norte e no ocidente da Europa e que em trânsito para a Terra Santa deram o seu contributo armado à fundação do Condado Portucalense;

- O *"equilíbrio medieval"* (Herrera et *alii*) alcançado na Europa, face à tendência do *"dominium mundi"* dos imperadores germânicos (loc. cit.) arbitrado pelo poder de Roma;

- A oportunidade de consulta e comparação do mundo antigo contido na antiga descrição do final do 1º século a.C. elaborada por Estrabão[7], nos seus 17 livros de Geografia e a descrição escrita, completada por três folhas de Atlas, que integram a *"Tabula Rogeriana"* elaborada por Al-Idrisi[8] (século XII) ao tempo em que se

---

[7] *"Estrabão de Amásia, autor de origem grega, a viver à sombra do Império Romano, na transição entre os séculos I a.C. e I d.C. (terá nascido por volta de 64/63 a.C. e terá vivido até cerca de 24 d.C., datas todas elas sujeitas a alguma controvérsia (…)".* In: Deserto e Pereira, 2016, p. 13

[8] Abu Abd Allah Muhammad al-Idrisi (1100-1166)

iniciavam as cruzadas do ocidente e as suas deslocações por terra e pelo Mediterrâneo durante a regência do príncipe normando Roger II, na Sicília.

Embora distintas estas duas fontes assinalam a longevidade da ciência geográfica e a importância da observação, localização e descrição que suportam o método utilizado. Com os instrumentos que o seu desenvolvimento trouxe mais tarde e o aprofundamento de outras áreas científicas, a interpretação do homem sobre os fenómenos naturais e humanos que animam a paisagem terrestre completa-se, hoje em dia, com novos contributos que facilitam a compreensão dos fenómenos sociais e totais (Gurvitch), em diferentes escalas e contextos de análise e domínios de profundidade no cenário onde se desenrolam estas migrações humanas. Neste contexto, História e Geografia confundem-se no mundo mediterrânico, espaço alargado que Orlando Ribeiro (1967, p. 3) considera ser *"esta pequena parcela de terras e de mares, apenas cerca de um centésimo da superfície terrestre"* desempenhou *"na história do Planeta e na da Humanidade, papel dos mais relevantes"*.

Como o ofício assim o exige transportamos para esta saída de campo portulanos e cartas, notas de referência, imagens de testemunhos monumentais e humanos, documentos e relatos antigos de diversos autores e informação relacionada com o contexto da época e as circunstâncias que animaram os movimentos de migrantes e de peregrinos ora considerados. Nestas condições será mais fácil seguir em frente e olhar o mundo na sua dinâmica civilizacional procurando discernir o que muda e o que, do antigo, ainda permanece (Ribeiro, 1967, p. XIV). Dado que habitamos no mesmo hemisfério tomamos um norte comum: a Estrela Polar que nos serve de referência. Procuramos o rumo de uma investigação complexa, orientada, apenas, pela profundidade de um fenómeno que nos acompanha desde as origens: as migrações humanas.

Nesta sequência e à luz do Sol, pousando o olhar sobre a linha do horizonte, iniciamos a pesquisa percorrendo o mar interior e as bordas dos três continentes que interrompem as suas terras para dar espaço e para se banhar, a *Thalassa* (Le Franc, 1829, p. 16), *"a mesma que Thétis que se uniu a Pontus, antigo deus do mar, o mesmo que Oceano"*. Seguimos os traços geográficos explorados pelas antigas civilizações clássicas do Egipto e do Levante, da Grécia e de Roma, cantadas em distintas obras da história universal e

avançamos. Os vários andamentos desta pesquisa conduzem-nos a paisagens e a cenários diferenciados da vida humana e da vida de relação, em territórios cujo conhecimento se vai aprofundando em função do acréscimo da atividade do homem e da expansão de diferentes domínios e poderes centrados na área do antigo Crescente Fértil, que juntamente com a bacia do Mediterrâneo, continua como área de incidência destas migrações.

Dada a sua natureza e singularidade, a sequência deste trabalho compreende diversos momentos, a saber:

1– O atual, onde se procede ao enquadramento da pesquisa e da paisagem geográfica que a cerca, a bacia do Mediterrâneo, assinalada por um conjunto de identidades que assentam no meio físico, na sua população e atividades, na vida de relação estruturada por rotas de circulação de homens e de mercadorias, escravos e exércitos, de arautos da religião e combatentes pelejando pelo alargamento do(s) poder(es) dominante(s);

2 - O segundo momento abarca as migrações registadas no decurso da Idade Antiga e da Idade Média, que seguem os movimentos bimilenares da antiguidade clássica descritas na Vulgata Clementina. Neste contexto há que atender à continuidade dos movimentos da população judia, à expansão e implantação do Cristianismo e ao contexto político-civilizacional que alimentou as principais deslocações forçadas da população da área dos antigos territórios bíblicos para as penínsulas grega e itálica, para o Magrebe, para o Al-Andaluz e para outros destinos da velha Europa.

Toma-se como exemplo a marcha da população judia na sua dispersão e errância determinada pela destruição do Templo de Jerusalém no ano 70 d.C.. Assim aconteceu depois dos romanos *"compreenderem que só acabando com a cidade de Jerusalém se poderia pôr termo ao confilito"* causado pela rebelião da Judeia (Castilllo, 2006, p. 241). Em simultâneo estes aproveitaram para destruir os sinais que se tornaram sagrados para os Cristãos depois da morte de Jesus com a colocação de estátuas à deusa Vénus no monte Calvário e uma estátua a Júpiter no Santo Sepulcro (Roy, 1859, p. 6), promovendo diversas perseguições e morte entre os fiéis de Jesus e os seus discípulos, bem como a mobilidade forçada dos Cristãos desde o ano de 64 d.C., após o incêndio de Roma. Destes movimentos destacam-se os que se dirigiram para as sete

Igrejas do Oriente mencionadas no Apocalipse (1:11) – Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodiceia -, Antioquia e Corinto e outros centros da bacia mediterrânica.

3 - O terceiro momento incide sobre os movimentos registados no período no final da idade Antiga, com a invasão dos bárbaros sobre o território do Império Romano do Ocidente que levaram à queda de Roma em 476. Nesta parte incluem-se ainda os relatos das peregrinações de origem religiosa dos cristãos do ocidente aos lugares sagrados de Jerusalém, ao país de Cristo e as circunstâncias que envolvem essas deslocações durante a Idade Antiga e a Idade Média, nomeadamente a multidão conduzida pelo clérigo Pedro de Amiens – designada por "cruzada popular" ou "cruzada dos pobres" – que guiou perto de três centenas de milhares de peregrinos-emigrantes por terras da Europa até à Ásia menor, destinados à libertação do Santo Sepulcro e à sua fixação na Palestina para defesa dos lugares sagrados.

4 – O quarto momento está associado à expansão do Islamismo na bacia do Mediterrâneo a partir do século VII, à sua implantação no sul da Europa e dominação dos lugares santos. A compreensão dos traços principais da religião do Islão e da sua ligação às diferentes migrações registadas nesse ciclo histórico obrigam a uma breve descrição do ordenamento religioso e dos movimentos intrínsecos à expansão do islamismo e das campanhas religioso-militares em que participaram.

5 – O quinto e último momento inclui um apontamento sobre as geografias do poder desenvolvidas durante esta etapa temporal:

- No Oriente, relacionadas com as marchas de guerra e os movimentos de libertação dos lugares sagrados de Jerusalém, conduzidas pelas expedições religioso-militares medievais terrestres e por via marítima, dos cavaleiros, servidores de ordens militares, infantes e outros que participaram nas Cruzadas e na formação dos reinos latinos do oriente;

- No Ocidente, ao movimento de reconquista cristã apoiado pelos Cruzados do norte da Europa que viajaram através do Atlântico e do mar Mediterrâneo passando pelos territórios da Península Ibérica. Nesta parte o final do trabalho articula-se com a formação do reino de Portugal podendo estabelecer-se uma ligação entre estas marchas da humanidade com as demais que no contexto

ibérico vão acompanhar, um a dois séculos depois, a expansão marítima de Portugal e de Espanha sobre os territórios de África e mais além. Porque o tema tem a ver com a mobilidade humana e não com a marcha das figuras míticas celebrada nas antigas civilizações, tomamos em boa memória os ensinamentos de vários Mestres, que nesta altura recordamos, como o Professor V. M. Godinho (1971, p. 131) para quem

> *"A história torna-se hoje geográfica. Não se trata já desta velha história nem desta velha geografia. A história torna-se hoje geográfica porque transpõe para o passado o problema que a geografia humana encara no presente: as relações entre o meio fisico-biológico e as sociedades humanas (...)"*.

Retomando a condição de corremundo que assumimos no começo deste trabalho, o ocaso que se anuncia no termo desta viagem aponta, no fulgar de um luar de Verão, para a acalmia desta análise contrastando com a dura realidade dos factos e situações descritas num longo ciclo histórico e civilizacional, geográfico e cultural, onde a quietude do céu azul constrasta, friamente, com os tons avermelhados de um sol escaldante que abrasou tantos migrantes e peregrinos que viajaram para as terras sagradas. Como sempre a observação do firmamento, a localização das estrelas e dos astros esclarecem muitos fenómenos geográficos e astronómicos que os nossos antepassados souberam enunciar. Com este propósito encetamos a análise de mais um longo e complexo processo da mobilidade humana, constantemente renovado nas suas causas e destinos, nos seus efeitos e consequências, revelador dos desajustamentos entre o homem e o meio físico, social e cultural que o cerca. Mais ainda, testemunha a luta imparável daquele contra os contextos predadores da vida humana; da confiança que o anima em trilhar novas ou antigas rotas de esperança à procura de encontrar as condições de dignidade para a sua família e geração.

Ao evocar o passado estamos, afinal, a reconhecer a anciania e a sequência dos ciclos migratórios os quais, embora com tipologias diferenciadas, ilustram as migrações descritas na Bíblia, as migrações antigas e medievais e as que se continuam nos nossos dias. Estamos, ainda, a compreender o processo de povoamento e de ocupação da ecúmena por diferentes raças e civilizações, a aprofundar a importância da mobilidade humana nas relações entre todos os seres vivos e, acima de tudo, a comprovar um

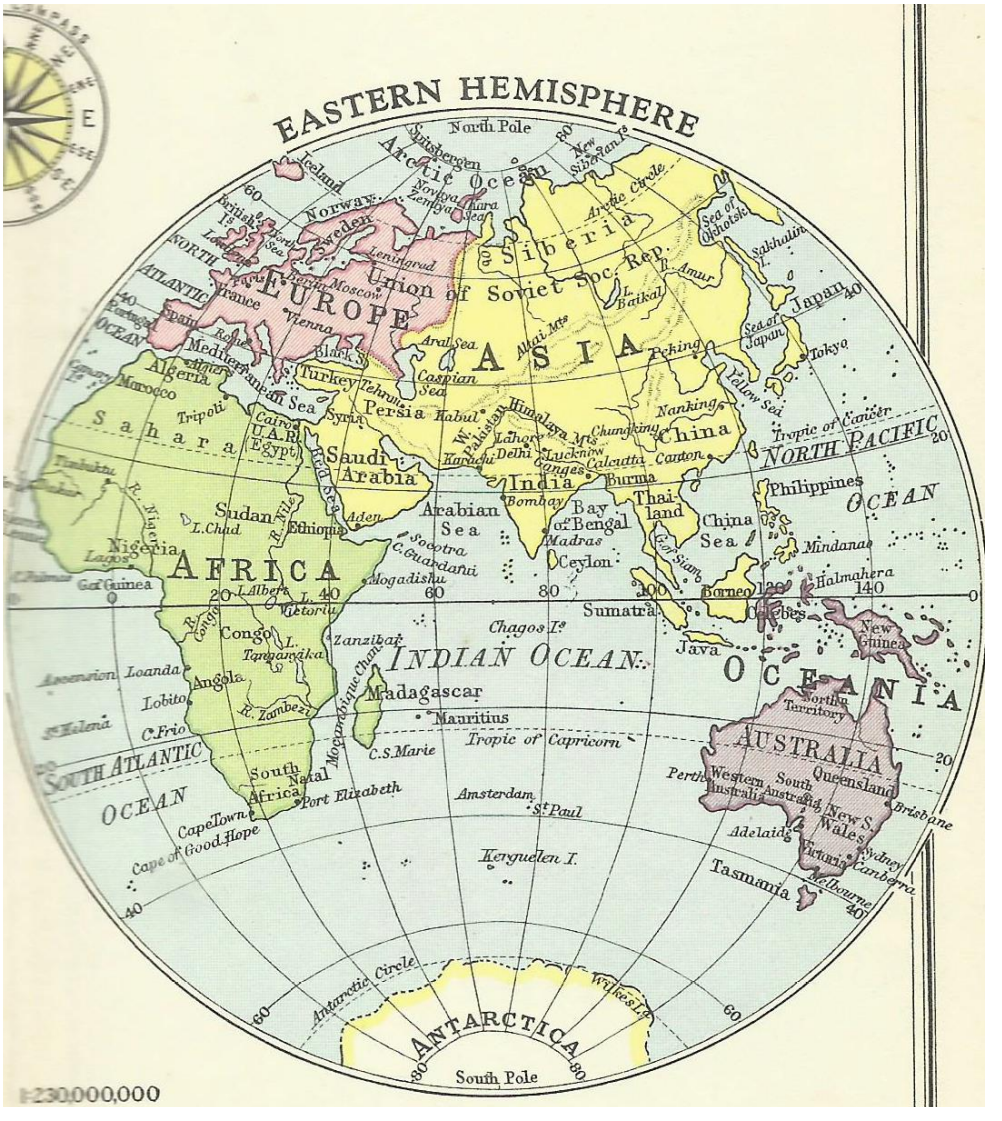
fenómeno geográfico e social que faz da população humana um contínuo *"fenómeno em marcha"* (La Blache, 1954, p. 37). Embora não sendo tarefa fácil, mais uma vez avançamos na viagem que em boa hora empreendemos.

3 - A BACIA DO MEDITERRÂNEO

O cenário desta nova incursão tem como paisagem dominante o Mediterrâneo, cuja influência (Ribeiro, 1968, p. 23) *"na formação do mundo moderno é enorme e não se põe geralmente no devido relevo"*. Os seus traços de natureza geográfica realçam uma aparente unidade da bacia deste mar, situado "entre montanhas", marcada por uma grande complexidade natural – e também humana, religiosa e política -, de origem remota ligada à evolução da Pangea e à deriva dos continentes. As civilizações aí desenvolvidas, embora rivalizando entre si, acabaram por estreitar a relação entre os habitantes das suas margens ao longo do tempo. Assim o notámos a propósito das migrações descritas na Bíblia e das marchas de guerra na sua parte oriental que seguem a evolução e a queda das civilizações egípcia, grega, romana, para citar as mais próximas da evolução recente da humanidade.

De longe chegam relatos sobre as rotas de circulação terrestre ligando os portos deste mar a outros locais afastados dos continentes europeu, asiático e africano; a criação e o desenvolvimento da escrita; a evolução do povoamento humano e as atividades dominantes da sua população, nomeadamente a agricultura e o comércio, as artes de guerra e a dominação militar, a navegação e as manifestações culturais e de relação da vida urbana. Razão tem Babinet (1854, p. 3) ao afirmar: *"La Méditerranée, qui n'est comparable en étendue ni à l'Atlantique, ni au Pacifique, ni même à la Mer des Indes, est cependant, au point de vue historique et politique, supérieure en importance à toutes les autres mers du globe"*. Os tempos de hoje assim o confirmam.

O Mediterrâneo no hemisfério oriental



In: The pocket world atlas, p. 3[9]

A extensão, mais reduzida que os outros mares e a sua configuração longitudinal entre diversas massas continentais, foi propícia para a navegação costeira que contribuiu para desenvolver métodos que ultrapassaram as pequenas e as longas distâncias fazendo uso da força eólica e braçal, constituída essencialmente por

[9] The pocket world atlas (1963). Edinburgh: John Bartholomew & Son Ltd Publishers

cativos de guerra; para o registo das rotas em cartas e diários de bordo; para a leitura da declinação do sol e da posição das estrelas; para a utilização da inteligência humana e conhecimento na procura do que, como afirmou Platão, *"a parte que ignoramos é muito maior que tudo quanto sabemos"*.

3.1 - APONTAMENTO GEOGRÁFICO

Espaço geográfico de referência para as civilizações orientais e do ocidente, a bacia deste mar é identificada pela sua configuração (Ribeiro, 1967, p. 3),

> *"alongada no sentido leste-oeste entre duas massas continentais: ao Sul a África, com os seus maciços montanhosos e planaltos áridos, de contornos simples e pesados; ao norte a Europa, que projecta para o mar uma série de penínsulas e ilhas, de desenho geralmente fino e complicado"*.

Este recorte é talhado em substrato rochoso de natureza calcária e sedimentar siliciosa, que no seu conjunto evidencia a sua diferenciação geológica (Debelmas, s/d), *"formée de bassins profonds de forme irrégulière, étroitement enserrés entre des marges continentales plus ou moins larges, la limite entre les deux étant souvent difficile à fixer pour ce qui est de la nature du fond (...)"*. Prossegue o mesmo autor registando que *"De plus, ces bassins sont différents les uns des autres: bassins arrière-arc, voire mer marginale, bassins d'effondrement post-orogéniques, résidus téthysiens. Les uns s'ouvrent pendant que d'autres se ferment. (...)"*. Essa situação decorre da colisão e de cavalgamentos entre os continentes europeu e o africano e de ações neotectónicas (loc. cit.),

> *"liées, d'une part, à des réajustements isostatiques et, d'autre part, aux contraintes imposées par le resserrement N-S Afrique-Europe souvent déviées par les chaînes édifiées et la présence de petites microplaques intermédiaires ('bloc padan', avec sa rotation antihoraire néogène, ou bloc d'Alboran, à l'origine de l'arc miocène de Gibraltar)"*.

As interações entre as grandes massas continentais estão presentes nos múltiplos fenómenos de vulcanismo e em sismos registados nesta bacia. Na sua configuração atual este mar apresenta (Ribeiro, 1968, p. 34),

> *"os sedimentos acumulados durante a era secundária, numa antiga e persistente depressão terrestre"* que foram (loc. cit.) "*na era terciária, violentamente comprimidos entre as moles que se estendiam de um e outro lado do geossinclinal: ao sul, o grande maciço tabular africano, ao norte, os fragmentos arrasados da cordilheira hercínica"*.

A sua diversidade geográfica assenta, ainda, na configuração das suas grandes bacias, distintas na sua origem e configuração, separadas pela Sicília e Península Itálica;

Mediterrâneo: bacias tectónicas

"In: Cap sur La Méditerranée"[10]

[10] La mediterranée – Réseau mer. In: http://www.reseaumer.org/wp-content/uploads/2018/06/Cap_sur_mediterranee.pdf 23JUL20

- O Mediterrâneo ocidental, ligado ao Atlântico pelo estreito de Gibraltar acolhe as ilhas Baleares, Córsega e Sardenha é, em boa verdade, a junção do Mar de Oran (Mar de Alboran), da bacia Argelina, da Bacia Provençal e do Mar Tirreniano que banha a costa ocidental da Sicília e Itália, ela própria ligada à orogenia Alpina;

- O Mediterrâneo oriental, relíquia do antigo mar de Tétis e identificado por antigos navegadores como *"Bacia do Levante"* e palco da convergência das placas continentais de África com a Euro-Ásia. A extensão do *"Mare Internum"*, superior à metade ocidental, é constituída por toalhas de água de menores dimensões: a leste da Península Itálica, entre esta e a terra dos Balcãs, o Mar Adriático e o Mar Jónico; o Mar Egeu entre a Grécia e a Ásia Menor; o Mar do Levante, entre esta e o continente de África. Encravados no continente asiático mas comunicando com esta toalha de água, o Mar de Azov, o Mar Negro e o Mar de Mármara, estabelecem a ligação com estes mares interiores limítrofes do continente asiático.

Ventos dominantes na bacia do Mediterrâneo [11]

[11] Meteo France – Les vents régionaux méditerranéens. In: http://tempetes.meteo.fr/spip.php?article220 23JUL20

Os traços naturais desta massa de água são ainda evidentes nas condições climáticas que se fazem sentir na amenidade do clima, traduzida na alternância de duas estações: uma húmida e de mais baixas temperaturas e outra quente e seca, quando mais se fazem notar as brisas de terra e de mar. A este regime juntam-se os ventos violentos e sazonais que sopram dos continentes limítrofes – em particular o *mistral*, o *levante* e o *siroco*, a que se juntam os ventos oriundos do continente africano – aliando-se às correntes que alternadamente de oeste e do norte alimentam a antiga navegação à vela, a navegação de cabotagem e costeira, comercial e piscatória. A este respeito Arnaud (2005, p. 21) faz notar que *"Le régime des vents dominants détermine donc des solutions confortables et d'autres moins, impose des itinéraires plus ou moins directs et des attentes plus ou moins longues, mais ne presente jamais, dans des conditions normales, d'impossibilité absolue de navigation"* num mar que apesar de dividido pela cadeia dos Apeninos, permanece uno e contínuo, em contraste com o mar exterior ou mar Atlântico localizado para além das Colunas de Hércules (Cap. I, 26).

Como assinalado a extensão longitudinal da bacia do Mediterrâneo na sua ligação com os continentes que o cercam, a sua latitude e as condições climáticas são propícias à carência da precipitação, à escassez de água e à ação devastadora dos incêndios sobre a vegetação primitiva de natureza arbustiva, *maquis* e *garrique* ou já de espécies de folha perene – *Querci* (Ribeiro, op. cit., p. 42). Entre as culturas dominantes contam-se a oliveira e a vinha – símbolos desta bacia -, a figueira e a alfarrobeira, os citrinos e outras espécies subtropicais. Para além de culturas de sequeiro, sempre que a irrigação e o solo o permitem as culturas irrigadas de primores e hortaliças, de árvores de fruto verdes - propagados *"até aos extremos limites que podiam atingir"* (La Blache, 1954, p. 136) pela colonização greco-fenícia – muitos deles secos ao ar -, fazem parte de um cardápio típico dominado pelo pão, vinho e azeite (Ribeiro, 1968, p. 248), melhorado através de gerações sucessivas.

O seu exemplo atesta como estas souberam incorporar, com o seu esforço e dedicação, o trabalho em hortas e em propriedades de maior extensão, a fertilidade e a produção de cereais numa região essencialmente montanhosa, de solos estéreis, salvo as linhas de *terra rossa* que acompanham a decomposição *in loco* das rochas calcárias e a formação de solos específicos da região mediterrânica.

A importância desta cobertura é realçada por Ribeiro (1967, p. 11) que fez notar a variedade de solos, a riqueza da flora e o *"carácter intermédio do clima, que permite o desenvolvimento e a mistura de plantas de vária proveniência, a sucessiva introdução, pelo homem, de muitas espécies agrárias"*, que favorecem (loc. cit.) *"o modo de vida dominante nas regiões mediterrâneas: a agricultura"*.

Na sua ligação com o povoamento e a atividade humana escreveu La Blache (1954, p. 129):

> *"Quando, por sobre a barreira montanhosa que debrua o Mediterrâneo, os homens começaram a estabelecer relações, o Sul representava para o ultramontano o país dos frutos, do mesmo modo que, por uma generalização semelhante, a Europa Central aparecia ao mediterrâneo como o país das florestas (...) essa imagem era já uma transformação obtida por um secular trabalho humano",*

desenvolvido por gerações e civilizações que conseguiram melhorar essa situação. O mesmo reconheceu O. Ribeiro (op. cit., p. 60):

> *"Se o Mediterrâneo não tivesse criado uma civilização capaz de lutar eficazmente com o relevo, se um estilo agrário semelhante ao da Europa média aí se tivesse propagado sem modificações, ela não seria, provavelmente, mais do que um deserto humano revestido de bosques e matagais, onde as baixas arroteadas representariam os seus tardios oásis"*.

Prosseguindo, o autor afirma (op. cit., p. 107*): "O Mediterrânio é, ao mesmo tempo, o mais velho e o mais novo dos mundos rurais da Europa"*.

Para além deste mundo rural as extensões desérticas do continente africano estão representadas pelo Sáara; as do continente asiático estão presentes no deserto da Síria, a oriente das montanhas do Líbano e da Palestina; a norte do Mar Negro estendem-se pela *"estepe russa, menos árida, mas por onde se passa insensivelmente às estepes da Ásia Central"* (Ribeiro, 1968, p. 130). Nestes territórios habitados por seminómadas e atravessados por rotas terrestres de camelos e algumas rotas fluviais - ou intercaladamente, terrestres e marinhas -, desenvolveram-se importantes portos marítimos e centros de trocas de mercadorias,

de produtos da terra e outros introduzidos ao longo de séculos de invasões e de conquistas associadas à marcha da humanidade e às migrações humanas. Uma breve nota de La Blache (1954, p. 282), retrata o peso e a importância das diferentes civilizações:

> *"O Egipto, sob os sucessivos disfarces, mantém na sua raça a fisionomia de esfinge; o Persa vive das suas recordações e dos seus poetas. A Ásia Menor, o Norte da Pérsia e o Turquestão forma 'otomanizados', mas – tal como, em Atenas, os costumes helénicos aparecem sob o fendido reboco turco – não é impossível descobrir, na Ásia menor, o fundo das antigas civilizações que lá deixaram os Trácios, Frígios, Hititas e Arameus, bem como na Arménia e no Irão todos esses velhos fundadores de santuários e de monumentos. As velhas religiões naturalistas da Síria fragmentaram-se em seitas diversas"*.

Decorrente da configuração geográfica desta bacia e dos seus cabos e penínsulas, o registo da navegação interior através de *portulanos* ou cartas de navegação desde cedo facilitou a navegação neste *"mar Interior"* (Estrabão) e a intensa vida de relação entre os continentes contíguos. Na defesa da disciplina que ele próprio ajudou a construir, Estrabão[12] (Cap. I, 1) defende que a geografia - dotada do *"même esprit philosophique, habitué à méditer sur le grand art de vivre et d'être heureux (…) répond surtout aux besoins de la vie politique"* (Cap. I, 16). As narrações do território da bacia do mar Mediterrâneo e da paisagem humana dominante assentam no conhecimento do *Mare Nostrum* dos romanos, descrito por Estrabão[13] na sua Geografia redigida no termo da antiguidade clássica e/ou já no começa da era Cristã. Reconhecendo a amenidade climática desta parte do globo o referido autor (Cap. III, 1), anota:

- Clima: *"tempérée dans la région moyenne et partout également favorable aux animaux ainsi qu'aux plantes"* e à distribuição dos núcleos populacionais, litorais e interiores, em função da *"position respective de chaque lieu tant au levant qu'au couchant, tant au nord qu'au midi"* (Cap. V, 16);

- Paisagem (Cap. V, 17): chama a atenção para a proeminência do mar, "*en dessinant, comme elle fait, ses contours au moyen des golfes,*

[12] Estrabão, Geografo e Historiador grego do séc. I a.C, autor de 17 Livros de Geografia geral e descrições detalhadas da Europa, Ásia Menor, Oriente, Egipto e Libia.

[13] Estrabão: -64 a.C. a 21 d.C.

des bassins, des détroits, des isthmes, des presqu'îles, et des promontoires qu'elle forme sur ses côtes. (...)";

- Zona costeira: *"Entourée d'eau, comme elle est, de tous côtés, notre terre habitée offre différents golfes ou enfoncements qui s'ouvrent sur cette mer extérieure, c'est-à-dire sur l'Océan même. Dans le nombre on en distingue quatre d'une très grande étendue (...)";*

- Mares circundantes (Cap. V, 18): mar Cáspio, golfo Pérsico, golfo Arábico e o grande Mar que se estende para além das Colunas de Hércules. Uma minuciosa descrição do autor dá conta de designações locais e das distâncias entre as toalhas de água que fazem parte do *"nosso mar"* que integra o sistema marítimo contemplado nessa descrição.

- Terras que bordejam esta bacia (Cap. V, 26):

"Mais nous devons aussi esquisser à grands traits les différentes terres qui lui servent de ceinture, et pour cela naturellement partir du même point que pour la description de la mer elle-même. Or, en entrant dans le détroit des Colonnes d'Hercule, on' se trouve avoir à droite la côte de Libye, qui s'étend ainsi jusqu'au Nil, et à gauche, en face de la Libye, la côte d'Europe, laquelle s'étend jusqu'au Tanaïs, pour se terminer, comme la Libye, à la frontière d'Asie (...)".

Descrições parcelares preenchem os traços locais das margens do Mediterrâneo com informações valiosas sobre o clima, a vegetação, os contrastes e as semelhanças entre as duas principais massas continentais e os traços dos seus habitantes. Narrações mais recentes chamam a atenção para o traçado longitudinal da bacia deste mar ao longo dos paralelos, entre os 30º e os 45º (Ribeiro, 1968, p. 37), enquadrando-se *"muito exactamente dentro de uma zona terrestre"* e do esquema geral de circulação atmosférica com o regime de ventos e traços de clima subtropical.

Os relatos e as descrições dos povos e das suas atividades, do meio físico e de algumas das particularidades do povoamento da *oikoumene* servem como cenário destas migrações que têm em Jerusalém o seu centro religioso e na *orbis* de Roma a capital de um vasto império dominante por mais de cinco séculos, do Séc. VI a.C. até à queda do Império Romano do Ocidente, estabelecido pelo imperador Diocleciano, em 286 d.C. e da queda do imperador Rómulo Augusto, em 476, por efeito das invasões dos bárbaros. Na

sua expansão o Império romano, centrado em Roma e em Constantinopla, estendeu-se na Europa desde a sua parte meridional ao centro do velho continente e em África ao longo de uma faixa entre a bacia do Nilo e o Magrebe, dominando militar, económica e culturalmente toda a bacia deste mar.

A centralidade geoestratégica e política deste domínio ajusta-se à designação de mundo Mediterrâneo (Braudel, 1949), um meio reconhecido pela pujança das suas civilizações e cultura, pensamento científico e descoberta, escrita e ação política, relações comerciais, mobilidade entre os povos e, acima de tudo, diferença entre religiões. É este o sentido que lhe atribui Schlegel (2012, p. 36): *"les grandes civilisations ont largement coïncidé avec des religions, lesquelles se sont acculturées dans des territoires ou des régions du monde qui elles-mêmes coïncident en partie avec des continents ou de grandes aires géographiques"*. Complementarmente Rutgers (1998, p. 204) realça a extensão do Império romano:

> *"The inclusion of the Mediterranean basin within the borders of a single empire offered more opportunities to travel and trade freely or permanently to change domicile than had ever existed before; likewise, there is unambiguous evidence to suggest that on several occasions during the first centuries B.C.E and C.E, some Jews were displaced as prisioners of war (although we do not know mucha about the actual number involved (...)".*

A nossa incursão ao passado ajuda-nos a *"ver no tempo"* (Ribeiro, 1986, p. 10) a evolução das civilizações que prosperaram nas bordas e no interior deste mar, os movimentos migratórios inscritos nas fontes bíblicas e que tiveram a sua continuidade no decurso da era Cristã, os novos cenários de mobilidade estabelecidos depois da pregação do Islão. Deixando em aberto o desenvolvimento de uma investigação mais aprofundada fica um relato sumário de alguns desses movimentos na sua relação entre a natureza, a geografia e a história, num espaço alargado tido como cadinho da civilização ocidental e berço das três religiões monoteístas consideradas neste estudo.

3.2 – VIDA DE RELAÇÃO E MERCANCIA

Os traços anteriormente assinalados permitem enquadrar a evolução dos diversos povos e civilizações mediterrânicas, a sua mobilidade e migrações, as suas deslocações e conquistas no espaço e tempo que balizam esta análise. Aos benefícios de um mar interior, com numerosos cabos e ancoradouros, juntou-se o esforço e o engenho humano que ajudaram a promover o desenvolvimento de um complexo sistema económico, baseado essencialmente no comércio, e de um sistema produtivo assente na exploração da terra e dos recursos marinhos encaminhados para os continentes vizinhos através de inúmeras rotas marítimas e terrestres. Destes caminhos há a salientar as rotas marítimas dos fenícios e dos cartagineses no Mediterrâneo oriental e na parte ocidental, aventurando-se nessa caminhada pela costa ocidental do vasto oceano Atlântico. Em segundo lugar importa reconhecer e salientar a rede de estradas - vias romanas - que a partir da sede do império ligaram a cidade de Rómulo e de Remo aos territórios conquistados pelos exércitos de Roma no velho continente. Como assinala La Blache (1957, p. 313), *"a via romana é sobretudo uma obra de imperialismo, um instrumento de domínio que aperta nas suas malhas todo um feixe de regiões diversas e longínquas"*, unindo-as entre si e ao centro do império e que hoje ainda são decalcadas por numerosas vias de circulação.

Na sua articulação com esta rede as muitas cidades portuárias e comerciais situadas nas suas margens, ou já do interior, fundem-se em Roma e espalham-se por terras dos Impérios do Tigre e do Eufrates (La Blache, 1954, p. 286), do vale do Nilo e de Alexandria, de Atenas, Corinto e Mileto, correndo *"ao longo do mediterrânio em frente das colónias originárias de Sidon, Tiro e Cartago"*, por exemplo. Como escreveu Ribeiro (1967, p. 11-12), associado à navegação *"os pontos onde se prendem e enfeixam as rotas marítimas foram, desde cedo, lugares privilegiados para a troca de produtos e a convivência dos homens"*. Mais ainda (loc. cit.): *"O fermento da vida urbana foi, muitas vezes, o porto, que na cidade mediterrânica conserva uma importância excepcional, colorindo a aglomeração da sua matriz de gente e fazendo sentir, por toda ela, o ritmo vivo do seu trabalho"*.

O comércio neste mar quase interior está por isso ligado à criação da antiga rede urbana e às transações entre mundos distantes só conhecidos, antes da aventura medieval, pelos caravaneiros e corremundos do deserto. Coube no entanto ao império romano a estruturação desse território com o alargamento e intensificação da agricultura e a criação de uma rede de cidades ligadas pelas vias de circulação construídas pelos seus exércitos, uma situação que a civilização árabe soube explorar construindo e desenvolvendo novos centros de poder religioso e político, mercantil e cultural realçando o significado da sua origem e localização. Sobre este assunto escreveu Ribeiro (1967, p. 32): *"A cidade resulta de um acto de vontade humana: uma aura de nobreza envolve a sua origem, ligada aos altos feitos de um herói e marcada por um especial favor dos deuses"*. Se assim aconteceu na antiguidade outros atores e interesses enalteceram feitos do antepassado, recriando e ampliando o fenómeno urbano em toda a extensão deste mundo interior.

As transformações operadas por influência das diversas civilizações que dominaram esta bacia, ou no local de antigas feitorias fenícias, gregas e púnicas, estão descritas por Ribeiro (1968, p. 178-179):

> *"À conquista romana corresponde, como sucedeu com a expansão helenística, um enorme surto urbano. (...) Sob influência da paz romana, sempre que a topografia o permite, as cidades deixam o refúgio das acrópoles acanhadas e descem para a terra chã onde se desenvolve um plano regular inspirado na organização dos acampamentos militares (...)"*,

desenvolvendo-se em função das atividades e da população que acolhe, da centralidade que apresenta e da capacidade de irradiação dos seus bens e serviços. Na sua ligação com o deserto gera-se, por necessidade da população que o percorre e habita ou na sua ligação a outras civilizações, sobretudo do grande continente asiático, uma organização própria de modos de vida nómada ou seminómada que determina uma organização própria desse espaço. Para Ribeiro (1968, p. 137), tal assenta em dois factos: *"um ideal de vida e um instrumento de transporte – o Islame e o camelo"*.

Recorrendo aos escritos de Ellen Semple (1911 – Cap. I) e ao registo passado de que *"the man is a product of the earth's surface"* esta autora acrescenta:

> *"Up on the wind-swept plateaus, in the boundless stretch of the grasslands and the waterless tracts of the desert, where he roams with his flocks from pasture to pasture and oasis to oasis, where life knows much hardship but escapes the grind of drudgery, where the watching of grazing herd gives him leisure for contemplation, and the wide-ranging life a big horizon, his ideas take on a certain gigantic simplicity; religion becomes monotheism, God becomes one, unrivalled like the sand of the desert and the grass of the steppe, stretching on and on without break or change"*.

Os traços físicos e humanos desta paisagem dominante interferem com as migrações humanas como o mostra a evolução histórica desencadeada pelo ordenamento religioso inscrito nos textos do Novo Testamento e nos movimentos da população associados à diáspora Judia, à expansão do Cristianismo e, mais tarde, ao Islamismo. Todo este território foi assim o palco privilegiado dos movimentos da população registados na sequência das migrações bíblicas e agora alargado por novos movimentos que percorrem as praias do Levante e os confins da Lusitânia e do Magrebe; entre as costas dominadas pelo velho Atlas e as montanhas hercínicas da Europa meridional; para além do delta do grande Nilo até às terras do "nascer do Sol" configuradas nos territórios da Anatólia e nas ilhas do Mar Egeu representadas de forma esquemática na cartografia de Estrabão.

Em tempos distintos este espaço alargado acolheu as duas antigas religiões Abraâmicas e a partir do século VII o Islamismo, que expandiu os seus ensinamentos ao longo das rotas de caravaneiros e outras nas duas margens do Mediterrâneo, desde a Península da Arábia à Península Ibérica, no continente africano e europeu, nos países do Índico e noutros locais do globo. Os traços das três civilizações, fundadas na crença de um Deus único, convergem no território desta bacia onde estão bem desenvolvidas as influências do Ocidente Europeu, do Império Bizantino e do Mundo Islâmico. Como notou Ribeiro (1967, p. 34*), "O cunho da história marca-se em todas as formas da actividade humana; marca-se também na própria fisionomia dos lugares, moldada pelo homem, impregnada da sua presença secular"*.

Antes dos autores modernos e contemporâneos, as obras geográficas de Estrabão e de Ptolomeu, completadas com os escritos de Muhammad Al-Idrisi transmitem heranças da antiguidade e da religião, da diversidade cultural e da ideia de mundo, do modelo de sociedade e de governo descritas pelo autor da *Tabula Rogeriana*. Esta obra dedicada ao príncipe Normando Roger II, imperador da Sicília no século XII e descendente dos povos do Norte que se estabeleceram nesta ilha, competindo na sua época com o poder dos Califas e de Bizâncio. Este texto permite um adequado conhecimento geográfico das terras percorridas por este autor, nascido em Ceuta e viajante do mundo, mas com os seus interesses centrados na ilha da Sicília, então capital do reino Normando. De forma simplificada o "Livro de Roger" (BNP)[14]

> *"est un livre à la gloire de Roger II de Sicile. Le sens et le but de l'œuvre se rattachent à la mission dont le roi, selon la tradition arabe et byzantine, se sent investi. Une mission qui fait du prince un sage, serviteur du savoir, et invite Roger II à tenter la synthèse des connaissances du monde tout en exposant sa politique. Établissant une concordance entre les savoirs, la Géographie se présente comme une tentative de maîtrise intellectuelle du monde"* que tem a ilha da Sicília como centro.

Uma citação do Musée de Cluny (2008, p. 17) ajuda a compreender a importância deste território, como exemplo das três civilizações que na época dominavam o mar Mediterrâneo:

> *"Par sa situation au centre de la Méditerranée, la Sicile est une zone de contact très importante entre le monde latin et les pays d'Islam, ainsi qu'avec Byzance; elle constitue un espace privilégié des relations entre ces trois mondes. La culture grecque y est en effet très présente, du fait de l'hellénisation pluriséculaire du territoire (VIe siècle avant J.-C.), et parce que la Sicile fait partie de l'Empire byzantin jusqu'à sa conquête par les Arabes en 827 (puis de façon éphémère avec la reconquête byzantine de 1037-1038 à 1042). Ensuite, de 1071 à 1091, l'île est conquise par les Normands de Robert Guiscard et Roger de Hauteville, avant d'échoir à l'empereur Frédéric II en 1198."*

Quanto aos seus imperadores, acresce (loc. cit.):

[14] In: BNF: Al-Idrisi http://classes.bnf.fr/idrisi/pres/index.htm 30JUN20

"Les rois normands, et surtout Roger II (qui règne de 1130 à 1154), créent un royaume qui se fonde sur une synthèse des institutions, des structures sociales et des cultures grecques, arabes, et latines (et parmi elles normandes, lombardes…). Tandis qu'ils introduisent en Sicile le système féodal, ils gardent les institutions et les symboles grecs et arabes. (…). Les trois civilisations (grecque, arabe, latine) se côtoient et s'interpénètrent. (…)".

A descrição da viagem empreendida por Al-Idrisi a mando do imperador permite destacar a relevância do meio urbano e das cidades como centros de poder, de vida de relação e de atração comercial, do mundo agrícola com as suas técnicas ancestrais de irrigação, do clima e dos traços humanos de diferentes regiões; da organização da ecúmena e dos seus limites cartografados em meados do século XII. No que respeita ao meio urbano transcrevemos, com base na tradução de Jaubert (1840), as cidades referidas no dossier pedagógico da Bibliothèque National de Paris[15] situadas na bacia do Mediterrâneo e constantes da geografia de Al-Idrisi[16] (ano de 1154), a saber:

- Na Península Ibérica são mencionadas quatro importantes cidades: Córdova, Granada, Almeria e Toledo. A mais importante, sede do califado é a cidade de Córdova (Jaubert, 1840, pp. 31-32), reconhecida pela postura e qualidades dos seus habitantes,

"connues pour qu'il soit nécessaire d'en faire mention, et les vertus qui caractérisent les habitants sont trop évidentes pour qu'il soit possible de les passer sous silence. Ils possèdent au plus haut degré l'élévation et la splendeur (…) soit en ce qui touche l'élévation des sentiments qu'ils apportent dans leurs assemblées et dans l'assignation des rangs, ainsi que dans le choix des aliments et des boissons; (…).

Por sua vez, Granada (op. cit., p. 52), *"Gamaîa (Grenade) fut fondée à l'époque de l'invasion musulmane en Espagne. La principale ville de ce pays était (auparavant) Elbira (Elvira) dont les habitants émigrèrent et se transportèrent à Grenade. (…)".* Já, Almeria, situada

[15] BNP: Al-Idrîsî, *Nuzhat al-mushtaq fî ikhtirâq al-âfâq, - Livro de Roger*. Sicilia: 1154 : http://classes.bnf.fr/idrisi/pedago/index.htm 26MAI20

[16] Al-Idrisi: *"Al-Idrisi was born in Ceuta in the year 1099 to a noble family, which allowed him to travel all around the Middle East, as well as to study in Cordoba, one of the most important cities of Al-Andalus (…)"* In: Islamic Cultura Foundation https://funci.org/fundacion-cultura-islamica/contact-us/?lang=en 27MAI20

na costa mediterrânica, (op. cit., pp. 43-44) e conhecida desde o tempo dos Almorávidas é reconhecida pelos seus teares e passado manufactureiro e teares:

> "*huit cents métiers à tisser la soie, où l'on fabriquait des manteaux précieux, des brocarts, les étoffes connues sous le nom de saclatoun de isfahani, de murdjani (ou couleur de corail); des voiles ornés de fleurs, des vêtements riches et épais, le hamd le a'thabi le mucâdjir et divers autres tissus de soie. (…)".*

É também identificada pela importância do seu porto marítimo o qual *"recevait des vaisseaux d'Alexandrie et de toute la Syrie, et il n'y avait pas, dans toute l'Espagne, de gens plus riches, plus industrieux, plus commerçants que ses habitants, ni plus enclins, soit au luxe et à la dépense, soit à l'amour de thésauriser (…)".* No interior, a cidade de Toledo – Toleitala - (Jaubert, op. cit., p. 31-32),

> *"à l'orient de Talavera, est une capitale non moins importante par son étendue que par le nombre de ses habitants. Entourée de bonnes murailles, elle est défendue par une Cassaba bien fortiliée. L'époque de sa fondation est très-ancienne (littéral, remonte aux temps des Amalécites)*[17] *(…). A l'époque des anciens chrétiens, Tolède fut la capitale de leur empire et un centre de communications. Lorsque les musulmans se rendirent maîtres de l'Andalousie, ils trouvèrent dans cette ville des approvisionnements et des richesses incalculables (…)".*

Esta rede de cidades é reforçada pela existência de muitas outras povoações interiores e costeiras que completam o roteiro desta parte do Al-Andaluz.

- O relato da Península Itálica contempla diversas cidades: Roma, Veneza, Génova e Pisa conhecidas pelas suas atividades comerciais e marítimas. Acerca de Roma, (Jaubert, 1840, p. 250-252) pode ler-se o seguinte:

> *"Rome est l'une des colonnes de la chrétienté et le premier d'entre les sièges métropolitains. Les autres sont Antioche Alexandrie et Jérusalem (…). On compte à Rome douze cents églises (…). On voit à Rome le palais du prince qu'on nomme pape. Ce prince est supérieur en pouvoir à tous les rois; «ceux-ci le respectent à l'égal de la*

[17] Amalecitas: Povo bíblico descendentes de Abraão e do seu neto Isaú. Diversas referências Bíblicas fazem referência às lutas travadas entre os israelitas e este povo para posse do território de Canaã (Ex 17:8-14; Números 13:29).

Divinité. Il gouverne avec justice, punit les oppresseurs, protège les faibles et les misérables, et empêche qu'il ne soit commis de vexations. Sa puissance spirituelle surpasse celle de tous les rois de la chrétienté, et nul d'entre eux ne peut s'opposer à ses arrêts. La grandeur et la magnificence de Rome sont telles qu'il est impossible de les décrire convenablement. Les dépendances de cette ville sont nombreuses et célèbres. (…)"

Por sua vez, Veneza (op. cit., pp. 286-287): *"Nous disons que le pays des Vénitiens, le pays des Slaves et (en général) tout ce qui est baigné par la mer des Vénitiens est entouré comme d'une zone du côté de l'orient par une chaîne de montagnes qui commence à 30 milles d'Andrinople. (…)"*. Génova (op. cit., p. 249):

"*Gênes est une ville très-ancienne dont les environs sont agréables, les édifices hauts et solides. (…) La ville est bâtie non loin d'une petite rivière; ses habitants se livrent au commerce; ils sont fort riches, voyagent par terre et par mer, et entreprennent avec une égale hardiesse les choses faciles et les choses difficiles. Possédant des flottes formidables, ils sont experts en fait de ruses de guerre ainsi que de manœuvres militaires, et ils jouissent de beaucoup de célébrité parmi les chrétiens (…)".*

Referindo-se a Pisa (op. cit., p. 250),

"*Pise, l' une des villes les plus importantes et les plus celèbres du pays des chrétiens, possède de nombreux édifices et des marchés florissants, de vastes dépendances, beaucoup de jardins, de vergers contigus et de champs cultivés. Les vicissitudes quelle éprouva furent très-grandes, et son histoire offre le récit d'événements terribles. (…). Elle possède des vaisseaux et de la cavalerie, c'est-à dire, tout ce qu'il faut pour faire la guerre par mer et par terre. Cette ville est située sur les bords d'une rivière considérable qui vient des montagnes de la Lombardie, et sür les bords de laquelle sont des moulins et des jardins."*

- A importância da ilha Sicília decorre da sua posição geográfica a meio do mar Mediterrâneo, e das atividades desenvolvidas em torno de dois dos seus principais centros: Palermo e Siracusa. Sobre Palermo, refere o autor (op. cit., p. 76):

"Palerme, cité des plus remarquables par sa grandeur, lieu des plus célèbres par son importance, métropole des plus illustres de l'univers. Elle réunit en effet tous les genres de gloire et tout ce qu'il

y a de «plus noble en fait de splendeur. Siège du gouvernement dès les temps primitifs et les époques les plus anciennes de l'islamisme, c'est de là que sortaient les flottes et les armées conquérantes, comme elles en sortent encore aujourd'hui (…)".

Quanto a Siracusa (op. cit., p. 83 102 112):

"Cette dernière ville est l'une des plus célèbres et des plus remarquables du monde. On y voit nombre de bourgeois et de paysans, et il y vient des marchands de tous les pays. Bâtie sur les bords de la mer, qui l'entoure de tous côtés, il y'y a pour y entrer et pour en sortir qu'une seule porte située au nord. (…). Il y a deux ports qui n'ont pas leurs pareils dans tout l'univers; l'un, le plus vaste, au midi; l'autre, le plus connu, au nord. (…)".

- No Médio Oriente, ressalta a importância das cidades de Contantinopla e de Antioquia (Jaubert, 1840, p. 293):

"*Constantinople est une grande ville, très-peuplée, remplie d'édifices et dont les environs sont bien cultivés. (…). Cette capitale est bâtie sur une langue de terre de forme triangulaire. Deux de ses côtés sont baignés par la mer; le troisième comprend le terrain sur lequel s'élève la porte Dorée. La longueur totale de la ville est de 9 milles. Elle est ceinte d'une forte muraille dont la hauteur est de vingt et une coudées et revêtue d'un parapet haut de dix coudées, tant du côté de la terre que de celui de la mer. (…). La ville a environ cent portes dont la principale est celle qu'on nomme la porte Dorée; (…)".*

Quanto a Antioquia (op. cit., p. 131-132):

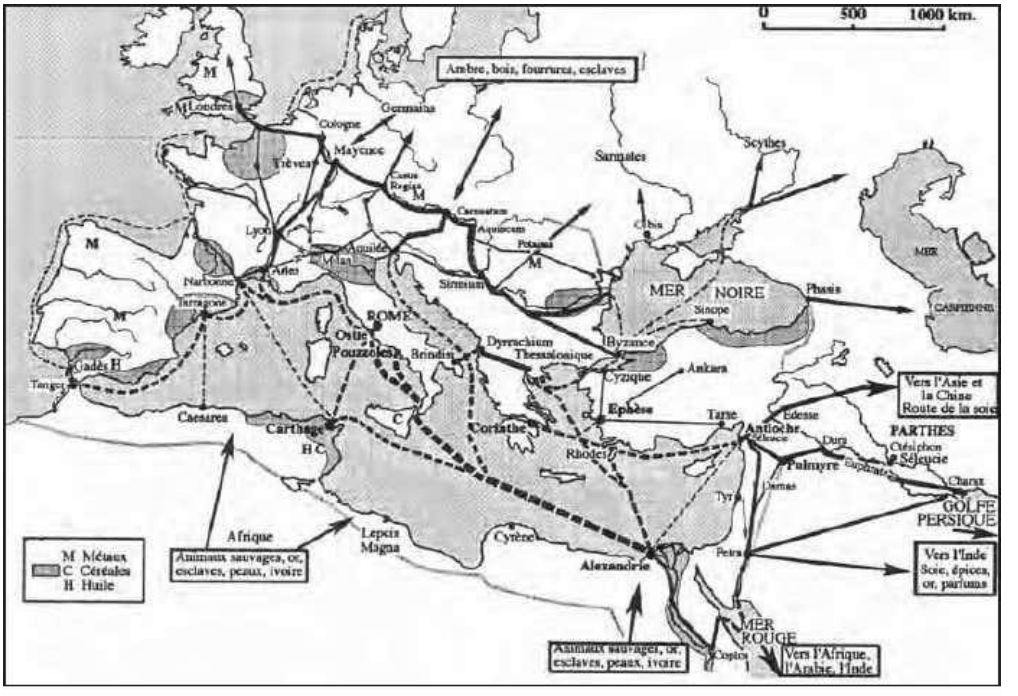
"Antakié (Antioche) est une ville peu considérable, mais bâtie dans un site agréable et dans un pays fertile. Il n'en est point, après Damas dont les environs et l'intérieur présentent un plus riant aspect. (…). Ce mur, d'une solidité surprenante et construit en pierres, entoure la ville ainsi que la montagne sur laquelle s'élève Antioche, et il embrasse dans son enceinte des moulins, des jardins, des vergers et des promenades charmantes. Les marchés de cette ville sont florissants, ses édifices magnifiques, son industrie active, son commerce prospère, ses ressources et ses productions bien connues. (…)"

No contexto da civilização oriental, a cidade de Jerusalém merece uma descrição mais detalhada (Al-Idrîsî , 1154):

"Jérusalem est une ville illustre, de construction immémoriale et éternelle. (...). En partant de la porte occidentale ou d'al-Mihrâb, on se dirige vers l'est par une rue et l'on parvient à la grande église dite de la Résurrection, et que les musulmans appellent Qumâma. Cette église est l'objet du pèlerinage de tout l'Empire grec d'Orient et d'Occident. (...). Après être descendu dans l'église, le spectateur trouve le très vénéré Saint-Sépulcre ayant deux portes et surmonté d'une coupole d'une construction très solide, très bien construite et d'une décoration exceptionnelle; de ces deux portes l'une fait face, du côté du nord, à la porte de Santa-Maria, l'autre fait face au sud et se nomme porte de la Crucifixion (...). À l'orient de cette église, et un peu au sud, on parvient à la prison où le seigneur Messie fut détenu et au lieu où il fut crucifié. (...). Si vous sortez de l'église principale en vous dirigeant vers l'orient, vous rencontrerez la sainte demeure qui fut bâtie par Salomon, fils de David - sur lui le salut ! - et qui fut un lieu de prière et de pèlerinage du temps de la puissance des juifs. Ce temple leur fut ensuite ravi et ils en furent chassés. À l'époque où arrivèrent les musulmans, il fut de nouveau vénéré et c'est maintenant la grande mosquée connue par les musulmans sous le nom de mosquée al-Aqsâ. (...)".

Esta relação, embora incompleta na sua dimensão geográfica e temporal, ilustra a diversidade de centros que serviam de referência ao povoamento e à circulação neste mar quase fechado pelo rochedo de Gibraltar e lugar de passagem e de trocas desde a Antiguidade; centro de mobilidade humana; palco de troca de conhecimentos, de rotas de circulação e de inúmeras marchas de guerra que lhe conferem, entre a *"Europa recortada e a África maciça"* (Ribeiro, 1967, p. 3) *"um dos traços mais antigos e permanentes da fisionomia do Globo"*. A sua situação geográfica conjuntamente com os traços de mar interior, a abundância de ilhas, penínsulas e, sobretudo, de ancoradouros naturais e visibilidade celeste fizeram crescer a navegação, atestada pela antiga cartografia e portulanos dos itinerários costeiros. Assim se justifica a forte vida de relação e a intensidade de movimentos, livres e forçados, entre as suas margens. Destes destacamos o trânsito de escravos que desde a antiguidade acompanham a evolução das civilizações que aí cresceram, nomeadamente da civilização agrária egípcia, com populações oriundas dos territórios limítrofes.

Antigas rotas de mercadorias no Mediterrâneo romano



In: Arnaud, P. (2005) p. 10

A sujeição à escravatura surge como resultado de diferentes tipos de marchas de guerra dando origem a um tipo de migrações forçadas que têm como causa a coerção individual e de grupo e a captura da população vencida com a sua deportação para outros espaços trans territoriais. Assim o assinala Ribeiro (1967, p. 26): no espaço alargado do Mediterrâneo *"caminharam ideias e produtos, estabeleceram-se correntes de civilização e lugares de permuta, fundaram-se centros de domínio, talassocracias de vida brilhante e fugaz"* que no esplendor do seu poder, contaram com escravos e mão-de-obra trazida, algures, dos seus domínios de governação. O contributo da população arrancada aos seus locais de origem e trazida com os vencedores para fora da pátria, ou comprada em centros locais de comércio, acompanha o crescimento dos períodos de maior esplendor comercial e urbano, militar e económico das antigas cidades gregas e romanas, tendo prosseguido durante séculos. Note-se, contudo, que antes ainda da construção dos sistemas económicos regionais da antiguidade, já a dispersão das

atividades da sua população, em particular a exploração mineira e a agricultura, algumas culturas exigentes de maior servidão e trabalho, como a cana do açúcar, terão usado mão-de-obra escrava levando consigo, quando da sua difusão para outras paragens do Atlântico, e, sobretudo, da América, essa tradição.

Ao tempo a que nos referimos os impérios da antiguidade serviram-se dessa população, fruto de razias e da pirataria costeira, de combates e de jogos de guerra para aumentarem as reservas de trabalho indispensáveis ao seu crescimento e à memorização das suas glórias. Estas incluem a atividade bélica dos exércitos romanos que leva à captura e transporte de escravos para o Império e à destruição de antigas feitorias fenícias como Cartago – cidade submetida à primeira vitória romana no início do século II a.C. - e Corinto, da bacia do Mediterrâneo (cerca de -146 a.C.), consolidando, conjuntamente com outras conquistas na Ásia Menor, o domínio sobre esta bacia. A este respeito Annequin (2012, p. 258) escreve: *"La Méditerranée dessine un espace parcouru d' echanges commerciaux et culturels permanents, un ensemble coherent mais divise par des antagonismes majeurs sur fond d' exclusions entre ces deux religions du Livre que sont le Christianisme et l' Islam".* Mais ainda: *"Byzance et les puissances musulmanes 'autorisaient' des captures et des esclavages recíproques, c' est-a-dire des razzias et des actes de piraterie qui, avec la guerre, alimentaient un esclavage 'interne' a l' espace mediterranéen".* Em tempos cronológicos diferenciados a população escrava serviu (op. cit., p. 259) *"comme dans l' Antiquité, esclaves, dependants, clientes accompagnaient la personnalisation du pouvoir en fournissant des personnels administratifs mais aussi en Islam, des soldats"*.

Tomando o exemplo das guerras púnicas contra Cartago - e cidades aliadas dispostas ao longo das costas de África - e a política seguida por Roma de aniquilação da cidade e dos seus habitantes, Kiernan (2003, p. 32) assinala a sorte destinada a Cartago – *Delenda est Carthago*[18]- *"pourrait être la première incitation au génocide enregistrée par l'histoire"*, tal a dimensão da cidade[19] ao tempo do cerco e da sua conquista. A dimensão da população escrava no seio do império romano justifica a ocorrência de *"revoltas servis"* – mais

[18] *"Cartago deve ser destruída"*

[19] Cerca de 7000 000 habitantes, segundo as estimativas de Estrabão (Nota 5 do texto de Kiernan)

de duas dezenas nos dois primeiros séculos da nossa era e que seguem o exemplo de Spartacus, no primeiro século a.C. (-73 a -71 a.C.), realçando a continuidade destas práticas na nossa Era no mundo romano e nos territórios cristianizados do Ocidente. Comprova ainda a importância desta mão-de-obra no desenvolvimento dos sistemas económicos assentes no comércio de sal, de ouro, do cobre ou já do comércio de escravos oriundos da África negra que acompanham as caravanas de transporte de metais, e de outros produtos para a bacia do Mediterrâneo e daqui para outras paragens.

Genericamente esta população tinha estatuto diferenciado associado à sua herança genética, à cor da pele, à condição da operação militar para vencer o adversário - como as razias e as ações de pirataria costeira -, em processos que fazem acentuar lógicas económicas distintas consoante a idade, o sexo, a aparência física, local de aprisionamento e outros. Já na nossa era, os "despojos de guerra" incluem a capacidade dos vencedores decidir sobre a vida dos soldados, como o destino dos vencidos e dos seus haveres, mais não fazem do que aumentar o número de escravos – embora sujeitos a resgate – em todas as marchas de guerra de que há registo. Entre outras as revoltas Judias de 66-70 d.C., entre 115-117 d.C. e de 133-135 d.C. servem de exemplo dessas campanhas as quais, de acordo com Gonzales (2001, p. 73), permitiram *"d'injecter ainsi sur le marche 97.000 prisioniers et plus de 100.000, ces derniers étant vendus sur les marchés d'Hebron et de Gaza, au même prix qu'un cheval"*. A mesma tarifa era ainda praticada no início do século III, en Zarai da Numidia (loc. cit.). Complementarmente (op. cit., p. 66-58) regista que na civilização grega a escravatura legal era reconhecida como um direito de guerra em que (op. cit. pp 66-58) *"le vainqueur pouvait réduire la population d'une cité grecque en esclavage au nom du droit du vainqueur"* situação que depois da "pax romana" prosseguiu sempre que havia registo de *"perturbação da ordem pública"*. O destino, para além do uso doméstico seria o trabalho em minas, nas galeras, no circo, em espetáculos e como *"escravos-mercadoria"*.

A prática deste modelo servil generalizado no mundo antigo consolidou, ao longo das vias de circulação romanas e outras, corredores de escravos entre a sede do império e os territórios mais distantes, como sucedia em relação às rotas de abastecimentos dos

portos e da cidade de Roma e dos lugares mais distantes da Europa. Servem de exemplo:

- Corredor do Danúbio através dos Alpes por onde transitavam a mercadoria escrava destinada à satisfação dos contingentes militares (op. cit., p. 74) e a outras tarefas da sociedade local;

- Províncias Balcânicas e as do mar Egeu (op. cit., p. 80) e os seus múltiplos locais de comércio de mão-de-obra escrava oriunda, neste último caso, do interior da Ásia;

- Portos costeiros da Síria, do Líbano, do Egipto e da Península Ibérica para abastecimento de população branca ou já de africanos residentes ou transportados para este país.

Na Idade Média o mercado e a utilização de escravos acompanhou a evolução da sociedade medieval, sendo a sua transação e negócio apurado em diversos locais da bacia do Mediterrâneo, como em África, na Ásia menor e na Europa. A este respeito regista Trabelsi (2017, p. 47-48) que esse tráfico internacional de humanos

> *"fait l'objet d'un commerce très actif orienté vers le sud de la Méditerranée tout au long du Haut Moyen Âge (…). Des régions entières du Maghreb, de l'Afrique subsaharienne et de l'Europe furent transfomées en réservatoirs d'esclaves. Les pays d'Islam allaient se révéler comme un acteur puissant de l'évolution de la traité des esclaves".*

Nestes domínios incluíam-se os mercados de Espanha e do Egipto. Assinala ainda a autora (2017, p. 68) que este mercado fazia parte de um sistema internacional de trocas de mercadorias e de negócios, regulados por um sistema de créditos e de transferências bancárias que transacionava *"des articles de haut prix comme l'ambre, la soie, les cotonnades, les étoffes fines, les tapis de cuir et les esclaves africains, européens et grecs. À cela, il faut ajouter les métaux précieux, les besoins des arsenaux et de l'armée"*.

Dos produtos transacionados destaca-se o gado cavalar num mercado alargado que abrangia os continentes Africano e Asiático, os rios russos, o Cáucaso, o Mar Cáspio, o Ocidente e o Norte da Europa, como Mainz e Praga – e, em particular, cidades portuárias ou servidas por vias fluviais de navegação, como Marselha e Bordeaux. Para o estabelecimento destes circuitos haviam contribuído emissários do Califa Omíada de Córdova ao tempo de

Otão Iº (op. cit., p. 69) e as necessidades de mão-de-obra servil necessária

> *"d'autant plus que les propriétés agricoles de l'Église, les domaines de l'État et les terres royales, mises en fermage, nécessitaient des unités incalculables d'ouvriers. Le capitulaire de Villis fait explicitement mention d'une ordonnance de Charlemagne enjoignant, à ses officiers, l'achat de troupes d'esclaves pour les travaux agricoles".*

Mais ainda, o comércio de humanos permitia atingir lucros elevados que levaram à tributação do seu comércio incentivando, desde os finais da Idade Média, o seu transporte em grande número a partir das regiões subsaarianas de África.

A este respeito assinala ainda Trabelsi (op. cit. p. 76), o seguinte:

- No ano de 822 o bispo de Lyon, *"saint Agobard adressa à Louis le Pieux des doléances acerbes contre les marchands du palais. Le prélat contestait les licences royales qui habilitaient des marchands juifs à vendre des esclaves étrangers à l'intérieur comme à l'extérieur du royaume"*;

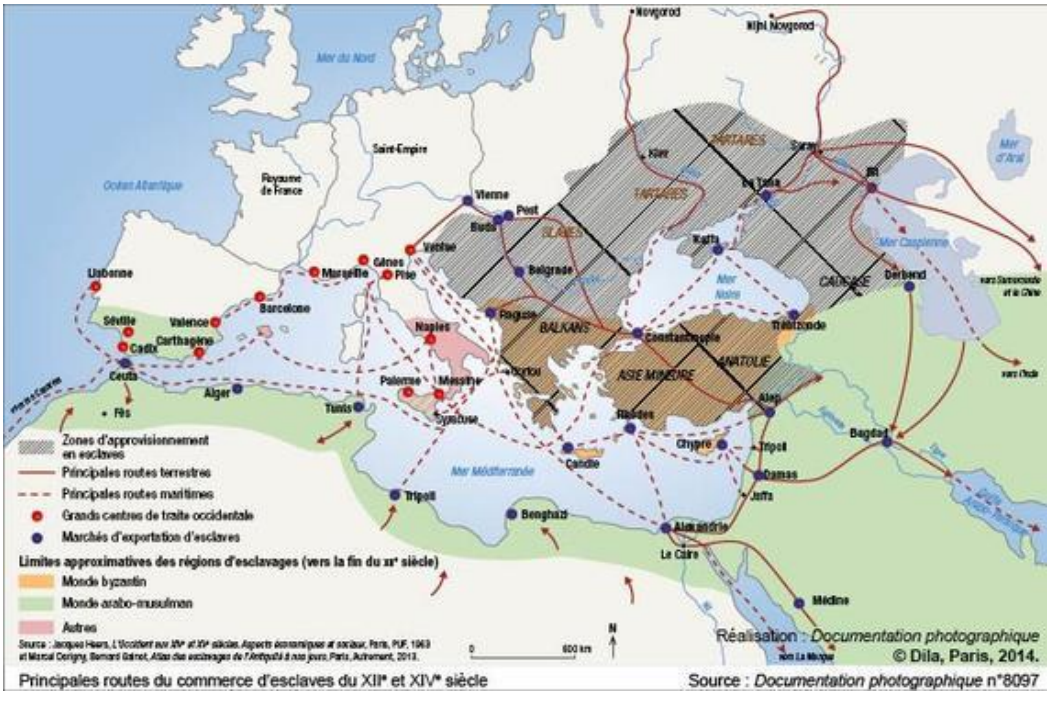
- E (op. cit., p. 77), *"En partance pour Jérusalem, le moine Bernard raconte qu'il avait vu, en 870 à Tarente, neuf mille esclaves embarqués à bord de six navires faisant voile vers le Maghreb, Tripoli et Alexandrie".*

Os acontecimentos subsequentes relacionados com as peregrinações e as Cruzadas ao Oriente acabaram por dar azo a novas vagas de aprisionamento e cativeiro das tropas vencidas que fizeram parte destas expedições. Sobre este assunto uma breve síntese de Gravelle (1999, p. 19 - Resumé), regista:

> *"Des dizaines de milliers de personnes furent capturées pendant les différentes batailles, sièges et razzias qui furent menés au cours du XIIe siècle. Le traitement de ces prisonniers fut régi par des règles et des conventions, écrites chez les Musulmans et orales chez les Francs, reconnues par les combattants et qui étaient d'ailleurs similaires des deux côtés."*

Mais ainda: *"Il y a eu plusieurs massacres de captifs de part et d'autres, souvent justifiés par des considérations militaires, mais dans la plupart des cas, les prisonniers étaient épargnés afin d'être vendus comme esclaves ou bien rançonnés."*

Rotas de comércio de escravos dos Sécs. XII e XIV



In: Fulconis e Kikuchi, 2017[20]

A sequência de marchas de guerra durante este longo período – séculos XI a XIII – acompanha-se de um elevado número de mortos por combate, de prisioneiros e cativos de guerra: os primeiros poderiam ser resgatados através de um soldo estabelecido pelo vencedor; os segundos eram vendidos, com lucros para o responsável da transação. Estas condições estendiam-se às populações dos territórios ocupados pelos exércitos dos Francos[21] e dos Muçulmanos, o que faz aumentar o número de migrantes forçados no termo de cada um dos combates armados. Acerca de uma dessas iniciativas, Gravelle (1999, p. 24) dá conta que, entre

[20] In: FULCONIS e Kikuchi (2017) Actuel Moyen Âge – Vendre des hommes In: https://www.nonfiction.fr/article-9136-actuel-moyen-age-vendre-des-hommes.htm 5JUL20

[21] De acordo com ROY (1859, p. 11), os orientais davam o nome de Francos a todos os povos da Europa face ao reconhecimento a *"nation des Francs, dont la puissance et la gloire militaire avaient déjà pénétré jusqu'en Orient"*.

1187 e 1188, um dos chefes muçulmanos libertou mais de 20.000 cativos e capturou 100.000 francos. Sobre este assunto regista ainda o autor (loc. cit.): *"Les vainqueurs possédaient un droit de vie ou de mort sur les vaincus, presque toutes les atrocités étaient permises viol, meurtre, asservissement, pillage des maisons et des propriétés".* Tais procedimentos, baseados na lei Corânica e nas tradições de guerra dos ocidentais - apesar das recomendações de Santo Agostinho a propósito do uso da misericórdia divina - mostram a rudeza contida em nome da dominação e do poder, assinaladas por este autor (op. cit., p. 131): *"Les conditions sont si horribles et si terrifiantes que la captivité est comparée à l'Exil juif à Babylone parmi des nations barbares au milieu d'une terre étrangère, lointaine et montagneuse dont il est impossible d'échapper".*

A par disso a humilhação dos vencidos e a morte foi sempre uma arma a favor da rendição, das conversões forçadas e da luta entre grupos rivais. E os exemplos assinalados servem para ilustrar a importância das migrações forçadas e do comércio de escravos no espaço mediterrânico e hispano-africano. À semelhança do que aconteceu com as migrações na Antiguidade estes movimentos são igualmente relevantes para a compreensão da mobilidade humana e de forma explícita ou implícita para a análise da construção do poder militar, político e comercial do mundo mediterrânico inserido, há vários milénios, no sistema económico esclavagista. Na sua longa evolução este sistema prevaleceu durante a Idade Média, antecipando o que iria acontecer nos séculos seguintes até à abolição formal da escravatura, na segunda metade do século XVIII em Portugal e no século seguinte em Inglaterra e nos EUA.

II - NA SENDA DAS MIGRAÇÕES BÍBLICAS

Os movimentos de população mencionados nas Escrituras não se esbatem no início da era Cristã e assumem, desde então, novas configurações territoriais e humanas, militares e religiosas, relacionadas com a expansão do Cristianismo em territórios já habitados por Judeus saídos da sua terra e noutros locais dos continentes vizinhos. Estes movimentos, em particular os que estão ligados à pregação de Jesus e dos seus Apóstolos, difundiram as bases da doutrina Cristã e da triangulação marcada pela adoração de um Deus único (na sua Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo); no cumprimento dos mandamentos, dos Evangelhos e da lei Cristã; numa vivência universal marcada pelo amor a Deus e do próximo (Bíblia: Gálatas, 5:14). Destas migrações interessam-nos as migrações humanas associadas às religiões com raiz comum ditada pela peregrinação de Abrão e dos seus descendentes, Judeus, Católicos e Islamitas, que tiveram lugar no cenário alargado da bacia do Mediterrâneo e nas suas margens, nos territórios e berços de antigas civilizações do Médio Oriente. Nesta oportunidade importa assinalar:

- As primeiras foram contextualizadas e mencionadas no trabalho sobre as Migrações Bíblicas;

- As segundas, registadas desde o início da era Cristã, são apreciadas em consonância com o desenvolvimento do sistema migratório oriundo do Médio Oriente para Ocidente (Idade Antiga) e mais tarde da Europa para esta parte do globo, representadas nas migrações trans territoriais da Idade Média.

Nesta tipologia inscrevem-se diversos tipos de movimentos que seguem as peregrinações em honra do Deus único, ao Templo de Jerusalém, descritas no Antigo Testamento (Bíblia: Jer 17:25-27; Salmos 42:5), e os movimentos posteriores relacionados com:

- As migrações de natureza religiosa relacionadas com o apelo da fé e a missão evangelizadora dos Apóstolos e dos crentes, em antigos territórios da diáspora judia e junto da população gentia residente fora do território palestino;

- As migrações forçadas causadas pelas marchas de guerra e invasões militares conduzindo as populações vencidas em situação de dominação em cativeiro ou de perseguição, sobretudo no império romano;

- As peregrinações a Jerusalém e aos lugares santos associados ao martírio de Cristo e aos primeiros tempos da religião cristã;

- As migrações associadas à difusão do Islão e à recitação do Livro pois *"aqueles que o negarem serão desventurados"* (Alcorão 2:121), e ao combate *"pela causa de Allah"* (Alcorão: 2:190).

As expedições de natureza religiosa e militar pregadas pelo Papa para a libertação dos lugares santos de Jerusalém e dos mouros dos territórios da Península Ibérica são exemplos de movimentos específicos da população que se inscrevem na tipologia anteriormente descrita (Arroteia, 2019). Esta permite considerar um vasto leque de migrações individuais, coletivas e de outra natureza que se repetem em vários momentos e contextos da história bíblica. Assim aconteceu com os Judeus após a tomada de Jerusalém e, sobretudo, depois da morte de Jesus com a evangelização e a expansão do Cristianismo na Judeia, na sede do Império, na Ásia Menor, na bacia do Mediterrâneo e na Europa.

Além do percurso associado a cada uma destas religiões há a considerar os movimentos de população arrolados nas peregrinações ao lugar santo dos Judeus, a cidade do templo de Jerusalém que passou a ser igualmente uma referência aos seguidores de Cristo, em particular a Gólgota e Santo Sepulcro, sobretudo depois do arrasamento desses locais por altura da construção da nova colónia romana. Já no século VII, depois da fundação da nova religião Islâmica os Muçulmanos, considerando que o profeta Maomé ascendeu ao paraíso a partir do monte do Templo de Jerusalém, passaram a disputar com os Judeus e os Cristãos o vínculo adorativo a esta cidade.

O choque dos movimentos religiosos desencadeados pela libertação dos lugares santos de Jerusalém, das marchas de guerra do Islame nas terras da bacia do antigo *Mare Nostrum* e os processos de reconquista que se reuniram e consolidaram no decurso da perda de influência dos exércitos mouros na Europa meridional, em particular na fachada ocidental atlântica, berço do

Reino de Portugal, acompanham-se de importantes deslocações humanas que prolongam o espírito das migrações bíblicas.

2.1 - MOVIMENTOS ASSOCIADOS AO JUDAÍSMO

A sequência de acontecimentos relacionados com a história dos Judeus e com a religião deste povo descritas no Antigo Testamento, assinalam as sucessivas errâncias livres e forçadas e o sentimento de pertença e desejo de retorno dos hebreus à terra de Canaã. Em tempos históricos estes movimentos acentuam-se no decurso do domínio romano da Palestina e da oposição dos Judeus a Roma, o que conduziu a novas vagas de migrações forçadas depois da tomada de Jerusalém e da destruição do Templo, símbolo da aliança e da presença do Deus de Israel entre este povo assinalada na Arca da Aliança e nas Tábuas da Lei com os Mandamentos recolhidos por Moisés no Monte Sinai (Bíblia: Êxodo 34). Recorde-se que depois do êxodo a experiência da dispersão judia fica assinalada pelo cativeiro de Ninive, após a conquista do seu território pelos Assírios (-740 a.C.) e pelo cativeiro da Babilónia, depois da derrota perante os exércitos de Nabucodonosor II e deportação do povo de Israel para o território da Mesopotâmia (-598 a.C.) onde permaneceram sete décadas.

Depois da fundação de Alexandria (-332 a.C.), assinala-se aí a presença de uma numerosa colónia, da ordem dos 200.000 habitantes (Llorca, 1960, p. 23-24), *"que dispunham duma riqueza que os fazia senhores de toda a industria, e possuíam uma cultura extraordinária"*. Igualmente notável seria a sua presença noutras cidades como Damasco, Esmirna, Corinto e em Roma, onde ao tempo do imperador Tibério (loc. cit.), haveria uma colónia, da ordem de uma centena e meia de milhares de habitantes de origem judia. Por sua vez a construção do Templo em Jerusalém, por Salomão – *"na eira do jebuseu Ornan, por ter aparecido lá o Senhor a David"* (Bíblia: Crónicas 3:1) e a deslocação do povo de Israel e de Judá a esse local *"para ir celebrar a Páscoa em honra do Senhor, Deus de Israel, no templo do Senhor, em Jerusalém"* por ordem de Ezequias (Bíblia: 2 Crónicas 30:1), apesar da sua destruição e sucessivas reconstruções,

determina as deslocações periódicas, *"três vezes por ano"* (Bíblia: Êxodo 13:10), a esse santuário, onde *"os reis vão lá oferecer presentes"* (Bíblia: Salmos 68:30).

Com a invasão da Judeia pelos exércitos romanos no primeiro século d.C. e o agravamento dos impostos, as migrações do povo judeu prosseguem acelerando-se à medida que o domínio do Roma se fortalece na área e, sobretudo, depois da destruição do templo de Jerusalém no primeiro século da nossa era. Este santuário foi o símbolo da unificação do povo judeu e o local de peregrinações individuais e coletivas que faziam parte das marchas de fé e das obrigações para com o *"Deus de Abraão, Isaac e Jacob"* (Bíblia: Êxodo 3:6). A destruição do monumento e a perda deste símbolo espiritual acelera a revolta do povo Judeu contra a ocupação de Roma e a imposição dos seus deuses: Júpiter (o Zeus do Olimpo), Neptuno (Poseidon, o senhor o mar), Minerva (antiga Atena, deusa da sabedoria) na cidade destruída e posteriormente reconstruída com a designação de *Aelia Capitolina*. Mais ainda, a interdição da entrada dos judeus na cidade sagrada - onde haviam construído o templo em honra do Deus único de Israel e testemunho da afirmação do monoteísmo desse povo contra o culto imperial -, colide com a divindade (*divi fillius*) atribuída aos imperadores, César, Augusto, Tibério e aos demais imperadores que defenderam esse estatuto. Como resultado da sua ira a Judeia passa a ser periodicamente arrasada pelos exércitos de Roma, obrigando a fuga dos habitantes para outros locais já habitados pelos seus compatriotas.

Importa recordar que os fundamentos das duas primeiras religiões monoteístas, Judaísmo e Cristianismo, apresentam em comum o seu passado de quase dois milhares de anos, e incluem a aceitação dos cinco primeiros livros da Bíblia assentes na aliança estabelecida por Deus com o patriarca Abraão e depois renovada com Moisés através dos mandamentos. Como acontecera até aí a paragem no Monte Sinai constitui uma etapa de uma longa viagem pelo que, entre outros exemplos da Antiguidade e em relação ao povo judeu, apontamos alguns exemplos desses movimentos de população:

- As peregrinações descritas na Bíblia ao santuário de Deus e ao templo de Jerusalém, inicialmente edificado por Salomão (1 Reis 12:27), *"para oferecer sacrifícios no templo do senhor"*. Este local, antiga capital do reino de David no século X a.C., tornou-se sagrado

para os Judeus (2 Reis 21:7) como cidade escolhida pelo seu Deus, *"de entre todas das doze tribos de Israel"* para seu santuário, sobretudo em períodos de aflição (Jerem. 36:9). Este local era igualmente visitado na altura das grandes festas anuais (2 Crónicas 8:12-13), desde o tempo do rei Salomão que

> *"oferecia ao Senhor holocaustos sobre o altar do Senhor, que tinha mandado erguer, diante do pórtico do templo, nos dias determinados pela Lei de Moisés, quer dizer, aos sábados, nas festas do primeiro dia do mês e nas três festas anuais a saber: a festa dos Pães sem Fermento, a festa do Pentecostes e a festa das Tendas"*;

- Antes da dominação romana – século VI a.C. – os judeus concentraram-se na sua terra e muitos foram levados para a Babilónia, território que desde o cativeiro passou a acolher parte da comunidade oriunda das terras da Judeia. Durante os séculos 4º ao 11º da nossa era, Babilónia constituiu-se como o principal centro da cultura Judia (Grol, 1980, p. 305);

- No século II a.C. – entre 175 a.C. e 140 a.C., a revolta dos Judeus contra os Selêucidas, justificada pelo édito de Antiocus IV - no sentido de reforçar a helenização forçada deste povo - aboliu o *Torah*, livro sagrado do Judaísmo e as suas práticas e dedicação do templo de Jerusalém a favor de Zeus, leva a que este povo venha a ser perseguido conduzindo à fuga e ao martírio, ao seu isolamento no contato e mistura com outros povos não praticantes da mesma religião;

- Para além da Judeia e da Babilónia este povo descobre outras paragens no oriente e na bacia do Mediterrâneo e refugia-se em Alexandria - desde os tempos de Alexandre que promoveu o povoamento desta cidade com hebreus residentes no território e, sobretudo, vindos do Egipto e por gregos - encaminhando-se, no decurso da expansão do império romano para Roma, Pompeia e outras cidades do Mediterrâneo dominadas por este centro de poder.

Transcrevem-se duas referências relacionadas com a dimensão desta colónia em Roma e em Alexandria[22]:

- *"Hérode Ier le Grand procède à de gigantesques travaux d'aménagement, bâtissant «à la romaine» une immense*

[22] In: https://www.les-crises.fr/les-dispersions-du-peuple-juif/ 1JUL20

esplanade: la colline d'origine est ceinturée d'un énorme mur de soutènement, la surface intérieure entièrement nivelée puis comblée avec du remblai. La construction commence en 19 av. J.-C. et dure environ 7 ans – 100 000 hommes furent employés.";

- "Vers +30, Philon d'Alexandrie avance le chiffre de 1 000 000 de Juifs habitant en Égypte, soit un huitième de la population"(...) , próximo da data em que o país foi submetido às ordens dos exércitos do futuro imperador Augusto.

- No ano de -63 a.C. os exércitos romanos de Pompeu tomam a cidade de Jerusalém, destruindo o Templo, capturando prisioneiros e enviando-os para Roma no que é considerado como o início da "Primeira Diáspora" dos judeus no Ocidente[23]. Durante o governo de Herodes o segundo Templo será restaurado sendo de novo destruído no ano 70 por Tito depois da revolta dos judeus contra o domínio de Roma.

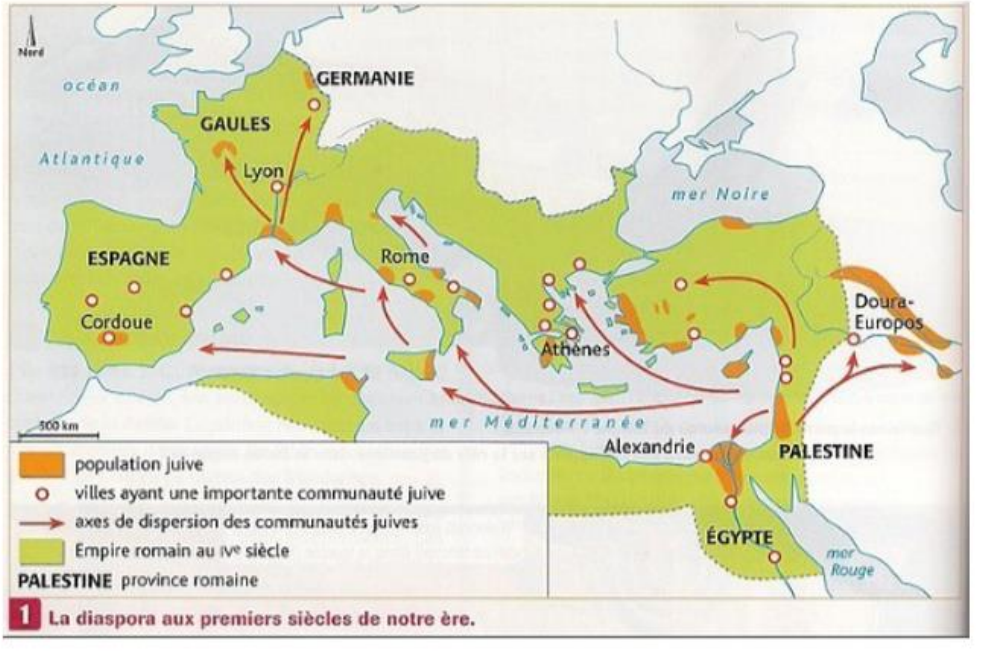
Recorde-se que a destruição deste santuário ocorreu em períodos distintos da história dos Judeus: ao tempo do rei Nabucodonosor II (-604 a.C.); após a revolta deste povo contra o domínio de Roma, por volta dos anos 70 d.C. e no início do segundo século, em 135 d.C. quando, perante nova revolta contra o mesmo domínio, o imperador Adriano mandou destruir o que restava da cidade e do templo, mandando edificar uma nova cidade dedicada Júpiter. Na mesma oportunidade a Judeia passa a ser designada por Palestina, afastando definitivamente a designação mantida durante séculos. Durante o império romano e na vida de Jesus, os seus seguidores foram tidos como representando uma seita judia e só depois da dispersão dos Apóstolos e do começo da evangelização em Jerusalém junto dos Judeus e dos gregos de Antioquia, cidade terminal da rota da seda no ocidente, foi atribuída a designação de Cristãos (*christianói*: seguidores de Cristo) aos novos crentes, traduzindo a rutura com a antiga religião judaica.

Nesta sequência, as manifestações de desagrado contra a ocupação do território judeu, as tradições religiosas em torno das celebrações ao Deus único de Israel e a imposição do culto imperial ter-se-ão acentuado no decurso do segundo quartel do primeiro século d.C., assinalado pela morte de Jesus Cristo pelas ameaças e morte causada aos judeus e aos seus seguidore: *"L'agitation anti-*

[23] In: https://www.les-crises.fr/les-dispersions-du-peuple-juif/ 4ABR20

romaine devient endémique en Judée dans les années 50 après J.-C., sous le double effet de l'activisme zélote et du renforcement de l'autorité romaine suite aux nombreux soulèvements armés"[24].

Diáspora Judia nos primeiros anos da era Cristã



In:[25] Les débuts du judaisme

Sobre este assunto a obra de Flavius Josephus[26], relatando a guerra dos Judeus[27], dá conta das razões dos combates registados na história deste povo salientando, a propósito dos acontecimentos registados no decurso da segunda metade do século I - nos quais participou lutando contra a anexação da Palestina como província romana e a perda de respeito dos vencedores sobre a cultura

[24] In: https://www.lesclesdumoyenorient.com/Grande-Revolte-juive-66-73-apres-J.html 13MAI20

[25] http://www.clg-hugues.ac-aix-marseille.fr/spip/sites/www.clg-hugues/spip/IMG/pdf/Lecon_judaisme.pdf 7ABR20

[26] Historiador do Judaismo (37 d.C a 100 d.C.) ver http://remacle.org/bloodwolf/historiens/Flajose/guerre1.htm 14MAI20

[27] Ver: http://remacle.org/bloodwolf/historiens/Flajose/guerre1.htm 14MAI20

nacional - dos focos de fortes tensões sociais e combates. Importa atender que as relações entre Roma e Jerusalém haviam sido estabelecidas quase dois séculos antes, em -161 a.C., aquando da Guerra dos Macabeus e do envio, por parte de Judas Macabeu, da proposta de celebração de *"uma aliança e um acordo de paz (...), a fim de podermos entrar na lista dos vossos aliados e amigos"* (1 Mac 8:20), à qual os senadores responderam (1 Mac 8:28): *"os romanos cumprirão fielmente a sua promessa"*. Apesar das diferenças entre os judeus, em particular Saduceus, Fariseus e Zelotas, esta situação ficou comprometida em diferentes situações relacionadas com a profanação do templo de Jerusalém condicionando o relacionamento entre estes dois povos: um deles, monoteísta e o outro, seguidor de diversas divindades naturais e humanas.

Na vigência do Império Romano as migrações deste povo consolidaram-se no contexto de alguma tolerância permitida pelos invasores – dando sequência ao exemplo do imperador persa de Alexandre – e, sobretudo, das repressões constantes anteriormente assinaladas. Contudo depois da morte de Herodes a situação altera-se, particularmente depois da realização do recenseamento o Império Romano, ao tempo de Jesus e do imperador Quirino, que conduziu ao agravamento de impostos, à ameaça da fome e a nova vaga de agitação popular contra o poder de Roma e dos seus aliados da Palestina. O referido cronista judeu, Flavius Fosephus, na sua obra "Antiguidades Judaicas"[28] (1900) dá conta das várias guerras judaico-romanas e ao tempo de Jesus, da revolta deste povo contra Pilatos quando introduziu imagens dos deuses romanos em Jerusalém (op. cit., p. 852):

> *"(...) c'est pourquoi ses prédécesseurs avaient fait leur entrée dans la capitale avec des enseignes dépourvues de ces ornements. Mais, le premier, Pilate, à l'insu du peuple - car il était entré de nuit - introduisit ces images à Jérusalem et les y installa. Quand le peuple le sut, il alla en masse à Césarée et supplia Pilate pendant plusieurs jours de changer ces images de place. (...)"*, operação que acabou por não se realizar.
>
> Mais ainda:
>
> "*Comme les Juifs le suppliaient à nouveau, il donna aux soldats le signal de les entourer, les menaçant d'une mort immédiate s'ils ne*

[28] Flavius Josèpphe: +_ 37-100 d.C.

cessaient pas de le troubler et s'ils ne se retiraient pas dans leurs foyers. Mais eux, se jetant la face contre terre et découvrant leur gorge, déclarèrent qu'ils mourraient avec joie plutôt que de contrevenir à leur sage loi. Pilate Pilate, admirant leur fermeté dans la défense de leurs lois, fit immédiatement rapporter les images de Jérusalem à Césarée".

O relato deste historiador dá igualmente conta da posição de Jesus sobre estes acontecimentos (op. cit., p. 853), a saber:

"Vers le même temps vint Jésus, homme sage, si toutefois il faut l'appeler un homme. Car il était un faiseur de miracles et le maître des hommes qui reçoivent avec joie la vérité. Et il attira à lui beaucoup de Juifs et beaucoup de Grecs (30). Et lorsque sur la dénonciation de nos premiers citoyens, Pilate l'eut condamné à la crucifixion, ceux qui l'avaient d'abord chéri ne cessèrent pas de le faire, car il leur apparut trois jours après ressuscité, alors que les prophètes divins avaient annoncé cela et mille autres merveilles à son sujet. Et le groupe appelé d'après lui celui des Chrétiens n'a pas encore disparu".

A crispação entre judeus e os ocupantes romanos atingiu a Judeia e as comunidades judias e gregas do Mediterrâneo, como Alexandria, Selêucia da Síria e Babilónia (op. cit., pp. 877 e ss) através de notícias que se espalham no império de Roma aumentando o clima de hostilidade entre o poder imperial e os súbditos resistentes. Do referido autor transcrevemos parte de um documento dirigido a esta população assinado por Tiberius Claudius César Augustus Germanicos[29] (op. cit., p. 914):

"Grand pontife, investi de la puissance tribunitienne, consul désigné pour la deuxième fois, édicte: Les rois Agrippa et Hérode, qui me sont très chers, m'ayant demandé de permettre à tous les Juifs vivant dans l'empire romain de conserver les mêmes droits que ceux d'Alexandrie, j'ai accédé volontiers à leur prière, et ce n'est pas seulement parce qu'ils me le demandaient que je le leur ai accordé, mais aussi parce que j'en ai jugé dignes ceux en faveur qui j'étais sollicité, en raison de leur fidélité et de leur amitié pour les Romains, et surtout parce que je regardais comme légitime qu'aucune ville même grecque ne fût privée de ces droits, puisqu'elles les avaient conservés même sous le divin Auguste; il est donc juste que dans

[29] Imperador de Roma entre os anos 41 e 54 d.C.

tout l'univers soumis à notre pouvoir les Juifs aussi conservant sans entraves leurs coutumes ancestrales; mais je les avertis à présent de ne pas abuser désormais de ma bonté et de ne pas mépriser les croyances des autres peuples alors qu'ils gardent leurs propres lois (…)"[30].

As próprias contendas entre os judeus e os seus vizinhos samaritanos acabaram por agravar o conflito latente que vai culminar na guerra de 66-70. A este respeito Encel (2009) regista o seguinte:

- Antes da guerra

"la situation politique et économique de la Judée a incité un certain nombre de Juifs à émigrer (…).Ces migrations sont partie intégrante des crises du premier siècle. Les conditions climatiques et géographiques, pour une population vivant essentiellement de l'agriculture, associées à une politique romaine souvent oppressive et la pression des groupes de zélotes et sicaires, ont rendu la vie difficile, et contraint des Juifs à partir (…)";

- "La guerre de 66-70 p.C. a fait de nombreuses victimes, et certainement beaucoup de mises en esclavage, encore que nous ne possédions que peu d'informations sur ces Juifs devenus captifs: ils auraient été, selon Josèphe, au nombre de 97 000, s'ajoutant à plus d'un millions de morts (…)".

Além destas perdas a população judia residente no império ficou obrigada a pagar um tributo destinado ao tesouro imperial e a juntar-se à comunidade já residente em Roma (op. cit.), para onde foi enviada um *"sélection 'des plus grands et beaux pour servir au triomphe'".* Outros foram escravizados ou expatriados para o Egipto e para outros domínios romanos. Na sua expressão territorial estas e as demais lutas com o Império levaram à dispersão deste povo para os territórios vizinhos – como sucedeu de pois da segunda guerra judaico-romana (Encel, 2009), *"vers le nord, la Galilée, qui était pourtant considérée comme le pays des Samaritains, dont la rupture définitive avec le judaïsme date justement de cette guerre, à laquelle ils ne participèrent pas aux côtés de Bar Kochba"* e à perda de mais de três centenas de milhares de judeus.

[30] Sublinhado pessoal

No cenário da época e à semelhança do que havia acontecido na Antiguidade, quando parte da população foi igualmente deportada para o Egipto, ao tempo de Ptolomeu I, a política de pragmatismo seguida por Roma em defesa dos seus interesses levou a que Encel (op. cit.) tivesse assinalado o seguinte: *"Même si les populations locales développèrent un sentiment souvent hostile aux juifs, le pouvoir sut ménager les communautés qui servaient bien Rome, punissant les velléités d'indépendance, les poussées messianiques et les diverses révoltes".* Quanto ao alargamento do Império de Roma, escreveu:

> *"Favorisa la dispersion des Juifs, et leur possible migration en cas d'expulsion ou de crises économiques. Les nombreuses communautés juives à travers l'Empire pouvaient accueillir ces migrants, éventuellement racheter les esclaves, célébrant une solidarité de circonstance, propre au judaïsme et à l'exil".*

Sobre a estratégia seguida por Roma contra as manifestações Judias, assinala Chantal (2008, p. 30) que *"les différentes interventions de Rome obéissent à un schéma commun: tout d'abord, il y avait une provocation romaine, puis un retour au calme avec la persuasion ou la répression (…)"*. Esta citação remete-nos para a fonte de Eusébio de Cesareia (Livro III – 5), o qual regista" *"les Juifs non contentes de l'avoir faire périr, dressèrent aux apôtres des embuches sans nombre (…). Chassés de la Judée, ils entrepirent d'aller dans toutes les nations, pour enseigner et prêcher (…)"*. Compulsando a narrativa de Flavius Josephus (Livro 1 – Preâmbulo: 6) confirma-se que *"L'histoire ancienne des Juifs, qui ils étaient et comment ils émigrèrent d'Égypte, les pays qu'ils parcoururent dans leur marche errante, les lieux qu'ils occupèrent ensuite, et comment ils en furent déportés (…)"*.

Como assinalado estes movimentos foram registados na sua terra natal ou já nos centros para onde se haviam deslocado, em particular Alexandria que se constituiu um dos grandes centros dessa atração. Longe da sua pátria de origem acabaram por formar colónias, unidas pelos traços das suas práticas e religião, que subsistiram como tal em diversos pontos do globo. Assim o assinala Flavius Josephus (Livro 2, VIII: 4):

> "*Ils ne forment pas une ville unique, mais vivent dispersés en grand nombre dans toutes les villes. Quand des frères arrivent d'une*

localité dans une autre, la communauté met tous ses biens à leur disposition, comme s'ils leur appartenaient: ils fréquentent chez des gens qu'ils n'ont jamais vus comme chez d'intimes amis".

O mesmo autor (loc. cit.) dá igualmente conta:

i) - Das primeiras manifestações de força contra os Judeus desencadeadas por Calígula[31] – Gaius Caesar – que depois da morte de Tibério (Livro II – 6), *"Gaïus obtint l'empire et il fit sentir sa violence à beaucoup de gens, en beaucoup de rencontres, mais il ne nuisit à personne plus qu'à toute la race juive."*

ii) - Das insurreições havidas ao seu tempo (Livro II – Cap. 5), nomeadamente

"Un soulèvement se produisit à Alexandrie entre les Juifs domiciliés en ce pays et les Grecs. Trois membres de chaque parti furent choisis et comparurent devant Gaïus. (...) entre autres accusations, il allégua d'abord qu'ils se souciaient peu de rendre les honneurs dus à César: tandis que tous les sujets de l'empire élevaient des autels et des temples à Gaïus, le traitant en tout comme les dieux, les Juifs seuls pensaient qu'il était déraisonnable de l'honorer par des statues et de jurer par son nom."

iii) - Da colocação de imagens dos imperadores na pátria dos judeus tendo acentuado a ira deste povo que ao tempo do imperador Cláudio[32] – Tiberius Claudius –

"lorsqu'au moment de la fête de Pâques, il se produisit à Jérusalem une sédition et un tumulte tellement épouvantable que, seulement des Juifs qui se bousculaient aux portes du temple, trente mille périrent en s'écrasant les uns les autres; la fête devint un deuil pour la nation entière, un sujet de lamentation pour chaque famille. (...)" (op. cit., XIX).

i) – De outros acontecimentos que tiveram lugar na sua terra no tempo do imperador Nero[33], antes da guerra contra o povo judeu ameaçado às mãos das armas do imperador pela fome e doença. Estas situações fomentaram a revolta contra os opressores de Roma e os seus governantes conduzindo a manifestações dos judeus no seu território em defesa do seu povo, da tradição e da religião para

[31] Imperador desde o ano 37 d.C. a 41 d.C
[32] Imperador entre o ano de 41 d.C. e 54 d. C.
[33] Imperador entre o ano de 54 d.C. a 68 d.C.

o que aproveitaram o conhecimento da topografia local e a força da população mais jovem.

A história dá ainda conta de diversas lutas entre o ano de 66 d.C. e nos anos seguintes que culminaram com nova destruição do Templo de Jerusalém (ano 70 d.C.), o fim do estado hebreu herdado da Antiguidade, a escravatura, a morte, a expulsão dos judeus desta cidade e a sua constante perseguição depois da primeira guerra judia-romana. Sobre o mesmo assunto registam-se ainda novos contributos sobre as lutas do povo judeu contra os opressores:

- Rivelois (s/d) assinala que: *"Les Juifs se révoltent à nouveau vainement sous Trajan (vers 110) puis pendant le règne d'Hadrien en 133, sous la direction de Bar Kokhba"*[34]. Esta guerra dá origem à "segunda Diáspora Judia" em torno da bacia do Mediterrâneo (Rivelois, s/d):

> *"La ville fut rasée, et son Temple incendié; les Juifs furent vendus en masse comme esclaves ou quittèrent la Palestine. La destruction du Second Temple marqua la fin de l"État hébreu à l"époque ancienne, et transféra de facto l"autorité religieuse des grands-prêtres du Temple aux rabbins. Les Juifs dans l"Empire romain (vers 300) Ces troubles marquèrent ainsi le début de la grande dispersion des Juifs à travers le monde – la Deuxième Diaspora"*.

- Por sua vez, Chantal (2008, p. 90), dá conta que,

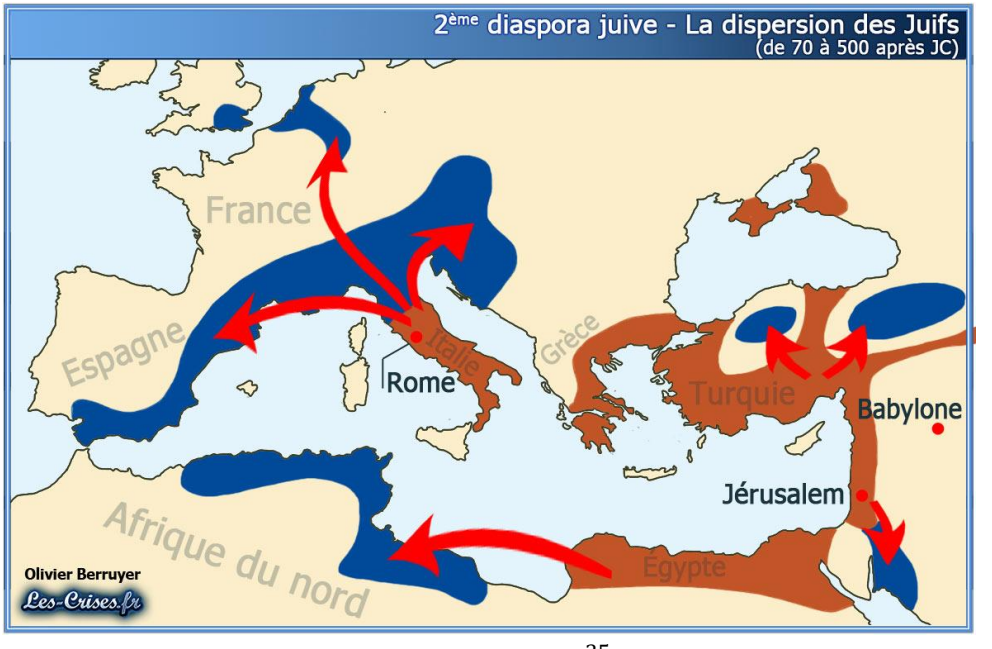
> *"(…) à l'époque de la première guerre juive, Rome, pour des raisons économiques, cherchait à contrôler et à annexer la Palestine en tant que province romaine. Pour ce faire, l'Empire romain s'est gagné la faveur des gens de l'élite, afin que la paix et le calme se maintiennent chez les Juifs. Cette situation, à laquelle vient s'ajouter l'aspect religieux, a provoqué de vives contestations chez le peuple, plus particulièrement chez les zélotes et les partisans de la guerre. Selon eux, accepter la domination romaine sur la Palestine revenait à refuser à Dieu son absolue souveraineté sur le territoire juif. Pour les révolutionnaires juifs, l'élite, en adoptant une attitude favorable à Rome, allait à rencontre de la Loi juive. Or, pour l'aristocratie juive, l'unique façon de protéger le judaïsme était d'accepter la domination romaine (…)".*

---

[34] In: Les Crises – Les dispersions du peuple juif https://www.les-crises.fr/les-dispersions-du-peuple-juif/ 17JUN20

Antes ainda da revolta deste povo e da forte repressão dos romanos durante a inssureição de Bar-Kohba (132 d.C.-135 d.C.) - onde as perdas da população judia poderão ter atingido 586.000 mortes – (Grol, 1980, p. 14), os judeus residentes em Alexandria, habitada por grande comunidade nacional - promovem uma revolta contra os Gregos nessa cidade, em 117 d.C. Esta inssurreição conduz (Encel, 2009) *"à la destruction des communautés juives d'Alexandrie et d'Égypte"* por parte dos exércitos de Roma e à confiscação dos bens desta população exilada.

2ª Diáspora Judia



In: Les crises, 2014[35]

Sobre o mesmo assunto assinalam-se também dois outros contributos:

- Manzoni (2011):

[35] https://www.les-crises.fr/les-dispersions-du-peuple-juif/ 17JUN20

"Au début de l'ère romaine, les Juifs étaient au nombre de 180 000, soit un tiers de la population, et occupaient deux quartiers sur cinq à Alexandrie. La période qui suivra sera désastreuse pour le judaïsme hellénisé d'Egypte qui disparaîtra pratiquement suite à la révolte (115-117) des Juifs contre le pouvoir romain; elle marquera aussi la fin d'Alexandrie la Grande, la très Grande, la très Noble, la très Heureuse, la Splendide (...)".

- Pignon (2012) faz notar que a grande revolta judia do século II d.C. constitui,

"un événement déterminant de l'histoire du judaïsme, qui ouvre une période difficile pour les Juifs judéens tandis que le judaïsme diasporique prend de plus en plus d'envergure sur les plans culturel et théologique. Elle est commémorée dans la tradition juive par le jeûne du 9 avril, et le Mur des Lamentations, à Jérusalem, rappelle la destruction de la ville par Titus.(...)".

Prossegue, afirmando: *"La chute de ce lieu, centre de la vie religieuse des Juifs de Judée comme de Diaspora, signifie aussi la disparition du judaïsme politique, c'est-à-dire de l'État juif des Hasmonéens ; il faut attendre 1948 pour voir de nouveau exister un État juif."*

No seu conjunto esta rebelião terá causado mais de meia centena de milhares de mortos no decurso da primeira luta, esta segunda conduz à morte de 1,1 milhão de mortos – mais 97.000 capturados e levados como prisioneiros para diversos centros do Império -, acrescido de perdas entre a população civil dizimada pela fome. Sobre o mesmo assunto escreveu também Rivelois (op. cit.): *"Les Juifs se révoltèrent à nouveau vainement sous Trajan (vers 110) puis pendant le règne d"Hadrien en 133. En 135, l"empereur Hadrien, venu à Jérusalem en 130, décida de créer une cité païenne sur le site"*. A insurreição conduzida ao tempo de Hadrien (132-136), conhecida por *"segunda guerra judia-romana"*[36]: *"Bar Kokhba organise une armée, instaure un État juif indépendant en terre de Judée, projette de reconstruire le Temple, fait battre monnaie."* Vencidos pelos exércitos de Roma e destruídos os seus templos, regista a mesma fonte:

[36] Révolte de Bar Kokhba. In: https://fr.wikipedia.org/wiki/R%C3%A9volte_de_Bar_Kokhba 7ABR20

"l'expulsion des Juifs d'une grande partie de la Judée et les dures conditions qui leur furent imposées à la suite de la révolte sont vues comme marquant la fin de la relation de peuple autochtone que les Juifs entretenaient depuis plus d'un millénaire avec la terre des anciens royaumes d'Israël et de Juda[. Cet événement contribue donc à la construction du mythe du Juif errant"[37].

Esta designação decorre da história deste povo em luta constante contra os seus opressores, sem país estabelecido até meados do século XX, disperso por diversas nações e continentes, alvo de diversas perseguições desde a antiguidade aos tempos históricos contemporâneos.

Apesar do reconhecimento pelo Império romano da sua condição de cidadãos em 212, a grande revolta judia assinala o início do destino trágico deste povo e o seu exílio pelo mundo. Para além da sua fixação em solo português, na vizinha Espanha permaneceram até 1492, data em que tiveram igual destino marcado pelos Reis católicos, D. Fernando e D. Isabel, situação que se havia registado em solo gaulês e na velha Albion. De Portugal foram expulsos em 1497 por D. Manuel I como se regista no excerto seguinte:

"(...) Determinamos, e Mandamos, que da publicação desta Nossa Lei, e Determinação até por todo o mês de Outubro do ano do Nascimento de Nosso Senhor de mil quatrocentos e noventa e sete, todos os Judeus, e Mouros forros, que em Nossos Reinos houver, saiam fora deles, sob pena de morte natural, e perder as fazendas, para quem os acusar."

A este respeito tomamos ainda uma referência de Newby (1996) sobre a proximidade de relações entre os Judeus e os Islamitas nesses momentos,

"Quand des juifs et les musulmans ont été expulsés de l'Espagne en1492 CE, la majorité des juifs a choisi de se rendre dans des pays Islamiques, plus particulièrement dans les territoires de l'empire Ottomans. Les juifs ibériques ont été si nombreux, bien instruits, et prospères, que la culture juive ibérique a souvent supplantée celle des communautés juives plus anciennes, de sorte

[37] *"Le Juif errant est un personnage légendaire dont les origines remontent à l'Europe médiévale et qui ne peut pas perdre la vie, car il a perdu la mort : il erre donc dans le monde entier et apparaît de temps en temps"*. In: https://fr.wikipedia.org/wiki/Juif_errant 7ABR20

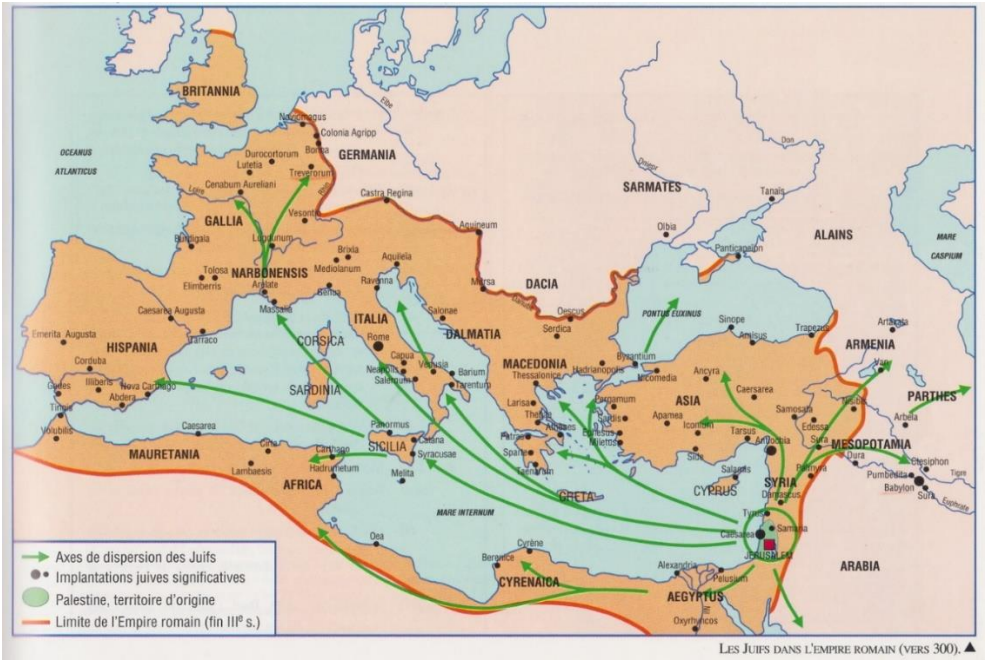
> *que Séfarade est devenu le terme général pour les juifs vivants dans des terres Islamiques".*

As perseguições e alguns massacres assinalam a vida deste povo durante a Idade Média, não melhorando noutros contextos e situações a sorte em países da Europa. Pouco antes da queda do Império Romano do Ocidente, Jullien (1944, p. 14) descreve, numa só frase, a idéia dominante em Roma sobre os Hebreus ao tempo do imperador Octávio: *"en bon romain il se méfiait d'eux, les aventures palestiniennes étant encore présentes à sa mémoire"*. Daí o antissemitismo dominante em diversos períodos, nomeadamente aquando da intitulação da divindade por parte dos chefes imperiais. Os judeus sempre se manifestaram hostis, desencadeando contra eles a força das armas, o incêndio das áreas de residência e sinagogas, a destruição das embarcações de comércio que se dirigiam com produtos para venda na sua atividade. A situação acima descrita voltou a acontecer em 415 (op. cit., p. 20), no Oriente, quando o patriarca Cirilo de Alexandria

> *"fit usage de son autorité en ouvrant contre la colonie juive d'Alexandrie une véritable campagne de persécutions au mépris du pouvoir des autorités civiles (...) le patriarche chassa de la ville après l'avoir dépouillée, la communauté israélite tout entière qui s'élevait à une quarantaine de milliers d'âmes".*

Conclui o autor que mesmo regressando à sua atividade, estes acontecimentos determinaram (loc. cit.) que *"A partir de ce moment il est visible que les juifs se sont souciés surtout de commerce et ont abandonné pour un temps le grand rêve de l'empire messianique"*. Tal agravou-se depois da invasão muçulmana, da conquista e decadência de Alexandria e do crescimento da cidade do Cairo. Uma vez vencidos e deportados como escravos para vários locais do Império - para serviços domésticos, para venda e para a guerra - as instituições judias são suprimidas, alguns dos antigos testemunhos da religião são levados para Roma e o "Muro das Lamentações" permanece como símbolo da glória perdida na cidade, ora designada pelos romanos *Aelia Capitolina* depois da segunda guerra, à qual a população judia e cristã havia perdido acesso.

Diáspora Judia no Império Romano – ano 300 d.C. [38]



LES JUIFS DANS L'EMPIRE ROMAIN (VERS 300).

Como resultado desta ação o templo construído em honra de Júpiter substitui o anterior santuário, dando origem a um sentimento de revolta que vai eclodir em momentos distintos da dominação romana. Em 640 a tomada de Jerusalém pelos árabes e a construção da mesquita no Domo da Rocha, conduz à perda de influência sobre a cidade do povo judeu, dificultando-se a partir de então o acesso à cidade de Jerusalém e reduzindo-se, por esta via, o peso simbólico que ela apresenta para os povos seguidores das antigas Escrituras. Para o período compreendido nesta análise assinalamos ainda as perseguições decorrentes da oficialização da religião Cristã no império romano e outras situações posteriores.

[38] In: Chaliand e Rageau (1991). p. 9 https://books.google.pt/books?id=TO5Z4YSknLsC&pg=PA3&dq=%22les+juifs+dans+l%27empire+romain+(vers+300)&hl=pt-PT&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q=%22les%20juifs%20dans%20l'empire%20romain%20(vers%20300)&f=false 10JUL20

Sobre este assunto, Rivelois[39] (op. cit.) assinala períodos de guerra em que se agravaram as condições de vida desta população, em particular:

- No decurso do Império Bizantino ou Império Romano do Oriente desde a morte do imperador Teodósio:

"à Byzance, sous Justinien (483-565 ap. J.-C.). En 628-629, une révolte juive contre l"empereur byzantin Héraclius conduira à un massacre massif et à l"expulsion totale des Juifs de la région. Néanmoins, certaines communautés juives demeurèrent aux alentours de la terre de Palestine après la dispersion".

Outros permanecem noutras cidades de antiga emigração, como a cidade de Antioquia, local de encontro de judeus da diáspora e de diferentes povos orientais e outros atraídos pela dimensão e dinâmica das suas atividades deste centro de cultura grega.

- No decurso do Império Carolíngio (Carlos Magno: 768-814):

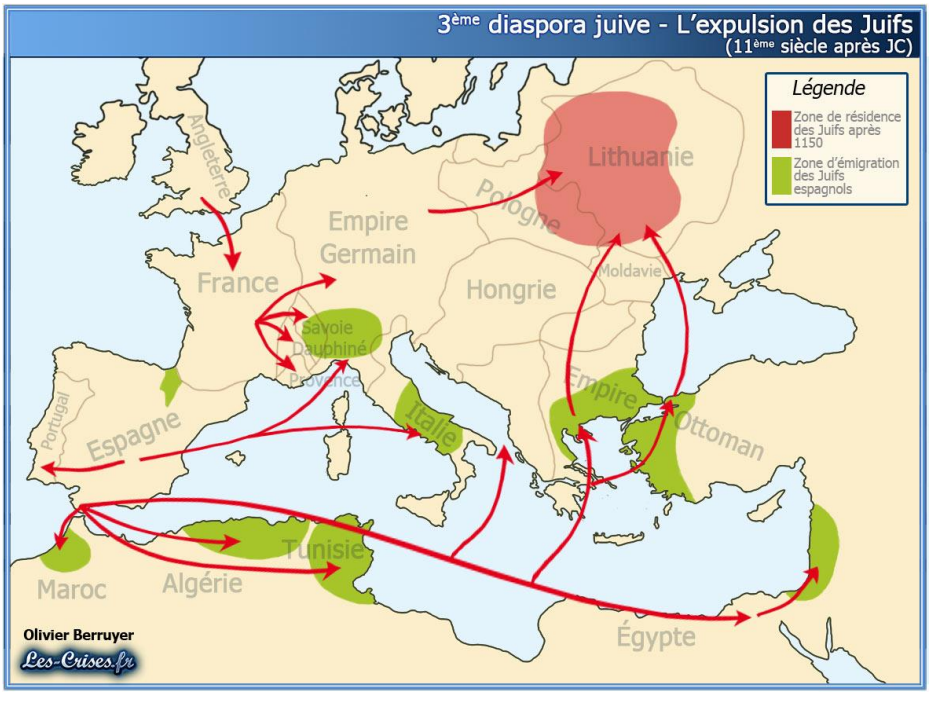
"La persécution des Juifs de Palestine sous l"Empire romain fut à l"origine de mouvements diasporiques du peuple juif dont une partie vint s"installer, d"abord à Rome, puis dans d"autres parties de l"Europe occidentale. Suite à la disparition de l"Empire romain d"Occident (476 ap. J.-C.), les Juifs se retrouvèrent intégrés à l"Empire carolingien unifié et, notamment, dans sa partie qui deviendra, au IXe siècle, le Royaume de France.";

- No decurso da Idade Média (sécs XI a XIV),

"Aux XIe-XIIe siècles dans un climat marqué par les croisades et les débuts de la reconquête (Tolède est reprise en 1085) se développe un anti-judaïsme qui aboutit à des massacres en Europe occidentale. Le concile de Latran (1245) donne une base juridique à ce rejet et les Juifs sont désormais tenus de porter un signe distinctif (la rouelle, disque de couleur jaune ou rouge, symbolisant les 30 deniers de Judas). En 1290, le roi d"Angleterre expulse ses Juifs et confisque leurs biens. Ils trouvent refuge en France du Nord et en Allemagne. Entre 1132 et 1321, les Juifs du royaume de France sont expulsés et rappelés quatre fois (…)".

[39] "Les Juifs se révoltèrent à nouveau vainement sous Trajan (vers 110) puis pendant le règne d"Hadrien en 133. En 135, l"empereur Hadrien, venu à Jérusalem en 130, décida de créer une cité païenne sur le site."

3ª Diáspora Judia – séc. XI



In: (Histoire) Les Dispersions du peuple juif[40].

A sequência deste relato apresenta outros acontecimentos posteriores (loc. cit.):

"L"expulsion de 1394 est la dernière et reste en vigueur dans nombre de provinces de France jusqu"à la Révolution. Il n"y avait pas de limitations professionnelles aux activités économiques des Juifs à Rome, à Byzance ou dans les pays musulmans. Mais celles-ci apparaissent dans l"Occident médiéval. Les Juifs ne pouvaient ainsi pas posséder de terres ni devenir membres d"une guilde de marchands ou d"artisans chrétiens. Un certain nombre d"entre eux, quand ils le pourront, se feront donc prêteurs. Aux XIIIe-XIVe siècles, les Juifs souffrent également de persécutions dans le monde musulman, de l"Egypte à l"Espagne."

[40] In: https://www.les-crises.fr/les-dispersions-du-peuple-juif/ 29JUL20

De acordo, ainda, com o referido autor (loc. cit.), estas perseguições deram origem à *"3ª Diáspora Judia"* que termina com o nascimento do movimento sionista, a decadência do império Turco-Otomano e a criação do Estado de Israel, em 1948, aglutinando a população dispersa (Grol, 1980, p. 308), *"un peuple disseminé depuis 2.000 ans dans les divers pays du monde et enraciné dans l'économie et la culture de ces pays (...)".*

Recuando às fontes bíblicas, o livro do Deuteronómio (Dt, 28:58) anuncia essa ameaça associando-a ao incumprimento da Lei e a sua dispersão (Dt, 28:64) *"por todos os países dum extremo ao outro da terra"*, que será acompanhada da falta de sossego e de descanso (Dt, 28:66): *"Sentirás a vida sempre presa por um fio, vivendo na angústia dia e noite, sem querer acreditar que ainda estás vivo"*. Outras passagens dão conta de diversas circunstâncias que envolveram este povo associadas à sua dispersão no mundo antigo.

2.2 – MOVIMENTOS ASSOCIADOS AO CRISTIANISMO

A análise das migrações humanas relacionadas com a expansão do Cristianismo e movimentos posteriores ligados à defesa dos lugares sagrados que acolheram a vida de Jesus e outros territórios ocupados por crentes da mesma religião, pode ser seguida na sua extensão temporal e territorial desde os primeiros anos da nossa era. Tal dá seguimento às deslocações impostas pelo domínio do Império Romano sobre a terra da promissão de Abrão, dos Patriarcas e dos seus descendentes e da ação de evangelização levada a cabo pelos Apóstolos e fiéis da nova religião numa parte do Crescente Fértil e em nações vizinhas no decurso do Antigo e do Novo Testamento.

De acordo com a tipologia em tempo estabelecida (Arroteia, 2019) importa nesta parte do trabalho discriminar os seguintes tipos de movimentos:

- Os que se integram nas migrações exemplificadas pelas migrações decorrentes do apelo à missão de evangelização, prosseguida pelos Apóstolos e seus seguidores;

- Os que decorrem de ações militares ou marchas de guerra que levam à dominação da população sedentarizada, à sua submissão como cativos, prisioneiros e escravos, bem como os movimentos que conduzem à sua perseguição e morte;

- Os que resultam de deslocações aos lugares sagrados ligados à proclamação do Cristianismo e a outros lugares sagrados para a mesma religião.

Cada uma destas situações merece uma referência particular relacionada com o contexto e as manifestações representativas das migrações, individuais e em grupo, transcritas em cada um dos casos assinalados.

2.2.1 – EVANGELIZAÇÃO

No contexto em que nos situamos após a morte do Messias, cerca do ano 30, a redação dos quatro Evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João e de outros documentos que fazem parte do Novo Testamento (NT) – Actos dos Apóstolos, Cartas e Livro do Apocalipse – constituem os fundamentos escritos da nova religião. De acordo com a SBP (2011, p. 1707) o Novo Testamento, não

> *"tendo a finalidade de substituir as Escrituras dos hebreus nem ser o seu mero complemento"*, apresenta-se *"como testemunha de novos factos e novas palavras de Deus, que dão cumprimento e superam as palavras e os factos do Antigo Testamento, o qual não é simplesmente mantido, mas é colocado numa perspectiva cristã (...)"*.

Para tanto contribuíram os textos *"produzidos na segunda metade do século I, por pessoas que pertenciam ao círculo dos principais discípulos de Jesus, os Apóstolos, e dos seus colaboradores"*, integrando *"vários tipos de literatura que exprimem a diferença de ambientes e de comunicação (...)"*. No caso presente estas fontes são essencialmente utilizadas para conhecer os núcleos principais de fiéis, seguidores da mensagem de Cristo, integrados ou não nas sete Igrejas do Oriente. No seu conjunto a literatura religiosa bíblica abarca os seguintes textos:

- Literatura histórica-narrativa (Mateus, Marcos, Lucas, João e Actos dos Apóstolos);

- Literatura epistolar (Epístolas Paulinas – Romanos, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses, 1 Timóteo, 2 Timóteo, Tito e Filémon), a Epistola aos hebreus e as Epístolas universais (Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 1 João, 2 João, 3 João e Judas);

- Literatura apocalíptica – Apocalipse.

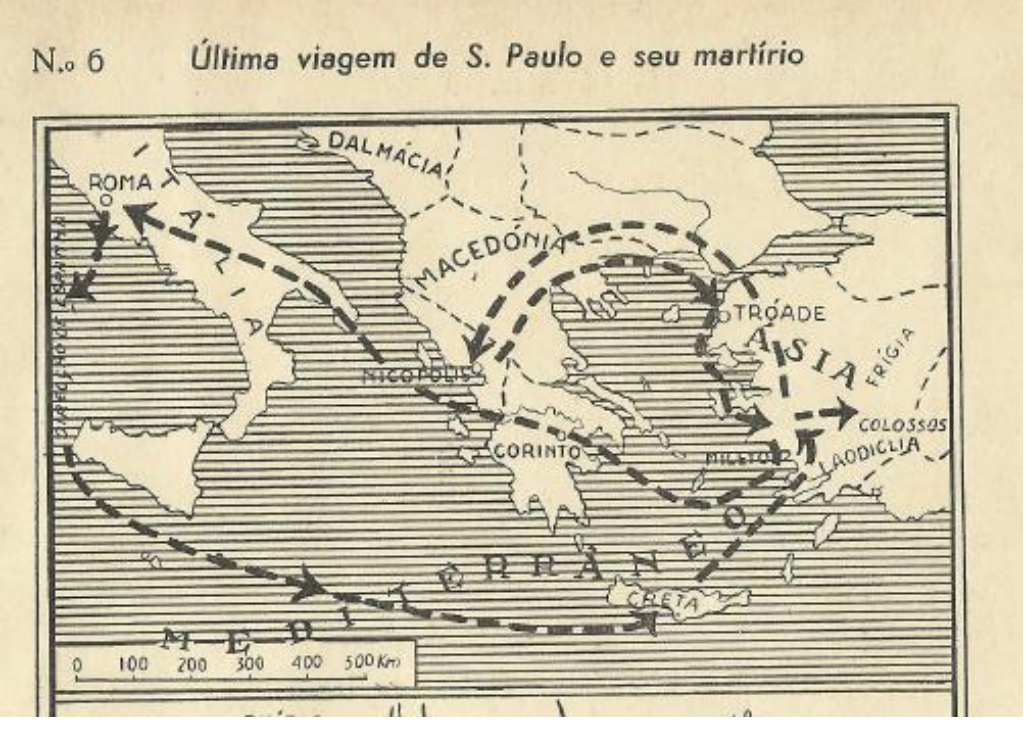
Depois da crucificação de Jesus em Jerusalém, entre o ano 30 e o ano 33, as décadas seguintes foram marcadas pela expansão do Cristianismo e desenvolvimento das primeiras igrejas, conjuntamente com as perseguições aos seguidores da nova religião que terminaram com o Édito de Milão (Séc. IV). Em simultâneo assistiu-se à consolidação e alargamento do império romano em toda a bacia do Mediterrâneo: Levante, Ásia Menor, norte de África e Europa meridional e ocidental. Neste movimento foi destruído o Templo de Jerusalém e ocupada a Judeia, aprisionados os seus habitantes, Judeus e Cristãos, que foram levados para a capital e outras cidades do império. Em território dominado pelo Império romano, o monoteísmo judeu e agora a doutrina dos apóstolos de Jesus, colidiam na sua devoção, práticas religiosas e estatuto social com o culto de Roma e do seu imperador. Permanecendo nos primeiros anos do seu apostolado na Palestina onde celebram o primeiro concílio em Jerusalém, os Apóstolos só nos finais da primeira metade do século I dão início às viagens evangelizadoras (Llorca, 1960, pp. 32-46), das quais salientamos as seguintes:

- Pedro, a Antioquia		em 36-37
- Pedro, prisioneiro em Roma		libertado em 42; morto: 67d.C
- Paulo + Barnabé e João	Antioquia	em 46-49;
- Paulo + Silas	Síria, Ásia menor, Macedónia	em 50-53;
- Paulo + Tito	Asia menor, Éfeso, Macedónia, Grécia, Corinto, Mileto, Cesareia, Jerusalém	em 54-58;
- Paulo	Roma	morto: 67 d.C.

Estabelecida a primeira comunidade cristã em Jerusalém e após a dispersão da nova doutrina, os seguidores de Jesus são confrontados, durante a primeira metade do século I, com

perseguições menores por parte dos governadores romanos levando-os à sua dispersão ao longo das vias comerciais existentes. Já no decurso da segunda metade desse século e depois do incêndio da cidade de Roma, ao tempo de Nero, intensificam-se as perseguições aos Cristãos – 64 d.C. – depois que estes deixam de ser considerados como uma seita Judia e evidenciam, através do culto, os princípios, as práticas e os valores da sua religião. Esta separação verifica-se a partir do momento em que os seguidores de Cristo renunciam às práticas do Judaísmo, nomeadamente a circuncisão, ao tempo de Paulo e confirma-se depois da destruição do santuário de Jerusalém, pelos romanos, no ano 70. Contudo, para estes, o Judaísmo continua a ser tolerado por ser a religião mais antiga.

Última viagem de Paulo



In: Lorca, 1960 (Atlas Histórico)

Após a morte de Nero e a subida ao poder de Vespasianao (68-79 d.C.), a revolta da Judeia dá origem à destruição do Templo de Jerusalém, *"tomado após cinco meses de assédio"* (Castillo, 2006, p.

241). O *"tributo que os judeus pagavam a este templo foi desde então atribuído a Júpiter Capitolino"* (loc. cit.). Prossegue o autor referindo (loc. cit): *"A resistência do povo judeu prolongou-se ainda mais nas margens do mar Morto, em Massada, e quando esta foi impossível por mais tempo, as tropas judias recorreram ao suicídio em massa"*. No domínio das perseguições outros episódios estão incluídos no período da *"Pax Romana"*[41] garantida pelos exércitos nos territórios sujeitos ao domínio de Roma, inclusive à Palestina e ao estado religioso dominado pela tríade dominante de deuses romanos, Júpiter, Juno e Minerva e culto do imperador. No seu conjunto os Apóstolos, após a sua permanência nas terras da antiga Palestina tomaram destinos diferentes, que o texto de Llorca (1960, pp. 32-46), ajuda a conhecer:

- João Evangelista	Éfeso;
- Tiago menor	Jerusalém (Bispo);
- André	Ásia menor e Sítia (Rússia);
- Bartolomeu	Arábia
- Matias	Etiópia
- Judas Tadeu	Síria, Arábia, Mesopotâmia;
- Mateus	Judeia e outros lugares;
- Barnabé	Antioquia, Chipre, Itália;
- Tomé	Índia
- Marcos	Chipre e Roma;
- Lucas	Antioquia, seguindo Paulo desde a 2ª Viagem;
- Timóteo	Éfeso;
- Tito	Creta e Dalmácia;
- Tiago Maior	Peninsula Ibérica (?)
- Filipe	Azoto e Cesareia

Às fontes citadas aquando das migrações bíblicas devemos agora juntar outras referências aos movimentos dos apóstolos e à própria expansão do Cristianismo que permitem conhecer com mais detalhe

[41] Entre 28 d.C. e 1 ano de 180 d. C., data do Imperador Marco Aurélio, defendendo a pax nos territórios dominados por Roma e o bem-estar e desenvolvimento da sua população.

os acontecimentos bélicos ou de outra natureza, que acompanham esta mobilidade humana. Destas origens o Novo Testamento dá informação sobre as viagens dos Apóstolos nas terras da Palestina e noutros locais da bacia do Mediterrâneo a partir dos anos quarenta da nossa era. Tomam-se estes exemplos como migrações individuais ou de um pequeno grupo de seguidores, os Apóstolos, com o encargo de evangelização, entendida como (ECP)[42]: *"proclamação da Boa Nova da salvação de J. C., levada por seu expresso mandamento (Mt 26,19-20; Rm 10,12-18) a todos os povos e culturas".* Os relatos dessas viagens dizem respeito às igrejas já constituídas e junto dos gentios ou pagãos, designação atribuída aos não seguidores da lei de Cristo (1 Coríntios 9:21).

Cada uma dessas deslocações tem um sentido religioso e uma mensagem específica junto das comunidades constituídas em torno das sinagogas existentes ou, em caso contrário, junto dos grupos de fiéis à doutrina Cristã. Importa recordar que a aceitação da nova religião por parte dos judeus emigrados e de outros seguidores gentios, manteve-se até à realização da primeira assembleia dos Apóstolos – Concílio de Jerusalém – realizado por volta do anos 49 ou 50 d.C.. À data continuava a impor-se a lei de Moisés (Llorca, 1960, p. 34), e em particular a circuncisão, sobretudo por parte dos judeo-cristãos, situação ultrapassada nesse Concílio com a não imposição, aos convertidos do paganismo (loc. cit.), de *"nenhum preceito da lei mosaica"* mas, sim (Atos dos Apóstolos 15:29), a seguinte proibição: *"não comam carne de animais oferecidos aos ídolos, nem sangue, nem carne de animais estrangulados, nem pratiquem a imoralidade (...)"*. Esta prática foi substituída pelo batismo Cristão.

Como assinalado o contexto geográfico na época dessas viagens realça a importância das rotas marítimas na bacia mediterrânica e a importância de diversas cidades como centros de comércio e da vida de relação cultural e religiosa. As referências às sete igrejas da Ásia menor (Apocalipse 1: 11): Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia, todas elas situadas no atual território turco, mostram a importância da atividade marítima da Anatólia. Conjuntamente com a lista das Cartas de Paulo, de Pedro, de João e de Judas às comunidades cristãs, evidencia-se a importância de

[42] ECP – Evangelização
http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=756 25 MAI20

outros centros de comércio e rotas de negócios estabelecidas entre os territórios do Mediterrâneo oriental e o Mediterrâneo ocidental com territórios da Gália do Sul, da Hispânia ou mesmo do norte de África.

Cartas

Paulo	Roma (Romanos 1:15)
Paulo	Corinto cidade comercial marítima entre o continente grego e o Peloponeso: Coríntios – Tróade Cor. 2:12
Paulo	Gálatas
Paulo	Efésios - Asia menor
Paulo	Filipos - cidade da macedónia – Europa
Paulo	Colossos - Asia menor 200km de Éfeso
Paulo	Tessalónica – Salónica Capital da prov. Rom. da Macedónia
Paulo	Tito - Creta
Paulo	Filemon - Colossos
Paulo (?)	Hebreus
Tiago	Igreja de Jerusalém
Pedro	Ásia Menor
Pedro	II carta
João	
Judas	

Igrejas da Ásia

Éfeso
Esmirna
Pérgamo
Tiatira
Sardes
Filadélfia
Laodiceia

Alguns desses movimentos terão sido antecedidos por deslocações anteriores de que se dá exemplo a realização do Concílio de Jerusalém no qual participaram os Apóstolos e os *"presbíteros da cidade"* (Llorca, 1960, p. 34) por volta do ano 49-50 d.C., bem como as visitas que deram origem a cartas endereçadas aos Cristãos de diversas comunidades. Destas refere-se a visita de S. Paulo aos Gálatas (SBP, p. 2014), *"antigos celtas gauleses que desde o século III a.C. se haviam estabelecido na Ásia menor, ficando conhecidos por gálatas"* e outras assinaladas nas comunidades das sete Igrejas.

O mundo Cristão dividido em Patriarcados – Idade Antiga

In: Llorca, 1960 (Atlas histórico)

Como fontes desta análise e após o período registado no Livro do Apocalipse tivemos de recorrer à evolução da religião Cristã durante os dois primeiros séculos da História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia[43], composta de 10 livros e redigida pelo bispo da cidade do mesmo nome. Esta narração permite conhecer a evangelização prosseguida pelos sucessores dos Apóstolos e a construção da Igreja até ao ano de 324. A consulta da referida fonte tem particular significado depois de Jesus ter-se *"elevado ao Céu"* (Lucas 24:51) e do início da evangelização dos apóstolos.

Como se depreende a expansão do Cristianismo no decurso dos séculos seguintes desenha uma nova geografia da evangelização que

[43] Bispo de Cesareia – Palestina 265?-340
https://data.bnf.fr/fr/11902007/eusebe_de_cesaree/ 22MAI20

tem por base o território do Império romano, o percurso dos Apóstolos e dos religiosos, a organização da Igreja católica e outros aspetos relacionados com a a História Eclesiástica. No caso presente as migrações servem para ilustrar movimentos entre comunidades já constituídas em territórios de missão, as ligações entre elas e a procura de resgate de lugares anteriormente assinalados como território dos cristãos. Incluem-se nestes domínios os lugares da Galileia e da Judeia percorridos por Jesus e pelos seus discípulos associados à sua vida e pregação e outras referências mais antigas do A.T. ligadas à vida dos Patriarcas, dos Profetas e dos Reis mencionados nas Escrituras.

2.2.2 - PERSEGUIÇÕES

Na sua relação direta com as migrações humanas a descrição das primeiras perseguições desencadeadas sobre os seguidores da doutrina de Jesus tem lugar nos primeiros anos do Cristianismo, ainda na vida de Pedro e de João (Actos dos Apóstolos, 3:2 e 4:1) quando estes foram aprisionados pelos guardas do Templo e pelos Saduceus depois de terem curado um *"coxo de nascença"*. Outros relatos dão conta do aprisionamento de Pedro (Actos 12:17), de Paulo e Silas (Actos 16:27), da prisão de Paulo em Jerusalém e da sua transferência para Roma (Actos 23 e 28). Nesta cidade Paulo, depois de ter sido levado à presença do imperador (Actos 28:30), *"ficou durante dois anos completos a morar naquela casa que tinha alugado"*, depois da sua libertação da prisão no início da quarta década da nossa era. O confronto entre os seguidores da antiga lei mosaica e os apóstolos gera as primeiras contrariedades à evangelização pelos discípulos de Cristo.

A mesma situação será registada nos romanos em relação aos Judeus e mais tarde estendida aos seguidores de ambas as religiões fundadas no credo do Antigo Testamento. Nas suas cartas, Paulo dá conta de algumas dessas ocorrências sugeridas pela influência dos migrantes judeus mais antigos. Por sua vez o livro dos Actos (12:1-5) relata que, *"Nesse tempo, o rei Herodes começou a perseguir algumas pessoas da Igreja. Mandou cortar a cabeça a Tiago, irmão de João. E como viu que isso agradava aos judeus, mandou também*

prender Pedro (…) Depois de prender Pedro, Herodes mandou-o meter na cadeia (…)".

Na sua origem as perseguições contra os crentes da nova religião atingiu os apóstolos Estevão e Tiago, que ficaram inscritos no santoral católico como mártires e testemunhas da vida de Jesus (ECP)[44]. Como relata o livro dos Actos (11:29) essas persecuções atingiram, igualmente, os crentes levando a dispersarem-se para juntos dos irmãos residentes noutras comunidades: *"Entretanto, os crentes tinham-se dispersado por causa da perseguição que começou com a morte de Estevão. Uns foram até à Fenícia, Chipre e Antioquia e anunciavam a palavra de Deus só aos Judeus"*, alargando-se depois a outros cidadãos residentes nos locais de pregação. Sob o domínio de Roma e do seu poder militar, apesar da coação armada e social os seguidores da nova doutrina de Cristo infringiam certos procedimentos da lei romana entre as quais o sacrilégio e a ofensa de desobediência (Llorca, 1960, p. 52) por estes se negarem *"a participar no culto do Imperador e nos sacrifícios nacionais"*. Esta posição era considerada pelos códigos romanos como uma ofensa à *"lei de lesa majestade"*, invocada para muitas dessas perseguições e morte. Tal procedimento, generalizado ao longo dos três séculos em que estas perduraram, justifica a animosidade contra esta população de fracos rendimentos, arrastados para a cidade após as primeiras investidas e mal vistos pelos judeus não convertidos, atitude que se alia ao procedimento dos perseguidos perante a morte, aceitando-a de livre vontade em defesa da fé, como mártires e testemunhas do Cristianismo.

Nos seus movimentos e conquistas as deslocações de povos submetidos ao domínio romano, escravizados, levados para a sede do império e servindo de suporte à vida diária dos seus habitantes, estão implícitas nas suas múltiplas obras e realizações, não sendo no entanto contabilizadas na nossa fonte. Dos exemplos conhecidos contam-se os judeus e mais tarde os cristãos submetidos ao jugo dos vencedores, das suas leis e religião, cujas deslocações, algumas delas em forma violenta de perseguição contra os fiéis da nova religião, foram sentidas em todo o Império romano. A longa lista de perseguidos e os contextos territoriais em que os povos judeus e

[44] ECP – Mártires, Martírio.
http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1191 25MAI20

cristãos foram alvo de persecução confirma a continuidade das migrações forçadas registadas no Antigo Testamento, agora no espaço e tempo do Império romano. Tal permite a sua análise num quadro geográfico fora da antiga terra de Canaã, na cidade de Roma e noutras cidades do Império, dependentes do poder e da lei imperial, nomeadamente Alexandria, Antioquia, Grécia, Itália e antiga Hispânia[45]. A propósito Llorca (1960, p. 31) regista que no mundo romano, Herodes Agripa (ano 42 d.C.) *"desejava congraçar-se"* com os fariseus e os doutores da lei. Daí *"decidiu assestar um golpe mortal contra os cristãos, destruindo os seus chefes. Assim, no ano 42, mandou degolar S. Tiago Maior (...), um dos Apóstolos mais notáveis, e depois, com a mesma intenção, meteu no cárcere o chefe de todos, Pedro"*, decisão que o livro dos Actos dos Apóstolos (12:3) regista ter sido do agradado dos judeus que se contavam entre os apoiantes do imperador, contra a vida de Paulo.

Depois do incêndio de Roma, atribuído por Nero (54-68) aos Cristãos, outras razões justificam a perseguição a que estes são vítimas no decurso dos mais de dois séculos seguintes, *"porque professavam aquela doutrina que os romanos consideravam uma abominação e qualificavam como contrária ao género humano"* (Llorca, 1960, p. 54). Estes acontecimentos mantiveram-se até à instauração do Império Cristão do Ocidente, por Constantino II (337 – 340) e acompanham a evolução histórica e a expansão geográfica do império de Roma na sua relação com a população local, conjuntamente com evangelização que progrediu nesses territórios. A organização territorial e administrativa da Igreja levou à conversão de muitos habitantes e à resistência por parte dos seguidores de outras práticas religiosas. No dizer de Cortázar (2006.X, p. 35) ao tempo,

> *"o Cristianismo juntava-se às restantes religiões orientais para prometer um perdão para os pecados e um mundo extra-terreno, como prémio ou castigo para a actividade humana. Por outro lado recorria ao sobrenatural para se enfrentarem as realidades da crise desencadeada no decurso do século III"*.

---

[45] Cf: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cronologia_da_Roma_Antiga 8JUN20 & https://fr.wikipedia.org/wiki/Pers%C3%A9cution_des_chr%C3%A9tiens_dans_la_Rome_antique 8JUN20

Na relação destas perseguições, na Roma antiga Llorca (1960, pp. 54 e ss) dá conta das diversas fases da evolução deste império em que estas atingiram o seu auge, em particular depois da perseguição encetada por Herodes-Agripas contra a Igreja de Jerusalém (41-44 d.C.) e seus fiéis, num total de dez outras edições que o autor considera divididas em quatro períodos distintos: início, castigo de pessoas e grupos singulares; perseguição geral não sistematizada; perseguições gerais.

1º Período – Princípio		*ano*
1ª	Nero	54-68
2ª	Domiciano	81-96
2º Período – castigo de pessoas e grupos singulares		
3ª	Trajano	98-117
4ª	Marco Aurélio	161-180
3º Período – perseguição geral não sistematizada		
5ª	Séptimo Severo	193-211
6ª	Maximino	235-238
4º Período – perseguições gerais		
7ª	Decius	249-251
8ª	Valeriano	253-260
9ª	Aurélio	273-275[46]
10ª	Diocleciano e Maximiano	303-311

A lista destas perseguições merece algumas notas complementares, a saber:

i) - No início do séc. II da nossa era, em 212, a *Constitutio Autoniniana* concede a cidadania romana *"aos habitantes livres do império"* (Pastor, 2006.IX, p. 11) o que permitiu aos Cristãos ocuparem diversos lugares na administração e no exército. Menos de um século depois, ao tempo de Diocleciano, sobre eles incidiram as deliberações do imperador de *"renegar a sua religião, sob pena de terem de abandonar o serviço militar"* (loc. cit., p. 34). Para Nauroy (2013, p. 13), *"Les chrétiens ont été persécutés, c'est-à-dire poursuivis, traduits en justice, parfois condamnés et exécutés, c'est en raison de leur refus de rendre un culte aux dieux traditionnels de Rome censés protéger l'Empire, d'où le reproche d'être des athées et de mauvais citoyens (...)"* uma vez que não participavam no culto aos deuses seguidos no Império romano.

[46] In: http://www.cosmovisions.com/ChronoRomePersecutions.htm 10ABR20

ii) - As denúncias sobre o comportamento dos Cristãos, a par do reconhecimento das suas virtudes e testemunhos de fé perante a população, contribuíram para a difusão da nova religião (Migne e Chassay, 1843, p. 145): *"On voit les progrès qu'avait faits la réligion chrétienne depuis son institution, durant l'espace d'environ soixante ans jusqu'au temps de Pline: et après lui, les persécutions eurent beau redoubler, eles ne firent que redoubler la nombre des chrétiens"*. Por sua vez Nauroy (2013, p. 13) assinala que *"Nul n'aurait cherché à leur faire abandonner leur religion s'ils avaient aussi honoré les dieux du paganisme, et accepté en particulier de participer aux cérémonies du culte impérial, mais leur foi en un Dieu unique n'était pas compatible avec cette exigence."* Assim, *"Dans un État où l'on pensait que la prospérité et la Fortuna de tous, d'ailleurs divinisée, dépendaient des cultes traditionnels, la personne même de l'empereur était sacralisée: Dioclétien descendait de Jupiter et l'autre Auguste d'Hercule."*

- O conjunto destes acontecimentos terá causado um número elevado de vítimas, devidas essencialmente à negação dos Cristãos da prática e culto aos deuses dos romanos e recusa da prestação de culto ao imperador. Essas perseguições realizaram-se em todo o império, como o relata o texto seguinte (Gauthier):

> *"En 250, l'empereur Dece décida de rendre obligatoire le culte impérial jusque-là facultatif, même s'il était volontiers pratiqué par tous à la seule exception des Juifs et des chrétiens. Les premiers furent exemptés au nom de la vénérable antiquité de leurs traditions, mais non les seconds: c'était condamner à mort ceux qui refuseraient d'apostasier. La répression fut courte car Dèce mourut dès 251. Mais quelques années plus tard, en 257, l'empereur Valérien la reprenait en la dirigeant cette fois-ci explicitement contre les chrétiens. Un premier édit impérial (257) visait les clercs, tenus de sacrifier aux dieux païens sous peine d'exil ou de travaux forcés. Le deuxième (258), plus sévère, condamnait à mort tous les chrétiens qui refuseraient de sacrifier".*

As referidas ações dirigiam-se aos Cristãos em geral uma vez que a sua religião era considerada como um perigo para o império romano. Completando o registo anterior, assinala-se, de Pastor (2006. IX, p. 34), nos finais do III século a publicação de

"quatro éditos sucessivos, a 'grande perseguição' contra os cristãos, que passou a ter um carácter geral e sistemático. Pelo primeiro deles proibia-se o culto cristão e ordenava-se também a destruição das igrejas, livros e objectos de culto (...); o segundo condenava a prisão a todos os clérigos e obrigava-os ao sacrifício. O terceiro concedia a liberdade a todos o que fizesse sacrifício aos deuses romanos. O quarto e último obrigava todo o mundo romano ao sacrifício sob pena de morte para o que se negasse".

- A extensão e a necessidade de reforma em torno de uma tão vasta e diversificada área geográfica (Ghauthier, 1998) de povos, paisagens e culturas diferenciadas (Claval, 1992, p. 9), aliada à ameaça das invasões bárbaras nas fronteiras do Reno e do Danúbio, juntamente com (Nauroy**,** 2013, p. 9), *"la menace de la monarchie perse en Syrie, des insurrections et des tentatives d'usurpation à l'intérieur desfrontières, sans compter une crise économique et financière récurrente"*, obrigam o imperador Diocleciano, em 293 d.C., à reorganização do poder centrado nas pessoas de dois Augustos e de dois Césares. De acordo com este autor, esta aliança assentou (op. cit., p. 11) numa

"absolue solidarité dans l'exercice d'un pouvoir indivis, le pouvoir législatif restant entre les mains du seul Dioclétien, mais aussi une subtile hiérarchie entre les deux Augustes, Dioclétien l'emportant sur son collègue Maximien, lesquels ont eux-mêmes autorité sur les deux Césars, Constance Chlore et Galère".

Para sedes desta nova organização territorial, foram escolhidas: Milão e Trèves; Sirmium (Sérvia) e Nicomédia (Izmit – Turquia).

- Apesar das perseguições em todo o Império o culto Cristão continua a expandir-se em diversos centros da Síria, da Ásia Menor, do Egipto, das ilhas gregas, do reino da Arménia[47] e da cidade de Roma, habitada por judeus de condição mais modesta ou anteriormente arrastados pela escravatura ou já por habitantes conduzidos para aí noutras circunstâncias. Acontece que o período das perseguições durou mais de trezentos anos, a última das quais, designada por "grande perseguição", foi levada a cabo por Diocleciano, Maximiano, Galerius e Constantino, em 303 d.C. e no dia dedicado Júpiter. Estas ações, extensivas a todo o império,

[47] https://www.evaneos.fr/armenie/guide/851-l-armenie-berceau-du-christianisme/ 8ABR20

nomeadamente à Hispânia, vitimaram alguns mártires hoje celebrados no Santoral religioso, como Emérito, Caledónio e Vicente. Ocorrem, também, num período de maior centralização do poder político, depois das ameaças e conflitos causados pelas invasões dos bárbaros antes do final da primeira metade do primeiro milénio.

vi) - Em 313 d.C., o édito de Milão, ou "édito de paz", promulgado por este último imperador após a sua conversão, permite a liberdade religiosa aos Cristãos do ocidente, a devolução dos bens anteriormente confiscados, a *"igualdade do Cristianismo com as demais religiões"* (Llorca, 1960, p. 115); no Oriente estas operações prolongam-se por mais algum tempo. Em 325 Constantino II toma a iniciativa de convocar o primeiro concílio católico e ecuménico em Nicéia. Como assinala Marco (2006.IX, p. 62) a partir do reinado de Constantino II:

- a Igreja continuou a aperfeiçoar a sua organização terrena, criando os seus *episcopi* (bispados) e, gradualmente, *"um Estado dentro do Estado, com cidadãos próprios – os clérigos – e bens próprios (...)"*; Roma vai assumindo um papel cada vez mais influente perante as demais cidades do Ocidente, que se concretiza com o abandono da cidade no século IV, deixando ao bispo de Roma (Cortázar, 2006.X, p. 63) a autoridade máxima da cidade imperial"; no Oriente *"proclama-se a primazia de Constantinopla (apesar dos protestos de Alexandria e de Antioquia)"* (Marco, 2006.IX, p. 62). Tal decorre da visão de Constantino face à dimensão do Império e à localização excêntrica de Roma face aos domínios do Oriente;

- o Cristianismo, *"graças à adopção dos línguas locais, que a nível local promove – expande-se também para fora do Império, servindo à civilização mais do que à 'romanitas'"* (loc. cit);

- Acentua-se a separação entre o mundo Cristão: o oriental *"falava grego e estaria submetido à tutela imperial durante mais de mil anos; o ocidental sofreria, de seguida, a invasão dos povos germânicos"*.

vii) - O fim do Império Romano do Ocidente, em 476, com a destituição do imperador Rómulo Augusto, por Odoacro, confirma a primeira partilha do Mediterrâneo (Cortázar, 2006.X, p.41), apoiada por *"poderosos elementos básicos: a economia, a sociedade, a língua, a cultura e as formas religiosas, que tendiam a diversificarem-se,*

entre as zonas oriental e ocidental do Império". Mais ainda, como faz notar este autor (loc. cit.):

> *"O resultado não podia ser outro senão uma série de assimetrias entre ambas; e, em geral, ninguém aspirou a aplaná-las pacificamente. O desconhecimento primeiro, o alheamento depois, o ódio mais tarde, e, por fim, o confronto militar e teológico, foram passos sucessivos que, na prática, esconderam as assimetrias entre as duas áreas do Império"*.

Na consumação deste ato as migrações dos povos germânicos e a sua fixação na terra do império de Roma foram responsáveis pela decisão de Teodósio que em 395 abriu a porta à partilha (op. cit., p. 44): *"nessa data o imperador confirmava a invasão e legalizava a entrada dos bárbaros, firmando um tratado com os chefes Visigodos: com eles alimentará os quadros do exército e os altos postos da administração"*. Ao tempo, a visão apocalíptica de São Cipriano, em meados do século III (Cortázar, 2006.X, p. 50), assinala o seguinte:

> *"O mundo envelhecido perdeu o seu vigor (...); O Inverno não traz chuvas que cheguem para alimentar as sementeiras, nem o Verão calor que baste para amadurecer as colheitas (...); faltam cultivadores no campo, marinheiros no mar, soldados nos acampamentos (...); não há justiça nos julgamentos, competência nos ofícios, disciplina nos costumes (...); a epidemia dizima os homens (...); o dia do Juízo aproxima-se"*.

Estas são situações que fazem recordar outros momentos da história da humanidade.

No contexto geográfico restrito da Península Ibérica, o domínio árabe acabou por gerar um conjunto de perseguições (Llorca (1960, pp. 265-266) em particular contra os moçárabes que se prolongaram por mais de um século, entre meados do século VIII e o século IX.

III – AS MIGRAÇÕES NA IDADE ANTIGA E IDADE MÉDIA

Nesta parte do trabalho interessa-nos a análise dos movimentos da população registados na Idade Antiga e na Idade Média iniciados com as invasões de povos exteriores ao império romano, os povos germânicos. Por habitarem fora das fronteiras do império de Roma eram considerados como bárbaros. Não sendo o mundo mediterrânico um condomínio fechado esta situação acabou por se agravar com a chegada destes povos, a que se aliaram escandinavos, húngaros e serracenos, que em momentos distintos exerceram a sua influência sobre os povos do ocidente e do sul da Europa. Complementarmente a estes movimentos interessa-nos ainda as migrações de natureza religiosa que se desenvolveram e atravessam o mundo Mediterrâneo em direção às terras do Crescente Fértil, onde se situa Jerusalém e os demais locais referidos na Bíblia associados aos Patriarcas, aos Juízes, aos Profetas e, sobretudo, à vida de Jesus Cristo. Neste grupo inserem-se as peregrinações e os movimentos de natureza religiosa e militar identificados com as cruzadas do ocidente e do oriente, em particular estas que na sua maior extensão atravessaram o mar Mediterrâneo que serve de fronteira ocidental à terra de Canaã (Nr 34:1-7), a partir do qual são alinhadas as referências geográficas da Terra prometida. Conjuntamente com elas surgem outros acidentes geográficos como a "ribeira do Egipto", o rio Jordão e o rio Eufrates, além de diversos montes e montanhas assinaladas nas passagens das Escrituras – em sentido real e figurado, referindo-se à *"montanha do Senhor"*, lugar do Templo de Jerusalém, no monte de Sião (Isaías, 2:2-3) - como centros de povoamento ou tão só de passagem, inscritos em mapas de representação escrita ou tão só na memória dos povos da Antiguidade e que tinham como referência o mar salgado.

Estes movimentos, alguns assinalados no Novo Testamento, entrecruzam-se com as migrações relatadas no Antigo Testamento, realçando a complexidade dos movimentos da população e das migrações alimentadas pelos sentimentos de religiosidade dos vencedores e dos vencidos, dos ocupantes e dos exilados, dos desterrados e refugiados. Esses migrantes são obrigados a escolher

novos destinos de paz e de liberdade para as suas atividades e deslocações entre territórios de ocupação e territórios sagrados, pertencentes aos antigos domínios do Egipto, da Mesopotâmia, do Mar de Sal, *"isto é o mar Morto"* (Dt 3:17), do Mar Vermelho (Ex 13:18) e do mar Mediterrâneo (Nr 13:29). Na sua extensão abrangem o território do centro europeu, mas o seu desenvolvimento acabou por atingir o mundo mediterrânico e proporcionar, a partir da baixa Idade Média e do tempo das cruzadas, a elaboração de importantes roteiros de viagens, sobretudo em terras do continente asiático, relevantes para o conhecimento do mundo desconhecido da Ecúmena. Pensamos nos exemplos das Viagens de Marco Polo (século XIII), do berbere Ibn Battuta (século XIV) a África e à Ásia e a outros relatos que acabam por ter influência nas descobertas dos séculos seguintes, na produção literária desse tempo e no incentivo a novas explorações que assinalam os interesses geopolíticos, diplomáticos e comerciais de então.

Discutindo o significado dos diferentes termos usados no desenvolvimento deste assunto importa assinalar a distinção entre peregrino, cruzado-peregrino, emigrante. O primeiro faz o seu caminho movido pela fé e promessas de redenção, associadas; o segundo, junta às intenções anteriores, uma missão militar de defesa do património sagrado da sua religião; o último, é incitado nessa viagem por um conjunto de razões onde se inclui a melhoria das condições materiais da sua existência. Tendo presente a tipologia estabelecida em trabalho anterior (Arroteia, 2019) temos presente o seguinte:

- A existência de migrações individuais e coletivas, livres e forçadas, seguindo um apelo de fé ou integradas em marchas militares;

- A sua ocorrência em espaços transnacionais alargados dominados por civilizações, religiões e poderes distintos.

As migrações nesta área, já ocorridas durante a dominação romana, intensificaram-se após a conversão do imperador Constantino, em 313 d.C. e da peregrinação de sua mãe à Terra Santa, onde mandou erguer a Basílica do Santo Sepulcro e outras igrejas. A livre circulação num império cristianizado acentuou a importância de Jerusalém como centro de peregrinação para os

Cristãos do ocidente e do oriente, movimento que revestiu natureza religioso-militar no decurso das Cruzadas. A este respeito assinala o Musée de Cluny (2008, p. 20):

> *"Croisés et migrants sont également des termes qu'il faut dissocier. Parmi les croisés, certains restent en Terre Sainte à l'issue de la croisade: ce sont des 'croisés migrants'. Il convient de les distinguer des migrants, c'est-à-dire des Occidentaux venus s'installer dans les Etats latins d'Orient entre les croisades: il s'agit alors d'un processus d'immigration, distinct de la croisade même s'il en est la conséquence".*

O mundo Cristão – ano 600 d.C.[48]

[48] In: (Histoire): Les dispersions du peuple Juif https://www.les-crises.fr/les-dispersions-du-peuple-juif/ 10JUL20

Ao longo percurso medieval esta bacia fica igualmente assinalada por grandes movimentos da população, internos e externos, a saber:

- Os primeiros, associados aos processos de reconquista, ao fortalecimento das necessidades de defesa e de povoamento, ao crescimento das cidades medievais. Neste contexto inscreve-se o incremento de diversas atividades humanas ligadas aos artífices e ao comércio, ao incremento da agricultura, da exploração da floresta e da pesca e à intensificação das migrações internas no espaço territorial dos novos estados. A este respeito importa transcrever a opinião de Menjot (2013. In: Quertier, Chilà e Pluchot, p. 17) sobre as migrações internas:

> *"Même 's'il n'y a pas de migrations en Europe à la fin du Moyen Âge' au sens de déplacements durables et massifs d'une population, les sociétés médiévales sont des 'sociétés en mouvement' (...). Les historiens ont maintenant bien mis en évidence la mobilité des populations et l'importance du phénomène migratoire dans l'essor démographique des villes à partir du XI siècle, puis dans la reconstruction qui fait suite à leur dépeuplement causé par les calamités du XIV siècle"*;

- Os segundos correspondem a movimentos trans territoriais exemplificados pelas invasões a que o continente europeu foi submetido antes e durante a Idade Média associados a crises climáticas, à procura de melhores solos, à conquista de novos espaços por parte de povos oriundos de várias partes do continente asiático obrigando-os a deslocarem-se para sul das suas fronteiras, e que acompanham as invasões. Na sua relação com os continentes vizinhos os traços de mobilidade humana na área da bacia do Mediterrâneo prolongam-se pelo litoral de três dos continentes reunidos na antiga Pangeia e que após a deriva dos blocos de maior dimensão permitiu a formação do mar, quase interior, separado da vasta superfície oceânica atlântica pelas Colunas de Hércules.

Contrariamente ao destino deste gigante não temos de abrir caminho para além delas mas, sim, procurar nos traços das antigas civilizações mediterrânicas as razões que ditaram a este enorme cemitério humano, as marchas que integram o sistema migratório euro-afro-asiático, alimentado por causas de defesa e de expansão de valores religiosos associados às antigas religiões Abraâmicas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Na sua essência estas três

religiões integram no seu passado e nos diversos ciclos do seu desenvolvimento, um traço comum associado às migrações humanas, de natureza livre e forçada ou já impostas pelo culto e peregrinação. Mais ainda, a expedições singulares e coletivas, verdadeiras marchas de guerra a que se aliaram sangrentos combates terrestres sobre as areias desérticas dos continentes asiático e africano, pouco acolhedoras para os habitantes de uma Europa mais fresca, húmida e viçosa, de povoamento mais denso e ruralizado, igualmente beneficiária de grandes eixos de circulação e comércio, de cidades e portos favoráveis ao ecumenismo mercantil e às relações humanas, procuradas pelos invasores da Ásia interior.

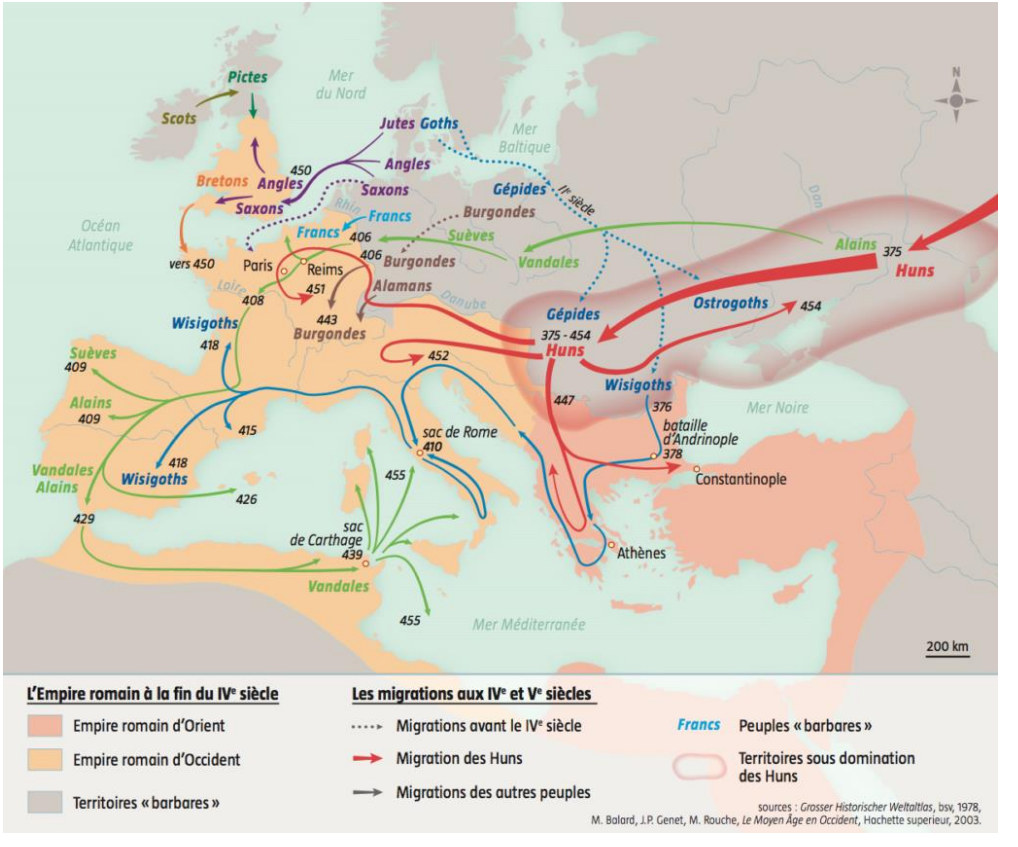
3.1 - INVASÕES

A entrada de grupos de população armada em território estrangeiro corresponde a um tipo de migração humana alimentada por desígnios militares de conquista e dominação de um espaço e de uma sociedade, é por demais conhecida no período alargado desta análise. Consideram-se como exemplo as grandes invasões bárbaras registadas a partir do ano 375, causadas pela chegada dos Hunos, oriundos das estepes asiáticas, que conduziram às migrações dos povos germânicos que depois de ultrapassarem o vale do Reno passaram a ameaçar a estabilidade das fronteiras do império de Roma e à queda do Império Romano do Ocidente, em 476. Mais tarde o movimento de outros povos asiáticos, desta vez oriundos da Mongólia, levaram ao fim do Império Romano do Oriente, em 1453. Assim:

No século III o império romano começou a registar a chegada de vários povos, tanto a oriente como a ocidente, causando baixas significativas aos seus exércitos. No primeiro caso a Mesopotâmia é invadida pelo exército persa em 241 (Cf. Mayer et *alii*, 1995, p. 11-12). A mesma pressão é registada no ocidente a partir da segunda metade do século III, fazendo-se sentir na Inglaterra, nas bacias do Reno, sobre as fronteiras da Gália, de Itália e de Espanha, ao longo da bacia do Danúbio, lançando-se a partir daqui para as regiões da Ásia Menor, do Ponto e do Bósforo. Regista o mesmo autor (loc. cit.):

"le territoire impérial est donc véritablement encerclé, assiégé, d'autant qu'entre ses enmies s'opèrent, à l'occasion, de dangereuses jonctions, celles des Goths et des perses en Anatolie, ou celles des Francs parvenant jusqu'au Sud de l'Espagne avec les Maures d'Afrique". Estas ameaças incluíam novas estratégias militares assentes na intervenção rápida da cavalaria, para a qual o exército romano, de exércitos armados, mas viajando a pé, não estavam habituados a lidar.

Invasões dos povos bárbaros – Ocidente europeu[49]



Uma nota sobre a pressão exercida pelos povos bárbaros sobre o território do império de Roma permite situar a extensão geográfica destas invasões (op. cit., p- 13-14):

[49] In: Migrations de l'Antiquité au XXIème Siècle. https://lelephant-larevue.fr/thematiques/les-migrations/ 18FEV19

- No ano de 250, os Godos ocupam a Média e chegam às Balcãs;

- Em 253-254, o xá persa, Sapor I invade a Anatólia, a Mesopotâmia e a Síria, saqueia a cidade de Antioquia, importante entreposto comercial do oriente, antes de ser contido pelos exércitos de Roma;

- Em 254 os Francos arrasam a Gália belga e os povos germânicos atravessam os Alpes e atingem a Itália até Ravena;

- Em 259, nova ofensiva persa e vitória destes em Edessa sobre Valério, imperador romano, que conduz ao cativeiro e morte do imperador;

- Em 260 (loc. cit.), *"Les Francs se jettent sur la Gaule, poursuivent leurs courses jusqu'en Espagne et certains d'entre eux passent même en Afrique"*;

- Em 267, é a vez de os Godos atacarem a Anatólia, os Balcans e a Grécia, levando a que Roma liberte a Dácia, no baixo Danúbio;

- Em 275-276, os Francos e os povos germânicos, espalham-se por toda a Gália, perturbando toda a vida social e económica de então, situação que se estende pela bacia do Mediterrâneo, na Sicília e nas margens deste mar. Estas situações sugerem uma reorganização das forças militares e do sistema político permitindo a sua manutenção nos dois séculos seguintes;

- Em 376, os Visigodos ocupam a bacia do Danúbio e em 410 pilham a tomam a cidade de Roma. Prosseguindo para ocidente a sua marcha, depois de tomarem a Península Itálica, ocupam o sul da Gália e Espanha, assinalando esta ocupação com a escolha de Toulouse como capital do reino visigodo (século V).

Acerca da ação desenvolvida pelo rei visigodo Alarico II, escreveu Diehl (1919): *"Mais l'ambition d'Alaric l'entraînait davantage encore vers l'Occident; en 402, il envahissait l'Italie; il y revenait en 410, s'emparait de Rome, et, par l'établissement définitif des Wisigoths en Gaule et en Espagne, (…)"*. Prossegue o referido autor (loc. cit.), assinalando que *"Trente ans plus tard, les Huns entraient en scène. (…) Dans la seconde moitié du Ve siècle, les Ostrogoths, à leur tour, entraient en lutte avec l'empire, qui dut les prendre à son service, leur accorder des terres (462) et combler leurs chefs d'honneurs et d'argent"*, circunstâncias que conduziram à queda do império de Roma em 476, ficando o império romano do oriente o herdeiro do

antigo território fundado nesta cidade. Assinala ainda (loc. cit) que este gozou

> *"un grand prestige aux yeux des souverains barbares qui s'étaient taillé des royaumes en Gaule, en Espagne, en Afrique, en Italie, quoiqu'il réclamât toujours sur eux de vagues droits de suzeraineté, en fait, par les territoires qu'il possédait, cet empire était surtout oriental. Il comprenait la péninsule des Balkans tout entière, à l'exception de la partie nord-ouest, l'Asie Mineure jusqu'aux monts d'Arménie, la Syrie jusqu'au delà de l'Euphrate, l'Égypte et la Cyrénaïque."*

Estes movimentos são acompanhados da chegada de outros grupos de população oriunda das estepes asiáticas, Alanos, Vândalos e Suevos que atingem o leito do Reno no final de 406, ameaçando com a sua presença e a dos Visigodos, a estabilidade das províncias ocidentais do império romano. Na sua relação com o território português observa Ribeiro (1987, p. 87) que *"os bárbaros vieram em massa nos começos do século V, primeiro como invasores à mão armada, depois como colonos nos fins do mesmo século"*. Antes ainda da queda deste domínio, os Vândalos atingem o norte de África, através de Tânger, em 429, disputando com os exércitos romanos aí presentes a ocupação do território situado a oriente desta cidade. Entretanto, juntamente com os que haviam ocupado o sul da Gália e Espanha, prosseguem com a conquista de Cartago, em 440, abrindo caminho para a queda de Roma e do seu império, em 476.

O fim do império romano do ocidente, antecedida da morte do imperador Teodósio, em 395 (Herodote.net)[50] *"et la séparation définitive de l'empire romain entre une entité orientale et une entité occidentale, la* 'pax romana' *n'est plus qu'un souvenir"* uma vez que tal coincidiu com a alteração das condições climáticas na Europa central que

> *"ont poussé les rudes nomades de ces régions, qui vers l'Extrême-Orient et la Chine, qui vers l'Occident et l'Europe. Menacés par ces nomades (Huns et Turcs), les Germains accentuent leur pression sur les frontières de l'empire romain."* Daí que (loc. cit.), *"Les*

[50] Herodote.net In: https://www.herodote.net/L_agonie_de_l_Empire_romain_d_Occident-synthese-115.php 15ABR20

empereurs concèdent à certaines tribus le droit de s'établir avec armes et bagages dans telle ou telle région dépeuplée. Les villes de l'empire se font peu sûres. Leurs habitants se réfugient dans les campagnes et se mettent sous la protection de riches et puissants propriétaires. Les échanges commerciaux et l'usage de l'écrit se raréfient".

No século V a distribuição dos povos bárbaros[51] podia resumir-se ao seguinte: os Francos, dominavam a bacia do Reno; os Alanos, a planície da Alsácia; os Borguinhões, o vale do Reno; os Vândalos, dominavam a Hispânia. Finalmente os Hunos, comandados por Átila (395-493), originário das estepes asiáticas, acabou por construir um império ao longo da planície do Danúbio e do mar Cáspio até ao território alemão. A queda do imperador foi antecedida pela pilhagem de Roma no início desse século e pela conversão dos Godos e dos Borguinhões ao Cristianismo, antes da invasão.

- No período correspondente ao início da Idade Média verifica-se, para além da expansão do Cristianismo na Europa, a afirmação do domínio temporal da igreja de Roma sobre o poder régio e território dos diversos reinos então constituídos. Regista-se ainda a expansão do Islamismo na bacia do Mediterrâneo a partir do século VII e a sua implantação na Península Ibérica. Mais tarde, no século XIII, a Europa é invadida pelos exércitos mongóis sobre os quais, Le Bas (1847, p. 504) escreveu o seguinte:

"Ce fut des immenses plaines de la haute Asie, des vastes contrées d'où les Huns et les Turcs étaient sortis, que partirent les Mongols, pour élever le plus grand empire qu'ait jamais éclairé le soleil. Tchinghis ou Gengis-Khan, qui le fonda, était né vers 1163. (...). Dans les soixante-huit années qui suivirent, les quatre premiers successeurs de Gengis soumirent presque toute l'Asie et une grande partie de l'Europe".

Estas invasões atingem o norte e o centro da Europa contribuindo para dizimar e reduzir à escravatura os habitantes desses territórios, hoje ocupados pela Rússia, Polónia, Boémia e Morávia, Áustria, Hungria, Croácia. À data parte deles eram ocupados pelos exércitos do Império Romano do Oriente. Neste

[51] In: http://passerelles.bnf.fr/faits/pas_2399.php 23MAI20

contexto importa assinalar três ciclos distintos de migrações registados neste período:

- O primeiro, assinalado pela peregrinação de Cristãos aos lugares sagrados de Jerusalém, à procura de relíquias, à reflexão sobre a mensagem de Cristo e obtenção de graças divinas;

- O segundo, foi marcado pelo surgimento e expansão da doutrina do profeta Maomé e da sagração de Alá como Deus único, Criador, Poderoso, Sábio, Clemente e mais 94 atribuições reconhecidas pelo Islão, bem como pelas marchas de guerra que assinalam a sua expansão por todo o Oriente asiático, pelo norte de África e Europa meridional, em particular na Península Ibérica. Este período;

- O terceiro e último período correspondente à baixa Idade Média, marcado pelo surgimento e expansão do Islamismo e pelas marchas de guerra que acompanham o processo de reconquista cristã, o movimento das cruzadas e os movimentos de reconquista dos territórios ocupados durante a expansão sarracena. Estes movimentos ficaram associados à formação de novos reinos Cristãos na Europa, e à criação dos reinos latinos de Jerusalém, antes do termo da Idade Média.

A estes fenómenos societais juntam-se os acontecimentos dentro da Igreja Católica relacionados com a separação da Igreja de Roma, da Igreja de Constantinopla, em 1054 – dando origem à Igreja Ortodoxa – que culminou no século XIII, em 1204, por altura da quarta cruzada e do saque a esta cidade; à constituição do Império Latino de Constantinopla e ao domínio dos Patriarcas latinos sobre o território então sob alçada dos patriarcas gregos. Esse domínio terminou em 1261 com a retoma da cidade pelos bizantinos o que acentuou as divergências causadas pelo cisma do oriente do século XI e a separação das duas igrejas: a Igreja Católica de Roma e a Igreja Ortodoxa de Constantinopla. A estas situações seguem-se, no século XVI, a crise religiosa ligada ao movimento de Reforma Protestante iniciado por Martinho Lutero (em, 1517) e o movimento de Contra-Reforma Católica, desencadeada pelo Concílio de Trento (1545 a 1563).

Nesta sequência importa assinalar dois grandes tipos de movimentos de população, relacionados com as migrações de natureza religiosa, no decurso da Idade Média: as peregrinações

aos lugares sagrados e as cruzadas que contribuíram a aproximação entre as Igrejas cristãs do oriente e do ocidente. As primeiras tomam como destino o país de Jesus e os locais associados à sua vida e pregação; as segundas, tendo os mesmos locais de destino, destinam-se à libertação desses territórios em poder dos Islamitas e à conservação das memórias e dos símbolos religiosos Cristãos tal como foram experienciados pelos seus discípulos e fiéis de antanho.

3.2 – AS PEREGRINAÇÕES A JERUSALÉM

As viagens dos crentes a lugares sagrados constitui prática de diversas religiões tendo sido institucionalizada desde a fixação do povo hebreu e da construção do Templo de Jerusalém pelo rei Salomão. Para os Cristãos (ECP)[52] estas são *"expressão da piedade popular com profundas raízes bíblicas e históricas"*. Daí as diferentes dimensões que assumem, nomeadamente a penitencial e festiva, a cultural e apostólica e a (loc. cit.) "*de comunhão, pela caminhada, em conjunto, dos peregrinos em clima de entreajuda e caridade fraterna."* Evocando a sua evolução no tempo a ECP (loc. cit.) assinala ainda que,

> *"Na vida da Igreja, as peregrinações reduzidas nos primeiros séculos ao culto dos mártires, alargou-se, depois da paz de Constantino (séc. IV), aos lugares santos da Palestina e tiveram a época de oiro na Idade Média, sobretudo à Terra Santa, a Roma (romarias), Santiago de Compostela, Tours, etc. Passada a crise protestante, a partir do séc. XIX, surgiram com novo fôlego as peregrinações a santuários modernos, como os de Loreto, Czestochowa, Guadalupe, Aparecida, Lourdes, Fátima, etc."*

Como ponto comum da peregrinação, em particular das primeiras viagens a Jerusalém, temos o encontro do peregrino consigo próprio e com Deus levando-o a percorrer a cidade santa como outros locais sagrados do Antigo Testamento: Monte Sinai (onde Moisés recebeu as tábuas da Lei), Rio Jordão (batismo de Jesus), Mar da Galileia e

[52] ECP – Peregrinações: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1475 26MAI20

locais, fora da Palestina, associados à vida dos Apóstolos (Tiago Maior), como Santiago de Compostela e à história da Igreja, em Roma. Na sua origem está a celebração das três grandes festas do povo hebreu associadas à saída do Egipto e chegada à terra Prometida permanecendo como testemunho da Aliança estabelecida com o Senhor. São igualmente sinal do incumprimento, da mensagem divina como se destacou em diferentes situações das migrações bíblicas e que se traduzem em diversos movimentos registados no grande cenário geográfico dominado pelo Crescente Fértil e na bacia do Mediterrâneo nos anos seguintes à vida de Jesus Cristo, associados à evolução do Judaísmo e à divulgação da nova religião Cristã nos territórios adjacentes.

Não longe do berço civilizacional mediterrânico no final do século VII o nascimento de uma nova religião monoteísta, a religião Islâmica, profetizada por Maomé, vai colidir com os interesses e limites de expansão destas duas religiões mais antigas, obrigando a movimentos da população que seguem o padrão das migrações forçadas levadas a cabo pelos romanos. Acompanhando a evolução do domínio Islamita sobre o Mediterrâneo as rotas destas viagens alteraram as rotas tradicionais das peregrinações a Jerusalém. Em quaisquer dos casos, a cidade de Constantinopla manteve-se como centro de passagem quer para os peregrinos continentais da Europa, quer mesmo para os que percorriam a Península Itálica seguindo depois por mar para a Grécia e para esta cidade.

Pela sua natureza separamos as peregrinações conhecidas no decurso da Idade Antiga das que se registaram na Idade Média, dando particular realce às romagens ao Médio Oriente aproveitando os circuitos e as rotas comerciais já estabelecidas. Neste contexto a bacia do mar Mediterrâneo, já conhecida pela intensidade das suas rotas comerciais, militares, religiosas e vida de relação - assim como as terras limítrofes a meridião e a setentrião deste mar - animam-se com as marchas de guerra, as guerras santas, as peregrinações dos fiéis e dos viandantes, dos corremundos e dos comerciantes que aproveitam o traçado das muitas rotas oceânicas e terrestres para fazer chegar aos mercados os produtos mais exóticos da época, os escravos, os metais e as preciosidades exploradas nas paragens mais recônditas do planeta só aproveitados pelos peregrinos mais abastados.

3.2.1 – IDADE ANTIGA

As primeiras peregrinações da nossa era correspondem às que se incentivaram após a oficialização do Cristianismo como religião formal do império romano. Na sua origem está o movimento de Evangelização de Jesus Cristo e dos seus apóstolos nos territórios da Galileia, Judeia e Samaria, alastrando progressivamente para a Ásia menor e a outros territórios habitados pelo povo judeu a partir do século I da nossa. Circunstâncias várias relacionadas com a ocupação romana sobre as terras do Crescente Fértil e a bacia do Mediterrâneo, associadas às tradições religiosas e sociais seguidas por este povo, estão na origem da sua errância, de diversas diásporas e à formação de comunidades que inicialmente constituem-se como espaços de eleição para a criação de grupos de Cristãos e de Igrejas – no sentido de assembleia da mesma *Polis* ou cidade (ECP, Igreja)[53]. Este foi o padrão dominante que acompanhou a implantação do Cristianismo em terras da bacia do antigo *Mar Nostrum*, do norte de África e do sul do continente europeu, já habitadas pelo povo Judeu.

Depois da Egira de Maomé e da criação da religião Islâmica, a *Jihad* conduz a guerra santa aos inimigos da nova religião levando à sua expansão através das rotas do continente asiático, do continente africano e do sul de Europa. No seu todo deu início a um longo período histórico de ocupação moura e de reconquista por parte dos reinos Cristãos constituídos na Idade Média e condicionam a evolução militar e política dos ciclos seguintes. A este respeito comenta La Blache (loc. cit.): *"O Cristianismo romano inscreveu-se nos quadros do Império do ocidente, como o cristianismo grego nos do Império do oriente"*. Mais ainda (loc. cit.): *"Foi à custa deste Império e dos Impérios persa e dos Sassânidas que o Islão constituiu o seu domínio"*, já de si engrandecido com a herança das gerações mais antigas do Egipto, da Caldeia e da Macedónia.

Nos territórios do império, em 313, o Édito de Constantino, também designado por Édito de Milão[54] concede aos fiéis de Cristo

---

[53] In: ECP: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=939 30MAR20

[54] https://www.histoire-pour-tous.fr/dossiers/4502-ledit-de-tolerance-de-milan-13-juin-313.html 8ABR20

em nome da segurança e do bem público, a liberdade religiosa (Nauroy, 2013, p. 18). Por sua vez, em 330, regista-se a conversão da Etiópia à religião Cristã e em 380 é publicado o Édito de Tessalónica, reconhecendo o Cristianismo como religião oficial do Império. A sequência de deslocações aos lugares sagrados de Jerusalém intensifica-se depois da peregrinação da mãe do imperador Constantino, "Augusta" Helena (326 a 328 d.C.) ter realizado a peregrinação a Jerusalém e aí ter fundado a Basílica da Natividade e outra no monte das oliveiras. Para Roy (1859, p. 7) estas edificações *"accrurent l'ardeur des pèlerinages en Palestine"*.

Estes acontecimentos permitem o alargamento do território dominado pela Igreja Cristã, que a partir do Concílio de Niceia, em 325 – convocado para obter a unidade religiosa (Llorca, 1960, p. 149) - passou a estar estruturada, no ocidente, em Paróquias, Dioceses e no Patriarcado de Roma. No oriente formaram-se cinco Patriarcados, a saber: Constantinopla, para a Tácia; Éfeso, para a Ásia; Cesareia da Capadócia para o Ponto; Antioquia, para o Oriente e Alexandria para o Egipto. Esta organização permitiu uma proximidade maior entre os crentes e as autoridades eclesiásticas, facilitando a intensificação da organização administrativa religiosa.

A par dos acontecimentos acima referidos importa assinalar o contributo do imperador Constantino na concessão da liberdade religiosa nos territórios sob dominação de Roma, como a construção de uma nova cidade, Constantinopla – a nova Roma – com uma situação geográfica que lhe permitia (Diehl, 1919), "*au point où l'Europe se rencontre avec l'Asie, par l'importance militaire et économique qui en résultait, Constantinople était le centre naturel autour duquel pouvait se grouper le monde oriental."* Esta visão fundamenta-se na progressiva ameaça das invasões dos povos germânicos sobre as bacias do Reno e do Danúbio, registadas desde a primeira metade do século IV quando os Hunos pressionaram os Visigodos a refugiarem-se no império romano, onde solicitaram asilo e terras para cultivo, acabando por pressionar a queda do imperador em Roma. Este acontecimento assinala o início da Idade Média igualmente marcada por perdas significativas da população em resultado da guerra, da fome e de pestes que atingiram os habitantes. Tal aconteceu sobretudo no século VI em que há relato de diversas epidemias que atingiram territórios do antigo império

romano, a que se associa a peste negra que atingiu posteriormente toda a Europa em meados do século XIV.

As peregrinações da Idade Média estão igualmente associadas à criação de ordens militares (ECP) - como *"confrarias de homens de armas que, submetidos a uma regra comum e animados de forte mística, assumiam determinadas obrigações de ordem religiosa, moral e social"*. Estas congregações desenvolveram-se a partir do século X com a afirmação da cavalaria e em defesa do Cristianismo e dos lugares santos de Jerusalém. Hoje em dia a peregrinação (ECP)[55] consiste na deslocação a santuários e a outros lugares sagrados associados ao culto dos mártires *"alargou-se, depois da paz de Constantino (séc. IV), aos lugares santos da Palestina e tiveram a época de oiro na Idade Média, sobretudo à Terra Santa, a Roma (romarias), Santiago de Compostela, Tours, etc. (...)".* Tal como nas outras migrações humanas, as peregrinações podiam ser livres e espontâneas, por devoção e apelo ou então impostas perante uma falta grave cometida pelo peregrino e remida através dessa viagem, da oração e do óbolo prescrito pela autoridade eclesiástica. Para Labande (1958, p. 161) os registos destas viagens constam de itinerários e descrições da expedição, de monografias de santos e recolha de milagres, doações e documentos diplomáticos, registos literários associados aos feitos ou à vida dos peregrinos.

Como assinalado, depois da conversão de imperador Constantino ao Cristianismo, da extensão desta religião à Palestina e da peregrinação de sua mãe, "Augusta" Helena (326 a 328 d.C.) a Jerusalém, esta cidade passou a ser local de outras viagens da mesma natureza para orar na basílica do Santo Sepulcro, deslocação que podia ser alargada a outros locais bíblicos – Monte Sinai e Monte Tabor, Belém e Nazaré, Rio Jordão e mar da Galileia. Contudo, anteriormente a este relato, há indicação de outras viagens, tais como:

- Por volta de 160-170 d.C., um dos padres da Igreja, Melito de Sardes, bispo desta comunidade da Ásia menor, terá realizado uma viagem a Jerusalém para preparação da *"Homilia sobre a Pascoa"* (Ramirez, 1978, pp. 3-38):

[55] ECP – Peregrinações http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1475 25MAI20

"La Escritura del éxodo hebreo ha sido leida y las palabras del misterio han sido explicadas: cómo ha sido inmolada la oveja y cómo es salvado el pueblo. a) El misterio de la Pascua. Mas ahora, comprended, amados, cuán nuevo)' cuán antiguo, cuán eterno y cuán pasajero, cuán corruptible y cuán incorruptible, cuán mortal y cuán inmortal es el misterio de la Pascua. (...)".

- Em 212, há notícia da viagem Alexandre da Capadócia (Meunier, 1891, p. 14) e em 215, a visita de Origen de Alexandria (Murphy-O'Connor, 2012, pp. 178-179) que terá igualmente peregrinado à cidade santa a convite do Bispo Alexandre tendo visitado, para além desta cidade, Belém e a gruta do nascimento de Cristo.

- Durante a Idade Antiga e com a divulgação da notícia da construção da basílica do Santo Sepulcro em Jerusalém, La Brosse (2019) menciona três outras viagens de natureza religiosa ocorridas antes do começo da idade Média, num período em que o império romano do Ocidente começava a dar sinais de declínio militar. Assim:

- Em 333, a deslocação de um peregrino de Bordeaux, - importante cidade da Aquitânia junto do rio Garonne – e a memória escrita dessa deslocação em texto: *Itinerarium Burdigalense*[56]. Esta viagem realizada em 333 e 334 e o seu regresso, em 337, seguiu as vias romanas que estruturaram o império romano. Foi realizada ao tempo de Diocleciano II, seguindo o percurso de um Cristão dos primeiros séculos e tem a indicação das paragens, distância em milhas entre cada uma elas e a descrição dos lugares sagrados, denotando a riqueza da carga simbólica que tais lugares provocava a quem os visitava. A este respeito lê-se na apresentação deste relato (Meunier, Préface, 1891): "*Le pèlerin, qui les a écrites s'était proposé, en se rendant à pied au tombeau du divin Sauveur, de satisfaire sa piété d'abord et d'être utile ensuite"*. Aproveitou a oportunidade da inauguração da Basílica do Santo Sepulcro, em 335, mandada erguer pela mão do imperador Constantino II. De, Meunier (1891, pp. 7-8), transcrevemos as principais etapas do peregrino e o mapa extraído

[56] Veja-se, também: Sartin e Althoff (2014): "Itinerarium Burdigalense uel Hierosolymitanum (Itinerário de Bordeaux ou de Jerusalem): Texto latino, mapas e tradução comentada". In: Scientia Traductionis, nº 15. pt/artigo/itinerarium_burdigalense_uel_hierosolymitanum_itiner%C3%A1rio_de_bordeaux_ou_de_jerusal%C3%A9m_texto 18JUN20

de Sartin e Althoff (2014, p. 367) com a indicação dos trajetos de ida, por Constantinopla e de regresso, por Milão.

Itinerário de Bordeaux ou de Jerusalém: 333-334 d.C.

Mapa 16: locais destacados nos mapas anteriores; em branco estão os locais mencionados no trajeto de ida até *Hierusalem* e em laranja os mencionados na volta até *Mediolanum* (Milão). A sequência na ida foi: *Bordegala* (Bordeaux) > *Arelate* (Arles) > *Mediolanum* (Milão) > *Aquileia* (idem) > *Sirmium* (Sremska Mitrovica) > *Serdica* (Sófia) > *Eraclea* (Marmara Ereğlisi) > *Constantinopolis* (Istambul) > de barco até a *Bithynia*, depois por terra até *Anchira Galaciae* (Ancara) > *Tarsus* (Tarso) > *Tirus* (Ṣūr) > *Caesarea Palestina* (Kesariya) > *Hierusalem* (Jerusalém). Na volta, a sequência foi: novamente *Caesarea Palestina* (Kesariya) > de barco até *Eraclea* (Marmara Ereğlisi) > *Thessalonica* (Saloniki) > *Aulona* (Vlorë) > de barco até *Odrontum* (Otranto), no extremo leste da península itálica > *Roma* (idem) > *Riminum* (Rimini) > novamente *Mediolanum* (Milão).

In: Sartin e Althoff (2014, p. 367)

Itinerário do peregrino:

"Bordeaux (Burdigala) - Toulouse (Tholosa) - Narbonne (Narbone) – Nimes (Nemausus) - Arles (Arellate) - Valence (Valentia) - Gap (Vapinco) - Briançon (Brigantium). Il franchit les Alpes Cottiennes et arrive à Suze (Segusio). Il traverse l'Italie septentrionale par Turin (Taurinis) - Milan (Mediolanum) - Padoue (Patavi) et les Alpes Juliennes, pour gagner les bords de la Save, les Balkans et le

Bosphore, par: Laybach (Emona) - Ezzek (Mursa) - Belgrade (Singiduno) - Nich (Naïso) - Sophia (Serdica) - Felibé (Philopopuli) - Constantinople (Constantinopolis). Franchissant le Bosphore, le pèlerin bordelais traverse la Chersonèse d'Asie par: Kadi-Keuï (Chalcedonia) - lsmid (Nicomedia) - Angora (Anchira-Galatia) - Kaisarieh (Colonia-Archclausl) - Tarsous (Tharso). Il arrive en Syrie et en Palestine par Antachieh (Antiochia) et Beyronth (Berito), et enfin au but suprême de son pèlerinage, JÊRUSALIIM (Hierusalerm)."

Sobre este assunto, Mayeur, Pietre et *alii* (1995, p. 601) registam o seguine:

"Si laconique que soit ce document, il témoigne pour la rupture que constitue dans le voyage du pélerin l'arrivé aux Lieux saints: jusque-lá simple énumération dês étapes parcourues, il s'enrichit brusquement à Naplouse, avec le puits de Jacob et la tombe de Joseph, de l'évocation des sites vénérés, qui culmine à Jérusalem et lors de deux excursions menées, l'une au Jourdain et à la mer Morte, l'autre à Bethléem et Hébron".

Mais ainda: *"Dans la sécheresse même de ces mentions point une véritable phénoménologie du pèlerinage dont le jornal de voyage d'Égérie (...) pérégrinant du Sinai à Constantinople entre 381 et 384, constitue le saisissant témoin".*

- Depois de 380, a peregrinação à Palestina e a Jerusalém de Egeria ou Aetheria (Maraval, 1982), autora da obra *Peregrinatio* (Martins, 2014, p. 280 a 294), constitui outra fonte a consultar. O manuscrito original de *Arezzo*, como foi conhecido após a sua descoberta, em 1833, contém relatos da peregrinação da autora por terra e mar, entre o ano de 381 e 384, até ao Egipto, seguindo depois para o monte Sinai, Jerusalém, Monte Nebo, Idumeia, Mesopotâmia e do seu regresso por Constantinopla (loc. cit.). Contém ainda uma descrição da *"Liturgia de Jerusalém"*, nomeadamente das festas Pascais. De acordo com Oliveira (2014, p. 8), *"o berço de Egéria e o local donde partiu para a sua viagem/peregrinação, tinha Bracara Augusta como capital ou conventus e os seus limites integravam o norte português e as actuais Galiza e Astúrias".*

Sendo estes os relatos das primeiras peregrinações a Jerusalém, importa acrescentar a atração deste lugar como centro de reflexão

e de estudo, consubstanciado no exemplo de S. Jerónimo, que depois de várias viagens a Jerusalém e agora refugiado na santa gruta de Jerusalém aí concluiu, em 405, a versão original da Bíblia Latina conhecida por Vulgata Latina. Esta versão, vertida em livro por Gutenberg em 1454 como a primeira obra impressa foi adotada como texto oficial da Igreja no Concílio de Trento em 1546. Conhecida desde então por Sixto-Clementina Vulgata foi a seguida desde 1592 por vários séculos, até ao final dos anos setenta de Novecentos. De acordo com Roy (1859, p. 7), baseado em escritos do religioso Jerónimo, verifica-se a vinda de peregrinos *"de l'Inde, de l'Ethiopie, de la Bretagne et de l'Hibernie; qu'on les entendait chanter dans des langues diverses les louanges de Jésus-Christ autor de son tombeau. Il dit qu 'on envoyait de toutes parts des aumônes au Calvaire"*. Mais ainda, *"dans la seule ville de Jérudalém il y avait tant de sanctuaires qu'on ne pouvait les parcourrir en un seul jour"*.

As dificuldades de seriação das diferentes viagens de peregrinação ocorridas aos lugares sagrados de Jerusalém sugerem que tomemos como referência o registo de Lalanne (1846), que dá conta dessas deslocações desde o século VI até às cruzadas do século XI e seguintes. Depois da abertura do Império romano à propagação da doutrina cristã os fiéis são chamados a visitar os lugares sagrados de Jerusalém – *"le Lieu par excellence où l'homme reencontre Dieu"* (Zumthor, 1993, p. 81) e a partilhar essa experiência com os demais. A referência às personalidades que nelas participaram realça a importância das deslocações dos dignatários da Igreja bem como a indicação de acompanhantes que os seguem. Para além das peregrinações isoladas outras tiveram lugar com séquitos de maior dimensão, incluindo a participação de um corpo de defesa pessoal, de clérigos e eventualmente de nobres e fiéis que faziam engrossar estes grupos de peregrinos. Com o reforço do poder temporal do Papa, outros relatos podem ser encontrados, nomeadamente os que se referem a embaixadas endereçadas ao Pontífice de Roma ou ligadas a intervenções deste sobre o poder temporal dos reinos Cristãos.

No período correspondente ao terceiro e ao quarto séculos, Lalanne, (1846, pp. 23-31) enumera um conjunto de peregrinações de diversas individualidades religiosas e outras, como a da mãe do imperador Constantino II, já descrita (loc. cit.):

- "212 - Saint Alexandre, évêque de Cappadoce. Il lui fut ordonné dans une vision, en 212, d'aller à Jérusalem, dont il devint patriarche la même année.
- 325 - Sainte Hélène + Saint Triphylle, évêque de Leucosie (Chypre), mort vers 370. Il fut accompagné par sa mère +, sainte Mélanie, noble dame romaine, morte à Jérusalem vers 411, et Ruffin, d'abord l'ami, puis l'adversaire de saint Jérôme.
- 382, Saint Porphyre de Thessalonique, qui devint évêque de Gaza. Il eut pour compagnon Marcus son disciple, qui a écrit la relation du voyage. Tous deux travaillèrent à Jérusalem pour gagner leur vie. (...)
- 385, Sainte Paule.
- Saint Philorome, ami de saint Basile. + Deux évêques de Brescia, saint Philaster.
- 383, saint Gaudence, qui vivait encore en 410 (...)".

Acerca do período em que ocorreram estas viagens regista Roy (1859, p. 8) a acalmia social desse período: *"sur la fin do IVe siècle et au commencement do Ve, les pèlerinages à Jerusalem étaient tellement multipliés, qu'ils donnaient lieu à des abus contre lesquels s'élevèrent avec force, entre autres saint Grégoire de Nysse, saint Augustin et saint Jerôme".* Apesar destes contratempos locais outros se fizeram sentir relacionados com a extensão da deslocação, atravessamento de diferentes regiões, insegurança, perigos e seus custos, esse movimento prossegue durante a alta Idade Média. Tal beneficia da pregação religiosa, da expansão das ordens religiosas e da fixação de novos habitantes em Jerusalém, o que se repercute no desenvolvimento e na estabilidade social da região. No seu estudo, Lalanne (1846, pp. 23-31) assinala, uma lista de peregrinações no século V, onde consta a de um português, Paulo Orosius:

- "De 414 à 416, Paul Orose, qui rapporta en Espagne des reliques de saint Etienne, les premières qui furent transférées en Occident. Vers la même époque, l'Espagnol Ávitus qui avait pour but, comme Orose, de consulter saint Jérôme; on sait que ce dernier passa une partie de sa vie à Bethléem.
- 438 ou 439, Eudoxie, femme de Théodose II. Son époux avait fait vœu de l'envoyer à Jérusalem s'il vivait assez longtemps pour voir sa fille mariée

- Vers la fin du 5e siècle, sainte Apollinaire, petite-fille de l'empereur Anthemius."

Como assinalado o relato destas peregrinações incluiu a marcha de um religioso natural de Bracara Augusta que terá concluído uma viagem a Jerusalém entre 415 e 423[57] e deixado um relato da mesma, em 423, assinado por Paulus Orosius[58]. Esta mesma indicação está contida num estudo de Noya (2013, p. 86) que indica ter sido a mesma realizada por indicação de Santo Agostinho, que

"lo manda a Jerusalén para que estudie con San Jerónimo, a la sazón residente en Belén, tras la toma de Roma por Alarico en 410. Orosio llega ese año 415 a la ciudad santa y es invitado a participar en el Concilio de Jerusalén, celebrado en julio, para juzgar a las doctrinas de Pelagio. Esto desencadena un grave conflicto entre el Obispo Juan de Jerusalén, protector de Pelagio, y San Agustín y San Jerónimo, que hablaban por representación de Orosio, Del lado de Orosio se situaron los obispos Eros de Arlés y Lázaro de Aix. (...)". Mais ainda: *"no seu regresso da Palestina terá ainda participado no Concilio de Cartago (loc. cit). ENORCA Orosio abandonó Palestina entre los últimos días de 415 y principios de 416, en cualquier caso siempre tras el 26 de diciembre de 415, fecha de traslado y depósitos de las reliquias de San Esteban. San Jerónimo lo despidió con palabras de alabanza, «virum honorabilem fratrem meum, filium dignationis tuae» 62 (Hombre muy honorable, hermano mío e hijo de tu dignidad)".*

Tendo desaparecido em Menorca depois desse acontecimento, nada sabemos do roteiro usado por este clérigo e por outros, nas suas deslocações a Jerusalém. Somos no entanto tentados a pensar que os mesmos deveriam ter recorrido ao traçado das antigas vias romanas, eixos de circulação relevantes na construção do Império de Roma na Europa ou seguido itinerários marítimos atravessando o mar Mediterrâneo igualmente conhecidos dos navegadores e comerciantes. Sobre este assunto, Micheau (1978, p. 79 e 90 e ss)[59] em estudo realizado sobre os

[57] As datas indicadas por LALANE e por ROY não são coincidentes.

[58] https://en.wikipedia.org/wiki/Orosius 26MAI20 e Gòmez de Aso (2011)

[59] MICHEAU, Françoise (1978) Les itinéraires maritimes et continentaux des pèlerinages vers Jérusalem. In: Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public, 9. congrès, Dijon, 1978. Occident et Orient au Xe siècle. pp. 79-104 doi: https://doi.org/10.3406/shmes.1978.1275

itinerários dos peregrinos a Jerusalém entre 870 e 1026-1027, afirma o seguinte:

- *"Les pèlerins qui prennent la route pour gagner la Terre Sainte, en un mouvement continu que rien n'interrompit du IVe au Xle siècle, sont pour nous des témoins d'une chrétienté inquiète de son salut ; mais ils sont aussi le signe de liaisons toujours existantes, bien que souvente difficiles et limitées, entre l'Occident chrétien et le Proche-Orient" (...)*;

- *"Jusqu'au début du Xle siècle, le pèlerinage vers Jérusalem est une expédition maritime, que seuls deux ou trois compagnons osent tenter, bravant les dangers de la mer que sont tempêtes et pirates. L'itinéraire classique, dont le voyage de Bernard le Moine est un bel exemple, passe par l'Italie du Sud; là les pèlerins s'embarquent pour l'Egypte d'où ils rejoignent la Terre Sainte par terre Sur leur route, la ville de Rome et le monastère du Mont-Cassin sont des étapes importantes, la première en raison de l'autorisation et de la bénédiction accordées par le Pape Sur leur route, la ville de Rome et le monastère du Mont-Cassin sont des étapes importantes, la première en raison de l'autorisation et de la bénédiction accordées par le Pape (...)"*;

- *"Peu après 1010, les conditions semblent brusquement changer et des termes géographiques (...). Itinéraire non plus maritime, mais continental qui permettait de gagner, par la vallée du Danube, Constantinople. La route traversait ensuite l'Asie Mineure, longeant peut-être les côtes comme le suggéreraient les mentions d'Ephèse et de Myre, pour atteindre Antioche et Jérusalem (...)".*

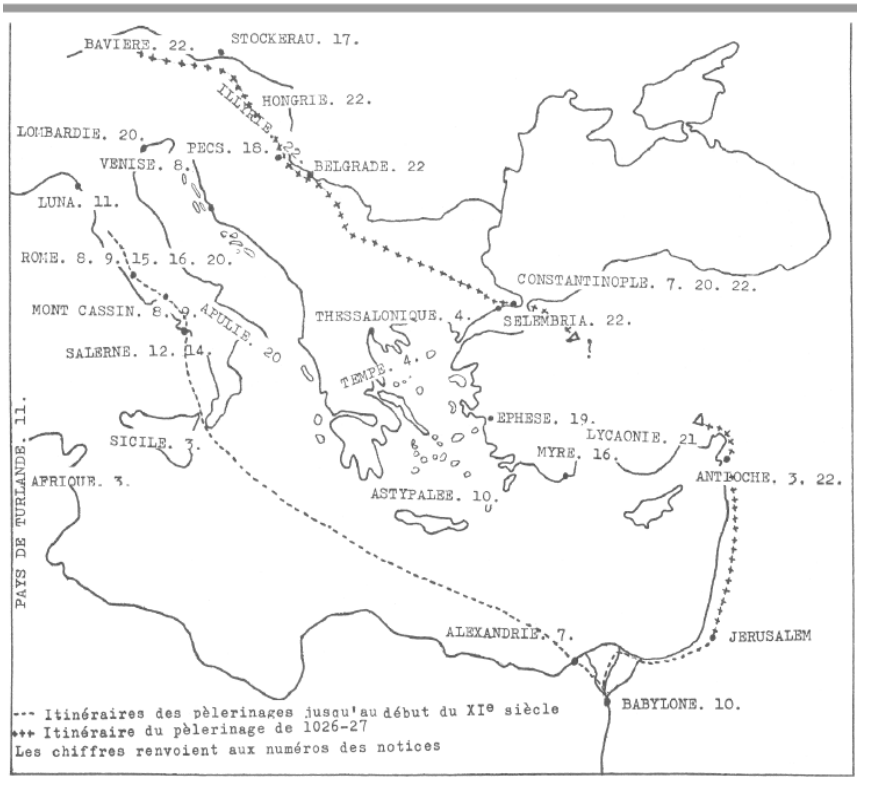
Estas mudanças estão relacionados com o domínio e o poder sobre as águas do Mediterrâneo oriental pelas frotas do Império Bizantino e dos Islamitas do Egipto. Na sua relação com o Oriente bíblico e a evolução do império de Roma escreve Lalanne (1846, p. 4):

"Bien que la destruction de l'empire romain et la conquête franque eussent rompu les liens qui avaient attaché si longtemps la Gaule à l'Orient, on peut voir néanmoins, dans Grégoire de Tours, à quel point, en Occident, on s'intéressait à tout ce qui concernait la

https://www.persee.fr/doc/shmes_1261-9078_1979_act_9_1_1275

Palestine, et quelle sympathie on éprouvait pour ce malheureux pays".

Itinerários daperegrinações a Jerusalém: 870 a 1026-1027



In: Micheau, 1978, p. 92

Os relatos das peregrinações Cristãos ao longo do tempo são um testemunho dessa realidade embora as circunstâncias relacionadas com os perigos de uma viagem tão prolongada e estadia nas terras do oriente, percorridas e associadas à vida de Cristo e dos seus apóstolos, não fossem as melhores, nomeadamente as causadas pela população de origem judia. Assim o assinala o referido autor (op. cit., p 5): *"Les juifs de Palestine faisaient, avec usure, expier aux chrétiens les outrages dont leurs coreligionnaires étaient abreuvés dans l'Occident"*.

3.2 – IDADE MÉDIA

A evolução das peregrinações aos lugares santos de Jerusalém anda a par da evolução de religiosidade nesse período, das pregações religiosas e do incremento das festas religiosas dedicadas a Jesus Cristo, à Virgem Maria e aos Santos, veneração que deu origem (Llorca, 1960, p. 294) a *"grande número de Santuário ou lugares de peregrinação"*. Na sua relação com o oriente bíblico e evolução do império de Roma, estas viagens ao oriente, depois da queda do Império Romano do Ocidente, são entendidas por Lalanne (1846, p. 4) como um gesto de fraternidade dos cristãos ocidentais em relação aos seus irmãos do oriente:

> *"Bien que la destruction de l'empire romain et la conquête franque eussent rompu les liens qui avaient attaché si longtemps la Gaule à l'Orient, on peut voir néanmoins, dans Grégoire de Tours, à quel point, en Occident, on s'intéressait à tout ce qui concernait la Palestine, et quelle sympathie on éprouvait pour ce malheureux pays".*

Como assinalado estas peregrinações alimentavam-se do cumprimento de promessas individuais, da penitência imposta pela Igreja e da devoção popular incrementada pelo florescimento de mosteiros e conventos de ordens religiosas, de fiéis com disponibilidades para encetar uma viagem expiatória ao centro do mundo Cristão, do reconhecimento popular desse feito. A este respeito nota Rajohnson (2015, p. 141) o caráter ascético e espiritual das primeiras peregrinações, a sua antiguidade e o valor mística da viagem a Jerusalém. Acrescenta o referido autor (op. cit., p. 142): *"Le voyage à Jérusalem s'affirme en effet à la fin du Moyen Âge comme le meilleur de tous, comme une forme superlative de pèlerinage"* que se acentuou depois da perda de Jerusalém e da concessão de indulgências plenárias aos peregrinos. Nestas circunstâncias (op. cit., p. 143), *"C'est cette prééminence spirituelle que reflète le nom de 'saint voyage'"*, situação que se intensificou depois da perda de Jerusalém (op. cit., p. 142), o que *"elle accentue encore la difficulté et donc la valeur de ce périple incertain, dont ceux qui en revenaient aimaient à souligner le danger – et en premier lieu, le danger marin, véritable topos des relations de pèlerinage à*

Jérusalem". Este é o destino bíblico associado à vida de Cristo (loc. cit.) que *"contribue à affirmer la sainteté supérieure de cette destination, qu'aucun autre pèlerinage ne saurait égaler".*

Algumas destas deslocações de natureza religiosa decorrem, também, da participação de Bispos e outros religiosos em trabalhos da Cúria Roma; da participação de embaixadas junto do Bispo de Roma e depois da queda do Império Romano do Ocidente e queda gradual do poderio do Império Romano do Oriente, das solicitações de ajuda aos irmãos da mesma fé residentes fora dele. Estas manifestações foram acompanhadas de alterações militares e políticas que se fizeram sentir em toda a bacia oriental do mar Mediterrâneo e que se repercutiram em todo o mundo ocidental.

As notícias relacionadas com as ameaças sofridas nessa parte do oriente suscitavam o interesse dos fiéis levando-os a participarem de forma diferenciada, nomeadamente através de preces e de esmolas, para a conservação dos lugares santos. Sobre este assunto Roy (1859, p. 9) assinala, no início do século VII, em 613, que *"le roi des perses, envahit la Syrie, la Palestine et l'Égipte. La ville sainte tomba au pouvoir des barbares: les vainqueurs dévastèrent les cités, pillèrent les églises, emmenèrent un grand nombre de captifs"*. Ainda no século VII a força das armas dos exércitos Islâmicos conquista, depois da morte de Maomé, a Pérsia, o Egipto e a Síria, colocando sob sua alçada o território da Palestina e construindo, no local do templo de Salomão uma mesquita (op. cit., p. 11).

Depois da ocupação da cidade pelos Islamitas e no período anterior ao desenvolvimento da *"guerra santa"*, Michaud (1825, p. 58), dá conta que os muçulmanos, atendendo à importância que concedem à sua peregrinação, facultavam essa entrada *"Souvent les portes de Jérusalem s'ouvrirent à-la-fois pour les disciples du Coran qui allaient visiter la Mosquée d'Omar, et pour ceux de l'Evangile qui allaient adorer Jésus-Christ sur son tombeau"*, beneficiando ambos de proteção.

A relação de Lallane (1846, pp. 23-31) sobre as peregrinações registadas no século VI e VII, permite comprovar essa procura, nomeadamente a do bispo português: S. Martinho de Dume e de bispos da Escócia e de Inglaterra, a saber:

- - Século VI

"- Saint Cadoc, évêque de Bénévent. Il alla trois fois à Jérusalem
- Avant 572, saint Martin de Dume, archevêque de Braga (Galice)
- Licinius, 9e évêque de Tours, depuis saint Martin
- Saint David, archevêque de Menevia (Saint -David) dans le pays de Galles.
- Saint Antonin
- Saint Pétroc, abbé en Cornouaille
- Saint Bertald, fils de Théold, roi d'Ecosse, ermite à Chaumont, diocèse de Reims"

- - Século VII

- "620. Héraclius, empereur d'Orient
- Vers 678, Wainier, duc de Champagne, et S. Berchaire, qui mourut dans la traversée,
- Saint Théodore de Sicée, évêque d'Anastasiopolis en Galatie
- Saint Wlphlagius, curé de campagne dans le diocèse d'Amiens
- Saint Arculfe, évêque gaulois"

Por sua vez regista Roy (1859, p. 12) que durante a dinastia das Abássidas, os Cristãos gozaram de uma certa calma, o que coincidiu com as vitórias de Carlos Magno, que *"remplissait tout l'Occident de l'éclat de sa puissance, et sa gloire s'était étendue jusqu 'en Asie. Le grand empereur des Francs couvrait de sa protection toutes les eglises d'Orient"*. A ele se deve a edificação, nesta cidade, de um hospício para alojamento dos peregrinos, o que deu alento para novas marchas e visitas. Contudo a expansão dos Fatímidas[60] sobre este território conduziu, a partir dos finais século X, à suspensão das cerimónias religiosas, a perseguições sobre os Cristãos, à ocupação dos templos já construídos fazendo com isso diminuir a procura e decadência da cidade sagrada que apesar de se ter reanimado no decurso das Cruzadas perdera a importância dos séculos anteriores. Estes acontecimentos voltam a influenciar o

[60] De acordo com GRAVELLE (1999, p. 145), *"Fatimides: dynastie de califes chiites en Mrique du Nord, Égypte et Syrie, 909-1171, qui s'affirment les descendants de Fatima, fille du prophète Mahomet et épouse du quatrième calife, Ali".*

ritmo das peregrinação ao oriente, como se indica a seguir (1846, pp. 23-31):

- - Século VIII

- "Vers 712 ou 715, saint Thomas, abbé de Farfa dans la Sabine, avec deux religieux italiens, Marcianus et Martyrius II resta trois ans à Jérusalem.
- Vers 720, saint Silvin, évêque d'Alsiacum (Auchy) dans l'Artois.
- Vers 722, saint Guillebaud. Il resta sept ans en Palestine.
- Vers 757, saint Magdalvée, évêque de Verdun.

- - Século IX

- Vers 855, Frotmond et ses frères
- Avant 856, Raban-Maur, évêque de Mayence
- 870, Le moine français Bernard
- Vers 875, saint Élie le jeune, moine de Calabre
- Avant 880, sainte Salomé et sainte Judith, veuve, toutes deux recluses à Altaich en Bavière.
- 889, Jean Hess, prêtre du diocèse d'Utrecht
- Saint Jacques, Grec d'origine, ermite en Berry
- Ce fut au neuvième siècle, vers 825, que Dicuil écrivit le Liber de mensura orbis terræ, dans lequel, si l'on adopte une correction proposée par plusieurs éditeurs, se trouve encore indiquée la fréquence des pèlerinages entrepris par les Anglais"

- - Século X

- "Hugues, père de Bernard, abbé deBeaulieu
- 944, Foucher, abbé de Flavigny
- Après 954, sous Lothaire II, Josselin, chevalier. Son père, baron puissant de la Province Viennoise, avait fait vœu d'aller en Palestine; mais n'ayant pu exécuter son dessein, il chargea, à sa dernière heure, Josselin d'acquitter sa promesse (...)
- Avant 976, saint Conrad, évêque de Constance. Il alla trois fois à Jérusalem (...)
- Saint Arcane, noble d'Arcadie, et saint Gilles, Espagnol".

O incremento destas deslocações por terra, atravessando a Hungria, tornam-se mais seguras a partir do início do século XI depois da conversão ao Cristianismo do imperador Estevão e das disposições que tomou a favor da prática desta religião e do apoio

aos peregrinos da Terra Santa. Até então a procura dos lugares santos de Jerusalém (Labande, 1958, p. 165):

> *"De l'univers entier, une foule tellement innombrable se mit à affluer au sépulcre du Sauveur à Jérusalem, que jamais auparavant nul n'en eût pu imaginer une semblable. Et ce furent d'abord des gens du bas peuple, ensuite des hommes de moyenne condition, ensuite encore tous les plus grands rois, comtes, marquis et évêques, et enfin, ce qui ne s'était jamais produit, de nombreuses femmes, depuis les nobles jusqu'aux plus pauvres"*.

A procura de Jerusalém por parte dos peregrinos assemelha-se à busca da "terra prometida" dos antigos hebreus (op. cit., p. 166).

Complementarmente a este relato, o friso cronológico de acontecimentos que antecederam as cruzadas revela que no início do século XI, em 1009, o templo de Jerusalém fora destruído pelos Fatímidas, tornando-se desde então mais difícil as visitas ao berço da Cristandade. Assim aconteceu depois do domínio dos turcos Seljúcidas[61], que conquistam a Pérsia em 1046 e a partir da penúltima década do século XI, em 1078, tomaram a cidade santa e reduziram à escravatura Cristãos da Síria, da Judeia, da Grécia e da Arménia tornando cada vez mais difícil o seu acesso aos lugares santos. Como descreve (Chautard, 2010, p. 75) *"Plusiers papes, dont Grégoire VII e Victor III, continuen d'évoquer la libération des Lieux saints et s'inquièntent de l'avancée musulmane. Mas il faut attendre la fin do XIe siècle pour ces appels soient véritablement entendus"*. Neste contexto e após uma experiência conduzida por este papa contra os Sarracenos do norte de África surgem as Cruzadas, antecedidas pela peregrinação de Pedro de Amiens a Jerusalém, em 1093, que esteve na origem da pregação da primeira Cruzada organizada por este Bispo, em 1095, decorrente do apelo dos Papas para a libertação desses lugares e da defesa da fé cristã pelos populares que nela participaram.

A relação de peregrinações relatadas por Lallane (1846), antes das Cruzadas oficiais mostra a importância das viagens estabelecidas por bispos gauleses, mais ligados a estes territórios

[61] Para GRAVELLE (1999, p. 145): *"Seldjoukides 1) Grands seidjoukides, descendants de Tugril 1er qui conquit l'Iran et l'Irak et répandit l'orthodoxie sunnite. Les sultans seldjoukides gouvernaient au nom des califes abbassides de 1055 à 1194. 2) Seldjoukides de Rûm, le fils d'un chef seldjoukide qui s'était rebellé contre le sultan seldjoude s'installa à Nicée vers 1077 jusqu'en 1097. Rûm eut ensuite pour capitale Konya (Iconium)".*

desde o reinado de Carlos Magno é reforçada com a sua coroação de imperador no ano 800. Para Gottman (2013, p. 258):

> *"Au Moyen Âge, les liens entre l'Église et l'État devinrent plus étroits. Dans le monde chrétien comme dans le monde musulman, il n'était pas question de donner des attributs divins aux gouvernants, mais ils étaient investis de leurs pouvoirs par des autorités religieuses"*

que no caso presente lhe conferiu a missão de protetor das Igrejas do Oriente. Destas viagens contam-se as descritas por de Lallane (1846) e por Micheau (1978) de peregrinos Gauleses, Italianos e Normandos, entre 870 e 1026-27. Do primeiro autor (Lallane, 1846, pp. 23-31) transcrevem-se as deslocações realizadas depois do século décimo.

- - Século XI

- "Avant 1002, Gui Ier, vicomte de Limoges, avec son frère Alduin, évêque de Limoges
- Vers 1010, Raoul, évêque de Périgueux + Raymond III, comte de Rouergue, mort en route
- Vers 1017, saint Poppon, abbé dans la Gaule Belgique
- Avant 1019, saint Heimerad, prêtre dans le landgraviat de Hesse
- 1026, Guillaume Taillefer II, comte d'Angoulême (...) avec une nombreuse suite de seigneurs et d'abbés (...)
- 1026, Richard, abbé de Vannes, avec sept cents pèlerins (...)
- Avant 1029, Odolric, évêque d'Orléans
- 1030, le chroniqueur Adhémar de Chabanais. Il mourut dans le pèlerinage
- 1032, Avesgaud, évêque du Mans
- 1035, Foulques d'Anjou dit Nerra, qui avait déjà exécuté un pèlerinage en Palestine, en 1015, s'y rendit une seconde fois, et y rencontra Robert de Normandie. (...)
- 1035, Robert, duc de Normandie, avec Drogon ou Dreux, comte de Vexin. Tous deux moururent dans leur pèlerinage
- Avant 1036, Wythman, abbé de Ramsey
- Avant 1039, Thierry III, comte de Hollande, avec plusieurs seigneurs. Il mourut en revenant en Europe.
- Vers 1040, saint Udalric, moine bénédictin en Brisgaw
- 1048, S. Thierry, abbé de Saint - Évroul (Normandie). Il mourut en Chypre avant d'arriver à Jérusalem

- Vers 1050, saint Gauthier, fondateur de l'abbaye de Lesterp (diocèse de Limoges).
- Vers 1053, Anselme, chanoine de Liège, avec son évêque Théoduin
- 1054, Lietbert, évêque de Cambrai. Il ne put arriver jusqu'à Jérusalem, et revint avec Hélinand, évêque de Laon.
- Vers 1060, Conrad, comte de Luxembourg, excommunié. Le pèlerinage lui fut imposé comme pénitence.
- 1060, Gunther, évêque de Bamberg, Siegfried, évêque de Mayence, Otton, évêque de Ratisbonne, Guillaume, évêque d' Utrecht, accompagnés de plus de sept mille personnes (...)
- Avant 1069, Aldred, évêque de Rochester
- Vers 1073, Gondulfe, évêque de Rochester
- 1090, Robert, comte de Flandre (...)
- 1092, Guillaume IV, comte de Toulouse, et Bérenger Raymond II, comte de Barcelone. Tous deux moururent dans leur pèlerinage, en 1093
- Avant 1095, Nicolas, abbé de Saint-Ouen
- Saint Gérard ou Géraud, abbé et fondateur de la Saulve- Majeure (diocèse de Bordeaux
- Ebrard, ermite en Berry
- Pierre l'Hermite"[62]

No decurso do século XI e antecedendo a "cruzada popular" de Pedro o Eremita, há novos registos de peregrinações com largo número de fiéis à partida e com perdas significativas durante a viagem. Uma delas está contida nesta lista e foi conduzida pelo bispo de Cambrai, Liebert, no ano de 1054. Consultando a obra de Michaud (1825, p. 69), ficamos a saber que tendo este partido da Flandres e da Picardia, com 3.000 peregrinos, foi perseguido ao atravessar a Bulgária, chegando a alcançar o território de Laodicéia. As perdas registadas levaram-no a regressar ao seu país sem conseguir atingir a Palestina. O mesmo autor (loc cit.) dá igualmente conta da peregrinação conduzida pelos Bispos de Mayence, Bamber e Utreque em 1060 os quais, depois de muitas dificuldades e perdas humanas atingiu Jerusalém, de onde regressou com menos de metade dos cerca de sete mil peregrinos

[62] Pierre l'Hermite. — Jacques de Yitry, Historia Orientalis, liv. Lch.16; Guillaume de Tyr; Guibertde Nogent, et les autres historiens des Croisades In. Lalanne, 1846, pp. 23-31

que reuniu na partida. Já no período correspondente às Cruzadas, Besson (2017, p. 41-48) dá conta de diversas crónicas, latinas e orientais relacionadas com estas expedições, bem como o relato de peregrinações, descritas como literatura de viagem, das quais salientamos os seguintes (Lalanne, 1846, pp. 23-31):

- - Século XII

- "*Saewulf, pèlerin anglais, peut-être un marchand de Worcester, visite la Terre sainte entre 1102 et 1103; son récit est de ce fait la première description de l'Orient passé sous la domination de Latins*";

- "*Rorgo Fetellus ou Frettelus est d'abord attesté comme chapelain de Nazareth, peut-être chancelier du prince de Tibériade, avant de devenir, vers 1138-1140, archidoyen à Antioche, où il rédige un récit du pèlerinage qui l'a mené en Terre sainte*";

- *"Jean de Würzburg est un évêque à peu près inconnu de l'église du même nom, qui visite la Terre sainte entre 1160 et 1170 et rédige son traité après 1200, en s'inspirant du texte de Fetellus*";

- *"Théoderic est tout aussi inconnu; il semble lui aussi avoir été évêque de Würzburg, et il est probablement celui à qui Jean dédie son texte. Il a fait un pèlerinage en Orient entre 1171 et 1173, et son récit s'inspire à la fois beaucoup de celui de Jean et d'une source commune aux deux, aujourd'hui perdue*";

- *"Benjamin de Tudèle (c. 1130-c. 1173) est un rabbin né à Tudela (en Navarre), qui effectue entre 1165 et 1173 un grand voyage à travers le monde méditerranéen, en s'intéressant en particulier aux communautés juives locales*";

- *"Jean Phocas est un pèlerin grec qui visite la Palestine probablement en 1177 (même si la date de 1185 a également été avancée). Né en Crète, il a servi longtemps dans l'armée de Manuel Comnène, avant de se marier puis finalement de se faire moine*";

- *"Daniel est un pèlerin russe, abbé (higoumène) d'un monastère probablement situé en Petite Russie, qui effectue un pèlerinage en Terre sainte entre 1104 et 1106. Son récit connaît un vif succès dans le monde orthodoxe à partir du XVIe siècle*";

- - Século XIII

- *"Willebrand d'Oldenbourg (av. 1180-1233) vient d'une famille noble du nord de l'Allemagne, liée notamment au comte de Hollande, et devient évêque d'Utrecht au terme d'une brillante carrière ecclésiastique. Il fait un pèlerinage en 1211, au cours duquel il accomplit une mission diplomatique auprès du roi arménien pour l'empereur Othon IV"*.

A esta relação outras há de viajantes gregos (6), arménios e sírios (6), árabes (10) que enriquecem o acervo documental, literário, histórico, geográfico e até cartográfico das cruzadas, registadas por este autor. No período alargado do século XII ao século XIV, conjuntamente com as cruzadas, há referências sobre a continuidade destas peregrinações. Na sua tradição o programa da viagem incluía, além da visita aos lugares santos, um banho nas águas do Jordão, a recolha de palmas para o regresso que acompanhavam o manto negro usado na visita ao santo sepulcro, o qual era conservado durante toda a vida servindo de mortalha no caixão (Michaud, 1825, p. 51). Na sua simplicidade o peregrino singular fazia-se acompanhar do seu manto, bordão e da cruz de Cristo, única defesa no seu encontro com os inimigos (Michaud, 1825, p. 52). No seu regresso (op. cit., p. 76), *"Les pélerins qui revenaient en Europe, racontaient ce qu'ils avaient vu, ce qu'ils avaient souffert eux-mêmes. Leurs récits, exagérés par la renommée, et volant de bouche en bouche, arrachaient des larmes à tous les fidèles"*. A ocupação dos turcos havia perigado a viagem dos Cristãos do ocidente e estabelecido igualmente o terror entre os habitantes da mesma religião dispersos na Àsia menor, na Síria e na Palestina.

Nas relações de viagem a Jerusalém contamos com algumas referências de peregrinos ligados ao Condado Portucalense e ao futuro reino de Portugal, que aproveitando o movimento da época participaram nesses visitas à terra Santa alcançando assim os benefícios espirituais dessa peregrinação (Henrique, 2011, p. 75-76):

- Conde D. Henrique (1102);
- Maurício Burdino, Bispo de Coimbra (1104-1108);
- D. Telo Odores, Cónego da Sé de Coimbra (1104-1108);
- S. Teotónio, Prior da Sé de Viseu (1121-1127);

- Godinho, Arcebispo de Braga (1176);
- Gonçalo, bispo de Coimbra que sucedeu a D. Maurício (?)
- Mestre Gualdino Pais, natural de Braga e soldado do Templo em Jerusalém durante 5 anos (1209-?).

Do mesmo autor transcrevemos uma referência a este cavaleiro (op. cit., p. 80):

> "*soldado do Templo, dirigiu-se a Jerusalém, onde durante cinco annos levou vida trabalhosa. Com seu Mestre e seus Irmãos, entrou em muitas batalhas, levantando-se contra o Rei do Egypto e da Syria. Como fosse tomada Ascalona, partindo logo para Antiochia pelejou muitas vezes pela rendição de Sidon. Cinco annos passados, voltou então, para o Rei que o creara e o fizera cavalleiro. Feito procurador da casa do Templo em Portugal, fundou n'este o castello de Pombal, Thomar, Zezere, e este que é chamado Almoriol, e Idanha e Monsanto*";

- Fernando Afonso, filho ilegítimo de D. Afonos Henriques, participou na IIIª Cruzada (1189-1192) e, eventualmente (op. cit., pp. 84 e ss), na IVª Cruzada (1202-1204);

- Paio Galvão, Cónego Regrante de S. Cruz de Coimbra, participou na Vª Cruzada (1217-1221);

- Afonso Pires Farinha, Prior da Ordem do Hospital de Jerusalém, participou na VIIª Cruzada.

Ao tempo as razões e os efeitos destas deslocações oriundas do reino de Portugal são semelhantes às de outros peregrinos ocidentais e do sentimento de desolação (Roy, 1859, p. 14) dominante na Europa sobre as perseguições aos Cristãos e *"le pieux délire de ceux qui allèrent en Asie contempler une cité couverte de ruines et jouir de la vue d'un sépulcre vide"*. Juntamente com este sentimento, as condições de acolhimento incluíam, para além de todos os perigos da viagem, o pagamento de uma moeda de ouro aos serracenos na entrada da cidade do Templo. De acordo com este autor (op. cit., p. 18),

> *"comme la plupart étaient pauvres, et qu'on les avait dépouillés, dans la route, ils erraient misérablement autor de la cité sainte pour laquelle ils avaient tout quité. La plupart périssaient par la faim, la soif, la nudité, ou par le glaive des barbares (...). Lorsqu'ils étaient assemblés dans les églises avec leurs frères de Jerusalem*

une multitude furieuse venait interrompre par ses cris l'office divin, foulait aux pied les vases sacrés (…) outrageait et barrait de verges de clergé recètu de la robe des pontifes et de la tunique des levites".

Para além destas condições (op. cit., p. 15) as dificuldades de alojamento e de defesa estiveram na origem da fundação das ordens militares e religioso-militares dos Hospitaleiros ou Cavaleiros de S. João de Jerusalém, dos Templários e de outras ordens que ajudaram ao desenvolvimento das deslocações e das cruzadas durante a baixa Idade Média. Os primeiros construíram hospícios na cidade para acolhimento e apoio aos peregrinos europeus. Depois destes, constitui-se uma nova ordem, os Cavaleiros do Templo, comprometidos com os votos de pobreza, castidade, obediência e defesa dos peregrinos e dos lugares santos.

A este respeito, transcrevemos da ECP regista a natureza destas ordens militares como sendo

"confrarias de homens de armas que, submetidos a uma regra comum e animados de forte mística, assumiam determinadas obrigações de ordem religiosa, moral e social. Surgiram no tempo heróico da Cavalaria (séc. XI e seg.), prestando assinaláveis serviços à Igreja e aos príncipes cristãos. Gozavam de grande autonomia canónica, eram chefiados por um grão-mestre e tinham nas suas fileiras monges-cavaleiros, capelães conventuais e serventes de armas. Foi grande a sua participação nas Cruzadas da Terra Santa, na reconquista cristã do Sul da Europa, invadida pelos mouros, e na organização dos territórios conquistados. Pelo seu ideal e disciplina, tiveram o apoio dos Papas e dos reis, o que lhes valeu a aquisição de grandes domínios. (…)"[63].

Complementarmente assinala Monteiro et *alii* (2015, p. 37), que estas ordens constituem o núcleo dos exércitos permanentes dos reinos latinos do oriente,

"porque eram os seus únicos corpos militares permanentes, porque eram forças semi-profissionalizadas e com uma clara vocação guerreira, porque a sua presença continuada na Síria-Palestina lhes permitia acumular uma experiência militar

[63] ECP – Ordens militares: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1378 7JUL20

indispensável a uma luta travada nas condições que evocámos, e também porque, tendo uma raiz religiosa e monástica, onde a obediência era um princípio sagrado, os seus freires cavaleiros garantiam um nível de disciplina e de respeito pelos chefes muito superior ao normal nos exércitos feudais (...)".

Para além destas referências acerca do principal destino das migrações religiosas registadas desde o início da baixa Idade Média, a afirmação da nova religião Islâmica e a forte expansão territorial da mesma sobre nos territórios do oriente e em toda a bacia do Mediterrâneo, condicionou a evolução, a natureza destes movimentos e a sua importância nos reinos ocidentais. Ao tempo do fortalecimento da cavalaria medieval as peregrinações medievas, abençoados pela Igreja e confiadas à segurança dos Cavaleiros de "Palma", celebrados nas suas aventuras e guerrilhas estão descritas em diversas obras da literatura europeia (Trotter, 1988), incentivam as elites nestes movimentos. Em simultâneo e dadas as dificuldades dessas viagens valorizam-se outros lugares relacionados com a vida dos apóstolos de Jesus como foi o caso de Roma, cidade que acolheu os restos mortais dos apóstolos Pedro e Paulo e mais tarde, Santiago de Compostela, que passam a integrar os lugares de peregrinação mais procurados dos povos ocidentais.

Neste contexto Labande (1958, p. 159) defende que o conceito de 'peregrino' deveria ser aplicado aos *"chrétiens qui, à un moment donné, ont résolu de se rendre en un lieu défini et, à ce voyage qu'ils avaient résolu, ont subordonné l'organisation de leur existence"*. Contudo nota o mesmo autor (loc. cit.), que tal confunde-se com outras situações: *"évadés, moines en rupture de règle, trafiquants, brigands de grand chemin, femmes légères (1); avec ceux qui faisaient de la diplomatie à l'ombre du pèlerinage".* Numa classificação mais detalhada, o autor (op. cit., p. 160), distingue os peregrinos da terra Santa - que transportavam, no regresso, as palmas de Jericó (op. cit., p. 160) - dos romeiros, que se deslocam em pequenas peregrinações de âmbito local e os peregrinos aos lugares santos e a santuários, como Santiago de Compostela e outros.

Pelo fascínio da sua civilização e domínios, Roma antiga, descrita em diversos roteiros de viagem desde a baixa Idade Média, incentiva a viagem a esta cidade. A este respeito Taviani (1976, p. 3) observa que *"Jusqu'au neuvième siècle, les guides s'adressent exclusivement au pèlerin"* uma vez que (loc cit.) *"La dévotion semble*

être la principale motivation du voyage aussi bien dans Rome que vers Rome". É a cidade que alberga os túmulos dos apóstolos e as catacumbas dos Cristãos, que mostra o circo dos martírios, que acolhe os lugares de fé (Basílica) e a residência do representante de Cristo na terra. Mais ainda (op. cit., p. 3), *"Face à Constantinople, la ville retrouvait dès les temps carolingiens, ses prétentions à l'empire universel. C'est à Rome qu'est consacré le nouvel empereur d'Occident, c'est à Rome qu'il établit à l'occasion sa résidence et sa justice".* A importância crescente desta cidade justifica que desde o fim do primeiro milénio esta cidade venha a tornar-se um centro das viagens medievais, antes de se ter tornado num dos destinos turístico da contemporaneidade.

A peregrinação a Santiago de Compostela (Rajohnson, 2015) assenta na exumação dos restos mortais de Tiago, decapitado em Jerusalém (Llorca, 1960, p. 44) e que foram transportados pelos seus discípulos, conhecidos pelo nome de *"sete varões apostólicos enviados a Espanha pelos Apóstolos Pedro e Paulo"* (op. cit., p. 45) e descobertos no 'Campus Stellae' na Galiza, em 814. Tal deu origem ao nome da povoação (loc. cit.): *"Toda a devoção da idade Média a este Santuário se baseia nesta crença, graças à qual se construiu a actual catedral, consagrada por Diogo Gelmires no século XII"*. Com efeito depois da queda de Jerusalém em 1187 este centro de peregrinação passa a colher grupo de fiéis oriundos da Europa ocidental e meridional dando origem aos sete caminhos de Santiago, incluindo um, o português e a locais de acolhimento promovidos pelos monarcas de Castela, associados a paróquias e a instituições religiosas que dão o seu apoio material e espiritual aos peregrinos e caminhantes da Galiza e à veneração das relíquias depositadas na catedral de Compostela. Sobre as peregrinações medievais Labande (1958, p. 167) escreveu o seguinte:

> *"fréquenté depuis le Xe siècle, le sanctuaire de Saint-Jacques-de-Compostelle grandit au cours du XIe, mais c'est seulement au début du XIIe que, grâce à l'habileté extraordinaire de Diego Gelmirez, son premier archevêque, il atteint l'apogée. Au détriment de Rome, en rivale de qui la nouvelle métropole n'hésitait pas à s'ériger, mais également de la Terre Sainte redevenue zone dangereuse. 'La Galice, plus proche et pourtant lointaine, consolait de la Palestine'"*.

Estas foram algumas das razões que permitiram a supremacia alcançada por este centro de peregrinação nos finais da Idade Média com a proteção do reino de Castela e a participação dos Cistercienses, das Ordens religioso-militares e da publicação do guia do peregrino de Santiago de Compostela.

O avanço da reconquista cristã e a evocação da visão S. Tiago ao rei Ordoño das Asturias, durante a luta que encetou com o exército islamita em Clavijo, valeu-lhe a designação de protetor da reconquista na Península Ibérica e da sua apelação como o 'Mata-Mouros'. Mais tarde, no decurso do século XII o papa Calisto II, ao proclamar o ano santo Jacobeu e a concessão de indulgências aos peregrinos, reforça o acréscimo das romagens a este santuário. Como noutros locais a procura foi-se alterando em função de diversas calamidades naturais, como a peste desde meados do século X, intensificando-se até meados do século XIV quando as epidemias e a fome que grassaram na Europa. Esbatendo-se desde então o movimento foi retomado a partir do século passado.

IV – AS MIGRAÇÕES ASSOCIADAS AO ISLAMISMO

O desenvolvimento de uma nova religião na Península Arábica, aclamada por Maomé em altura de crise nos impérios persa e bizantino então dominantes na região, dá origem a uma outra cultura e civilização assente na doutrina pregoada por este profeta entre 610 e 622 (Buresi, 2008) a partir de Meca. À data este território (loc. cit.)

> "*éclatée en de nombreux groupes tribaux sans unité linguistique – même si l'arabe, sous des dialectes différents, est dominant, à côté d'autres langues comme le sudarabique (...) profondément marquée par la pastoralité nomade des chameliers qui, dans un vaste espace désertique, mettent en contact les îlots de sédentarité des oasis, autor desquels éclosent des bourgades aux fonctions multiples (commerciales, agricoles, religieuses)*".

A nova doutrina vai a partir de então estender-se ao mundo dominado pelas rotas comerciais e caravaneiras do oriente, do continente africano e da Europa. Na sua expressão imediata traduz-se no alargamento geográfico dos territórios conquistados pelos muçulmanos e na construção de uma sociedade monoteísta, assente no culto de Alá, que embora tenha as suas raízes na cultura judia e cristã, segue os ensinamentos do Islão. A nova doutrina (Buresi, 2008), *"Prêché dans un environnement où les liens de solidarité tribale et les clivages claniques étaient déterminants, l'islam se pose d'emblée comme transcendance: il concerne les hommes et les femmes de toute origine, riches et pauvres, libres et esclaves"*. Este constitui um processo do qual interessa destacar as suas origens e manifestações vertidas na mobilidade humana, nas migrações – que Abu-Sahlieh (1996, p. 37) identifica com o termo *higrah:* abandonar do Corão - relacionadas, com:

- A emigração do profeta e dos seus setenta companheiros da cidade de Meca para Medina – *Hégira* - e que representa, no contexto do Islamismo, a mais importante migração humana, dando origem ao calendário do Islão e à expansão do mesmo;

- Os movimentos de expansão dos seguidores e guerreiros responsáveis pelas conquistas dos territórios adjacentes à

Península Arábica realizadas de acordo com o estabelecido na lei corânica de expansão da fé e conversão dos infiéis – *Jhiad*;

- As peregrinações dos fiéis à cidade de Meca estabelecidas pela fé islâmica, desde então.

Estas deslocações realizavam-se já antes da vida de Maomé – remontando, segundo a tradição árabe ao tempo de Abraão e à visita do santuário de Caaba -, conferindo à província de Hijâz a designação de Terra Santa dos fiéis do Islão. Tais movimentos acompanham a vida do profeta e dos seus seguidores, seguem as revelações que lhe permitem redigir o livro do Corão, estruturam as comunidades de fiéis da nova religião Islâmica e estão na origem da formação das comunidades de fiés – *Umma* – em todo o globo contribuindo, desde o seu início, para a identificação de diferentes grupos - inicialmente, tribos - com a mesma religião. Mais ainda, servem de apoio à difusão da língua comum, aos textos revelados e para a arabização das populações convertidas e dominadas pelos exércitos do Islão. Tendo em conta a expansão territorial e as consequências imediatas da sua expansão na bacia do Mediterrâneo, nomeadamente no que respeita à implantação do poder nesta área e às marchas de guerra que se lhe seguiram, importa atender a alguns traços que assinalam o início do Islão.

4.1 – A HÉGIRA E O ORDENAMENTO POLÍTICO-RELIGIOSO DO ISLÃO

A pregação do Islão tem como figura principal o profeta Maomé (Argyriou, 1984, p. 254) *"qui formule ses visions en images et en symboles, a l' occasion d' evenements concrets"*. Descendente de Ismael, filho de Abraão e da escrava Agar, aquando do seu refúgio no deserto o Livro do Génesis (16:7) relata que o *"anjo do Senhor encontrou-a junto de uma fonte"* e depois de a interpelar sobre a sua viagem anunciou-lhe (Gén, 16: 10-12): *"Hei-de tornar os teus descendentes tão numerosos que ninguém os poderá contar"*. Mais ainda (loc. cit.):

"(…) Tu estás grávida e vais dar à luz um filho; hás-de chamar-lhe Ismael, porque o Senhor prestou prestou atenção ao teu

sofrimento. Será como um animal selvagem, sempre em luta com os outros e os outros em luta com ele. Mas conseguirá viver na presença de todos os seus irmãos e vizinhos".

Na sua relação com o espaço e o tempo da vida do profeta Maomé, a geografia da Arábia compreendia três regiões principais:

- A Arábia fértil, bordejando as costas, ocidental e a de sudoeste;

- A Arábia pétrea, rochosa, de noroeste;

- A Arábia desértica do interior.

No seu conjunto este território, tal como a Síria e a Pérsia, era atravessado por diferentes rotas comerciais oriundas do extremo oriente e de África, estando (Newby, 1996) *"profondément impliquée dans des rivalités politiques, religieuses et économiques entre l'empire Byzantin et l'empire Perse Sassanian"*. Acolhia, ainda, os interesses dos Judeus instalados desde a antiguidade na região, em particular depois dos anos 70 e da destruição do templo de Jerusalém, durante a invasão de Roma, onde haviam constituído um reino no sul aliado aos persas, anteriormente conquistado pelos Cristãos de Abissínia com o apoio de Bizâncio (loc. cit.), no período correspondente à vida do profeta.

Como assinala Hentsch (1986, p. 511),

"Partiellement arabisées par les lentes migrations qui ont mené les nomades d'Arabie vers les régions plus fertiles de Syrie et de Mésopotamie, les populations limitrophes de la péninsule accueillent les troupes d'Abou Bakr et d'Omar avec autant de soulagement que d'inquiétude, car leur présence met fin aux tracasseries administratives et à l'intolérance religieuse d'un pouvoir byzantin assez peu aimé".

E, no caso dos Cristãos e dos Judeus, o estatuto que lhes é atribuído pelos Muçulmanos – como comunidades protegidas (*dhimmi*), permite-lhes continuar a viver na região mediante o pagamento de um imposto e a imposição de algumas restrições, como a do casamento com mulher islâmica e a diferenciação no vestir. Em relação aos judeus, Hussein (s/d, p. 130) escreve que *"La majorité d'entre eux ne croyaient pas que Mohammad fût le prophète promis dans leur Livre, car ils s'attendaient toujours à ce que l'Homme Promis fût un Israélite, qu'il apparaisse en Syrie (la grande Syrie) comme les précédents prophètes, et qu'il fût de langue hébraïque"*. No

seu conjunto esta região da Arábia era ocupada por uma população constituída essencialmente por tribus nómadas (Cortázar, 2006.X., p. 133), *"zelosos guardiões dos seus costumes, dos sesu deuses e da sua orgulhosa independência"* , que repartem as suas ocupações (loc. cit.) *"com idêntica dedicação, o cuidado dos seus rebanhos, o assalto aos povos dos oásis e o saque das caravanas".* Pastores e comerciantes, beduínos e caravaneiros são os atores de uma sociedade migrante de nómadas e de transumantes que percorrem o grande deserto da Arábia e de tribos com um passado de lutas entre si, participadas pelo profeta na sua juventude, como sucedeu com a chamada *"guerra do sacrilégio"* – porque teve lugar durante os meses de oração e em território sagrado (Hussein, 1995, p. 30) – no ano de 585 d.C. Este é um exemplo dos conflitos entre tribos registado na *"época da ignorância"* (op. cit., p. 13).

Como elemento de aglutinação, esta sociedade nómada (Cortázar, 2006.X., p. 134) é *"governada por uma aristocracia mercantil de negociantes, banqueiros e comerciantes"*, centrada em Meca (loc. cit.) que

> *"constitui um autêntico centro político, cuja influência irradia sobre as tribos das redondezas"* a influência de um santuário local *"a Caaba, o mais universal de todos os da Península (…). Centro de peregrinações, a mais importante das quais é protegida por uma trégua santa, e feita coincidir com a mais importante das feitas anuais"*.

A importância deste santuário está registado no Alcorão (3: 96-97) que lhe dá particular realce como destino da peregrinação anual os muçulmanos. A propósito regista Newby (1996) que *"la cité la plus importante, dominée par les juifs, a été la ville de Yathrib, connue plus tard sous le nom de Médine"* sucedendo que a cidade de Meca teria um carater cosmopolita e os seus habitantes *"les Mecquois aient été familier avec les principes du judaïsme et du christianisme et connaissaient beaucoup de détails sur leur culte, leurs pratiques, et leurs croyances"*. A sua posição geográfica e centralidade na parte ocidental da Península Arábica, próximo do Mar Vermelho, facilitou o cruzamento de rotas de comércio árabes que atravessam a região, que se alia à presença desse antigo santuário religioso assinalado pela "pedra negra" do tempo de Abraão e da sua fonte. Regista Cortázar (2006.X.p. 135) que *"graças à Caaba, a cidade constitui num foco unificador; não é impossível perceber nela, nos finais do século VI,*

um clima favorável à substituição do velho politeísmo nómada por tendências monoteístas".

A proclamação de Alá como Senhor do universo, Clemente, Misericordioso, Deus único, referenciado no texto corânico[64], foi ditado pelo Profeta por inspiração do Anjo Gabriel a partir de 610, data da primeira revelação, em Meca, e por mais treze anos nesta cidade e dez em Medina, local onde residiu e foi sepultado. No seu apelo aos fiéis, o mensageiro afirma o respeito pelo seu anúncio (Alcorão, 17:9) – *"Em verdade, este Alcorão encaminha à senda mais reta e anuncia aos crentes benfeitores que obterão uma grande recompensa"*, apelando (Alcorão, 3:102) – *"Ó crentes, temei a Allah, tal como deve ser temido, e não morrais senão como muçulmanos".* Para Newby (1996): *"Muhammad a, par la suite, déclaré qu'il était la continuation des traditions prophétiques Judaïques et Chrétiennes, clamant qu'il avait été prévu dans l'Écriture Juive et Chrétienne".* Esclarece ainda o autor que:

> *"Une doctrine centrale de l'Islam place Muhammad à l'extrémité de la chaîne des prophètes de Dieu, commençant par Adam et embrassant toutes les figures prophétiques principales du Judaïsme et du Christianisme, incluant Abraham, Moïse, et Jésus. Le démenti de cette idée centrale par les juifs et les chrétiens serait dû à la corruption des textes sacrés, par inadvertance ou exprès. Cette disparité dans les perspectives repose plus sur ce que les musulmans pensent de leurs congénères juifs et chrétiens, et des vues islamiques triomphalistes au regard de la validité de l'Islam, contre la fausseté partielle des deux autres traditions".*

Com as limitações inerentes a uma sistematização desta natureza, a religião islâmica desenvolve-se numa triangulação de valores que assentam:

- Na veneração de Alá, como Deus único e criador (Alcorão – Surata 35: Fáter "O Criador);

- Na obediência aos princípios da *Jhiad* – (Alcorão – 2:216);

- Na vivência em *"comunidade única"* (Alcorão – 21:92).

Como escreveu (El Hayek, 1974, p. 15), o Alcorão "*Abrange os pilares e os ensinamentos que regem a vida de um povo ou de um*

[64] Designações atribuídas a Alá, num total de 99 nomes por que é identificado

indivíduo nos seus diversificados alcances: religiosos, sociais, culturais, éticos e econômico", a saber[65]:

- *Shahada* ou Crença no Deus único, Alá e nos ensinamentos de Maomé;

- *Salat* ou Oração diária (5 preces);

- *Zakat* ou Doação compulsória;

- Jejum durante o mês do *Ramadan*;

- *Hajj* ou Peregrinação a Meca (ao menos uma vez na vida).

A vivência da mobilidade está contemplada em diversas Suratas do Alcorão, que regista a palavra de Alá transmitida ao profeta e estabelece (Argyriou, 1984, p. 257) *"une ligne de conduite qui se trouve exposée dans le Livre et que l'humanité tout entière doit suivre afin d' accompir son destin"*. Aí se regista o incentivo ao combate dos infiéis, nomeadamente aos seguidores do Livro, uma imposição (Alcorão, 9:29):

> *"Combatei aqueles que não crêem em Allah e no Dia do Juízo Final, nem se abstêm do que Allah e Seu Mensageiro proibiram, e nem professam a verdadeira religião daqueles que receberam o Livro, até que paguem de bom grado a Jizya (taxa ou tributo pago pelos não-muçulmanos dentro do Estado Islâmico) e se sintam submissos"*.

Neste grupo incluem-se os Judeus e os Cristãos:

"Alcorão - 9:30 - Os judeus dizem: Ezra é filho de Allah; os cristãos dizem: O Messias é filho de Allah. Tais são as palavras de suas bocas; repetem, com isso, as de seus antepassados incrédulos. Que Allah os combata! Como se desviam!", com os seus rabinos e monges;

"Alcorão - 9:31 - Tomaram por senhores seus rabinos e seus monges em vez de Allah, assim como fizeram com o Messias, filho de Maria, quando não lhes foi ordenado adorar senão a um só Allah. Não há mais divindade além d'Ele!"

Os versículos acima transcritos reforçam a rutura existente entre os seguidores de Alá e os judeus, consumada em 624 (Delcambre, 2010) quando uma importante caravana anual de mercadorias, importadas da Síria, é atacada pelo grupo do profeta

[65] Cf: https://iqaraislam.com/5-pilares-do-islamismo 16JUN20

e mencionada no Alcorão (3:123) como incentivo aos seus seguidores: *"Sem dúvida que Allah vos socorreu, em Badr, quando estáveis em inferioridade de condições (...)".* As relações com os povos vizinhos estão determinadas no livro sagrado da fé islâmica, o Alcorão (Surata 5; Versículo 82 - 5:82)[66] que regista: *"Constatarás que os piores inimigos dos fiéis, entre os humanos, são os judeus e os idólatras. Constatarás que aqueles que estão mais próximos do afeto dos fiéis são os que dizem: Somos cristãos!, porque possuem sacerdotes e não se ensoberbecem de coisa alguma"*.

Por sua vez o convite à partida pela causa religiosa, pelas recompensas do outro mundo e da *"nova ou segunda criação"*[67], leva à expansão da fé para além dos limites territoriais de Meca e da Arábia, terra-mãe de Maomé. Retemos as seguintes passagens do Alcorão (Suratas 9 e 10):

- Alcorão - 9:38 - "Ó crentes, que sucedeu quando vos foi dito para partirdes para o combate pela causa de Allah, e vós ficastes apegados à terra? Acaso, preferíeis a vida terrena à Outra? Que ínfimos são os gozos deste mundo, comparados com os do Outro!

- Alcorão – 9:39. Se não marchardes (para o combate), Ele vos castigará dolorosamente, suplantar-vos-á por outro povo, e em nada podereis prejudicá-Lo, porque Allah é Onipotente";

- Alcorão - 10:4 – "A Ele retornareis todos. A promessa de Allah é infalível. Ele origina a criação, e logo a faz reproduzir, para recompensar equitativamente os crentes que praticam o bem (...)"[68].

No contexto da época tal como o Crescente Fértil, dominado pelo império Bizantino, o território persa, a Média e as demais regiões situadas a oriente do mar Cáspio eram atravessadas por antigas rotas comerciais, como a rota da seda, promovendo as trocas culturais e económicas com os povos do sul e do interior da Ásia. A sua ação estendia-se ainda pela parte oriental do Irão, do Afeganistão e do mar de Aral habitada por povos indo-iranianos, alguns deles seguidores de Zoroastro. No território persa esta

---

[66] Alcorão significa, em língua portuguesa, "a recitação" https://iqaraislam.com/alcorao-livro-sagrado-do-islamismo/ 4JUN20

[67] Entendida por Argyrou (1984, p. 267-8) como sendo a Ressurreição

[68] Cf, também: Alcorão (17:49-51): "*Dizem: Quê! Quando estivermos reduzidos a ossos e pó, seremos, acaso, reencarnados em uma nova criação? Dizem: Quê! Quando estivermos reduzidos a ossos e pó, seremos, acaso, reencarnados em uma nova criação (...)".*

religião é dominante durante o império dos Sassânidas (224-651 d.C.) tendo sido destronada pelo exército islamita em 642 e os seus devotos obrigados ao pagamento da *"jizya"*, - *"taxa ou tributo pago pelos cidadãos não muçulmanos dentro do Estado Islâmico"* (Alcorão – 9:29). A este respeito escreve Fauret (2015): *"Certains mazdéens réticents à la conversion décident d'émigrer notamment vers l'Inde où ils vont constituer l'actuelle communauté des Parsis, alors que d'autres choisissent de rester en Iran (les « Guèbres », l'origine du terme vient peut-être du mot arabe « infidèle »)".*

No território assimilado pela nova religião inscrevem-se, desde logo, as migrações forçadas por convicções religiosas que se estendem agora não na direção do ocidente mas para as margens do oceano Índico, por onde transitavam já as rotas comerciais que a partir da Península Arábica estabeleciam relação com as terras da Ásia oriental. Neste contexto importa igualmente assinalar que a construção da nova religião do Islão está associada à migração individual do profeta Maomé, de Meca para Medina – *Hégira* – a 16 de julho de 622, que assinala (Cortázar, 2006.X, p. 136): *"o ponto de partida de uma nova era, a ruptura da jovem comunidade com o seu passado em Meca, a fundação do primeiro Estado muçulmano, o inicio do papel político do chefe da nova comunidade"*, e uma *"revolução no Islão"*. Como exemplo regista:

> *"o velho vínculo social e consanguíneo é substituído pelo dos que acreditam na submissão (Islam) a Alá. É este o elemento definidor da comunidade, a partir de então a sua configuração política, exigia também, diferentes propostas; a principal delas corresponde a uma nova concepção de autoridade. A velha autoridade condicional, concedida e revogada pela tribo, desaparece a favor de uma concepção absolutista que a faz proceder de Deus e assume um caráceter de prerrogativa religiosa"*.

Estes traços são experienciados por Maomé (op. cit., p. 137) que

> *"terá ocasião de comprovar o enriquecimento mútuo de ambos os conceitos e a sua força. A sua comunidade, submetida à vontade de Deus e conduzida pelo Profeta à guerra santa contra os infiéis, é capaz de se enfrentar vitoriosamente com os antigos perseguidores de Meca. Com a sua ajuda, Maomé faz a sua entrada triunfal na cidade, no ano de 630. Os velhos ídolos são destruídos e implantado o culto do Deus único. Muitas tribos Árabes e os principais chefes de Meca dão-se por convencidos e apressam-se a entrar na pujante comunidade dos crentes"*.

A descrição do contexto social da época assinalada na introdução do Alcorão (El Hayek, 1974, p. 9) mostra que o império persa e o bizantino *"dividiam o poder entre si"*, encontrando-se envolvidos em lutas político-religiosas, em situação de caos moral, em decadência económica e cultural, enfraquecidos no seu todo, situação que atingia a Península Arábica, dividida pelos dois impérios. Acrescenta o autor (op. cit., pp. 10-11) que *"As lutas internas e as discórdias a assolavam. Cada facção ou tribo adorava um ídolo ou um elemento qualquer da natureza. A história cita que a idolatria era a religião dominante entre os árabes (...)"*. Mais ainda, os fiéis das duas religiões Abraâmicas, Judeus e Cristãos (loc. cit.), *"não conseguiram, apesar da atividade de seus propagadores, reunir os árabes e constituí-los numa só nação"*, contribuindo para o caos religioso, social e político.

O texto profético de Maomé e dos seus companheiros, vertido no Alcorão[69] (op. cit., p. 24), *"continua sendo, o centro da cultura islâmica, dos movimentos filosóficos e de todas as suas atividades intelectuais"*; os seus versículos, a inspiração para a prática religiosa dos seus fiéis; o seu exemplo, um testemunho e memória para a história das grandes religiões orientais. No conjunto destas religiões emerge a revelação de Maomé, transcrita depois por escribas no Alcorão (El Hayek, 2006 – Introdução), o qual constitui *"(...) a palavra de Deus, revelada a Mohammad, desde a Surata da Aberura até á Surata dos Humanos".* Mais ainda*:*

> *"A revelação deu-se em Makka e em Madina e entre ambas as cidades; por isso, as Suratas são divididas em duas partes: as reveladas em Makka, antes da Hégira, e as reveladas em Madina, depois da Hégira. O número total das Suratas é de cento e quatorze, divididas em trinta livros."*

A criação do novo estado, sediado em Medina (Cortázar, 2006.X, p. 141), veio a permitir controlar *"a região central da Península impondo a sua autoridade sobre as restantes zonas da Arábia própriamente dita"*. Nesta sequência (loc. cit.), *"as primeiras campanhas são simples expedições de saque; mas, quando Bizâncio e a Pérsia, esgotados por anos de disputas, mostraram fragilidade que se ocultava na sua solene fachada, o saque converte-se em conquista*

---

[69] *"A palavra Alcorão literalmente significa "leitura por excelência" ou "recitação".* (El Hayek, 1974, p. 26

e a passagem em ocupação" que dita a conquista do Iraque, da Síria, do Egipto e da Pérsia até ao ano de 651. Estava em curso o arranque de um período de novas conquistas que se estendem pela Ásia menor, oriente e ocidente chegando à antiga Hispânia. Nesta sequência a morte de Maomé vai abrir não só a questão interna da sucessão, ditando a evolução da nova religião, como a construção de diferentes dinastias e os intensos movimentos de população, de exércitos e de marchas de guerra associadas à dominação religiosa, política, cultural e civilizacional, como a discussão acerca da função do líder como *"intermediário com o divino"* (Palazzo, 2014, p. 163). Esta questão vai colocar-se depois da morte de Ali - sobrinho do profeta e seu seguidor, desde a primeira hora - a uma luta interna baseada na transmissão do poder entre os líderes, assente na consanguinidade com Maomé, nas normas da tradição das lideranças tribais (loc. cit.), na função do líder com "*papel de intermediário com o divino"* (loc. cit) e na condução de ordem política de *"garantir a prática da religião"* (loc. cit.).

Completando a nota anterior, Palazzo (loc. cit.) escreve:

- *"(…) o posicionamento do chamado "povo da tradição", ou sunitas, se coadunava perfeitamente com as práticas das tribos da região, que davam ênfase à chefia política da comunidade e por isto mesmo tal posicionamento contava com o apoio da maioria das lideranças políticas (…)"* ;

- *"Após a morte de Ali, genro e primo do Profeta, ocorrida no início de 661, a disputa sucessória tornou-se mais acirrada. Os seus partidários, que ficaram conhecidos como xiit'Ali, partidários de Ali, ou xiitas, e que defendiam o direito à sucessão só para os descendentes de Maomé, apontaram primeiramente Hasan filho mais velho de Ali, para assumir o califado (…)".*

Em 680 a morte do filho de Ali, *"Husayn como o quinto califa"* (op. cit., p. 164)[70], juntamente com a família e 72 dos seus companheiros (loc. cit.), *"marcou a ruptura completa entre as duas principais facções do Islã, sunitas e xiitas"* dando origem, junto destas comunidades à evocação do papel de mártir assumido por este familiar do profeta. Mais ainda, com a sucessão mantida pela linha vencedora (op. cit., p. 165), *"O sunismo se estabeleceu, desde os seus*

[70] Os quatro primeiros Califas, dada a sua ligação familiar com Maomé, são considerados *"Califas bem guiados"* (Palazzo, 2014, p. 163)

primórdios, associado a um estado centralizado e burocraticamente organizado em torno de uma corte absolutista com uma clara autoridade político-militar que era exercida pelos califas". De acordo com Esposito (1998, p. 43):

> *"The fundamental difference between Sunni and Shii Muslims is the Shii doctrine of the imamate as distinct from the Sunni caliphate. [...] the caliphe was the selected or elected sucessor of the Prophet. He succeeded to political and military leadership but not to Muhammad's religious authority. By contrast, for the Shii, leadership of the Muslim community is vested in the Imam (leader), who, though not a prophet, is the divinely inspired, sinless, infallible, religiopolitical leader of the community"*.

Embora havendo relação entre o predomínio de cada um destas subdivisões e a *"marcha da humanidade"* representada pelas migrações humanas, importa atender à expressão social deste ordenamento religioso desenvolvido a partir da vasta Península Arábica na sua ligação com os fiéis das duas religiões Abraâmicas – Judaísmo e Cristianismo – e, também, em relação à antiga religião oriunda da Pérsia – dominada pelo Zoroastrismo ou Mazdeísmo – pregada por Zoroastro cerca do século VI a.C. e assente na revelação do deus Ahura Mazda (ou Ormuzd). Na sua comparação com as demais religiões orientais, a doutrina de Zoroastro assentava em 7 pilares essenciais[71] contidos nas escrituras sagradas ou Avesta: orar a um Deus único; fazer o bem ao semelhante; venerar o fogo; lutar contra a opressão; respeitar todas as formas de vida; regeitar a idolatria; cultivar a alegria de viver.

Cada uma destas religiões encontrou no espaço comum do oriente médio cenários associados a lugares e a sociedades, ao poder e à população, garantindo a construção de identidades que extravasam os limites rígidos de uma barreira física, abrindo-se à dispersão e difusão – a maior parte das vezes imposta – em territórios dominados por outras religiões associadas a práticas civilizacionais ainda existentes. Neste contexto a relação entre um espaço territorial, um povo e uma divindade, surge como um suporte às diferentes religiões justificando, à época do seu desenvolvimento e consolidação, traços diferenciadores da doutrina dos seus fiéis e praticantes.

[71] In: https://www.geo.fr/histoire/iran-les-7-piliers-du-zoroastrisme-194 29MAI20

A propósito do Islão, Newby (1996) assinala que durante a vida do profeta, que "*Le Qur'an et la Sira (biographie traditionnelle du Prophète Muhammad) présentent des attitudes ambivalentes envers les juifs et les chrétiens, reflétant les diverses expériences de Muhammad et de la jeune communauté musulmane envers les juifs et les chrétiens en Arabie (...)*" apontando, no entanto que "*mais les musulmans ne doivent pas prendre des juifs ou des chrétiens comme «des alliés ou des dirigeants*". Assim prescreve o Alcorão em 5:51: *"Ó fiéis, não tomeis por confidentes os judeus nem os cristãos; que sejam confidentes entre si. Porém, quem dentre vós os tomar por confidentes, certamente será um deles; e Deus não encaminha os iníquos*". Contudo (loc. cit.),

> *"Dans la «Constitution de Medina,» que Muhammad a négocié avec les Ansar, les Muhajjirun, et les juifs de Medina, les juifs ont été inclus dans le Umma, (la communauté), ils avaient la liberté de se réunir en association et de pratiquer leur religion en échange du payement d'une taxe annuelle. Cet accord et les traités qui ont suivi, négociés par Muhammad avec les juifs de Tayma, et des autres villes de Hijaz, ont établi un précédent, incluant symboliquement les «Peuples des Livres» (Ahl al-Kitab) dans la Umma"* [72].

Após a morte do profeta Maomé, em 632[73], inicia-se a expansão do Islão com exército misto de beduinos e de árabes, num total de cerca de 50.000 guerreiros agrupados[74] em milícias provinciais e tribais. Para Hanne (2015, p. 49)

> *"Chaque 'djund' victorieux s'installe dans les espaces qu'il a conquis sous l'autorité d'un général qui devient amir (« émir »), à la fois gouverneur, juge et chef religieux. Après les pillages, on confisque les grands domaines des empereurs byzantin et sassanide. Les terres des vaincus non convertis sont captées puis louées à leurs anciens propriétaires".*

Mais ainda:

---

[72] *Umma*: entendida como "comunidade de muçulmanos", independente da sua nacionalidade.

[73] Capital: "L'Empire arabe, de 632 à 1258 : Quand le monde musulman montrait le chemin à l'Occident" In: https://www.capital.fr/economie-politique/l-empire-arabe-de-632-a-1258-quand-le-monde-musulman-montrait-le-chemin-a-l-occident-627126 28MAI20

[74] Cada agrupamento tem a designação de "djunt" (Hanne, 2015)

"Si la conquête est rapide, elle se fait toutefois par étapes. On commence toujours par des razzias aux frontières, puis une champagne de longue durée s'enfonce dans les territoires de l'ennemi, brise son armée et pille sa capitale. Plutôt que de s'y installer, les troupes arabes établissent des campements de tentes pour les soldats et leurs familles".

Com esta estratégia os descendentes do profeta lançam-se à conquista dos territórios vizinhos da Península Arábica, do Crescente Fértil – Palestina e Mesopotâmia – da Pérsia e do Egipto, seguindo as antigas rotas caravaneiras do deserto e incentivando a troca de mercadorias entre o mundo oriental e o Mediterrâneo, seguindo daí para outros mercados de África e da Europa. Uma breve síntese dessas conquistas situa a tomada da Síria-Palestina em 638, do Egipto em 641 e a sua progressão sobre o norte de África, Espanha em 711 e a luta contra os exércitos de Carlos Martel em 732.

As expedições para oriente seguiram-se nas décadas seguintes em território turco e na Índia, ao mesmo tempo que os Islamitas passaram a controlar a navegação no Mediterrâneo procedendo a razias nas costas do litoral. Nas áreas conquistadas as relações com os fiéis das religiões judia e cristã ficam marcadas, desde o seu início, pelos ensinamentos de Maomé expressos no Livro de Alá (Alcorão, 2:2) *"(...) que é indubitavelmente a orientação dos tementes de Allah"* e pela recusa daqueles habitantes de Meca e de Medina, juntamente com os politeístas, em seguirem a nova doutrina. Assim o regista o Corão:

- Alcorão - 2:101: "E quando lhes foi apresentado um Mensageiro (Mohammad) de Allah, que confirmou o que já possuíam, alguns dos adeptos do Livro (os judeus) atiraram às costas o Livro de Allah, como se não o conhecessem";

- Alcorão - 2:113: "Os judeus dizem: Os cristãos não têm em que se apoiar! E os cristãos dizem: Os judeus não têm em que se apoiar, apesar de ambos lerem o Livro (...)"[75].

Como efeito imediato, Newby (1996) assinala *"une coupure définitive avec les communautés arabes juives et arabes chrétiennes,*

[75] Esta designação refere-se ao livro da Bíblia Hebraica, para os Cristãos e ao Pentateuco (cinco primeiros livros do A.T. – *Génesis, Éxodo, Levítico, Números e Deuteronómio*) para os Judeus.

de sorte que les relations postérieures se sont construites sur des interactions juives et chrétiennes avec des musulmans qui n'ont connu les actions du prophète que comme de l'histoire idéalisée (...)". Mais ainda (loc. cit): *"Des juifs et des chrétiens ont été théoriquement expulsés de l'Arabie, ou, au moins de Hijaz, mais des évidences ultérieures montrent que des juifs et des chrétiens sont encore restés pendant des siècles après (...)".* Referindo-se à evolução do Islão neste período, o mesmo autor (op. cit.) regista que

> *"La double attaque du monde Islamique au Moyen Age, par des Crusaders venant de l'Ouest et des Mongols venant de l'Est, ont transformés l'attitude des musulmans envers les Dhimmi, mais aussi les relations des juifs et des chrétiens des pays Islamiques envers le régime musulman"*.

A sequência de ciclos de governação iniciada após a morte de Maomé fica marcada, como escreveu Buresi (2008), pela tensão permanente entre os sucessores de Maomé:

> *"Après une période où il n'y eut qu'un seul 'successeur' (calife) à la tête de la "communauté" de l'islam – califat umayyade de Damas (661-750) et abbasside de Bagdad (750-1258) –, et malgré quelques autonomies précoces au sein de cet empire immense, de nouveaux prétendants, représentant des courants politico-religieux opposés aux dynasties régnantes, réussirent à fédérer, et à rendre indépendants, de vastes territoires:*
>
> *- Imâmat fâtimide (chiite septimain/ismaélien) de Kairouan (909-969), puis du Caire (969-1171),*
>
> *- Califat umayyade de Cordoue (929-1031),*
>
> *- Califat almohade de Marrakech et Séville (1130-1269),*
>
> *- Califat hafside de Tunis (1228-1574),*
>
> *- Sultanat mamelouk du Caire (1250-1517),*
>
> *- Empires ottoman de la Méditerranée orientale (1516-1924), Safavide de Perse (1502-1732) et Monghol d'Inde (1526-1857)".*

Nesta sequência a dinastia Omíada, utilizando *"os seus conhecimentos e o domínio das estepes como recurso estratégico"* (Cortázar, 2006.X, p. 142), vai convertendo os acantonamentos das conquistas em *"cidades guarnição"* que se transformam em *"núcleos comerciais e artesanais"* (loc. cit.). Apesar das questões

internas ligadas ao domínio da aristocracia urbana, aos interesses dos nómadas e aos defensores da religião no seu estado original, o Islão organiza-se de tal modo que *"cem anos depois da morte do Profeta, os seus seguidores chegam ao coração da Europa e reduzem o Estado bizantino a uma província da Ásia Menor; o seu império é já mais extenso que o romano no auge do poder"*. As cidades mais importantes deste império são agora, Damasco, que se converte na capital centralizada do califado Omiada e Córdova, na velha Hispânia.

- O ciclo de governo dos califas Omeias é atravessado pelo descontentamento e movimento de resistência contra o poder de tal modo que, *"pelo ano 730, os soberanos Omeias já nem contam com a adesão segura das gentes da Síria, até então base de sustentação do regime que, fosse como fosse, integrava a clientela tribal dos governantes"* (Cortázar, 2006.X, p. 148). Tal deve-se ao movimento interno de resistência dos *"desprezados conversos"* e do movimento *"shiita"* – *"facção puramente Árabe e estritamente política, reivindicadora dos direitos de Ali e dos seus sucessores ao califado"* (loc. cit.), conduzindo à perda de poder dos Omeias em 750, ano em que *"Abu-l-Abas dá início à nova dinastia, abrindo-se uma nova etapa na vida do islão"* (loc. cit.). Para Newby (1996),

> *"O Califado Omíada foi o segundo de quatro califados islâmicos (sunitas), e foi fundado na Arábia após a morte do Profeta Muhammad. Os omíadas governaram o mundo islâmico de 661 a 750, e sua capital se localizava na cidade de Damasco; O fundador do califado, Muawiya ibn Abi Sufyan, havia sido o governador da Síria (antes de fundar sua dinastia após o fim do califado* rashidun*) (...)"*[76].

Este período terá correspondido a uma época em que se registou a negociação de "convenções de poder" entre os Muçulmanos e os Judeus e Cristãos, acontecendo que *"le Judaïsme Rabbinique a pu développer ses institutions dans le contexte de la 'Umma' Islamique"* . Assinala a mesma fonte (loc. cit):

> *"Após o fim do Califado corretamente orientado, formados por grandes nomes como os califas Abu Bakr, Omar, Uthman, e Ali, o califado islâmico passou para as mãos da família Omíada em 661. Mu'awiya, o primeiro califa omíada, liderou os muçulmanos a*

[76] https://iqaraislam.com/oque-foi-o-califado-omiada/ 29MAI20

partir de sua capital em Damasco, e nomeou como seu sucessor seu filho, Yazid, em 680. Isso marcou o início de uma hera em que os califados vindouros seriam dinastias familiares, e assim iria continuar até à sua abolição em 1924 (...)"[77].

A perda do poder pelos Omeias dá início ao novo califado dos Abássidas[78], centrando em Bagdad a capital e assente na organização e progresso económico; no desenvolvimento do império islâmico; na universalização do Islão. Circunstâncias particulares relacionadas com a construção do seu corpo doutrinal conduzem à "*presença de uma acentuada oposição que põe frente a frente 'sunitas' e 'shiitas', com estes últimos convencidos da legitimidade exclusiva dos descendentes de Ali"* (Cortázar, 2006.X, p. 159). Contudo a unidade religiosa mantém-se como traço de união entre os habitantes do império islâmico onde surgem de divergência política associados à efervescência da dinastia deposta.

A propósito da criação do Califado Omíada de Córdova, refere o citado autor (loc. cit.) que

"um Omíada fugido à matança da Palestina edifica um Estado independente, o Al-Andalus. E a situação não é única: na África do Norte, onde a autoridade central nunca conseguira reduzir o feroz individualismo berbere (...), o califa de Bgadad é obrigado a renunciar ao governo de todo o território: uma série de reinos locais vem substituí-lo".

A coexistência de dois califados, um em Bagdad e outro em Córdova, é apontado por Gottman (2013, p. 252) como resultado da distância e da diversidade geográfica entre estas duas regiões do Islão (loc. cit.):

"*Dès que le nouvel empire fut établi, les dificultés pour maintenir les communications sur de si longues distances ainsi que la diversité et les fortes survivances des traditions, cultures et intérêts régionaux provoquèrent de nouvelles subdivisions de son aire. Une compartimentation interne se mit en place, formant une*

[77] https://iqaraislam.com/a-revolucao-abassida/ 29MAI20

[78] De acordo com GRAVELLE (1999, p. 144): *"Abbassides: dynastie de califes sunnites en Irak et à Bagdad, 749-1258, et au Caire, 1261-15 17. Descendant du prophète Mahomet par son oncle al-Abbas"*

sorte de structure politico-féodale, mais des autorités spirituelles différentes et quelque peu rivales se mirent bien vite en place".

As contradições do mundo Mediterrâneo, onde, desde meados do século IX, se desenham destinos diferentes aos impérios aí sediados, faz-se igualmente sentir neste califado que perdura até ao ano de 1031 quando, por morte do califa Almansor, o califado *"passa à história e o Al-Andaluz fragmenta-se em minúsculos estados"*. Assinala ainda Cortázar (2006.X, p. 259):

"Os reinos de taifas efémeros e de limites imprecisos repartem agora o território; uns são berberes, outros eslavos e andaluzes. Todos eles alimentam a secreta esperança de reconstruir em seu proveito a unidade califal, tratando por isso de legitimar o seu poder, ao reconhecer a dinastia abássida"

que, entretanto, vai definhando por lutas internas e por ameaça dos turcos. Com efeito, no contexto geográfico da Ásia menor, a Turquia (Newby, 1996) "*Converti par des marchands Sunnites et organisés comme des fraternités militaires imprégnées de l'esprit militaire de jihad, les Turcs devenaient les défenseurs des terres Islamiques*".

Por sua vez o Califado Fatimida do Cairo corresponde ao mais recente dos califados islâmicos do século X. Como descreve Cortázar (2006.X, p. 258) *"a sua origem está no triunfo, no ano de 969, de um exército berbere saído de Cairuã, onde sessenta anos antes se havia instalado um conjunto de bando ismaelitas (...) que, nos fins do século IX, mina as bases do califado abássida"*. O seu poder, centrado no Cairo vai perdurar até aos finais do século XII (1171), abrangendo um vasto território no Médio Oriente, na África do norte e na Sicília submetido aos descendentes da filha de Maomé – Fátima – e aos seus herdeiros.

Este poderio ismaelita de tropas berberes centrados no Egipto apoderou-se (loc cit.) *"da Palestina e eventualmente da Síria e da sua capital Damasco"*, dando origem ao novo império muçulmano que se estende (loc. cit.), *"do centro do Magrebe até às terras da Síria (...). A sua extensão contribui para debilitar o de Bagdad, mas, apresenta-se, sobretudo, como uma vitória dos xiitas que, num estado poderoso poderão empreender a conquista espiritual de várias regiões asiáticas"*. Como traço deste domínio acrescenta o autor (loc. cit.):

"Cosmopolita e acolhedor, o califado usa uma tolerância não discriminatória para com os Judeus e os Cristãos, o que não exclui temporárias e brutais perseguições como as experimentadas entre 1007 e 1014, que conduzem à destruição da igreja do Santo Sepulcro de Jerusalém".

De certa forma estes últimos ataques acabaram por impor o movimento das cruzadas que na sua evolução e cenários regista diversos encontros armados com os cavaleiros e infantes envolvidos nessas expedições. Na verdade, a presença dos Fatímidas e dos Turcos Seljúcidas em território bizantino levou o imperador Alex I a solicitar auxílio dos Cristãos do ocidente contra as ameaças do seu império e tomada de Jerusalém pelos Muçulmanos. De acordo com Michaud (1839, p. 10),*"Les évêques, les barons, les chevaliers et tous les fidèles qui avaient assisté au concile de Clermont, avaient juré de marcher à la délivrance de Jérusalem; ils portaient sur leur vêtement une croix rouge de drap ou de soie, et de là vint le nom de croisés."*

Para além da ação deste último califado cada um dos demais enfrenta diversas lutas pelo poder dentro do Islão e com os povos Cristãos do ocidente durante a invasão dos seus territórios e durante a defesa dos que eram habitados pelos fiéis de Cristo, expressa nas lutas da reconquista e na posse pelos lugares sagrados de Jerusalém.

Apesar da evolução e ruturas, a doutrina islâmica manteve os seus traços originais o que nos ajuda a compreender a evolução militar e política nos territórios da antiga Palestina e em todo o império romano do oriente, sobretudo depois da pregação do movimento das Cruzadas pelo Papa Urbano II, em 1095 d.C.. À data a Europa, fortalecida pela estruturação da economia e das cidades, pela criação de novas ordens religiosas e desperta pelas peregrinações aos lugares santos é solicitada a auxiliar os Cristãos de oriente face à luta que estes travavam contra os turcos e os árabes.

4.2 – MIGRAÇÕES: JHIAD E PEREGRINAÇÃO

A mobilidade geográfica dos povos do Médio Oriente é um dos traços fundamentais da vida diária de muitos dos seus habitantes mais antigos: nobres, caravaneiros, comerciantes e pastores. Está inscrita na história religiosa, social e cultural do povo árabe em narrativas de viagem, peregrinações, marchas de guerra, perseguições e cativeiros que ilustram a evolução dos poderes instalados nessa região. Na vida de Maomé as migrações fazem parte do seu percurso antes ainda da revelação do Alcorão, mencionando os seus biógrafos viagens à Síria, durante a sua juventude e a outras paragens (Hussein, s/d); a pregação do Islão iniciada em Meca e continuada na emigração, no exílio, na separação da cidade materna e no refúgio com os seus companheiros em Medina. Como foi assinalado esta deslocação, datada de 16 de Julho de 622, marca o início das Hégira e do calendário Islâmico.

As migrações são continuadas nas peregrinações e marchas de guerra ligadas à expansão, à conquista de outros territórios e à conversão dos infiéis ao Islão a que se associa a designação de *Jhiad* (Cherem, 2009), construção jurídica do Islão. Regista o autor (loc. cit.) que *"o profeta Maomé nunca declarou um 'jihad' (pelo menos não com esse termo), embora suas campanhas possam ser consideradas jihads prototípicos. Da mesma forma, as conquistas islâmicas dos séculos VII e VIII só foram classificadas como jihad depois (...)"*. Na sua relação com as migrações e marchas de guerra a *Jhiad* (op. cit., p. 85), *"é um tipo de luta ou esforço, o empenho de um indivíduo para o seu próprio bem (jihad al-nafs) ou para o bem coletivo (a pregação ou, em última instância, a luta armada)"*, que acompanha as conquistas, nas quais os combatentes antes da conquista (Alcorão, 57:10) *"(...) são mais dignos do que aqueles que contribuíram e combateram posteriormente (...)"*.

Próximo da revelação ao Profeta, Hussein (s/d) regista a imigração de onze homens e de quatro mulheres, no ano 615 – ano cinco da missão, para o reino Cristão de Negus, na Abissínia. Este exílio foi reforçado com a fuga de mais compatriotas seus para a mesma nação em virtude de estarem a ser ameaçados em Meca por

seguirem os ensinamentos de Maomé, num total de cento e treze pessoas. Regista o mesmo autor que (loc. cit.):

"Lorsque les mesures d'interdiction imposées par les Quraych aux Musulmans furent élevées, et que les Hâchimites devinrent libres d'avoir des relations commerciales avec les citoyens de la Mecque, des nouvelles parvinrent en Abyssinie faisant état de l'instauration de la paix entre Mohammad et les Mecquois."

Os acontecimentos ocorridos em Meca contra a doutrina pregada por Maomé, nomeadamente a perseguição aos seus seguidores, está na origem da emigração de cerca de cento e cinquenta pessoas para Medina (Hussein, s/ d):

"Ainsi, au printemps de la treizième année de sa Mission, commença la Hijrah ou l'Exode vers Yathrib. Les convertis Mecquois qui émigrèrent à Médine furent appelés Muhâjirin, alors que les hommes de Médine qui entreprirent la défense du Prophète contre ses ennemis furent dénommés les Ançar ou les Partisans".

Depois deste movimento e perante a informação de perigo de vida durante a sua estadia na sua cidade (Hussein, s/d), *"l'Ange Gabriel se rendit auprès du Prophète, l'informa du complot qui le visait, et lui communiqua l'autorisation d'Allâh d'émigrer de la Mecque à Médine cette nuit même"* fazendo deste acontecimento a Hégira. Mais ainda (loc. cit.): *"Mohammad arriva à Qobâ, dans la banlieue de Médine, à environ trois kilomètres de la ville, le lundi 12 Rabî ' al-Awwal, à la fin de la treizième année de sa Mission, et de la cinquante troisième année de sa vie"*.

Estes movimentos, associados à defesa da própria vida, à proclamação da fé islâmica e à luta por Alá, está assinalada em diversos versículos do Alcorão, tais como:

- Alcorão - 59:9 – "Os que antes deles residiam (em Madina) e haviam adotado a fé, mostram afeição por aqueles que migraram para junto deles e não nutrem inveja alguma em seus corações, pelo que (tais migrantes) receberam (de despojos); por outra, preferem-nos, em detrimento de si mesmos, mesmo estando em necessidade. (…)".

O recurso ao trabalho de Hussein (op. cit.) permite conhecer que a cidade de Medina *"Quelques siècles avant Mohammad, ils avaient émigré à Yathrib, Médine maintenant, et chassé les Juifs dont une*

partie sera disséminée parmi les Arabes et sous leur protection, et une autre regroupée en communautés indépendantes (...)". Neste texto a migração pela causa de Alá, associada à *jhiad*, é recompensada pelo Piedoso em diferentes situações. Vejamos as seguintes[79]:

- *Alcorão - 16: 110. "E o teu Senhor é, para com aqueles que emigraram (de Makka) e que depois de terem sido torturados, combateram pela fé e perseveraram, por isso, Indulgente, Misericordiosíssimo".*

- *Alcorão - 22:58. "Aqueles que migraram pela causa de Allah e foram mortos, ou morreram, serão infinitamente agraciados por Ele, porque Allah é o melhor dos agraciadores".*

- *Alcorão* - 29:6 – *"Quanto àquele que lutar pela causa de Allah, fá-lo-á em benefício próprio (...)".*

Acerca da luta imposta pela lei religiosa, assinala-se, do Corão:

- *Alcorão* - 2:216 – *"Está-vos prescrita a luta (pela causa de Allah), embora a repudieis. É possível que repudieis algo que seja um bem para vós e, quiçá, gosteis de algo que vos seja prejudicial (...)".*

Ou, ainda:

- *Alcorão* - 5:84 – *"Luta, pois, pela causa de Allah, porque tu és somente responsável por ti mesmo; e esforça-te em estimular os crentes; quisesse Allah, conteria a fúria dos incrédulos, porque Allah é mais poderoso, ainda, e mais punidor".*

Completando esta obrigação, refere-se:

- *Alcorão* - 5:33 – *"O castigo, para aqueles que lutam contra Allah e contra o Seu Mensageiro, e semeiam a corrupção na terra, é que sejam mortos, ou crucificados, ou lhes seja decepada a mão e o pé de lados opostos, ou banidos. Tal será, para eles, uma desonra neste mundo e, no Outro, sofrerão um severo castigo. (...)".*

Diferentes situações estão assinaladas no Livro, estando relacionadas com as lutas havidas entre os seguidores do profeta e os judeus e mesmo com os árabes antes da sua expansão para fora do território da Arábia. Sucede que este primeiro período correspondente à fixação de Maomé em Medina está assinalada por

[79] SHAYKH MUHAMMAD HISHAM KABBANI. "O que é Jihad ou Guerra Santa? https://iqaraislam.com/o-que-e-jihad-ou-guerra-santa/ 4JUN20

um conjunto de intervenções armadas com os antigos vizinhos do profeta, assinalando um período designado por *"anos de Emigração"* – num total de onze[80] - marcados pela rivalidade dos judeus residentes em Meca contra os seguidores do Islão e pela ajuda de Alá nessas pelejas (cf. Alcorão, 8:9): *"E de quando implorastes o socorro do vosso Senhor e Ele vos atendeu, dizendo: Reforçar-vos-ei com mil anjos, que vos chegarão paulatinamente."* Numa dessas situações no decurso do sexto ano de emigração, os judeus perderam no combate (Hussein, s/d): "*deux cents captifs, mille chameaux et cinq cents moutons. Juwayriyyah, la fille du chef des Juifs, figurait parmi les captives"*. Depois desta vitória e assinada a paz com Meca, o Profeta (Hussein, op. cit.), no sétimo ano de emigração, *"était en mesure de diriger son attention vers un prêche plus étendu de sa Religion pour accomplir ainsi le principal objectif de sa Mission Divine"*, decidindo *"d'inviter les Etats et Empires voisins à la Foi Divine en leur envoyant des Ambassadeurs munis d'une missive de sa part."*.

Novos conflitos são então desencadeados, nomeadamente com a cidade de Meca, com o início de uma marcha de guerra sobre a cidade em 1 de Janeiro de 630 d.C.. Esta viagem permitiu a Maomé a reentrada triunfal na sua antiga cidade e a oração *"au Sanctuaire de la Ka'bah où il fit les salutations rituelles à la Pierre Sacrée, accomplit les sept tournées autour du Sanctuaire, et offrit les prières de dévotion"* (Hussein, s/d), tendo então procedido à destruição dos diferentes ídolos aí venerados. Em seguida *"Le Prophète se rendit ensuite sur la colline de Çafâ et convoqua les Mecquois pour qu'ils lui présentent leur hommage et lui jurent fidélité"*. Regista ainda o referido autor (op. cit.) que no decurso do ano nove da emigração do profeta – ou da Hégira -, *"La plupart des pèlerins du Pèlerinage annuel de la Mecque étaient des païens qui mélangeaient le sacré des pratiques idolâtres avec les rites. Jusqu'ici le Prophète s'absentait de ces cérémonies, et se contentait, pendant les années précédentes, du Pèlerinage Mineur."* Na oportunidade dessa ocorrência (loc. cit.), *"Le Prophète avait reçu à cette époque une Révélation interdisant aux idolâtres d'accomplir le Pèlerinage après cette année (...)",* decidindo deslocar-se Meca junto de *"Trois cents Musulmans accompagnèrent Abû Bakr et vingt chameaux lui furent donnés afin qu'ils soient sacrifiés pour le Prophète"*, explicando aos peregrinos as regras das novas peregrinações, nomeadamente a proibição de caminhar em

[80] Correspondentes aos onze anos da Hégira iniciada em 622 d.C.

torno da "pedra negra", nu, bem como a participação dos idólatras nestas peregrinações. Também nesse ano foi declarada a adesão de todas as tribus ao profeta, tendo acolhido também uma delegação de Cristãos, aos quais terá comunicado (loc. cit): *"le choix entre embrasser l'Islam ou porter les armes contre lui."*

O mesmo texto (loc cit) regista ainda que, no ano décimo da emigração do profeta, *"commença avec l'arrivée de nouveaux ambassadeurs"* e Maomé, ao aproximar-se o período anual da peregreinação a Meca,

> *"Il invita les gens de toutes les régions de la Péninsule à se joindre à lui afin qu'ils se familiarisent avec l'accomplissement correct des différents rites ayant trait aux cérémonies sacrées. Depuis son émigration à Médine, ce serait le premier et le dernier Hajj (Pèlerinage à la Mecque) du Prophète. Cinq jours avant le début du mois de Thilhaj, le mois du Pèlerinage, le Prophète se dirigea vers la Mecque, suivi de plus de cent mille pèlerins"*,

onde declarou a sua proteção divina e indicando Ali, com o seu sucessor. Nesse ano, ainda, apesar da doença, ordena uma expedição contra a Síria *"pour venger les courageux soldats musulmans qui y étaient tombés en martyrs, dans une récente escarmouche"* e *"le Lundi 2 Rabî' I de l'an onze (calculé en commençant par le mois de Moharram), que le Prophète rendit l'âme, à l'âge de soixante-trois ans".* Depois da morte do Profeta é escolhido o primeiro Califa dando-se então início às *"expedições contra os países estrangeiros"* (Hussein, s/d), nomeadamente contra a Síria, o Iraque e a Pérsia (anos 12-13 Hégira – 633-634 d.C.) dominada em 657 d.C.

As conversões forçadas associadas à expansão do Islão e à *'jhiad'*, - noção bastante alargada mas associada à *"ideia de um esforço pertinaz para um objectivo determinado (...), uma luta no caminho de Deus"* (Brissaud, 1992, p. 35) - está plasmada em duas atitudes complementares (loc. cit):

- *"Jhiad das almas, é sobretudo uma luta no caminho de Deus (...);*

- *"Jhiad do corpo, visa a defesa ou a propagação do Islão pela guerra".*

No presente referiu Cunha (2008) que a designada *"Jhiad menor"* refere-se *"ao esforço que o muçulmano deve fazer no intuito de levar*

a mensagem do Islão aos que não têm consciência da mesma e, para outros, como forma de levar a mensagem também até aqueles que não se submetem a Deus e à Paz." Completando, assinala (loc. cit):

> *"Há assim os que interpretam a "Jihad menor" como sendo uma forma permitida de guerra, com o intuito de expandir a área de influência do Islão. Alguns grupos acham que este conceito tem aplicação não apenas à defesa física dos muçulmanos, mas também à reclamação de terra que em tempos pertenceu a muçulmanos ou à protecção do Islão contra aquilo que eles vêem como influências que "corrompem" a vida muçulmana".*

Em sentido combativo esta luta está presente na vida do profeta quando este e os seus companheiros foram forçados a deixar o seu país e cidade natal, em Meca, fugindo por segurança para Medina após treze anos propagando a sua fé e chamando os seus conterrâneos para a nova religião. O Alcorão (16:10) refere-se a esta deslocação[81] do seguinte modo: *"E o teu Senhor é, para com aqueles que emigraram (de Makka) e que depois de terem sido torturados, combateram pela fé e perseveraram, por isso, Indulgente, Misericordiosíssimo".*

Esta referência pode ser completada com outras da mesma natureza onde se valoriza a migração pela causa de Alá:

- Alcorão: 2:218 - "Aqueles que creram, migraram e combateram pela causa de Allah poderão esperar de Allah a misericórdia (...)".

- Alcorão: 3:195 - "(...) Quanto àqueles que foram expulsos dos seus lares e migraram, e sofreram pela Minha causa, combateram e foram mortos, absolvê-los-ei dos seus pecados e os introduzirei em jardins, abaixo dos quais correm os rios, como recompensa de Allah (...)".

- Alcorão: 4:100 – "Mas quem migrar pela causa de Allah, achará, na terra, amplos e espaçosos refúgios. E quem abandonar seu lar, migrando pela causa de Allah e de Seu Mensageiro, e for surpreendido pela morte, sua recompensa caberá a Allah, porque é Indulgente, Misericordiosíssimo".

---

[81] SHAYKH MUHAMMAD HISHAM KABBANI. "O que é Jihad ou Guerra Santa? https://iqaraislam.com/o-que-e-jihad-ou-guerra-santa/ 4JUN20

- Alcorão: 8:72 - "Os crentes que migraram e sacrificaram seus bens e suas pessoas pela causa de Allah, e aqueles que os ampararam e os secundaram, são protetores uns aos outros (...)".

Alcorão: 16: 41 - "Quanto àqueles que migraram pela causa de Allah, depois de terem sido oprimidos, apoiá-los-emos dignamente neste mundo, e, certamente, a recompensa do Outro Mundo será maior, se quiserem saber".

O reconhecimento do Altíssimo pelas migrações em nome da fé, a recompensa aos que perderam a vida e aos que se juntam à comunidade, partilhando a crença na mesma fé, é mencionada em diversas ocasiões:

- Alcorão - 2:217 – "Quando te perguntarem se é lícito combater no mês sagrado, dize-lhes: A luta durante este mês é um grave pecado; porém, desviar os crentes da senda de Allah, negá-Lo, privar os demais da Mesquita Sagrada e expulsar dela (Makka) os seus habitantes é mais grave ainda, aos olhos de Allah, porque a perseguição é pior do que o homicídio (...)".

- Alcorão – 59:9 – "Os que antes deles residiam (em Madina) e haviam adotado a fé, mostram afeição por aqueles que migraram para junto deles e não nutrem inveja alguma em seus corações, pelo que (tais migrantes) receberam (de despojos); por outra, preferem-nos, em detrimento de si mesmos, mesmo estando em necessidade. Sabei que aqueles que se preservarem da avareza serão os bem-aventurados".

Compulsando outras fontes completamos a noção de *'jhiad'* anteriormente descrita. Para Bleuchot (2000. VIII. p. 1) esta começa por estar associada à *"l'activité du Prophète et de ses Compagnons, avec l'atmosphère de lutte et d'exaltation pieuse et tout son environement (prières, dons d'armes et de chevaux aux combattants, appels à la conversion, départs en champagne, etc.) dans laquelle ils vivaient" (...).* Mais ainda, o referido texto assinala (loc. cit.):

"À l'interprétation des fuqahâ' de l'époque classique, pour qui jihâd signifie guerre sainte offensive, s'oppose celle des réformistes pour qui jihâd signifie guerre défensive ou guerre juste. Le sens de jihâd comme guerre sainte offensive a dominé la tradition juridique et la qualification de jihâd a fini par s'étendre même aux

diverses répressions contre les hérétiques, les rebelles et les brigands, cela à une époque tardive toutefois chez les sunnites".

Acrescenta, por outro lado (loc. cit.):

"Jihâd dans le sens juridique: guerre sainte. Dans les traités classiques de droit musulman, le jihâd est bien une guerre faite avec des armes contre des mécréants bien concrets, et non une lutte spirituelle (...). Le jihâd est de plus un devoir obligatoire qui est donc nécessairement bon et saint. Nombreux sont les hadîth qui placent le jihâd très haut dans la hiérarchie des devoirs religieux, avant le pèlerinage ou la prière. D'où la traduction de "guerre sainte" que l'on utilise souvent".

Dicutindo a extensão da referida designação, o autor afirma (op. cit., p. 2): *"C'est que le jihâd est la seule activité de nature profane qui est classée dans les devoirs religieux, surtout dans le hadîth"*. Daí que, (loc. cit.):

"Les morts musulmans sont des martyrs (chuhadâ') morts sur la voie de Dieu (fî sabîli Llâh). Ils sont assurés d'aller au paradis (Coran 9, 111, 169b-170) et d'y avoir des privilèges sur les autres bienheureux (...). Le but religieux du jihâd est aussi spécialement mis en valeur dans les ouvrages juridiques même modernes".

A consulta do Corão (2006)[82] completa esta leitura:

– Alcorão - 9: 111: *"Deus cobrará dos fiéis o sacrifício de seus bens e pessoas, em troca do Paraíso. Combaterão pela causa de Deus, matarão e serão mortos. É uma promessa infalível, que está registrada na Tora, no Evangelho e no Alcorão. (...)";*

– Alcorão - 3:169: "E não creiais que aqueles que sucumbiram pela causa de Deus estejam mortos; ao contrário, vivem, agraciados, ao lado do seu Senhor (197)".

A discussão aprofundada pelo autor, relacionada com a visão clássica e a visão moderna da *'jihâd'*, completa as diferentes interpretações associadas às migrações humanas – marchas de guerra e peregrinação - e à tipologia anteriormente descrita:

- No que respeita à visão clássica (Bleuchot, 2000. p. 3), à *"qui fait du jihâd une guerre sainte offensive contre le monde non*

[82] O Alcorão Sagrado (2006) – Tradução de Samir El Hayek. In: eBooksBrasil.com - http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/alcorao.pdf 28MAI20

musulman et dont l'objectif est de le soumettre à l'autorité islamique". A mesma obra assinala (op. cit., p. 5): *"Le Coran assigne comme but au jihâd la conversion des infidèles (8, 39; 9, 5) ou leur soumission (9, 29), mais ce but peut n'être aussi que leur demande de cessation des combats (2, 192, 193; 4, 91; 8, 39, 61) (...)".* (loc. cit).

- Com base no escrito no Alcorão (9:91) – *"Estão isentos: os inválidos, os enfermos, os baldos de recursos, sempre que sejam sinceros para com Allah e Seu Mensageiro (...)"*.

- Quanto às outras visões (Bleuchot, 2000, p. 14): *"Les visions différentes (guerre entre musulmans, sens mystique, sens défensif...), ainsi que la pratique et les conceptions modernes"*. Na sua discussão o autor trata das conceções não clássicas da Idade Média, entre as quais destacamos (loc. cit.):

- *"450 — Guerre sainte et rébellion. La multiplication des rébellions, même avant la mort du Prophète et surtout à l'époque ummayade et abbasside a amené les juristes à inclure dans la guerre sainte la lutte contre les rebelles (...)"*;

- *"451 — Le jihâd moral et spirituel. Relativement tôt, des sens nouveaux, plus spirituels vinrent enrichir la vision du jihâd. C'est d'abord l'ijtihâd, la recherche de la loi religieuse, qui peut être considérée comme une forme de jihâd moral (...)"*; *"C'est au milieu du IXe siècle, c'est-à-dire au début du 3e siècle de l'hégire, que dans le milieu basrien on commença de donner au jihâd un sens moral et spirituel de lutte contre les passions de l'âme"* (...). Na sua evolução prática e próximo do período em análise, importa ainda destacar (op. cit., p. 17):

- *"454 — La pratique jusqu'au XVIe siècle. La théorie juridique du jihâd ne fut jamais strictement appliquée. La pratique réelle des relations entre nations chrétiennes et nations musulmanes fut très complexe. Nombre de traités de paix, traités de commerce, et d'alliance ont été signés et honorés"*.

As peregrinações – *hadj* - aos lugares sagrados, templos e santuários, descritas nos textos do Antigo Testamento e que fazem parte das tradições religiosas dos descendentes de Abraão, são igualmente conhecidas entre as populações berberes que antes ainda da fundação do Islão se encontravam junto de *"'Arafât (petite éminence de roches granitiques située dans une vallée à l'intérieur*

d'une région montagneuse, à une quinzaine de kilomètres à l'est de la Mecque)" para prestarem culto aos seus deuses. Hoje em dia, a *hadj*, viagem de peregrinação a Meca[83] *"deve ser feita pelo menos uma vez na vida pelos muçulmanos com condições para tal. Na Peregrinação, vários rituais são praticados de acordo com a tradição abraâmica da peregrinação, tendo este pilar sido iniciado com o Profeta Abraão em suas visitas à Meca".* Com a pregação de Maomé no último mês do calendário da Hégira, este mesmo local passou a acolher os crentes que aí se dirigiam (Hussein, s/d) para a sua *"Hajj al-Akbar (le Pèlerinage Majeur) et il est obligatoire pour chaque Musulman, sauf au cas d'excuse légale".* Adianta o referido autor (loc. cit.) que além desta, *"alors que celui qu'on accomplit à toutes les autres époques de l'année (sans le pèlerinage de 'Arafât), fut nommé 'Omrah ou Hajj al-Açghar (le Pèlerinage Mineur)"*. O apelo do profeta para a realização desta deslocação, torna-se obrigatória: "*Appelle les gens au Pèlerinage: ils viendront par des chemins encaissés"* (Alcorão, 22:27).

A descrição de Hussein (loc. cit.), confirma a importância que este território – província de *Hijâz* - assumiu na religião Islâmica, como Terra Santa ou Terra de Peregrinação – o que fez da cidade de Meca o principal centro religioso dos Islamitas:

> *"La Mecque est célèbre pour son édifice sacré, la Ka'bah, qui est un lieu de grand rassemblement depuis l'époque d'Ibrâhîm et de son fils Ismâ'îl qui construisirent le Sanctuaire. Ibrâhîm fut le premier à appeler les gens à visiter la Maison Sacrée. La tradition présente la Mecque comme étant le centre du pèlerinage annuel des gens venant de toute l'Arabie et des pays voisins depuis des époques immémoriales, et probablement depuis l'appel d'Ibrâhîm".*

Mais ainda (loc cit.): *"Les gens qui s'assemblaient à la Mecque en vue du pèlerinage s'intéressaient eux aussi au grand marché de 'Okâdh, pour profiter des avantages des mois sacrés"*. Desde a fundação do Islão a peregrinação a Meca constitui, desde o sexto ano da Hégira, o quinto pilar do Islão devendo ser realizada nas condições prescritas no Corão (2: 196 e ss):

> *- Alcorão – 2:196: "E cumpri a peregrinação e a 'umra, a serviço de Allah. Porém, se fordes impedidos disso, dedicai uma oferenda do que vos seja possível, e não corteis os vossos cabelos até que a oferenda tenha alcançado o lugar destinado ao seu sacrifício. Quem*

[83] IqaraIslam: https://iqaraislam.com/5-pilares-do-islamismo 16JUN20

de vós se encontrar enfermo, ou sofrer de alguma infecção na cabeça, e a raspar, redimir-se-á mediante o jejum, a caridade ou a oferenda. Entretanto, em condição de paz, aquele que realizar a 'umra antes da peregrinação, deverá, terminada esta, fazer uma oferenda daquilo que possa. E quem não estiver em condições de fazê-lo, deverá jejuar três dias, durante a peregrinação, e sete, depois do seu regresso, totalizando dez dias. Esta penitência é para aquele que não reside próximo ao recinto da Mesquita Sagrada. (...)".

- Alcorão - 2:158: *"As colinas de Assafa e Almarwa fazem parte dos rituais de Allah e, quem peregrinar à Casa, ou cumprir a 'umra (peregrinação menor), não cometerá pecado algum em percorrer a distância entre elas. (...)";*

- Alcorão – 3:96: *"A primeira Casa (sagrada), erigida para o género humano, é a de Bakka, onde reside a bênção, servindo de orientação para a humanidade".*

- Alcorão – 3:9: *"Encerra sinais evidentes: lá está a Estância de Abraão, e quem quer que nela se refugie estará em segurança. A peregrinação à Casa é um dever para com Allah, por parte de todos os seres humanos, que estejam em condições de empreendê-la (...)";*

- Alcorão – 9:19: *"Considerais, acaso, os que fornecem água aos peregrinos, e os guardiões da Sagrada Mesquita iguais aos que crêem em Allah e no Dia do Juízo Final, e lutam pela causa de Allah? Aqueles jamais se equipararão a estes, ante Allah. Sabei que Allah não ilumina os injustos".*

Ainda do Alcorão fazemos referência à 22 Surata - *"AL HAJJ"* - A Peregrinação - Revelada em Medina - e a Surata 110 - *"AN NASR"* (O Socorro) - revelada em Medina, durante a peregrinação da despedida do profeta enaltecendo a força e a bondade do Poderosíssimo na sua relação com o credo do pai Abraão (Alcorão - 22:78) e os louvores ao Senhor pela entrada, *"em massa, na religião de Allah"* (Alcorão - 110:2).

Pelo que anteriormente referimos, a análise das migrações no contexto da lei islâmica merece uma nota particular tendo em conta o entendimento destes movimentos em dois documentos fundamentais: O Alcorão e a Sunnah do Profeta, a qual, de acordo com A. Aldeeb Abu-Sahlieh (1996, p. 37) *"designates, sayings,*

accounts and facts, called also hadiths, attributed to Muhammad, infallible model according to the Quran and interpreter of God's will." À resistência aos ensinamentos do profeta é garantida, de acordo com o Alcorão (34:5), *"Mas, aqueles que lutam contra os Nossos versículos sofrerão um castigo e uma dolorosa punição".*

Com a sua pregação e alargamento do território submetido ao Islão foi-se implantando a nova religião, associada à afirmação de uma civilização difundida através dos itinerários já percorridos pelos nómadas, caravaneiros do deserto, mercadores e nas elites estruturadas em torno desta atividade. A emigração, entendida na religião islâmica como forma de peregrinação, dá continuidade a um conjunto de práticas e atividades humanas regidas por um código religioso e de procedimentos éticos e societais comuns à civilização do Islão. Assim o manda o Livro (Alcorão 22:27-28):

> *"E proclama a peregrinação às pessoas; elas virão a ti a pé, e montando toda espécie de camelos, de todo o longínquo lugar, para testemunharem os benefícios que lhes foram dados e invocarem o nome de Allah, nos dias mencionados, (agradecidos) pelo gado com que Ele os agraciou (para o sacrifício). Comei, pois, dele, e alimentai o indigente e o pobre".*

Nesse contexto razão tem Braudel (1989, p. 55) ao escrever: *"tal como o cristianismo foi herdeiro do Império romano, que prolonga, o Islão, por sua vez, vai apoderar-se de início, do Próximo-Oriente, uma das mais antigas, se não a mais antiga encruzilhada de homens e povos civilizados do mundo"*.

As situações descritas ajudam a compreender os relatos que preenchem a cronologia da baixa Idade Média, a ocupação do espaço do mundo mediterrânico e do território litoral palestino e de Jerusalém partilhado entre o poder de Bizâncio, os exércitos dos seguidores de Alá e os exércitos defensores dos lugares santos, bem como a evolução moderna e contemporânea dessa vasta região geoestratégica mundial. Na sua marcha ao longo da bacia do Mediterrâneo, o Islão difundiu um conjunto de novas técnicas de irrigação agrícola, introduziu metais, em particular o ouro, desenvolveu a rede urbana e a ciência em diferentes domínios do saber como a hidráulica, a astrologia, a matemática, a medicina, a geografia, a filosofia, deu proteção às artes. Esses domínios foram relevantes para o florescimento da cultura árabe e enriqueceu e

promoveu a expansão e o domínio de diferentes dinastias do Islão, que animadas pelo espírito da luta, *"pela causa de Allah"* (Alcorão – 4:84), estimularam vários centros urbanos e pontos estratégicos do Levante, em África, e no Al-Andalus[84]. Dessa ação resultou a construção de um largo reino ou Califado Islâmico que se estendeu pelo norte do continente africano e bacia do Mediterrâneo até ao Al-Andaluz, continuando pelos territórios da antiga Península Arábica e Ásia ocidental.

Neste conjunto de referências tem lugar mais uma citação Ribeiro (1968, p. 33), quando afirma: *"o Mediterrâneo é, ao mesmo tempo, uma zona terrestre e um destes vastos domínios de civilização que podem demarcar-se à superfície dos continentes"* . Assenta esta afirmação na sua individualidade natural e geográfica, riqueza civilizacional, património cultural e contributo direto e indireto que outorgou em relação ao mundo civilizado em diferentes épocas e ciclos de vida da história da humanidade. Tal põe em evidência duas das mais antigas ciências sociais, a História e a Geografia Humana entrelaçam-se (op. cit., p. 232) numa *"trama espessa e indissociável"*, ligada à origem dos povos e das nações; aos mitos e feitos dos heróis da antiguidade; à construção e desenvolvimento das mais antigas e influentes religiões do globo; à atividade comercial e vida de relação; à arte e ciência; ao pensamento científico, estratégias e artes de guerra que prolongam, desde os acontecimentos ora descritos, a marcha dos fenómenos sociais e totais (Gurvitch) que continuam a ilustrar a efervescência societal da bacia mediterrânica. Ou não fosse esta a terra conhecida pelas grandes lutas mitológicas, pelas paixões ardentes da rainhas e monarcas, de feitos honrosos de heróis e da juventude contra monstros e em guerras nacionais.

O Canto I da Eneida de Vergílio (I, 1-11), evocando Eneias, sobrevivente de Tróia, reforça a tradição mítica da guerra nessas paragens e as lutas insanas que se prolongam na atualidade:

"As armas canto e o varão que, fugindo das plagas de Troia
por injunções do Destino, instalou-se na Itália primeiro
e de Lavínio nas praias. (…)
Musa! recorda-me as causas da guerra, a deidade agravada;

---

[84] Histoire de l'Islam In: https://fr.wikipedia.org/wiki/Histoire_de_l%27islam 28MAI20

por qual ofensa a rainha dos deuses levou um guerreiro
tão religioso a enfrentar sem descanso esses duros trabalhos?
Cabe tão fero rancor no imo peito dos deuses eternos?
(…)".

V – GEOGRAFIAS DE PODER

Os movimentos de população registados nas diferentes regiões no mundo mediterrânico caracterizam-se, ao longo do tempo, de forma diferenciada (Arroteia, 2019, p. 157): quanto à sua natureza, causas, condição dos migrantes, composição e outras situações que dizem respeito ao espaço, à duração e à sua denominação conforme o contexto geográfico e o tempo em que foram realizados. Dentro deste quadro de análise as migrações e as peregrinações, associadas a causas religiosas inscrevem-se em contextos territoriais, históricos e sociais diferenciados; em espaços de poder e de dominação militar dos impérios de Roma, do império Persa e dos territórios submetidos ao Islão, num período alargado da nossa era que abrange a Idade Antiga e parte da Idade Média dominada pelas cruzadas do oriente. Depois delas a geografia do poder no oriente, outrora controlado pelo império romano, passa para o domínio dos turcos e dos islamitas. Por sua vez no ocidente europeu assiste-se à construção de novos reinos Cristãos e no norte de África à retirada progressiva dos Almorávidas do Al-Andaluz e à sua fixação nas terras de origem. Para oriente do Atlas o povo berbere mantém, sob influência árabe, o seu poder territorial até ao Egipto cedendo espaço para o desenvolvimento de diversas dinastias ligadas à autoridade magrebina e à extensão do poder otomano na bacia do Mediterrâneo.

A diversidade de situações dominantes nesta grande região sugere que mantenhamos o nosso interesse na evolução dos movimentos migratórios que acompanham os movimentos das cruzadas e a construção de uma nova geografia do poder na Europa meridional - em particular na Península Ibérica com a formação do reino de Portugal – e no oriente, onde as marchas religioso-militares consolidaram o seu domínio através da criação dos estados latinos derrubados no decurso da última cruzada (século XIII). Na Europa a evolução da reconquista Cristã fica marcada pelos avanços e recuos das linhas de fronteira, pelo povoamento do território e pela luta na formação de novos estados de que se toma como exemplo o condado e futuro reino de Portugal. Assim o assinala, Serrão (1992.V, p. 243):

"No século XII, a Reconquista, conduzida mais sistematicamente, toma aspectos de acção política para desenvolver os reinos formados em Portugal, Leão-Castela e Aragão". (...) *"a acção do rei sobrepõe-se à dos particulares, aproveita o importante auxílio das ordens militares e é apoiada na retaguarda pelo repovoamento da Estremadura e da região do Tejo, sob a forma de concelhos municipais dotados pelo rei de numerosos privilégios"*.

Contrariamente à área setentrional do território entre os rios Lima e o Douro, o sul do Mondego com os seus areais e dunas, salvo nas bacias hidrográfica e atracações marítimas, era pouco povoado. O mesmo acontecia no interior e, sobretudo, no sul do território, onde as razias militares dificultaram as formas de colonização vindas do tempo dos romanos. A delimitação das fronteiras, varável consoante o poderio das forças envolvidas nestas lutas, foi determinando a configuração geral do território conquistado, que no dizer de Oliveira Martins (1908, p. 22) seguiu a própria configuração geográfica:

"*Erguido em frente do mar como um amphitheatro cujos primeiros degraus as ondas constantemente aspergem, o territorio portuguez, independente, adquiriu d'esta localisação um caracter seu: ao mesmo tempo que nos habitantes de Portugal acaso uma diversa combinação de sangue favorecia uma tendencia particular"*

e estreitou os laços de união com a vizinha Espanha (loc. cit.): *"Assim como, porém, as cristas das montanhas, e, pelo coração dos valles, o curso dos nossos rios, são as veias e os tendões que nos ligam ao corpo peninsular; assim tambem no nosso sangue os elementos primitivos accusam o facto de uma origem e de uma raça irman"*.

5.1 - AS CRUZADAS E A CRIAÇÃO DOS ESTADOS LATINOS

O enquadramento territorial das cruzadas permite compreender alguns dos traços da evolução dos territórios onde se desenrolaram as lutas entre aquelas forças e os exércitos locais, principalmente nas expedições com forte componente terrestre e mesmo em algumas expedições terrestres e marítimas que

seguiram até à Península Itálica, com destino à Terra Santa e passagem pela sede do império bizantino, um dos centros da *"geografia do sagrado"* (Lebreton, 2009, p. 50) no Médio Oriente. Na sua época as cruzadas e a libertação dos lugares santos são o reflexo da conjugação de alguns fatores determinantes:

- Lê-se no Capítulo III da obra de Abon (Coord. - 2006.XI, p. 58) que estas representam *"a 'contra-ofensiva' europeia aos ataques dos séculos anteriores, em que um dos protagonistas fora o Islão"*;

- O pedido de ajuda (loc. cit.) do imperador Alex I, *"dos bizantinos, atacados pelos turcos seljúcidas"* dando então aos reinos Cristãos do ocidente oportunidade *"de restabelecer o seu prestígio, efectado pela querela das investiduras, unindo esforços colectivos da cristandade"*. Nessas circunstâncias (op. cit., p. 61), *"a cruzada contra os infiéis podia pôr fim às frequentes disputas dos príncipes cristãos, tornando-se, simultânemanete, uma válvula de escape para o ardor bélico da nobreza feudal, que canalizava as suas energias para uma justa causa: a guerra contra o infiel"*.

- A adesão firmada num forte sentimento de religiosidade que segue a tradição das anteriores peregrinações, o apelo do Papa e o cumprimento das "penitências canónicas" impostas pelo clero para remissão de faltas graves, através da viagem e penitência aos lugares santos.

Importa salientar que coincidindo temporalmente as cruzadas no oriente com o movimento de reconquista na Europa e, em particular, na Península Ibérica, esta ação foi considerada pelo poder de Roma como equivalente às cruzadas do oriente com a atribuição de indulgências e incentivos espirituais. A este respeito Henrique (2011, p. 78) assinala que o papa Calisto II, em 1123, dirige-se aos Cristãos da Península Ibérica *"afirmando que as indulgências aí atribuídas eram equivalentes às da Terra Santa"*; em 1145 (loc. cit.), "*é a vez de D. Afonso Henriques proibir os homens de Coimbra de rumarem a Jerusalém, propondo-lhes em troca, a protecção de Leiria e Estremadura"*. Nesta sequência vamos procurar realçar os traços mais significativos dessas expedições na sua expressão geográfica e populacional associada aos movimentos de exércitos e à ocupação islâmica dos territórios de memória cristã e da Península Ibérica acentuando, de imediato, realidades geográficas distintas:

- As diferenças naturais dos percursos terrestres no continente europeu e no continente asiático, aqui com solos áridos e temperaturas extremas, despidos de vegetação e com escassez de precipitação, com grandes barreiras montanhosas e ausência de recursos naturais;

- A complexidade das operações militares na sua componente terrestre e marítima – sempre que necessária – obrigando a viagens e logísticas perigosas de transporte de homens e animais, de armamento e de víveres;

- O desconhecimento das armadas ocidentais dos terrenos de combate, das forças, dos hábitos, das tradições de guerra e da devastação causada pelas razias de cavalaria dotadas de grande mobilidade e poder de assalto, traços identificadores da cavalaria oriental;

- As técnicas de guerra envolvendo cidades muralhadas baseadas no recurso a máquinas pesadas fabricadas ou transportadas até ao local, exigindo materiais difíceis de carregar pelas tropas ocidentais.

A estes fatores naturais há que juntar a diferenciação dos exércitos ocidentais, comandados por figuras de diferentes condados, com hábitos de chefia e de guerra diferenciados pelas táticas e manejo de armas, práticas e interesses pessoais envolvidos em cada empresa. Neste contexto os grupos de peregrinos, sobretudo os de expressão popular, embora possivelmente acompanhados de alguma força de defesa estavam à mercê, nessa extensa viagem terrestre desde a Gália e da Germânia até Constantinopla ou até às terras da Síria, das forças de ataque e dos grupos armados, dos exércitos e do poder militar instalado ou dos piratas do mar que dominavam as águas do Mediterrâneo.

Alguns recursos bibliográficos ajudam a referenciar detalhes dessas deslocações que permitem compreender o contexto geo-social dessas marchas na sua dependência da expansão do Islão nesse território e da sua evolução desde o tempo em que os turcos Seljúcidas passaram a dominar as terras do antigo Império Romano do Oriente, antes da instauração do Império Otomano em meados do século XV. Citamos, a propósito, o estudo de Micheau (1978, p. 89) que dá conta de uma grande peregrinação popular registada em 1026-27, conduzida pelo conde de Angoulême, Guillaume II Taillefer, conjuntamente com o abade Eberwin, de Sant-Martin, que

vindo de Trèves juntou-se aos vários grupos, num total de mais de 700 pessoas, *"foule compacte avec un grand nombre de nobles dont quelques uns nous sont connus (...)"*. Descreve a autora (loc. cit.) que,

> "*Le départ du comte d'Angoulême avait lieu le 1er Octobre 1026. Quittant Verdun, sans doute vers la mi octobre les pèlerins traversèrent la Bavière et parvinrent en Hongrie. Le roi saint Etienne leur fit un accueil chaleureux et les combla de bienfaits. (...) Voyage lent donc, qu'expliquent peut-être un long séjour à la cour d'Etienne et les difficultés du parcours pendant les mois d'hiver. De Constantinople, les pèlerins gagnèrent Antioche, sans doute par terre (...). Après un arrêt de quelques jours à Antioche, qui fut l'occasion pour Richard de Saint- Vanne de rencontrer le moine grec Siméon (85), les pèlerins arrivèrent en mars 1027 à Jérusalem"*.

Estas expedições, orientadas para visita dos territórios sagrados de Jerusalém, então tido como centro dos interesses da Europa, e mais tarde para a sua libertação, estão associadas a várias situações relatadas na Bíblia:

- Localização do paraíso terrestre e à vida de Cristo: nascimento, batismo, evangelização, crucificação e ressurreição;

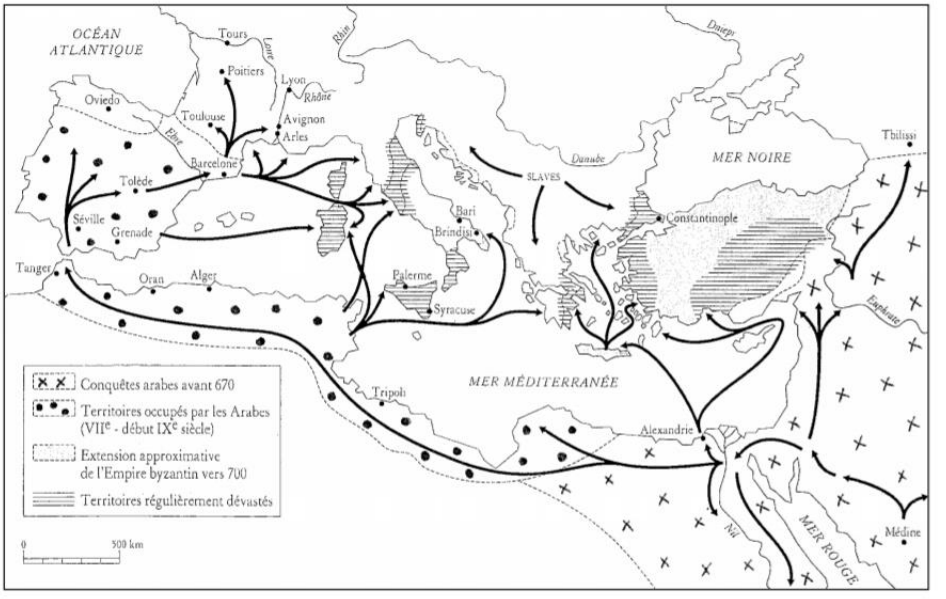
- Peregrinação do povo hebreu no deserto aquando do êxodo do Egipto;

- Vida dos apóstolos e dos profetas;

- Procura de relíquias e de testemunhos da terra da Palestina.

Desde o Édito de Milão que a peregrinação dos Cristãos ao Oriente ficou facilitada pela proteção do escudo das armas de Roma e gradual conversão de outros povos, nomeadamente dos bárbaros já cristianizados, como sucedeu com o rei Clóvis, no final do século V e com o rei Recáredo nas últimas décadas do século seguinte (em 586). Os itinerários desta viagem, extensa e cheia de perigos desde a sua origem até ao rio Jordão, tornaram-se particularmente difíceis durante o atravessamento das terras áridas do continente asiático dominadas, desde o século VIII pelos califados fiéis a Alá. Os relatos das peregrinações são um testemunho dessa realidade a que se associam as contrariedades de uma viagem tão prolongada e do encontro com povos de diversas origens e estadia em terras estranhas.

Expansão do Islão: séculos VII a IX [85]



In: Musée Cluny– Annexes p. 62

A ascensão ao paraíso do profeta Maomé teve lugar a partir de Jerusalém que desde então passou a ser considerado lugar sagrado para os fiéis da religião Islâmica. Neste quadro e após a descoberta dos caminhos de peregrinação aos lugares santos de Jerusalém, o movimento de cavalaria, associado à ação das ordens religiosas e militares e ao poder religioso de Roma e do Papado – cada vez mais distante do poder de Constantinopla e mais tarde separado deste - dão origem ao processo de defesa contra a invasão dos muçulmanos que desde o início do século VIII invadem o território da Gália. Entre outros lugares, Bordeaux e Tours foram percorridos pelos exércitos Omíadas do Al-Andaluz e parados por Carlos Martel, em Poitiers. Em virtude das diferenças registadas na pregação e desenvolvimento destas marchas de fé e de guerra, dos itinerários seguidos, da sua organização, marcha e consequências, importa diferenciá-las em dois grandes grupos:

[85] MUSÉE CLUNY – Musée Nationale du Moyen Âge - Dossier Orient 7 Ocident – Annexes p. 62 https://www.musee-moyenage.fr/media/documents-pdf/dossiers-enseignents/dossier-enseignants-musee-de-cluny-orient-occident-2008.pdf 20JUN20

- A "Cruzada popular" ou "armada de peregrinos" conduzida por Pedro de Amiens – o Eremita – que antecedeu a realização da primeira cruzada armada conduzida por Godofredo, conde de Toulouse. Esta expedição foi pregada durante o Concílio de Nimes (1096). A este grupo juntar-se-ão os soldados de Bohémond (Normando) saído de Bari, na Itália.

- As demais expedições, "Cruzadas dos cavaleiros", compostas por nobres e soldados armados para o combate das forças ocupantes da Terra Santa.

Como figura central do movimento das Cruzadas temos um clérigo, Pedro de Amiens ou Pedro o Eremita – o qual, refere Michaud (1825, p. 89) tinha *"la ferveur d'un apôtre, le Courage d'un martyr"*.

5. 1.1 – 'CRUZADA POPULAR'

Os traços das viagens de peregrinos à Terra Santa - centrada na cidade de Jerusalém, local sagrado para as três religiões Abraâmicas orientais, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo - revestem-se, na baixa Idade Média de traços diferentes das anteriores peregrinações pela sua natureza, condição dos participantes e composição dos grupos envolvidos nessas expedições. Neste relato privilegiamos a definição da ECP[86] sobre o assunto: as cruzadas

> *"foram expedições militares destinadas a libertar a Terra Santa do domínio muçulmano. Um dos motivos que mais mobilizou os "cruzados" (assim se chamavam pela cruz de pano que levavam na veste) era assegurar o livre acesso aos peregrinos cristãos que, desde o séc. IV, ali acorriam, o qual lhes foi vedado quando os turcos muçulmanos conquistaram Jerusalém aos muçulmanos fatimitas (...)"*.

Esta foi uma das causas da pregação e expansão das oito grandes cruzadas assinaladas na história da humanidade. A oportunidade da sua pregação é assinalada por (Monteiro et *alii*, 2015, p. 14):

[86] ECP – Cruzadas http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=498 25MAI20

"(…) podemos dizer que as Cruzadas são filhas do seu tempo (entre finais do séc. XI e finais do séc. XIII), um tempo de profunda reforma da Igreja (a chamada "reforma gregoriana", dinamizada por Gregório VII a partir de 1075), num ambiente de reordenamento do diálogo entre o poder eclesiástico e o poder temporal, que haveria de conduzir a uma clara supremacia política da Igreja e à 'teocracia papal'".

Em plena Idade Média a autoridade do pontífice de Roma foi alargada permitindo a sua extensão aos reinos Cristãos constituídos e em vias de formação.

O acervo histórico sobre estas campanhas medievais é extenso uma vez que as mesmas andam associadas à evolução política do feudalismo medieval, às peregrinações religiosas aos lugares sagrados registados no Antigo Testamento e ligados à vida de Jesus; à evolução das ordens religiosas e militares; à expansão do Islão; ao desenvolvimento das relações comerciais entre o oriente e o ocidente e a outros assuntos de natureza geográfica e histórica, religiosa e militar com particular incidência no território ocidental do continente asiático identificado com a Anatólia, a Síria e a Palestina. Nesta referência transcrevemos uma imagem de Lebreton (2009) que realça os traços essenciais da Ásia menor nos séculos III e IV da nossa era, como um "espaço de transição" entre dois mundos: o mundo ocidental e o oriental. A sua posição de charneira entre ambos, favorável ao desenvolvimento e à comunicação entre eles acentua a sua localização geoestratégica, os conflitos em campo aberto e as escaramuças levadas a cabo nas áreas mais montanhosas do Tauros, que separam a Anatólia e a Capadócia da Síria e dos territórios vizinhos da Mesopotâmia e da Arábia. Tal aconteceu no decurso do domínio romano, na formação do império Bizantino, na dominação islâmica e turca, como viria a verificar-se durante as expedições das cruzadas.

Apesar da sequência destas expedições de índole religiosa-militar, a diferenciação entre elas, sobretudo entre a cruzada popular conduzida por Pedro de Amiens - sem exército constituído -, e as demais, sujeitas a um dispositivo militar de comando, leva-nos a considerar, nesta parte, a que mais se identifica com a peregrinação popular, com forte sentimento de espiritualidade, apostólica e de penitência representada pelo culto dos mártires e depois do século IV pela visita aos lugares santos da Palestina. Estas

viagens (ECP)[87] *"tiveram a época de oiro na Idade Média, sobretudo à Terra Santa"*. No seu início contamos com uma primeira viagem de Pedro de Amiens a este destino, seguida da proclamação de uma "cruzada popular" que acompanhou o lançamento das novas expedições de cavaleiros e de infantes às terras da Palestina, outrora dominadas pelo Império Romano e ao tempo integradas nos domínios do Islão, maometanos e turcos seldjúcidas, igualmente seguidores do profeta Maomé.

A longa bibliografia referente aos movimentos das cruzadas, tais como as obras de M. Michaud (1825 e 1839), Roy (1859), Le Bas (1847) e outras mais recentes, permitem conhecer os seus percursos, extensão e consequências. Na sua vasta composição com nobres e cavaleiros, pobres e ricos, clérigos e mendigos, as cruzadas e, em particular, a cruzada popular de Pedro o Eremita, é também exemplo de uma emigração de grandes dimensões – cerca de três centenas de milhares de pessoas – alimentada pela esperança de ocupação de uma terra desconhecida, de obtenção de graças e defesa do Santo Sepulcro, de recuperação dos bens vendidos antes da partida e da esperança de melhores condições de vida ne terra de Promissão.

A designada "cruzada popular" foi comandada pelo religioso Pedro de Amiens que levou uma "armada popular" até à Ásia. Na sua origem está a sua peregrinação inicial à Terra Santa e o encontro que teve com o papa em Roma, a quem apresentou o seu plano de libertação dos lugares sagrados de Jerusalém. No seu regresso não se cansou de aliciar crentes para a sua missão. Uma interessante referência de Prat (1840, p. 3) sobre o contexto da época, dá conta do espírito reformador imposto à Igreja por Gregório VII; da pressão sobre o povo que só via em Deus a libertação para todos os seus males; o espírito aventureiro dos nobres, associado ao regime feudal; a promessa de libertação do meio onde residiam através da participação nestas jornadas. De acordo com Michaud (1839, p. 8) o clérigo de Amiens,

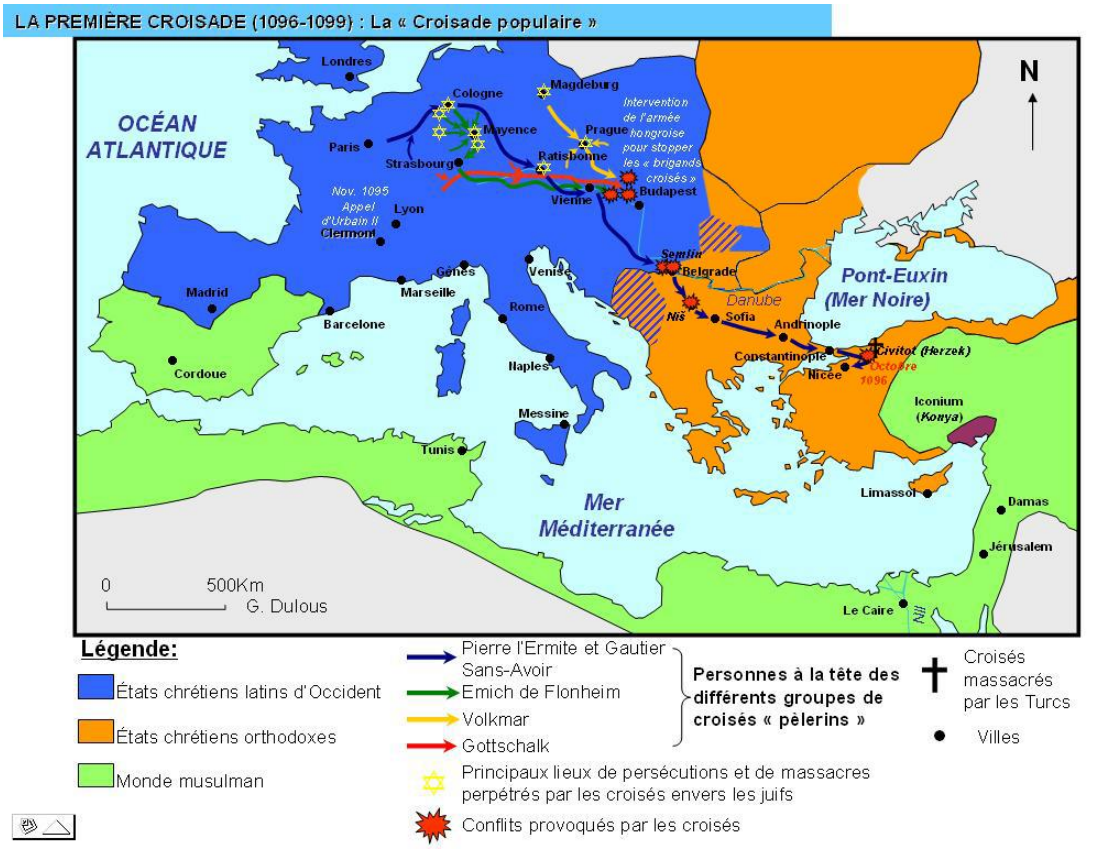
> *"monté sur une âne, un crucifix à la main, les pieds nus, la tête découverte, vêtu d'une robe grossière, s'en va de ville en ville, de province en province, prêchant sur les chemins et les places*

[87] ECP – Peregrinações – Cruzadas In: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1475 29JUN20

publiques; il parcourt ainsi la France et la plus grande partie de l'Europe; son éloquence remue la multitude: tous les esprits sont embrasés, tous les coeurs sont émus.“

Já os cavaleiros, os príncipes e soldados decidiram partir mais tarde, em 1096 e por outros caminhos, marcando o encontro com este grupo em Constantinopla.

Cruzada popular: 1096-1099



In: Croisade populaire - Wikipedie[88]

Dos múltiplos detalhes da viagem, sabemos por Michaud (1825, p. 12) dos massacres levados a cabo na Hungria; da tomada e pilhagem de Belgrado por este exército popular; dos desacatos e

[88] Wikipédie – Croisade populaire; https://fr.wikipedia.org/wiki/Croisade_populaire 10JUL20

saqueios levados a cabo em Constantinopla. Nesta cidade do Mar da Mármara reuniu-se ao grupo conduzido por cavaleiros alemães, que separados dos demais haviam decidido a mortandade de Judeus encontrados no seu caminho. Um número reduzido terá chegado até aqui, reunindo-se aos companheiros de Pedro de Amiens. Para os conter o imperador Alex I terá agido com serenidade e inteligência, fazendo distribuir dinheiro e víveres por este exército, *"et lui conseilla d'attendre l'arrivée des princes pour commencer la guerre"*.

Depois da sua entrada na Ásia menor e na sua marcha até Niceia o grupo terá sofrido novas dificuldades com a perda do exército popular no ataque à cidade e destruição desta força pelos turcos, de que resultou a retirada de Pedro o Eremita para Constantinopla onde acabou por aguardar a chegada dos nobres saídos da Gália em data posterior. Nessa primeira expedição religioso-militar seguiam: da região lotaríngia, uma força comandada por Godofredo de Bouillon; de Itália, outra força comandada por Boemundo de Tarento e seu sobrinho Tancredo; do Languedoc, um grupo sob alçada de Raimundo de Toulouse e outro francês, dirigido por Roberto Courteheuse e Estévão de Blois.

Seguindo itinerários e calendário distintos, até Constantinopla, da primeira marcha há a salientar as dificuldades de comando de uma expedição desta natureza, que além do número exagerado de seguidores contou no seu início com mais de um milhar de carros de transporte, sem comando militar definido e pouco inclinado à aceitação de regras comuns. Além disso, o desconhecimento do território e as dificuldades impostas pelo solo e clima debilitaram ainda mais a resistência deste grupo. Na sua frente (Roy, 1848), os mais impacientes capitaneados por um conjunto de oito cavaleiros às ordens do príncipe Gauthier – de apelido, *"sem ter"* - contavam com mais de 60.000 pessoas que partiram em separado dos outros grupos de peregrinos germânicos (Michaud, 1839, p. 12), atravessaram a Alemanha e seguiram até à Hungria. Regista o mesmo autor (op. cit., pp12-13) que

> *"une autre multitude de pèlerins des bods du Rhin et de la Moselle, se mit en marche, ayant à sa tête un prêtre nommé Volkmar et un comte Emicon; cette multitude composée d'un ramas de vagabonds et d'aventuriers, poussés par deux chefs qui comprennaient mal l'esprit de la croisade, choisit pour premiers ennemis tous les juifs*

qu'elle rencontra; un épouvantable massacre ensanglanta plusiers villes d'Allemagne (...)".

Contudo *"dans son passage à travers la Hongrie, la troupe de Gotschalk s'abandonna à toutes les fureurs de la licence; ele périt miserablement sous le fer des hongrois".* Ao atravessarem o território da Bulgária a falta de víveres levou-os a pilhar as povoações e a que as populações atacassem estes peregrinos. Grande parte perdeu a vida em confrontos e pouco chegaram a Constantinopla onde se reuniram com os demais.

Os Cruzados saídos da Europa para a Jerusalém seguiram o caminho terrestre; os Cruzados das províncias meridionais da Gália atravessaram os Alpes marítimos e embarcaram em portos marítimos de Itália para o mesmo destino. Por sua vez grupo de cruzados oriundos da França, da Bélgica e da Alemanha saíram às ordens de Godrofroy de Bolhão, duque da Baixa-Lorena, *"traversent les Alpes pour gagner les côtes d'Italie, et de là s'embarquer pour la Grèce"* (Roy, 1848, p. 15) à frente de um grupo de 20.000 cavaleiros e outros tantos peões; outro grupo (loc. cit.) seria composto *"d'environ cent mille hommes, à la tête desquels marchent Raimond, comte de Toulouse, et Adhémar, évêque du Puy, légat apostolique"* conseguem alcançar Constantinopla onde o imperador, receoso da força destes grupos, acaba por fazer a paz com os Cruzados.

Contrariamente ao registado na cruzada popular (Michaud, 1839, p. 15), *"L'armée de Godefroid de Bouillon trouva des secour et des vivres dans ces mêmes pays de Hongrie et de Bulgarie, où les soldats de Pierre, de Gotschalk et d'Emicon n'avaient trouvé que défiance et malheurs".* Reunidos os cortejos que haviam seguido da Gália para Jerusalém e registando já um número exagerado de mortos, de penitentes regressados às suas terras de origem ou abandonados em locais por onde passaram, esta viagem prossegue na ânsia de libertação do Santo Sepulcro agora presidida por Godofredo de Bolhão, com um exército armado, apoio logístico, disciplina militar e uma fé inquebrantável conseguindo terminar em Jerusalém.

Depois da partida de Constantinopla a cidade de Niceia, capital da Bítínia, haveria de lhes causar grandes perdas. Assim o relata Michaud (1839, p. 18):

"Cette ville, capitale de la Bithynie et siége de l'empereur de Roum, était bâtie aux bords du lac Ascanius qui communique avec la mer

de Marmara; trois cent soixante et dix tours de brique ou de pierre protégeaient la double enceinte de ses murs, sur les quels on aurait pu faire rouler un char. Le sultan de Roum, à la tête d'une armée de cent mille hommes, couvrait les montagnes voisines de Nicée. Il dut contempler avec effroi l'armée des chrétiens s'étendant à travers la plaine; cette armée était composée de plus de cent mille cavaliers et de cinq cent mille fantassins."

De acordo com o referido autor (loc. cit.), *"La bataille dura depuis le matin jusqu'à la nuit; les chrétiens victorieux perdirent deux mille de leurs frères; les Sarrasins s'enfuirent dans les montagnes en laissant dans la plaine quatre mille morts".* Nova batalha permitiu a tomada da cidade e a sua entrega ao imperador de Constantinopla, Alex I, em 1097. A caminho de Antioquia, esperava-os a secura do deserto, a sede e a fome, a falta de recursos e as desavenças e dificuldades de atravessamento dos montes Taurus. A primeira batalha, em Doriléia, custou 4000 mortes aos Cruzados e 3000 ao Sultão Muçulmano. Os encalços seguintes trouxeram novas baixas mas da emigração maciça de mais de três centenas de milhares de fiéis em 1095, a chegada ao Monte Sião e ao Monte das Oliveiras, em 1099, terá sido saudada por 60.000 peregrinos (Le Bas, 1847, p. 9). Sobre este assunto, Le Roy (1848, p. 18), sugere que este número tenha sido bastante superior: *"De ces troupes innombrables de pèlerins, parties d'Europe au nombre, dit-on, de sept cent mille hommes, à peine en restait-il cinquante mille en état de porter les armes".*

Tendo em consideração a importância das rotas de comércio terrestres da antiguidade, o exército popular de Pedro de Amiens deverá ter seguido os caminhos do âmbar, da madeira, das peles e dos escravos que unia a Inglaterra à Alemanha, passando depois pela Hungria, Bulgária, onde foi quase arrasado pelos exércitos (Arnaud, 2005, p. 10). Sobre esta expedição assinalamos como síntese a informação de Le Bas (1847, pp. 4- 5):

- Na expedição conduzida por Pedro de Amiens, a perda de cerca de três centenas de milhares de peregrinos entre homens, mulheres e crianças, transportando consigo (loc. cit) *"leurs boeufs comme des chevaux, traînant sur des chariots leurs minces provisions et leurs petits enfants; et ces petits, à chaque ville ou château qu'ils apercevaient, demandant, dans leur simplicité: N'est-ce pas là Jérusalem?";*

- Outro grupo conduzido por um clérigo de nome Gotthasclk[89] a perda de *"quinze ou vingt mille hommes qu'il avait rassemblés sur les bords du Rhin, et qui furent massacrés par les Hongrois";*

- Outro ainda (loc. cit), *"qui commença par massacrer les juifs établis engrand nombre sur les bords du Rhin, ne dépassa pas non plus la Hongrie; presque tous périrent auprès de la forteresse de Mesebourg (Mosony), qu'ils avaient voulu enlever"*.

5. 1.2 – CRUZADAS ORIENTAIS

Esta designação compreende as expedições de natureza religiosa e militar postas em marcha pelo apelo dos Papas e nas quais participaram forças dos reinos ocidentais com o objetivo comum da libertação dos lugares sagrados do Oriente, centrados em Jerusalém. Na sua essência está a apelação do papa Urbano II que convocou um primeiro Concílio Ecuménico, em Plaisance – ano de 1095 - para deliberar sobre a realização de uma cruzada à Terra Santa. Pelo seu interesse retemos de Michaud (1839, p. 9) uma nota sobre a elevada participação deste encontro: *"Plus de deux cents évêques et archevêques, quatre mille ecclésiastiques et trente mille laïcs, assistaient à ce concilie".* A decisão final foi tomada noutra reunião, no Concílio de Clermont, durante o mesmo ano onde os presentes, depois da palavra de ordem do papa, *"Que marchem"*, aclamaram a sua realização com a afirmação que se repetiu em diversos momentos dessas viagens: *"Deus assim o quer, Deus assim o quer"*.

O impulso dos cruzados até ao início do século XII havia ido em direção à Sicília, ao norte da África e a Espanha. A desintegração do califado de Córdova e a regressão simultânea do poder Fatimida no Egipto foi um convite para que as potências europeias participassem nos combates. O príncipe normando Roger II (nascido em 1095, e falecido em 1154) capturou a Sicília, fornecendo uma base no Mediterrâneo para a invasão da Palestina. Em 1060, os cruzados invadiram a costa do norte da África, mas não conseguiram manter esses ganhos devido ao ressurgente poder almorávida. As primeiras batalhas lançadas pelas cruzadas foram travadas em solo espanhol. Foi aqui que o Crescente e a Cruz se encontraram em batalha, quase

[89] Gualter "Sem Haver"

cinquenta anos antes do centro se deslocar para a Palestina, Síria e para a cidade de Jerusalém.

Importa assinalar as diferenças significativas entre os focos principais destes movimentos relacionados com o entendimento, os interesses e a ação prevista pelos diversos atores envolvidos. De acordo com Hentsch (1986, p. 515):

> *"d'une part des royaumes naissants et des princes chrétiens forts surtout de leur puissance militaire, d'autre part une civilisation brillante, forte de son savoir et de son développement économique mais affaiblie par ses divisions internes. Avec deux zones de contact privilégiées: l'Italie méridionale et l'Espagne. Et une tierce puissance en déclin, Byzance, qui cherche encore à s'imposer en Méditerranée orientale comme nécessaire intermédiaire commercial face à la concurrence de plus en plus redoutable des villes italiennes."*

Estas condições são acompanhadas de diferenças civilizacionais profundas que se traduzem quer nas ações de comando quer nos modos de vida e acolhimento das populações orientais. Em ambiente de hostilidade o encontro entre os povos ocidentais, em marcha e fora do seu contexto natural, dificulta qualquer ação de acolhimento mais favorável por parte dos residentes nos territórios do Levante: os bizantinos temiam a força das armadas ocidentais; os islamitas, lutavam pelo território ocupado.

A fonte, Musée de Cluny (Musée Nationale do Moyen Âge, 2008, p. 5)[90] faz uma síntese destes movimentos que vamos utilizar:

- *"La première croisade, prêchée par le pape Urbain II à Clermont en 1095, s'ébranle durant l'été 1096, et aboutit à la prise de Jérusalem en 1099 et à la création des Etats latins d'Orient: comté d'Edesse, comté de Tripoli, principauté d'Antioche, royaume de Jérusalem".* À data este reino era habitado por grupos diferenciados de população de origem Judia e Arménia, Grega e Árabe, europeus e aventureiros de outras nações (Le Roy, 1848, p. 18).

Da intervenção militar da primeira cruzada resultou a criação dos Estados Latinos do Oriente. Uma breve síntese do Musée de Cluny

[90] Musée de Cluny: Musée National du Moyen Âge (2008). Dossier Orient / Occident https://www.musee-moyenage.fr/media/documents-pdf/dossiers-enseignents/dossier-enseignants-musee-de-cluny-orient-occident-2008.pdf. 20JUN20

(2008, pp. 19-20) contextualiza bem estes movimentos: *"L'existence des États latins d'Orient, relativement éphémère, résulte des croisades et de leurs conséquences territoriales. Il y eut en tout huit croisades en Terre Sainte sur une durée de deux siècles, entre la fin du XIe et la fin du XIIIe siècle (...)".*

A pregação da segunda cruzada é acelerada pela perda de Edessa, na Mesopotâmia (Musée de Cluny: Musée Nationale do Moyen Âge, op. cit., p. 5)[91]:

- A segunda cruzada (1146-1149) foi pregada (Le Bas, 1847, p. 14) por, "*Bernard, abbé de Clairvaux, qui du fond de son monastère gouvernait l'Europe chrétienne, renouvela, par son éloquence, les miracles de Pierre l'Ermite".* A ela aderiram os reis de França, Luis VII e da Germânia, Conrad III, que caminharam por terra através da Baviera, da Áustria, da Hungria, Bulgária até Constantinopla e seguiram pela Ásia menor. Um primeiro encontro com os turcos obriga-os a retroceder até Niceia, local que assinala o regresso do rei germânico e a continuação, por terra, junto ao litoral, do monarca francês até Jerusalém. Relata o autor (op. cit., p. 16) que, uma vez *"Arrivés à Satalie, sur le golfe de Chypre, les chevaliers, apprenant qu'ils avaient encore quarante jours de marche pour atteindre Antioche laissèrent là le pauvre peuple qui les avait suivis, et s'embarquèrent sur des vaisseaux grecs, pour faire le trajet par mer"*. Uma outra descrição (op. cit. p. 17) revela o desespero desta gente que os acompanhou e aí se vê desamparada:

> *"Sire, nous n'avons pas de quoi payer notre passage, et nous ne pouvons vous suivre en Syrie: nous restons ici accablés par la misère et la maladie; quando vous nous aurez quittés, nous serons livrés aux plus grands périls: songez que nous sommes des Français et des chrétiens; donnez-nous des chefs qui puissent nous consoler de votre absence, nous défendre, ou nous aider à supporter la fatigue, la faim et la mort, qui nous attendent loin de vous".*

Desprezados, acabaram por perecer perante os exércitos turcos e os cavaleiros armados chegaram a Jerusalém tendo em seguida regressado a França.

---

[91] Musée de Cluny: Musée National du Moyen Âge (2008). Dossier Orient / Occident https://www.musee-moyenage.fr/media/documents-pdf/dossiers-enseignents/dossier-enseignants-musee-de-cluny-orient-occident-2008.pdf. 20JUN20

- A terceira cruzada (1188-1192) foi desencadeada pela tomada de Jerusalém, em 1187, por Saladino, e teve como pregador Guilherme[92], bispo de Tiro. Este, nascido em Jerusalém, vem frequentar Universidades europeias antes de ser nomeado bispo desta cidade, o que lhe permite participar no Concílio de Latrão (1179) e daí promover junto dos reis de França, de Inglaterra e do imperador germânico uma cruzada com intuito de recuperar Jerusalém e defender os estados latinos do Oriente da pressão de Saladino. De acordo com Le Bas (1847, p. 20), *"de pèlerins s'armaient en Europe, que Frédéric Barberousse, Richard d'Angleterre et Philippe-Auguste faisaient les apprêts de leur départ"*, seguindo o imperador Germânico pelo vale do Danúbio até à Asia menor e os franceses e ingleses nas suas armadas até ao destino.

Os combates durante a viagem custaram a vida a este monarca daí resultando, também (Le Bas, 1847, p. 21), *"De cette puissante armée qui l'accompagnait, et qui fut dispersée après sa mort, à peine quelques milliers de pèlerins parvinrent dans la Palestine (1190)"* onde os esperam os ataques de Saladino. No seu total este autor (op. cit., p. 23),

> *"évalue à cinq ou six cent mille le nombre des chrétiens arrivés successivement, et celui des soldats morts les armes à la main, à cent mille. Il calcule que les maladies et les naufrages en enlevèrent une quantité beaucoup plus considérable, et que de cette puissante armée une très-petite partie seulement put retourner sans accidents dans sa patrie".*

Como balanço final e uma vez que a cidade de Jerusalém não fora reconquistada, o reino de Jerusalém fica instalado na cidade de Acre. No entanto a conquista da cidade santa manteve-se como desígnio das cruzadas seguintes.

- No decurso da 4ª expedição (1202-1204), destinada a socorrer o reino bizantino, acaba com a tomada de Constantinopla conduzindo ao desmantelamento daquele império, abrindo o caminho para a queda posterior. A este respeito escreveu Michaud (1825, pp. 3-4): *"Les croisés qui s'étaient armés pour la délivrance de l'héritage de Jésus-Christ, se laissent séduire par les richesses de la Grèce, et s'arrêtent à la conquête de Constantinople"*. Mais ainda:

[92] Cf. https://fr.wikipedia.org/wiki/Guillaume_de_Tyr 6JUL20

"Dès-lors les croisades semblent avoir un autre objet, un autre mobile qu'à l'époque de leur origine. Tandis qu'un petit nombre de chrétiens versent encore leur sang pour délivrer le saint tombeau, la plupart des princes et des chevaliers n'écoutent plus que la voix de l'ambition" (...).

Perante os desaires das marchas terrestres esta expedição foi preparada por viagem marítima, tendo sido solicitado apoio às repúblicas italianas (Le Bas,1847, p. 27). Veneza comprometeu-se a participar diretamente e nas seguintes condições:

"Nous vous fournirons des vaisseaux plats pour passer 4,500 chevaux et 9,000 écuyers; et des navires pour 4,500 chevaliers et 20,000 hommes de pied; et à tous les chevaux et hommes promettons de fourniret porter des vivres pour neuf mois entiers, à condition de nous payer quatre marcs d'argent pour chaque cheval, et pour homme deux".

Contudo, à chegada a esta cidade, os cruzados dividiram-se, defendendo (Le Bas, 1847, p. 29:

"Deux partis divisaient l'armée: le parti religieux, représenté par l'abbé de Vaux-Cernay et Simon de Montfort, s'appuyait sur le pape, et voulait qu'on marchât sans se détourner vers la Syrie, « et que là les pelerins fissent ce qu'ils pourroient; le parti politique, animé à son insu du génie mercantile de Venise, et représenté par Dandolo, le marquis de Montferrat et le comte de Flandre (...)",

defendiam o assalto a esta cidade. Com a decisão da tomada de Constantinopla (Le Bas, 1847, pp. 31-32): *"En définitive, les républiques maritimes d'Italie gagnèrent seules àce grand événement qui, après avoir rendu cinquante ans les Latins maîtres de Constantinople laissa du moins Venise, Gênes et Pisa en possession de riches comptoirs qu'elles ne perdirent qu'au quinzième siècle"*.

Tal permitiu a estas repúblicas a hegemonia do comércio no Mediterrâneo oriental, contribuindo para a decadência e queda do império Bizantino que culminou com a tomada desta cidade pelos turcos, em 1453.

- Nesta sequência a quinta cruzada (1217-1221) foi pregada pelo papa Inocêncio III durante o Concílio de Latrão (1215), tendo com isso sensibilizado os monarcas da Hungria, de Chipre e da Áustria que rumaram à cidade de Acre (Ptolomais) para iniciarem a sua

peregrinação. De acordo com Le Bas (1847, p. 34), *"Leurs premières expéditions dans la Palestine furent cependant sans succès; et bientôt le départ du roi de Hongrie, qui se retira satisfait d'avoir accompli un pèlerinage en Orient, jeta le découragement dans leurs rangs."* Face a esta partida os demais decidiram atacar o Egipto dos Fatímidas, ao tempo senhores de Jerusalém. Após uma primeira vitória junto à foz do Nilo, a fome e as novas perdas de guerra conduziram ao fracasso de mais esta marcha que terminou com a oferta do sultão do Egipto de pão, aos cruzados e aos peregrinos que os seguiam. Descreve Le Bas (1847, p. 35) o seguinte:

> *"Tels furent les résultats d'une croisade prêchée par un pape, décrétée dans un concile, et dont les préparatifs avaient occupé l'Europe pendant plusieurs années; elle échoua dans son but, la délivrance de Jérusalem; mais elle laissa de glorieux souvenirs sur les rivages de l'Égypte, et elle fraya le chemin au prince le plus ilustre du treizième siècle, à saint Louis"*.

- Nova cruzada, a sexta, será pregada alguns anos mais tarde (1227-1229), pelo Papa Gregório IX que pressiona o imperador do Sacro Império Germânico e da Sicília, Frederico II, a libertar a cidade de Jerusalém. Partindo do sul de Itália por mar e beneficiando de conversações secretas com o sultão do Egipto, é acolhido por este sem luta evidenciando o seu respeito pelo imperador. Assinala Le Bas (1847, p. 37) que *"Ces relations pacifiques et amies, qui excitaient l'indignation des chrétiens d'Europe et la colère du pape, eurent pour dénoûment un traité dont la véritable religion eût dû s'applaudir, mais qui parut alors impie et sacrilége (...)"*. Mais ainda, quando da sua entrada em Jerusalém (loc. cit.), a cidade recebeu-o em silêncio

> *"les barons allemands et des chevaliers teutoniques, il se rendit à l'église de la Résurrection, qui était tendue de deuil, et qui semblait gardée par l'ange de la mort; tous les moines gardiens du saint sépulcre avaient déserté le sanctuaire, où ils croyaient voir siéger l'abomination de la désolation annoncée par les Écritures (...)"*.

A perda definitiva desta cidade foi registada em 1244 (loc. cit.) a favor dos *"Khorasmiens qui massacrèrent ou réduisirent en esclavage toute la population de la Palestine, et détruisirent le saint sépulcre"*.

- As duas últimas, 7ª e 8ª cruzada, foram conduzidas pelo rei de França, São Luís, que apesar de doente e contra os rogos de sua mãe, inicia nova expedição – sétima – que decorre entre 1248 e 1254. A

referência a Herrera et *alii* (2006.XI, p. 106), ajuda-nos a compreender melhor tal decisão: *"Em S. Luís dava-se a fusão do cavaleiro cristão com o homem bom. Era um autêntico 'miles Christi' que lutava para libertar a Igreja, defender os pobres e castigar os maus, não parecendo assim estranho que o ideal de Cruzada estivessem firmemente implantado na sua mente"*. Saído do porto de Marselha dirige-se para os territórios junto da foz do Nilo e depois de diversas contrariedades, em 1250 (op. cit., p. 40), *"Les maladies croissantes, la famine, des souffrances de tout genre, obligèrent l'armée des croisés à la retraite devant des ennemis victorieux; elle fut désastreuse: les Francs ne purent regagner Damiette, et ils rurent réduits à se rendre prisonniers avec leur roi"* até que, depois de revoltas internas no país, os franceses *"ils obtinrent du nouveau chef des mameluks un traité de paix qui mit fin à leur captivité. Louis rendit Damiette, paya une énorme rançon, et put emmener de l'Egypte les tristes restes de son armée"*.

Permanecendo na Palestina até 1254, onde se dedica a reconstruir fortalezas destruídas, o rei de França volta ao seu país depois da morte de sua mãe e decide, no ano de 1270, empreender uma nova marcha a Jerusalém. A leitura da obra de Le Bas (1847, p. 41), aponta-nos as causas desta nova expedição:

> *"L'ambition du frère du roi, Charles duc d'Anjou, n'était pas étrangère à cette dernière expédition. Favori des papes, Charles régnait à Rome comme sénateur; dans les États de l'Eglise, comme vicaire impérial; dans la Toscane, comme pacificateur: il était seigneur direct de plusieurs villes du Piémont, et les républiques lombardes le reconnaissaient pour chef."*

Prosseguindo a descrição anterior, escreve o autor Le Bas (1847, p. 41): *"Son ambition n'était cependant pas satisfaite; et il rêvait la conquête de l'empire d'Orient. Saint Louis lui en frayait à son insu peut-être le chemin, en entreprenant de détruire les pirates de Tunis, et en pénétrant dans l'Égypte par le littoral africain (...)"*. Mais ainda, quando o rei chega a Tunis "*devant le chastel de Carthage, une maladie de flut de ventre le prit, et pareillement à monseigneur Philippe, son fils aisné, avec les fievres quartes"* acabando por falecer. A concluir, remata o citado autor (op. cit., p. 43): *"Les croisades, commencées par un saint, viennent de finir par un saint, Le grand mouvement chevaleresque religieux du moyen âge est terminé; les événements qui doivent agiter désormais l'Europe auront une autre*

origine, un autre caractère et un autre but, la politique". Com a morte do rei de França anuncia-se a queda militar dos estados latinos do Oriente com a tomada de São João de Acre, em 1291, às mãos dos mamelucos terminando, assim, o relato das cruzadas medievais. Estas constituem o último exemplo das grandes migrações de natureza religiosa, sequenciais às migrações bíblicas anteriormente analisadas.

Breve cronologia[93]

"• 19 août 1071 : les Turcs vainqueurs à Malazgerd
• 27 novembre 1095 : Urbain II prêche la croisade
• 12 avril 1096 : la croisade populaire de Pierre l'Ermite
• 15 juillet 1099 : les croisés prennent Jérusalem
• 23 janvier 1120 : naissance de l'Ordre du Temple
• 31 mars 1146 : Saint Bernard prêche la IIe croisade
• 25 novembre 1174 : entrée de Saladin à Damas
• 3 juillet 1187 : Saladin victorieux à Hattîn
• 12 avril 1204 : les croisés prennent Byzan
• 10 février 1258 : les Mongols détruisent Bagdad
• 25 juillet 1261 : Michel VIII entre à Byzance".

Além destas expedições importa dar conta de outros movimentos fracassados que conduziram à morte e à escravatura dos seus participantes. Foi o caso da "cruzada das crianças" ou jovens, em 1212-1213. De acordo com a Le Bas (1842.VI, p. 260), por iniciativa de um jovem de Colónia, de nome Nicolas, em 1212

> *"environ cinquante mille enfants, de 12 à 14 ans, se reunirent en troupes, et parcoururent les villes et les campagnes en chantant ces paroles: 'Seigneur Jésus, rendez-nous ta saint croix' (…). Les croisés de France, auxquels s'étaient mêlés un grand nombre d'hommes et de femmes de mauvaise vie, se rassemblèrent aux environs de Paris, traversèrent la Bourgogne et se rendirent à Marseille. Ils étaient persuadés que cette année la sécheresse serait si grande, q'ils pourraient traverser à pied sec la Mediterranée jusqu'aux rivages de la Syrie"*.

Não se tendo registado esse fenómeno, uns terão tentado regressar a casa, outros persistiram nessa viagem com transporte

[93] In: https://www.herodote.net/Les_croisades_en_Terre_Sainte-article-280.php 17JUL20

assegurado por dois comerciantes, em sete embarcações, que viram nessa população uma oportunidade de negócio. Prossegue o mesmo autor (loc. cit.) assinalando que dois desses barcos foram atingidos pela tempestade tendo perecido a tripulação: os outros cinco atingiram o porto de Alexandria onde os peregrinos foram vendidos, como escravos, aos Serracenos.

Outros aspetos devem ser ainda considerados antes da conclusão desta análise:

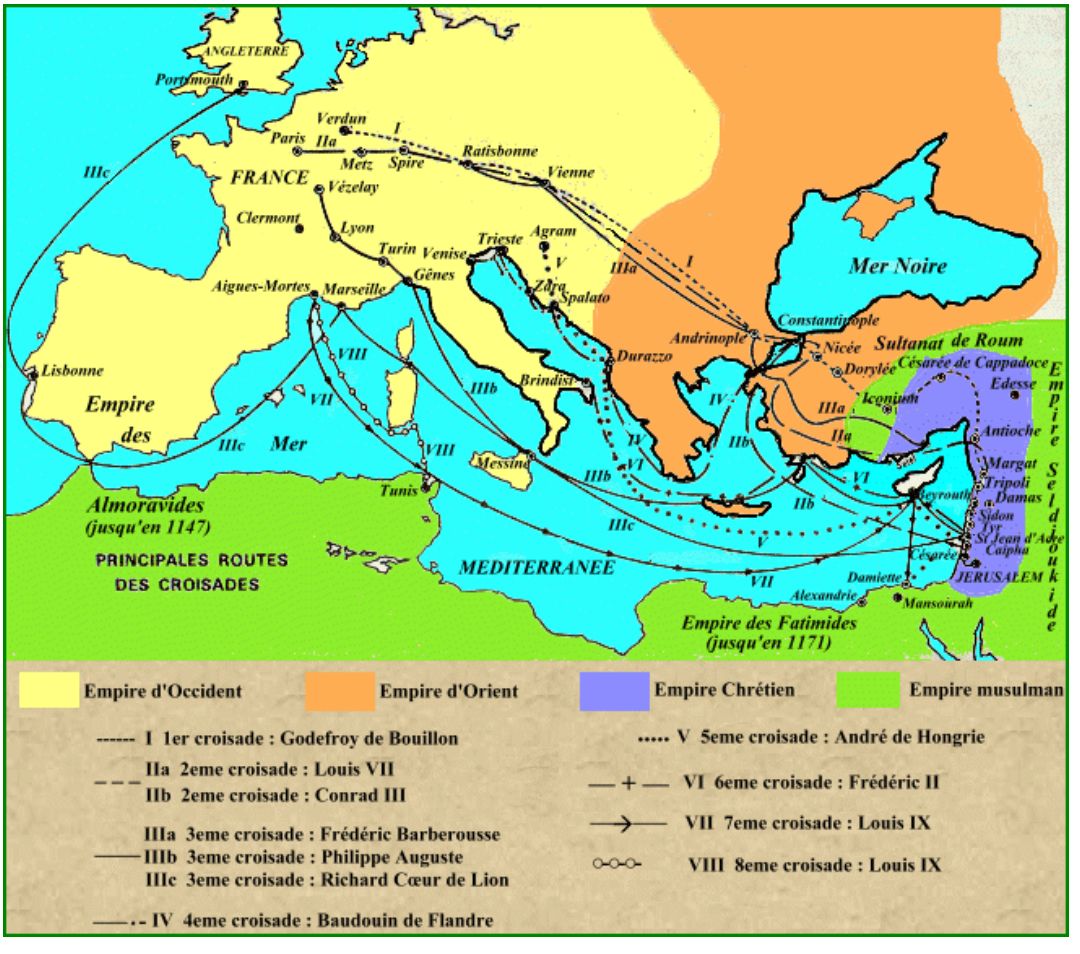
- Em primeiro lugar a história das Cruzadas, que se prolongaram até finais do século XIII está marcada, depois do impacto natural da primeira viagem, por mais sete expedições preparadas com melhor organização e logística; pelo incremento das viagens marítimas em detrimento das longas marchas terrestres; pelo envolvimento crescente das repúblicas italianas – Veneza, Génova e Pisa - nestas operações e desenvolvimento de interesses económicos em torno das mesmas; pela ferocidade dos combates em cenários diferenciados que não só a Terra Santa; pela sustentação do império Bizantino e criação dos Estados Latinos do Oriente; pela criação das Ordens militares: Hospitalários de S. João de Jerusalém, Templários e Ordem Teutónica; pela capitulação das forças do ocidente face às derrotas registadas com os exércitos orientais; pela manutenção da organização religiosa e militar muçulmana com base nos Califados. No caso do império Bizantino do oriente e até à sua extinção, são conhecidas por (Hentsch, 1986, p. 513) *"relations de l'Empereur avec le Calife évoluent entre paix et guerre entre hostilités et civilités au gré de la conjoncture. Byzantins et Arabes se connaissent et ne manquent pas, à l'occasion, de s'estimer réciproquement".*

- Os relatos destas expedições religiosas e militares completam-se, consoante os autores e as datas em que as obras são redigidas. Entre cada uma delas e durante as mesmas sucedem-se diferentes situações relacionadas com a preparação e viagem, detalhes de organização e questões pessoais ligadas ao regime feudal e às lutas de interesse entre os diversos responsáveis o que ilustra a complexidade destes movimentos e a diversidade de resultados práticos de cada uma delas. Uma referência de J. Richard (s/d)[94] dá conta que

[94] RICHARD, Jean (s/d). Les États latins de Terre sainte. In: https://www.clio.fr/BIBLIOTHEQUE/les_etats_latins_de_terre_sainte.asp 22JUL20

"La prise de Jérusalem, en juillet 1099, amena les croisés à remettre la ville à Godefroy de Bouillon, sans trancher le problème de l'éventuelle attribution de la cité au patriarche. Mais le frère de Godefroy, ce même Baudouin, prit dès 1100 le titre de roi, et fit entrer dans le cadre du nouveau royaume la principauté de Galilée qu'avait commencé à constituer Tancrède, neveu de Bohémond. Enfin, un autre chef de la croisade, Raymond de Toulouse, se tailla à son tour un comté dont Tripoli devint en 1109 la capitale".

Itinerários da Cruzadas: 1ª à 8ª



In: Les croisades en Terre Sainte[95]

[95] In: http://soutien67.free.fr/histoire/pages/moyen_age/croisades.htm 9JUL20

- À época tais movimentos realçam um traço comum do imaginário medieval: a defesa e conquista da cidade santa (Le Bas, 1847, p. 1):

> *"Jérusalem, mystérieux berceau de la foi, sanctuaire illustré par les miracles de l'ancienne et de la nouvelle alliance, était entre les mains des infidèles; les pèlerinages pieux, qui depuis les premiers siècles de l'Église se succédaient dans la cité de Jésus-Christ, devenaient chaque jour plus difficiles; et ce n'était plus qu'en bravant les insultes et les persécutions, que les pèlerins pouvaient parvenir encore jusqu'au sépulcre du Sauveur".*

Além disso, no tempo em que as expedições foram pregadas (loc. cit.), *"ce fut particulièrement au milieu des sombres terréus de l'an 1000 qui s'approchait, que les chrétiens de tous les pays se tournèrent vers Jérusalem, en soupirant après sa délivrance"*. Ainda no contexto de então as deslocações dos cruzados por terra e, sobretudo por mar, contribuíram para o enfraquecimento do poder mouro nas águas do Mediterrâneo abrindo as portas ao comércio com o ocidente e o reforço do poder marítimo das frotas italianas de Pisa, Génova e sobretudo de Veneza. Esta cidade fortaleceu o seu domínio naval em toda a costa do Levante, onde tinha possessões em território Bizantino e com o Islão, fazendo a ponte comercial entre este e os Cristãos do ocidente. Do lado do mundo muçulmano Cortázar (2006.X, p. 186 e ss) aponta a fragmentação do mundo político muçulmano e o reforço das correntes mercantis pelos traficantes árabes que estreitam as redes de comércio entre o oriente e o ocidente, o norte da Europa e o continente asiático.

- Neste período e no decurso das cruzadas despontam novos estados no oriente e no ocidente. No oriente, os Estados Latinos de Jerusalém, Edessa, Antioquia e Tripoli (Musée de Cluny, 2008, pp. 19-20): *"n'ont duré véritablement qu'un siècle: après la reprise de Jérusalem par Saladin en 1187 (récupérée un temps par les chrétiens entre 1229 et 1244), ils sont réduits à une peau de chagrin, et seront définitivement perdus avec la prise Saint-Jean-d'Acre en 1291".* A sua criação no termo da primeira cruzada terá uma duração definida no tempo. Apoiada pelo imperador de Bizâncio dissolvem-se depois da derrota das cruzadas ocidentais e da tomada de Jerusalém por Saladino, em 1187, embora tenham sido ainda recuperados pelos Cristãos em 1229 e em 1244.

Por sua vez os estados nascidos na Europa decorrem da fragmentação do poder feudal, do espírito militar e de cruzada que anima a ação dos exércitos face ao poder islâmico na Europa e na Península Ibérica, dando origem à criação de novos estados independentes. Como se assinala no Capítulo III da obra de Abon (Coord. - 2006.XI, p. 58)

> *"é evidente que, de certa forma, as Cruzadas constituem mais uma das manifestações do 'auge da Europa', depois do século XI. A segurança europeia, uma vez passada a tormenta das 'segundas invasões', o renascimento do comércio e das viagens em geral, incluindo as peregrinações religiosas (a Santiago de Compostela ou à Terra Santa), e o aumento da população, são factores que fundamentam a expansão da cristandade no Oriente"*.

- Estes movimentos, tendo por cenários dominantes os reinos Cristãos da Europa ocidental e como local de travessia do sul do mesmo continente, o corno da Ásia menor e o litoral da Síria e da Palestina até Jerusalém ou já toda a bacia do Mediterrâneo até à costa do Egipto e os portos de Gaza e do Líbano, apresentam traços distintos ao longo do tempo. Assim, já depois da derrota dos exércitos Cristãos a concentração do poder no reino Fatimida do Egipto, obriga a que nos séculos seguintes (Zumthor, 1993, p. 82), *"Le pèlerinage atteint une Palestine bien changée, sous le contrôle du sultan d'Egypte et soumise à une administration tatillonne, exigeant souvent un détour par le Caire".* Por sua vez no ocidente a criação dos novos reinos identificadas por fronteiras militares, língua e crenças, poder político, lei e interesses comuns, acompanham o desenrolar de situações político-militares e religiosas surgidas após a invasão islâmica dos territórios da Europa ocidental e da Península Ibérica e das questões havidas entre a grande família Islamita.

- Pelo sua expansão, duração, participação popular, envolvimento militar e conhecimentos, são várias as consequências apontadas a estas expedições. Numa longa seriação dos seus efeitos transcreve-se, de Le Bas (1847, p. 43), o seguinte:

> *"Le premier caractère des croisades, dit M. Guizot, c'est leur universalité; l'Europe entière y a concouru; elles ont été le premier événement européen. Avant les croisades, on n'avait jamais vu l'Europe s'émouvoir d'un même semtiment, agir dans une même*

cause; il n'y avait pas d'Europe. Les croisades ont révélé l'Europe chrétienne; les Français faisaient le fond de la première armée de croisés; mais il y avait aussi des Allemands, des Espagnols, des Italiens, des Anglais. Suivez la seconde, la troisième croisade: tous les peuples chrétiens s'y engagent; rien de pareil ne s'était encore vu. (…)".

No que concerne à participação religiosa, acrescenta o seguinte (loc. cit.):

"Les grands ordres militaires du Temple (les templiers), de Saint-Jean de Jérusalem (les hospitaliers), des chevaliers teutoniques (ou porte-glaive), sont fondés; les armoiries, cette langue muette et cependant si féconde, sont inventées; les noms de famille créés. (…). Mais à côté de ces grands résultats en apparaît un autre non moins important, qui eut la France pour théâtre, et qui aida puissamment la royauté dans sa lutte contre les seigneurs féodaux: je veux parler de la formation du tiers état (…)".

De grande alcance foram, ainda, os reflexos destas expedições nas sociedades e nos poderes em afirmação, que levaram o citado autor (loc. cit.), a afirmar o seguinte:

"Mais à côté des révolutions politiques dans le sein des royaumes qui tombent et se relèvent, ont aussi lieu d'importantes révolutions sociales, qui expriment le caractère réel du moyen âge avec plus de vérité que toutes ces transformations d'empires, qui sont les mêmes dans tous les âges du monde. La constitution de l'Eglise, l'organisation hiérarchique des propriétaires du sol, celle des bourgeois, l'insurrection communale, l'établissement de la hanse, la création des universités et l'influence de la scolastique, sont des faits qui n'appartiennent à aucune autre époque de la vie de l'humanité".

– Na sua relação com o meio as expedições tiveram como cenários de ação distintos dos das terras do ocidente europeu marcados por grandes contrastes geográficos com a Europa mediterrânica. O planalto da Anatólia, a cordilheira montanhosa dos montes Tauros e a faixa litoral costeira entre o mar e as montanhas do Líbano, locais obrigatórios para as expedições terrestres conferem uma identidade muito própria, não experimentada e desconhecida pelos cavaleiros medievais gauleses e outros que participaram nestas empresas. A secura do

clima, a escasssez de água e de recursos para alimentar a população em marcha, o solo escaldante dessas terras impõem enormes dificuldades de locomoção a que se juntam a escassez de vegetação e as formas de povoamento, muito distintas da Europa ocidental. O conjunto destas situações eram à partida, um cenário pouco favorável à progressão de qualquer incursão popular e mesmo de forças religioso-militares no território, sem meios adequados de apoio e de forças locais conhecedoras dos trilhos a seguir.

- Apesar dos rumos incertos e resultados das cruzadas, os novos centros de poder edificados em torno dos reinos latinos, constituem-se como territórios de emigração para diferentes comunidades cristãs de origem grega e arménia, síria e árabe e de outros centros da Ásia menor submetidos ao poder militar dos Califas. No seu conjunto estas cruzadas prolongaram-se por mais de dois séculos, misturaram (ECP)[96]

> *"com as motivações religiosas outras de ordem económica e política, com êxitos e fracassos, consoante as circunstâncias (…). Os cristãos eram estimulados pelas indulgências que lhes prometiam o perdão dos pecados e a posse do céu; e não raro os príncipes eram motivados por rivalidades e ambições"*.

A promessa da "remissão de pecados" e abertura das "portas do Céu" apresentada pelo Papa, alimentava o ideal de peregrinação incutido aos participantes. Com a evolução deste movimento a participação popular foi substituída pela presença dos cavaleiros e arqueiros, infantes e por profissões ligadas à (re)construção dos edifícios religiosos e outros, por comerciantes e mercenários, capazes de garantir a sobrevivência da população em terra hostil e geograficamente diferenciada do país de origem.

- Na sua relação com a geografia do poder, a delimitação das fronteiras (Gottman, 2013, p. 266) *"n'étaient pas habituelles dans les temps anciens sur les terres bibliques"* significa, no decurso do processo de Reconquista (loc. cit.), *"l'allégeance de leurs habitants à un roi ou à la religion(…), déterminait l'appartenance de la terre".* A sua formação, reconhecida pelo poder religioso do Papa, dá origem a novos reinos indo ocupar o território anteriormente dependente do Império Romano do Ocidente e, no Oriente, o

[96] ECP – Cruzadas http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=498 29JUN20

território outrora dominado pelo antigo Império de Constantinopla submetido, nesta parte, ao poder estabelecido pelo Islão e mais tarde dos Turcos Seldjúcidas. No Ocidente a nova geografia política desenha-se no espaço dos territórios ocupados pelos Muçulmanos e pelos Almorávidas que prolongam a sua dominação sobre o norte do continente africano.

- Pela sua evolução e lutas entre o ocidente e o oriente, a ideia de cruzada, associada à guerra santa dominante na Europa medieval dá lugar, no dizer de Michaud (1825, p. 4) a verdadeiras guerras civis entre o mundo Cristão. Estas situações incluem a separação da Igreja Católica Ortodoxa face à Igreja Católica Romana, assente na criação, no decurso do século VI (527-565) de uma Pentarquia, apoiada pelo imperador Basílio Justiniano, de cinco Igrejas Patriarcais: Roma, Constantinopla, Antioquia, Alexandria e Jerusalém e da separação efetiva das Igrejas de Roma e do Oriente, em 1054, pelo Cisma de Roma. Para Cortázar (2006.X, p. 180) a separação destas Igrejas traduz, na prática, perspetivas e soluções diferenciadas face à emergência do poder muçulmano e às diferentes civilizações dominantes na bacia do Mediterrâneo:

> *"A mais antiga delas, a bizantina, aponta para uma superioridade do imperador sobre o patriarca de Constantinopla, autêntico pontífice do Império; a mais recente, a muçulmana, evita complicações, reunindo numa mesma pessoa a chefia da Igreja e do Estado. No meio o bispo de Roma argumenta sobre a catolicidade da sua sede e procura no Ocidente o governante que possa protagonizar uma política universal, mesmo que seja à sua escala (...)"*.

Apesar da separação já consumada das igrejas de Roma e de Bizâncio, estas pedem auxílio aos Cristãos do ocidente - aos gauleses – apelo que faz renascer no espírito da cavalaria da época, o movimento das cruzadas (loc. cit.) que se vai prolongar durante os dois séculos seguintes.

- Do lado do mundo muçulmano, algumas mudanças foram igualmente operadas. Regista o citado autor (Cortázar, 2006.X, p. 186 e ss) a fragmentação do mundo político muçulmano e o reforço das correntes mercantis pelos traficantes árabes que estreitam as redes de comércio entre o oriente e o ocidente, o norte da Europa e o continente asiático. Conjuntamente com a a situação anterior as

lutas internas que acompanham a expansão do Islão no próximo oriente, dá lugar à manifestação de poder dos turcos Seljúcidas, vindos da Tartária, que a partir de meados do século XI (op. cit., p. 60),

> *"suplantaram os califas abbássidas, derrotaram sem paliativos o exército bizantino na batalha de Manzikert (1071) e conquistaram Jerusalém e a Síria aos fatimidas do Egipto. Em poucos anos constituíra-se o 'Império seljúcida' numa área que se estendia do mar Egeu ao Afeganistão e do Turquestão à Palestina"*.

- Durante o período das cruzadas a constituição dos estados latinos do oriente, o primeiro dos quais em Jerusalém foi entregue a Godofredo de Bulhão, "Protetor do Santo Sepulcro". Em 1187 os Cristãos são aí derrotados por Saladino e em 1291 com a queda de São João de Acre, extingue-se. Estes estados, associados à ação militar da primeira cruzada – entre 1095 e 1099 - e da partilha de poder entre príncipes Cristãos e o imperador Bizantino, surgem com a criação do Reino de Jerusalém, do Condado de Tripoli, do Principado de Antioquia e do Condado de Edessa que acabou por ser tomado pelos muçulmanos em 1144. De todos, o reino de Jerusalem – *"a primeira monarquia 'laica' e 'moderna' fora da Europa"* (Cardini, 2012) - foi o mais povoado e por volta de 1180 teria uma população estimada (Musée de Cluny, p. 2008, p. 20) em

> "*375.000 habitants dont environ 120.000 d'origine latine (J. Prawer). On a longtemps pensé que l'immigration occidentale était essentiellement urbaine, mais à côté des villes, notamment des colonies italiennes (vénitiennes, génoises, pisanes…), il y a eu aussi une véritable colonisation rurale par les occidentaux (au moins dans le royaume de Jérusalem)"*.

A estes estados construídos no decurso da primeira expedição junta-se, no final da terceira cruzada a transferência do reino de Jerusalém para a cidade de Acre – antiga Ptolemais -, e a sua queda em 1291. Estes reinos, albergando a aristocracia militar, cristã e latina da Europa, tendem a recriar no Oriente o modelo feudal de governação num meio profundamente diferenciado pela origem da sua população e crenças, religião e modos de vida, artes de guerra e tradição. Sobre este assunto Le Bas (1847, p. 12) dá conta da composição dos exércitos de cada estado que não deveria exceder

os 11.000 homens entre cavaleiros, arqueiros a cavalo e soldados, concluindo (loc. cit.): *"faible défense contre les troupes innombrables des Turcs ou des Sarrasins".*

- Acompanhando as mudanças militares, o poder dos estados latinos do oriente vai sofrendo alterações em função dos resultados das lutas entre o oriente e o ocidente que se prolongaram na região até 1291, data da tomada de S. João de Acre pelos Mamelucos do Egito. E como reflexo imediato destas expedições, Le Bas (1847, p. VI), aponta as seguintes:

> *"Après les croisades commencent à se reconstituer les grandes sociétés; les rois sortent victorieux de leur lutte contre la puissance féodale. Dès ce moment il devient plus facile de suivre les destinées particulières de chaque État. C'est alors que s'offrent à nos yeux la lutte de la France et de l'Angleterre, les progrès des monarchies espagnoles, la ruine de l'autorité impériale en Allemagne, l'éclat et la chute des republiques italiennes, les révolutions des États slaves et des États scandinaves; puis le tableau se termine dans le lieu même qui a été le point de départ, à Constantinople, dans cette seconde Rome, qui a survécu à toutes les invasions, comme un dernier souvenir du grand Empire, et qui tombe au moment où le moyen âge se termine."*

Estas referências ajudam-nos a compreender a importância que estes movimentos tiveram na criação dos novos estados que alteraram o padrão de distribuição do poder dos romanos e dos grandes invasores do continente europeu durante esse longo ciclo da história da humanidade. Tal sucede tanto no ocidente como no oriente sendo que, na área de atração de toda a bacia do Mediterrâneo, conhecedora desde os tempos bíblicos de marchas de guerra e carnificinas constantes, a evolução política e militar dos novos estados, impulsionado pelo Papa de Roma, ficou à mercê dos equilíbrios das forças militares, da ação diplomática e dos interesses entre diferentes protagonistas: o imperador de Bizâncio, os reinos europeus apoiantes desses estados, as forças militares do Islão e as repúblicas Italianas de Veneza, Génova e Pisa.

Estados latinos do oriente[97]

A prevalência da missão religiosa de libertação, presente nessas primeiras expedições, aliou-se posteriormente às conveniências de natureza política, bélica e comercial alimentando a duração dessas expedições e dos estados latinos do oriente então criados. Como escreveu (Besson, 2017, p. 37):

> *"L'Orient latin n'est pas qu'un front où l'on combat, un estran où se rencontreraient en permanence les tsunamis des croisades et la marée du jihad: pendant plusieurs décennies, les Latins qui s'y sont*

[97] Les Croisades en Terre Sainte http://soutien67.free.fr/histoire/pages/moyen_age/croisades.htm 19JUL20

installés puis qui y sont nés commercent, échangent, construisent, écrivent, voyagent".

- À geografia da população estas expedições, pelo elevado envolvimento de participantes, servem como exemplo de grandes migrações humanas, com repercussões no território e na sociedade do tempo, no desenvolvimento de circuitos de relação religiosa, militar, comercial, diplomática e científica entre diversos atores. Servem ainda como prova de processos de difusão de idéias, de práticas e de manifestações culturais e civilizacionais que outras ciências podem reproduzir; da evolução societal e tecnológica alcançada no decurso destes três séculos de mobilidade; do conhecimento geográfico que estes movimentos vieram a aprofundar no século XIV e seguintes relacionados com a exploração marítima do continente africano e com as grandes viagens intercontinentais de natureza terrestre.

Parafraseando Paul Claval (1996, p. 2) se *"Les réalités sociales nous paraissent aller de soi parce qu'elles nous ont été transmises en même temps que tous les éléments de la culture que nous avons acquise. Elles ne sont pas naturelles"*. Na verdade a experiência acumulada por estes migrantes e peregrinos, monges e guerreiros, nobres e "sem-terra", constitui uma prova da diversidade de crenças e de valores, de modos de vida e de relação que estruturam um novo domínio da geografia humana, a geografia cultural. Com estes exemplos, esta vai-se afirmando em traços identitários que definem cada um dos grupos participantes em espaços e sociedades, em migrações e lutas, em vitórias e derrotas, em perdas de vidas humanas e dominação humana. Uma nota sobre a situação presente (op. cit., p. 9) sugere que,

"Dans le même temps, les migrations internationales font cohabiter dans les grandes métropoles des groupes aux cultures profondément dissemblables, et qui trouvent plus facilement que par le passé les moyens de se maintenir comme diasporas au sein de milieux où elles refusent de s'intégrer".

Tal ajuda-nos a compreender situações diversas de um passado remoto quando estes movimentos se desenvolveram e alimentaram fluxos consideráveis de pessoas e de mercadorias, de soldados e de homes de guerra, de peregrinos e de gente anónima embrenhada no sentimento de defesa de valores da sua religião e civilização.

5.2 – A FORMAÇÃO DOS REINOS NO OCIDENTE

No cenário de uma Europa feudalizada as migrações internas ligadas à reconquista e ao povoamento dos novos estados, bem como as migrações externas associadas à pregação para a defesa dos lugares sagrados do Cristianismo, surgem nos finais do século XI na Europa como forma de repor o domínio Cristão no velho continente e nos lugares sagrados. Este movimento decorre da invasão da antiga Hispânia, no início do século VIII, pelos berberes obrigando os visigodos a recuar até às Astúrias onde se refugiaram. O processo de reconquista e a criação de novos espaços de poder militar e político deve ser analisada conjuntamente com a criação de antigos territórios de dominação religiosa, em particular as Dioceses (ECP)[98] , designação que *"transitou da administração do Império Romano para a Igreja, embora só a partir do séc. IV passasse a ter o actual significação".* Deve-se ao concílio de Niceia (325) a atribuição do seu governo a um Bispo. Ao longo do tempo a sua extensão foi variando em função do aumento de fregueses nas paróquias, dos interesses da Igreja e do poder régio (Gottman, 2013, p. 249), contribuindo para que *"(...) les croyances et les organisations religieuses ont été parmi les forces qui ont servi à délimiter les communautés politiques, donc à établir et à modifier les frontières, à fragmenter l'espace géographique"*.

A organização política estabelecida por cada um dos estados que ia conquistando a sua independência e a sua organização religiosa medieval, está associada ao território estruturado pelo direito romano de organização do espaço, a diocese, ou seja uma divisão administrativa estruturada em torno da cidade (civitas). De acordo com a ECP[99] esta divisão religiosa significa uma *"porção do povo de Deus confiada a um bispo"*, modelo adotado pela Igreja Cristã como local de residência do Bispo e da sua afiliação à Sé ou Catedral. A este respeito Gottman (op. cit., p. 253) faz notar que *"La*

[98] ECP – Diocese http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=588 25JUN20

[99] ECP – Diocese: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=588 7JUN13

souveraineté territoriale et le souci de frontières bien définies ont trouvé leur origine dans l'Europe chrétienne et sont restés des notions que les Occidentaux appliquent et étudient dans le monde entier". Mais ainda: (loc. cit.): *"Les principales frontières d'Europe ont été dessinées très tôt en fonction de considérations tant religieuses que politiques et territoriales".*

Na sua relação com a evolução do poder religioso medieval devemos considerar a ação das Ordens religiosas e, sobretudo, das Ordens religioso-militares associadas ao empenho da cavalaria armada, no século X, que executaram um papel decisivo no processo de defesa dos lugares santos de Jerusalém e no movimento de reconquista cristã na Europa romana. Nesta situação inscrevem-se as que se constituíram no oriente, com o intuito de salvaguardar a segurança dos lugares sagrados de Jerusalém, e no continente europeu orientadas para a "vida apostólica", caso dos Cartuxos e dos Cisterciences (Baruque, 2006.XI, p. 127). Para além destas contam-se as designadas Ordens mendicantes, orientadas para *"combater as heresias, mas também como um novo tipo de ordenação religiosa comunitária, melhor adptada às necessidades dos burgos em expansão"* (loc. cit.). Nestes locais acolhiam-se os artífices e os trabalhadores do campo atraídos pelas novas ocupações criadas pela expansão das cidades e das povoações mais importantes, sobretudo as situadas no litoral e junto a portos e a vias de circulação delineadas e percorridas inicialmente pelos romanos na sua ocupação peninsular e conservadas pelos povos seguintes.

Quanto às Ordens religioso-militares em Portugal (ECP)[100],

> *"as mais importantes foram as Ordens de Avis e de Sant'Iago, criadas no início da Nacionalidade a partir de outras mais antigas, sobretudo ligadas à Terra Santa (Hospitalários, Templários…) e, mais tarde, no tempo de D. Dinis, a Ordem de Cristo que, absorvendo a dos Templários, veio a ter participação notável nos descobrimentos e na conquista dos domínios portugueses do Brasil, África e Oriente. Foram causas do seu declínio o enfraquecimento do ideal da Cruzada com o termo da cristianização da Europa e a perda dos Lugares Santos, a evolução dos armamentos e técnicas*

[100] ECP – Ordens militares: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1378 7JUL20

militares, o afrouxamento da disciplina, o crescimento do poder real que se fez em parte à custa do seu património e, por fim, o avanço das tendências laicizantes (…)".

Já as Ordens mendicantes (ECP)[101],

"Ordens religiosas surgidas no séc. XIII, vivendo em regime de pobreza, fora dos claustros, distinguindo-se do monaquismo latifundiário da época. As mais importantes, então surgidas, são os Franciscanos (1209), os Dominicanos (1216), os Carmelitas (1229) e os Eremitas de Santo Agostinho (1252). Dada a sua melhor adaptação às circunstâncias e necessidades da nova era de início da concentração urbana e da mobilidade das populações, as O. M. tiveram o apoio dos Papas e vieram a desempenhar papel decisivo na reforma da Igreja e, mais tarde (séc. XV), na evangelização dos novos mundos. (…)".

De acordo com a ECP[102] em sentido amplo as Ordens religiosas consistem num

"instituto religioso cujos membros emitem votos solenes. As O. R. masculinas costumam-se classificar em quatro grupos: Cónegos Regrantes, Ordens Monásticas, Ordens Mendicantes e Clérigos Regulares. As femininas, cujos membros se chamam monjas, quando estão dependentes duma Ordem masculina (1.ª Ordem) designam-se por 2.ª Ordem (p.ex., as Clarissas são a 2.ª Ordem Franciscana) (…)".

Pela sua natureza estas Ordens dedicam-se à oração e ao trabalho diário, à convivência em comunidade e à contemplação, ao isolamento e ao cumprimento das regras impostas pela Ordem onde se inclui a austeridade e reflexão sobre os textos sagrados. Na sua ação direta com as populações, Baruque (2006.XI, p. 138) observa que estas Ordens *"nasceram para se aproximarem das populações das cidades, para responder às suas preocupações e desmontar os argumentos heréticos. Mas, ao mesmo tempo, os mendicantes insistiam na necessidade da pobreza e do espírito evangélico"* junto das populações rurais.

---

[101] ECP – Ordens Mendicantes – in: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1377 7JUL20

[102] ECP – Ordens religiosas in: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1379 7JUL20

Tendo em conta a evolução da sociedade medieval, o surgimento de novas congregações tomaram a seu cargo o ensino (Rucquoi, 2005, p. 312) através das escolas conventuais asseguradas pelas Ordens mendicantes maiores, Dominicanos e Franciscanos, quando a escola, *"redevienne un enjeu d'importance pour les religieux"* e estas congregações (loc. cit.), *"se passionnent pour le débat d'idées qui commence avec la formation scolaire et universitaire. Ils ouvrent dans leurs couvents des studia où sont enseignés les arts du trivium et les naturalia, qui sont ouverts aux novices de l'ordre mais aussi aux enfants des environs"*. Estas preocupações justificam a criação de bibliotecas monásticas, locais de grande valor cultural pelo acervo e ação de reprodução de documentos e de apoio às Universidades inscritas no calendário dos tempos medievais.

Nessa época o poder dos exércitos agarenos invadem, pelo sul, a Península Ibérica e vencem as tropas do reino visigodo sediado em Toledo conduzindo, como regista (Sousa, 2016, p. 7)

> *"a uma dissolução da antiga monarquia visigoda, que, em parte, aceita o jugo muçulmano e continua nas suas propriedades (dando origem a futuras linhagens muladis), outra, que procura refugio em territórios fora da Península, nesta caso na Narbona e, segundo as crónicas do ciclo afonsino, se refugia igualmente nas montanhas das Asturias e da Cantábria"*.

Daí vai lançar os primeiros ataques aos invasores. Este movimento ganhou expressão com a decadência e queda do califado de Córdova e da sua desagregação em reinos mais pequenos, ou *taifas.* Na sua relação com o movimento europeu, regista Herrera et *alii*, (2006.XI, p. 84) a *"crescente penetração das rotas transpirenaicas"*, nomeadamente no que respeita à intensificação das rotas de peregrinos, à *"chegada de numerosos mercadores ('francos'), a implantação da reforma cluniacense e a unificação litúrgica"* (loc. cit.) que contribuíram para a "europeização hispânica" e sucesso das operações militares conduzidas no território peninsular. Recorde-se que o processo de reconquista deste território foi conduzido de norte para sul, balizando a sua posse pelos exércitos régios à procura de fronteiras geográficas, definidas em torno das quais progrediram novas conquistas de fortalezas e postos de vigia de apoio às marchas de guerra que permitiram a consolidação dos novos reinos entretanto criados.

Na sua origem este movimento de reconquista contra os muçulmanos partira da Gália e acabou por se propagar aos invasores de leste e à Península Ibérica, contribuindo para a cristianização, a criação de novos reinos e centros de poder. Tal ocorre, também, em período de certa conflitualidade entre o reino de Andaluz e os berberes de África e de escassez de alimentos levando a uma intensificação da agricultura e fixação de colonos nas áreas libertadas o que não impede a continuidade das lutas entre os habitantes do norte da Península Ibérica, nomeadamente Galegos, Bascos e Asturianos contra investidas dos exércitos vindos do Andaluz. Os movimentos ocorridos no ocidente da Europa acompanham-se, na área peninsular, de lutas para posse do território inicia-se com a participação dos príncipes das Astúrias que vão levando a cabo incursões em terras dominadas pelos Islamitas. A este respeito Sousa (2016, pp. 31-32) dá conta de duas razias promovidas por Afonso II das Astúrias sobre o território de Lisboa, nos finais do século VIII, anunciando o intensificar das investidas do sul sobre o território asturiano e o preparar do movimento da reconquista.

O apoio de Roma a estas operações é confirmada na consagração de Carlos Magno como defensor de toda a cristandade, como Imperador, em 802, abrindo desta forma rivalidades com o Imperador do Oriente. A este respeito e aquando da sua deslocação a Roma, no final do século VIII, em 799, Cortázar (2006.X, p. 170) regista a função que espera desempenhar, bem como a missão atribuída ao Papa:

> *"A nossa é defender com as armas a Santa Igreja de Cristo dos ataques dos pagãos e da devastação dos infiéis e fortalecê-la com a difusão da fé católica. A vossa é, santíssimo padre, elevar as mãos para Deus e, como conselho a uma assembleia de Moisés, ajudar o nosso exército, até que o povo cristão alcance a vitória"*.

Esta situação acaba por ruir em 843, com o tratado de Verdun, do qual *"nascerão os embriões da França e da Alemanha"*, situação que reforça a partilha política e religiosa do mundo mediterrâneo entre os Bizantinos, os Abássidas e os Carolíngios (op. cit, p. 178-179). Neste caso os três filhos do imperador Luis, o Piedoso, partilharam como herança – em 843, pelo tratado de Verdun – a parte ocidental da França; o território da França, média – Lotaríngia - e o território oriental, a Germânia.

Como ponto comum desta partilha, regista-se o interesse pelo domínio do poder traduzido na prática pelas soluções de cada uma dessas civilizações (op. cit. p. 180):

> *"A mais antiga delas, a bizantina, aponta para uma superioridade do imperador sobre o patriarca de Constantinopla, autêntico pontífice do Império; a mais recente, a muçulmana, evita complicações, reunindo numa mesma pessoa a chefia da Igreja e do Estado. No meio o bispo de Roma argumenta sobre a catolicidade da sua sede e procura no Ocidente o governante que possa protagonizar uma política universal, mesmo que seja à sua escala (...). A política, a religião, a economia, a sociedade e a cultura definem as coordenadas destes inquilinos do Mediterrâneo"* (...)

Pela sua localização estes são ameaçados desde meados do século IX por outros povos invasores - como os escandinavos, os húngaros e os serracenos - e, internamente, sofrendo os efeitos da separação entre a cristandade latina e a cristandade grega.

As marchas encetadas passaram realizar-se sob proteção de Santiago, popularmente conhecido por "matamouros" incentivando esse movimento que a partir de meados do século IX, por morte de Ordonho I, em 866 (op. cit., p. 39) alcançava o rio Minho (Sousa, 2016, p. 47), consolidando a sul a antiga Galécia romana e beneficiando a extensão do reino das Astúrias. A este respeito Serrão (1992.V, p. 242) dá conta que ao tempo de Afonso III (886-910), *"reconquistou a faixa ocidental até ao Mondego e repovoou Portucale, Coimbra, Viseu, lamego e leão, vindo esta cidade a tornar-se o centro do reino (914)"*. A este respeito assinala Herrera et *alii* (2006.XI, p. 122):

> *"o século XIII foi marcado pelo grande avanço reconquistador dos reinos cristãos da Peninsula Ibérica. Castela consolidou o seu domínio da meseta meridional e anexou a Andaluzia bética. Aragão avançou pela fértil região de Valência, ao mesmo tempo que conquistava as baleares. Por sua vez, os Portugueses desceram até ao Algarve"*,

conquistando diversas praças do Alentejo como Elvas, Juromenha e Mértola, concluindo com a conquista de Faro em 1249.

O mundo Cristão na Idade Média

In: Llorca, 1960 (Atlas Histórico)

A evolução da reconquista fica marcada pelos avanços e recuos da linha de fronteira, pelo povoamento do território e pela luta para a formação do condado e futuro reino de Portugal. Assim o assinala a obra referida (Serrão (1992.V, p. 243): *"No século XII, a Reconquista, conduzida mais sistematicamente, toma aspectos de acção política para desenvolver os reinos formados em Portugal, Leão-Castela e Aragão"*. Mais ainda (loc. cit.): *"a acção do rei sobrepõe-se à dos particulares, aproveita o importante auxílio das ordens militares e é apoiada na retaguarda pelo repovoamento da Estremadura e da região do Tejo, sob a forma de concelhos municipais dotados pelo rei de numerosos privilégios"*. Contrariamente à área setentrional do território entre os rios Lima e o Douro, o sul do Mondego com os seus areais e dunas, salvo nas bacias hidrográficas e atracações marítimas, era pouco povoado. O mesmo acontecia no interior e, sobretudo, no sul do território, onde as razias militares impediam qualquer forma de colonização mais intensa dessa área.

A delimitação das fronteiras, varável consoante o poderio das forças envolvidas nestas pelejas foi determinando a configuração geral do território, tal como havia descrito Estrabão (Livro III.3. In: Deserto e Pereira, 2016):

> *"A Ibéria parece uma pele estendida, em comprimento, de oeste a este (com os seus membros dianteiros voltados para este), em largura, de norte para sul. Tem cerca de seis mil estádios de comprimento e de cinco mil na parte de maior largura, embora em alguns locais tenha muito menos de três mil estádios, particularmente junto aos Pirenéus, que delimitam o seu flanco oriental "*

Neste processo as presúrias privadas, conduzidas pelo clero e por nobres e as presúrias régias, com a deslocação de novos moradores para as terras até então sob domínio muçulmano, contribuíram eficazmente para o seu povoamento e arroteamento do solo. O mesmo sucede paras terras do interior, em Leão e Castela, com o reforço do poder dos seus governantes, consolidando em Portugal e em Espanha o movimento da reconquista cristã, a formação dos novos reinos ibéricos, o reforço do poder régio, o declínio do poder feudal e a evolução da sociedade medieval no seu conjunto. Como assinalado nestas ações foi relevante a participação das Ordens religiosas e militares (Marques, 1972.I, p. 108), que *"tinham uma tarefa clara a cumprir: expulsar os Mouros, libertar as terras para Cristo"*, representadas pelo Templários (1128), dos Hospitalários (por volta de 1150), da Calatrava e de Santiago (1170).

Na sua relação com o movimento da reconquista e da organização administrativa assente nas Dioceses, criadas pela Igreja e nos concelhos de inspiração régia, estes acabaram por desempenhar um papel fundamental na estruturação do povoamento e na vida de relação entre a população das áreas (re)povoadas e da comunidade de fiéis sujeitos à disciplina imposta pelo poder régio e pelo poder religioso. A este respeito O. Ribeiro (1987, p. 38), recorda que *"A organização eclesiástica ascende ao tempo de suevos e visigodos e, quando se delimitam os territórios das cidades 'restauradas', é ainda nos antigos bispados que elas em parte se apoiam"*. Com a sua consolidação reforça-se o cumprimento de deveres impostos pelo culto e o seu confronto com os habitantes de origem berbere aí estabelecidos.

Recorde-se que o repovoamento do território ficou assinalado, antes ainda do início da reconquista que iria dar lugar à formação do reino de Portugal, por várias investidas dos exércitos de Córdova e de Sevilha (Sousa, 2016, p. 136 e 137), nomeadamente *"a igreja de Santa Maria em Moldes (Arouca) fora destruída e pilhada por contingentes muçulmanos, sendo a mesma, anos depois em 1001, com um renovado contingente populacional, sagrada com outro oráculo"* que têm lugar desde os finais do século X. O mesmo aconteceria em toda a região do Entre-Vouga e Mondego fazendo deslocar os seus habitantes para norte devido às razias muçulmanas (op. cit., p. 141). O referido autor (Sousa, 2016, p. 165) dá igualmente conta que os

> *"muçulmanos da taifa de Sevilha, onde, em finais de Março desse ano, empreendem nova aceifa. A mesma irá terminar em desastre para as hostes islâmicas, derrotadas que foram na região de Santa Maria, concretamente em César (Oliveira de Azeméis) por contingentes cristãos (...)"*

e na linha defensiva do Mondego com a conquista do castelo de Montemor (op. cit., p. 161) e de Coimbra, em 1064 (op. cit., p. 164). Como regista Serrão (1992, p. 242), *"apesar de todos os vestígios que deixaram na península, os Mouros não se fundiram racial nem culturalmente com os autóctones. O resultado final foi a expulsão do invasor, considerado sempre como tal, depois de quase oito séculos de incompatibilidade"*. O território próximo e a sul das bacias do Vouga e do Mondego reveste-se, segundo O. Ribeiro (1987, p. 40), de traços geográficos e humanos específicos que justificam a demora do processo de reconquista:

> *"Ao sul do Vouga, precisamente onde a natureza começa a colorir-se de tons de meridionalidade, as vicissitudes da Reconquista modelam outro mundo humano, quer pela dominação mais prolongada dos mouros, que recuperaram a maior parte das terras aquém do Mondego, quer pela forte influência exercida, na região de Coimbra, por moçárabes meridionais, que Sesnando trouxe consigo quando veio administrar estes lugares"*.

À medida que caminhamos para o início das campanhas dirigidas à libertação do Santo Sepulcro em Jerusalém e antecedendo esse movimento, regista Marques (1972.I, p. 60) que *"pelos finais do século XI (...), chegaram à peninsula Ibérica, com o*

objectivo principal de combater o infiel e ajudar os príncipes cristãos contra a ameaça almorávida, vários contingentes de cavaleiros franceses, acompanhados também de alguma peonagem". Esta colaboração foi posteriormente ampliada com a ação dos soldados peregrinos que por mar se dirigiam, vindos do ocidente e do norte da Europa, para Jerusalém. Neste contexto as Cruzadas são responsáveis não só pela formação de diferentes reinos no oriente mas também no ocidente, como aconteceu com Portugal, numa relação que Monteiro et *alii*, (2015, p. 19) associam à pregação da II Cruzada (1147-1149): *"São Bernardo aplicou-se quanto pôde a pregar esta nova cruzada, que teve um eco considerável mas que acabou por constituir um fiasco (o seu único grande sucesso foi bastante periférico: a conquista de Lisboa aos Mouros, em 1147)".* Esta ofensiva foi alcançada por Afonso Henriques depois da conquista do flanco sul do reino, da batalha de Ourique contra os mouros e da tomada do Castelo de Leiria, em 1142 e de Santarém em 1147. Nesses assaltos o grito "Santiago" acompanhava o início da luta armada.

No entendimento de Martins (1908) a conquista de Lisboa, *"lavra a acta do nascimento da nação portugueza, até ahi envolvida nos limbos da geração".* Por sua vez Henrique (2011, p. 31), assinala que os soldados que participaram nesta operação – *"ingleses, normandos (vassalos do rei inglês), flamengos, colonienses, bretões, escoceses, bolonheses"* faziam parte das forças de 13.000 soldados chefiados por:

> *"conde Arnaldo de Aerschot (responsável pelas forças do Sacro Império Romano-Germânico), Cristiano de Gistelles (comandante das forças flamengas e bolonhesas), Hervey de Glanville (com autoridade sobre os homens de Norfolk), Simão de Dover (cuja atenção dedicava aos efectivos de Suffolk), André de Londres (que chefiava os navios de Kent) e Saério de Archelles (que olhava pelas restantes embarcações da frota)"*.

Depois de ter alcançado a independência, assinada no Tratado de Zamora (1143) entre D. Afonso Henriques e Afonso VII, rei de Leão e de Castela, a tomada de Lisboa aos mouros, em 1147 e depois os castelos de Palmela, de Sintra e de Alcácer, em 1160 - embora recuperada pelos muçulmanos em 1191 -, confirmam o esforço encetado pelo monarca português na consolidação do reino de Portugal. Tão importante como a aquisição da soberania da nação

portuguesa face ao poder de Leão e de Castela, foi a mudança social operada pela consolidação de Lisboa como capital do novo reino. Assim o relata Oliveira Martins (1908, p. 41):

> "*É este movimento que, principiando por quebrar os laços de solidariedade entre os gallegos leonezes e os portugueses, vae gradualmente addicionando a estes ultimos os Lusitanos (seja-nos licito dizer assim, para mais claramente definir o nosso pensamento) até ao ponto de os ultimos predominarem na phisionomia posterior da nação, transferindo de Guimarães e de Coimbra, para Lisboa, a capital do reino: fazendo substituir á vida rural, primeiro quasi exclusiva, {a vida commercial e maritima depois predominante e quasi absoluta."*

A progressão da reconquista para sul abrange a duração da segunda cruzada e a perda de Jerusalém para as tropas de Saladino. O sucessor de D. Afonso Henriques, D. Sancho I, prossegue a marcha para sul, em direcção a Silves no ano do lançamento da III Cruzada, o que foi aproveitado pelo monarca nas lutas travadas contra esta praça muçulmana no Algarve. Em 1189 essa campanha, apoiada por cruzados escandinavos (op. cit., p. 49), *"ficaria pautada por um enorme massacre que se traduziu na morte de 5600 habitantes de Alvor"* e pela inclusão de tropas flamengas e germânicas que acordaram com o rei (op. cit., p. 50) ficar este com o domínio da cidade *"enquanto que os cruzados assegurariam o direito ao saque de todos os bens da praça".* Depois da queda da praça algarvia, denunciando o enfraquecimento dos exércitos almóadas a sul do Tejo, a vitória dos Cristãos em Navas de Tolosa, em 1212, dá ânimo às tropas de D. Afonso II para recuperar a praça e o porto de Alcácer do Sal.

Em 1217, novamente com auxílio dos Cruzados do norte da Europa, uma frota de 105 naus transportando maioritariamente soldados de naturalidade germânica e flamenga (Henrique, 2011, p. 62), em trânsito para ao oriente por ocasião da pregação da V Cruzada (1217-1221), depois de conseguirem autorização *"invernar em águas portuguesas e assim atrasar, em vários meses, a sua chegada à Palestina"* (Marques, 1972.I, p. 107) - ajudam nessa empresa. Nesta operação terão participado, pela parte portuguesa, *"80 000 soldados de infantaria e de 15 000 de cavalaria"* (op. cit., p. 66) levando à morte de dois reis mouros e de 30.000 soldados muçulmanos (op. cit., p. 69).

A vitória dos exércitos Cristãos sobre os exércitos Almóadas vai-se afirmando com o auxílio das Ordens militares de Santiago, Calatrava e Hospital (Marques, 1972.I, p. 93), consolidando o seu poder sobre outras praças do Algarve oriental e do Algarve ocidental até à conquista de Silves e de Faro (1249). Com estas conquistas consolidavam-se as fronteiras e o poder régio da nação portuguesa construída, segundo Orlando Ribeiro (Ribeiro, 1987, p. 14), por *"várias unidades espaciais e com vários grupos humanos"* entre eles, os judeus que desde meados do século XII, com a degradação de vida em Toledo e Granada, motivado pelas Cruzadas internas e espírito anti-judeu, empurra este povo para o território português[103].

Como assinalado a organização política estabelecida por cada um dos Estados que vai conquistando a sua independência, assenta essencialmente na organização religiosa medieval, na Diocese, como divisão administrativa organizada em torno da cidade (civitas) mais pequena que a comarca medieval. Na sua relação com a reconquista cristã na Península Ibérica regista Serrão (1992. II, p. 302) que nos séculos III-IV, a reforma conduzida pelo imperador Diocleciano, *"a Península ficou a pertencer à prefeitura das Gálias e a constituir uma única diocese, subdividida em cinco províncias (Lusitânia, galécia, Bética, Cartaginense e Tarraconense, sem contar as da Mauritânia e das Baleares"*. Acompanhando a evolução da situação militar, o domínio do território pelas forças cistãs e muçulmanos e a construção do condado e depois do reino de Portugal, o mapa destas circunscrições religiosas vai-se alterando com a emancipação progressiva das dioceses de Tui, Braga, Coimbra, Lamego, Lisboa, Ossónoba (com sede em Silves) e outras que compartilham entre si o poder religioso do território na sua relação com o poder do Pontífice romano.

De acordo com Marques (1972.I, p. 67), a mais antiga diocese portuguesa, a diocese de Braga, desempenhou um papel relevante pela sua ligação à conquista do poder autónomo de Portugal

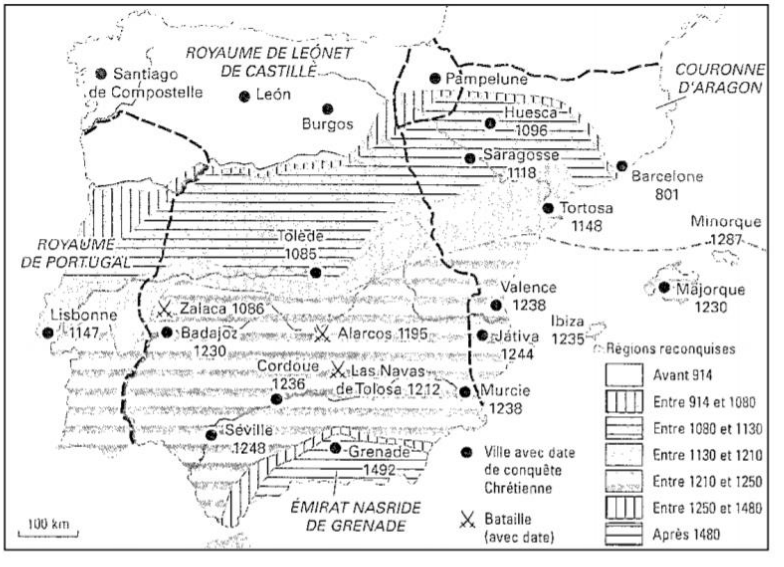
> *"foi acompanhada pela luta entre os arcebispos de Braga e os de Toledo, e pela tentativa de criar uma província metropolitana portuguesa coincidindo com as fronteiras políticas de Portugal. O*

[103] Les crises – Les dispersions du peuple Juif: In: https://www.les-crises.fr/les-dispersions-du-peuple-juif/ 17JUL20

arcebispo de Toledo, a quem o papa garantira, nos finais do século XI, o primado sobre toda a Espanha (que remontava ao estado visigótico unido), deparou com a resistência do de Braga, consciente dos seus privilégios e tradições como metropolita da Galiza (até ao Douro)."

A sua posição no centro do Noroeste português assegura-lhe uma boa comunicação com as terras do Condado que gradualmente se expandiram para sul mantendo essa posição charneira do clero Bracarense.

A Reconquista na Península Ibérica



Sources : RUCQUOI A., *Histoire médiévale de la péninsule ibérique*, Paris, Seuil, 1994.
MENJOT D., *Les Espagnes médiévales, 409-1474*, Paris, Hachette, 1996.

In: Musée de Cluny: Musée National du Moyen Âge (2008). Dossier Orient / Occident[104]

[104] Musée de Cluny: Musée National du Moyen Âge (2008). Dossier Orient / Occident https://www.musee-moyenage.fr/media/documents-pdf/dossiers-enseignents/dossier-enseignants-musee-de-cluny-orient-occident-2008.pdf 10JUL20

Pelo seu interesse apresentamos, a concluir, uma última nota sobre a reconquista (Musée de Cluny, 2008, p. 6)[105]:

"L'Espagne fut un autre terrain de l'affrontement entre le monde latin et l'Islam. Il s'agit de la reconquête (Reconquista) de la péninsule ibérique par les chrétiens, processus de quatre siècles (fin XIe - fin XVe siècle) par lequel les chrétiens, partis de leurs bases au Nord de la péninsule ibérique, vont peu à peu en reconquérir le territoire et refouler les musulmans vers le sud. Il s'agit de libérer la péninsule de la domination des «Maures», pour reconstituer l'unité territoriale et politique de l'Hispania, au profit des chrétiens. Après des débuts hésitants, malgré quelques victoires des chrétiens (prise de Tolède en 1085), la victoire de La Navas de Tolosa en 1212, obtenue suite à l'organisation par le pape Innocent III d'une véritable croisade conduite par les rois de Castille, d'Aragon et de Navarre, marque un tournant à partir duquel la reconquête s'accélère: Cordoue est reprise en 1236, Séville en 1248. Les musulmans se replient au sud de la péninsule, dans le royaume de Grenade, qui sera reconquis en 1492".

[105] Musée de Cluny: Musée National du Moyen Âge (2008). Dossier Orient / Occident https://www.musee-moyenage.fr/media/documents-pdf/dossiers-enseignents/dossier-enseignants-musee-de-cluny-orient-occident-2008.pdf. 20JUN20

CONCLUSÃO

O tratamento da informação relativa às principais migrações humanas ocorridas no mundo mediterrânico no decurso do primeiro milénio da nossa era, que se prolonga pela baixa Idade Média até ao século XIII, encerra um ciclo de análise da mobilidade humana que tem como tema central os movimentos que ligam o homem a Deus (ECP)[106], na sua *"percepção de que a vida humana depende de algo de transcendente, cuja influência importa tornar benévola"* (loc. cit.). O interesse por este assunto, explorado numa primeira análise aquando do tratamento da informação contida na Bíblia, expressa na versão da Vulgata Clementina, deu sequência a este texto elaborado a partir do recurso de um conjunto diversificado de fontes. Nestas incluímos as de origem religiosa associadas às três religiões Abraâmicas orientais: Judaismo, Cristianismo e Islamismo, sobretudo no que respeita ao assunto da mobilidade da população.

O quadro de análise das migrações humanas, como expressão da mobilidade da ecúmena e dos seus habitantes deu seguimento ao modelo que serviu de base ao estudo dos movimentos migratórios inscritos no Antigo e no Novo Testamento. Acompanhou, também, os fenómenos religiosos que ditaram parte dos movimentos humanos registados em torno da bacia do Mediterrâneo, numa perspetiva temporal alargada e sequencial à evolução civilizacional pré-moderna ditada pela queda do mundo medieval. Neste exercício seguimos os ensinamentos de diversos Mestres que em tempo souberam chamar a atenção para a necessidade do estudo em comum dos fenómenos sociais e totais, num perspectiva diacrónica, onde prevalece o intuito de *"apreender antes a marcha dos fenómenos do que o seu derradeiro e ocasional momento"* (O. Ribeiro, 1968-Introdução).

---

[106] ECP – Religião http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1659 18JUL20

Com esta preocupação:

- Recuámos no tempo e seguimos a marcha das grandes diásporas descritas no Antigo Testamento através da dispersão do povo e da "diáspora judia" que prolongam as situações de desespero e de guerra, de observância dos valores religiosos e das tradições deste povo face aos poderes dominantes e às subjugações que lhes foram impostas no início da nossa era;

- Prosseguimos com um apontamento sobre as causas de índole religiosa que atingiram os discípulos e os crentes da nova evangelização durante a vigência do Império romano e as suas deslocações, perseguições e movimentos associados à expansão doutrina Cristã e às lutas pela conservação da memória das suas origens nos antigos territórios nas margens do rio Jordão;

- Demos continuidade a esse assunto com a apresentação de uma síntese do ordenamento religioso do Islão na sua relação com as migrações relacionadas com a expansão do Islamismo e das marchas de guerra associadas ao choque religioso e civilizacional entre as principais religiões orientais;

- Descrevemos os traços fundamentais do movimento das cruzadas no oriente e no ocidente, participação de diferentes nacionalidades nessa empresa e o seu contributo para a formação do reino de Portugal.

Neste quadro amplo de análise registámos a sequência das visitas dos Cristãos do antigo império romano do ocidente aos lugares associados à vida e à morte de Jesus, por iniciativa própria ou a conselho da Igreja, dando origem às peregrinações individuais, de grupo e de massas, que se assemelham a migrações posteriores. Tal movimento assenta no processo de expansão da religião cristã e da organização da Igreja católica, nas condições sociais e de vida da população durante os primeiros séculos da Idade Média e das crises frequentes decorrentes das lutas militares, da fome, das pestes e das invasões que marcaram este período. A este respeito citamos Menjot (2013. In: Quertier, Chilà e Pluchot, p. 17) que a propósito das migrações registadas nesse tempo, assinala:

"Même 's'il n'y a pas de migrations en Europe à la fin du Moyen Âge' au sens de déplacements durables et massifs d'une population, les sociétés médiévales sont des 'sociétés en

mouvement' (...). Les historiens ont maintenant bien mis en évidence la mobilité des populations et l'importance du phénomène migratoire dans l'essor démographique des villes à partir du XI siècle, puis dans la reconstruction qui fait suite à leur dépeuplement causé par les calamités du XIV siècle".

Para além destas referências acerca do principal destino das migrações religiosas registadas desde o início da baixa Idade Média, a contrução da nova religião Islâmica e a forte expansão territorial da mesma sobre nos territórios do Oriente e em toda a bacia do Mediterrâneo, marcou a evolução e a natureza destes movimentos e a sua importância desde então. Ao tempo o fortalecimento da cavalaria medieval, as peregrinações abençoados pela Igreja e confiadas à segurança dos Cavaleiros de "Palma" - celebrados nas suas aventuras e guerrilhas, descritas em diversas obras da literatura europeia (Trotier, 1988) - contribuíram para alimentar o espírito de Cruzada pregado pelo Papa. Estes movimentos vão a par do crescimento e renovação das cidades da baixa Idade Média, que assistem ao incremento de diversas atividades humanas ligadas aos artífices e comércio, ao incremento da agricultura e das atividades artesanais, agrícolas, florestais e piscatórias que conduziram à intensificação das migrações internas no espaço territorial dos novos estados.

No cenário de uma Europa feudalizada as migrações internas ligadas à conquista e ao povoamento dos novos estados, bem como as migrações externas associadas à pregação e defesa dos lugares sagrados do Cristianismo e à ocupação de terras junto do Santo Sepulcro, surgem nos finais do século XI na Europa como forma de repor o domínio Cristão no velho continente e nos lugares sagrados de Jerusalém. Sobre estes movimentos, importa assinalar:

- De acordo com Michaud (1839, VI), *"La sublime esperance des croisades c'était la conquête de l'Orient au profit du christianisme : c'était l'unité chrétienne s'établissant sur toute la terre, et conduisant la grande famille humaine à la charité, à la paix, à la lumière"*;

- Tomam como centro (Michaud, 1839, VII):

"*La Méditerranée qui, dans l'antiquité, fut le passage et le lien de toute pensée de civilisation, avait vu au moyen âge les différentes nations de l'Europe échanger leurs lumières; les saintes bannières*

avaient flotté sur cette mer déjà veuve alors des merveilles de l'ancien monde, et les efforts de civilisation se poursui vaient àl'ombre de la croix".

Neste espaço de tempo e após a descoberta dos caminhos de peregrinação aos lugares santos de Jerusalém, o movimento de cavalaria apoiado pela ação das Ordens religiosas e militares e ao poder religioso de Roma – cada vez mais distante do poder de Constantinopla e mais tarde separado deste - dão origem ao processo de defesa contra a invasão dos muçulmanos que desde o início do século VIII invadem o território europeu, nomeadamente a Gália. Entre outros lugares, Bordeaux e Tours foram percorridos pelos exércitos Omíadas do Al-Andaluz e travados por Carlos Martel em Poitiers. Este movimento expressa ainda a invasão do sul da Península Ibérica por volta do ano de 711, pelos árabes - que consigo trouxeram (Ribeiro, 1987, p. 33) *"populações de todo o Norte de África, conjunto designado genericamente por 'mouros'"* - obrigando os visigodos a recuar até às Astúrias, onde se refugiaram.

A recuperação deste território ficou assinalado pelas vitórias alcançadas sobre os Muçulmanos por Pelaio, em 722, nas Astúrias - em Covadonga - e por Carlos Martel, em Poitiers, no ano de 732. Estas datas assinalam o início da reconquista Cristã ou seja, do território habitado pelos Visigodos na Europa do sul e termina em 1492 com a conquista do Reino de Granada por Isabel e Fernando II de Aragão.

Na sua relação com a história de Portugal, Marques (1972.I, p. 43-44) assinala: *"como tantas outras campanhas militares na história, a 'Reconquista' saltou de um pedacito de território nas Astúrias para uma vasta região limitada a sul pela bacia do Douro"*. Foi neste espaço que se criaram os domínios das Astúrias e Leão, Castela e Galiza - e mais tarde de Portugal - que por finais do século XI estendia os seus limites até à bacia do Mondego. Coincide com o chamado maciço Galaigo-Duriense (Ribeiro, 1987, p. 90) com morfologia fortemente acidentada e vegetação abundante propícia à defesa do solo. A este respeito o mesmo autor faz ainda notar (op. cit., p. 37) o seguinte:

"*O aparecimento de um Estado no Ocidente da Península, nos meados do século XI, não constitui caso insólito no*

desmembramento da Europa feudal. A Reconquista peninsular progrediu fragmentando-se e a aglutinação dos diferentes corpos políticos a que deu origem em torno do bloco central resultou de um processo histórico de sete séculos".

O acervo histórico sobre as cruzadas medievais é extenso uma vez que as mesmas podem ser associadas à evolução política do feudalismo medieval, às peregrinações religiosas aos lugares sagrados registados no Antigo Testamento e à vida de Jesus, à evolução das Ordens religiosas e militares, à expansão do Islão, ao desenvolvimentos das relações comerciais entre o oriente e o ocidente e a outros assuntos de natureza geográfica e histórica, religiosa e militar. No seu termo o projeto comum ocidental de libertação do Santo Sepulcro teve um efeito de aproximação entre as Igrejas do oriente e do ocidente, depois dos Cismas entre elas. A este respeito assinala Le Bas (1847, Préface): *"C'est durant les croisades autor du tombeau du Christ que les représentants de toutes les nations européennes, amenés jusqu'à Jérusalem par les prédications de l'Église, se reconnaissent pour frères et pour membres d'une même communion".* No seu caminho o relato dos sofrimentos (op. cit., p.2) *"des chrétiens d'Orient croissaient tous les jours; et cependant telle était la ferveur des pèlerins, que leur nombre augmentait sans cesse: nobles, seigneurs, évêques ou simples prêtres, hommes de tout rang, partaient en foule pour visiter la ville sainte*".

Um outro texto mais recente refere-se à sequência de acontecimentos desencadeados por estas expedições (Musée de Cluny, 2008, p. 9), a saber:

"La fin du Moyen Âge est marquée par l'affirmation du monde latin en Europe face à l'Islam, réduit au petit royaume de Grenade puis définitivement repoussé en 1492 (prise de Grenade), et face à Byzance. Malgré les tentatives de réconciliation des Eglises d'Orient et d'Occident tentées au XV siècle (concile de Florence), les Occidentaux voient disparaître l'empire byzantin sous les coups des Turcs, qui s'emparent de Constantinople en 1453, dans une quasi indifférence. En Terre Sainte, les projets de croisade des deux derniers siècles du Moyen Âge se soldent par des échecs (…)".

Os relatos destes movimentos de grupos específicos da população tiveram os seus reflexos na época da sua realização e perduraram depois da queda de Constantinopla, no decurso da

Idade Moderna, com o regresso do espírito de Cruzada contra os infiéis residentes em Espanha e no norte África e a expansão dos domínios dos reinos ibéricos nessas paragens. Mais ainda, a leitura dos últimos movimentos de natureza religiosa, dá origem a diferentes leituras e justificações. Como assinala (Zouache, 2015, p. 104) se, por um lado:

- *"La croisade fut comprise dans ce qui faisait son essence: on la voyait comme une expédition menée par des hommes ambitieux et avides de conquete, mais aussi motivés par leur amour du Christ et plus largement de la religion chrétienne. Des hommes dont on savait qu'ils étaient désireux de s'emparer de Jérusalem et meme qu'ils affirmaient vouloir libérer leurs freres chrétiens d'Orient du joug musulman (...)"*,

- Regista-se também que *"Les guerres sinon perpétuelles, du moins racontées comme telles, que la croisade occasionna, furent interprétées par des Orientaux comme un épisode de l'affrontement séculaire entre l'islam et la chrétienté"*.

A concluir este apontamento inscrevemos os sinais desta mobilidade humana associados à história e à consolidação do reino de Portugal. São disso exemplo as Cruzadas com início no continente europeu destinadas a libertar o Santo Sepulcro, em Jerusalém, e que no seu trajeto marítimo ampararam a monarquia nascente nas suas pretensões de alargamento dos seus domínios territoriais. Disso nos dá conta Silva (2010) com base na consulta do "*Narratio de Itinere Navali*", de 1189, recupera a cronologia da viagem realizada pelos Cruzados gauleses desde a paragem no porto de La Rochelle (a 8 de Junho), às paragens no Porto (21 e 22 de Junho), e em Lisboa (4 a 16 de Julho), aos *"eventos da conquista de Silves (rendição da cidade a 1 de Set)"* (op. cit., p. 6), entre 21 de Julho e 6 de Setembro, à sua partida para Cádiz onde chegaram a 26 de Setembro e seguimento posterior até Marselha. Nestas operações o território nacional beneficiou da sua posição de "finisterra" (Ribeiro, 1987, p. 17) *"com vocação contraditória e alternante, de isolamento e de relações marítimas distantes"*.

Estes são os aspetos essenciais de um trabalho, que embora parcial, prossegue os interesses e as memórias do autor no domínio da geografia da população, das migrações humanas e dos fenómenos sociais associados, neste caso às migrações de natureza

religiosa que continuam a apresentar, na história da humanidade, dinâmicas regionais e transterritoriais muito próprias, que aproximam e separam vastas regiões do globo. Na sua continuidade histórica e geográfica estes movimentos inscrevem-se na cronologia e na paisagem do reino de Portugal e nas expedições empreendidas a partir do século XV para alargamento dos seus domínios territoriais e supremacia espiritual sobre os demais reinos da Europa. Embora a longa distância evocamos, de Zurara[107], as razões *"por que o senhor Infante foi movido de mandar buscar as terras de Guiné"*, onde se contam as seguintes:

- *"(...) por haver de tudo manifesta certidão, movendo-se a isso por serviço de Deus e el-rei D. Duarte, seu Senhor e irmão, que aquele tempo reinava (...)";*

- *"E a segunda foi porque considerou que achando-se naquelas terras alguma povoação de Cristãos, ou alguns tais portos que sem perigo pudessem navegar que se poderiam para estes reinos trazer muitas mercadorias, que se haveriam de bom mercado (...)";*

- *"A terceira razão foi porque se dizia que o poderio dos mouros daquela terra de África era muito maior do que comummente se pensava, e que não havia entre eles Cristãos nem outra alguma geração (...)";*

- *"A quarta razão foi porque de XXXI anos que havia guerreava os Mouros, nunca achou rei Cristão nem senhor de fora dessa terra que por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo o quisesse à dita guerra ajudar. (...)";*

- *"A quinta razão foi o grande desejo que havia de acrescentar em a santa fé do nosso senhor Jesus Cristo, o trazer a ela todas as almas que se quisessem salvar (...)".*

Tendo explorado o assunto da emigração portuguesa ao longo do tempo constatamos que a relação circular entre muitos dos fenómenos sociais e culturais ligados à mobilidade da população migrante no nosso país insere-se neste complexo e vasto sistema migratório do mundo mediterrânico e da Europa meridional associado a outros sistemas transterritoriais mais complexos que só a memória profunda das migrações humanas sabe interpretar.

---

[107] Gomes Eanes de Zurara (1453). "Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné"

Evocando os escritos de O. Ribeiro (1968, p. 223) concluímos: *"Num velho mundo rural saturado de gente cresce assustadoramente o número de 'desajustados'. A emigração, talvez mais um paliativo do que um remédio a esta pletora é, por isso, fenómeno geral"*, fenómeno que se mantem nos nossos dias. Mais ainda (op. cit., p. 226): *"O Mediterrâneo é uma inesgotável reserva humana: mas, ao mesmo tempo, uma caixinha de surpresas".*

BIBLIOGRAFIA

ABON, Carlos M – Coord. (2006). Grande História Universal, Alfragide: Ediclube, v. VIII

ABON, Carlos M. (2006.XI). "A época das ideias universais. O Pontificado e o Império. As Cruzadas. Capetos e Angevinos". pp. 53-89

AL-IDRÎSÎ, *Nuzhat al-mushtaq fî ikhtirâq al-âfâq, - Livro de Roger*. Sicilia: 1154: http://classes.bnf.fr/idrisi/pedago/index.htm 26MAI20

ALZOG, Jean (1845). Histoire Universelle de l'Église. Paris: V.-A. Waille, Libraire-Éditeur (III Vols)

ALDEEB ABU-SAHLIEH, Sami "The Islamic Conception of migration". In: *The International Migration Review*. Vol. 30, No. 1, Special Issue: Ethics, Migration, and Global Stewardship (Spring, 1996), pp. 37-57 https://www.jstor.org/stable/2547457 22JUN20

ANNEQUIN, J., Marguerite GARRIDO-HORY, M. e GONZALES, A. (2001). *Routes et Marchés d'esclaves - XXVIe Colloque du GIREA* (Dec 2001), Besançon, France. ⟨hal-01573965⟩

ARGYRIOU, Asterios (1984). Coran et Histoire. Athènes. s/n. pp. 157-166 In: http://www.ecclesia.gr/greek/press/theologia/material/1983_2_5_Argyriou1.pdf 22JUN20

ARNAUD, Pascal (2005). Les routes de la navigation antique: itinéraires en Méditerranée. Paris: Éditions Errance In: http://www.ancientportsantiques.com/wp-content/uploads/Documents/AUTHORS/Arnaud-PublGenerales/Arnaud-RoutesNavAntiques2005.pdf 7ABR20

ARROTEIA, Jorge Carvalho (2019). Migrações Bíblicas. Aveiro: Tempo Novo

ARROTEIA, Jorge Carvalho (1985). Portugal: perfil geográfico e social. Lisboa: Livros Horizonte

BABINET, Jacques (1854). "Géographie Physique – La Méditerranée". In: *Revue des Deux Mondes*, 2e série de la nouv. période, tome 8, 1854 (pp. 1001-1024).

BADEL, C. e INGLBERT, H. (2014). Grand Atlas de l'Antiquité Romaine. Paris: Éditions Autrement In: https://books.google.pt/books?id= 8ABR20

BARUQUE, Júlio V (2006). "A renovação da Igreja. De Cister às ordens mendicantes". In: ABÓN, 2006.XI, pp. 127-144

Le BAS, Ph. (1847) – Histoire du Moyen Age, depuis l'invasion de l'Empire Romain par les barbares. Paris: Firmin Didot Frères, Libraires (Tome II)

Le BAS (1842). France: Dictionnaire encyclopédique. Paris: Firmin Didot Frères, Éditeurs (Tome VI)

BESSON, Florian (2017). Les barons de la chrétienté orientale. Pratiques du pouvoir et cultures politiques en Orient latin (1097-1229). Paris: Université Paris-Sorbonne- Volume 1 – Texto (Tese de Doutoramento – Policopiada)

La BLACHE, Vidal (1954). Princípios de Geografia Humana. Lisboa: Edições Cosmos

BLEUCHOT, Hervé. Chapitre VIII. Le jihâd In: Droit musulman: Tome 1: Histoire. Tome 2: Fondements, culte, droit public et mixte [en ligne]. Aix-en-Provence: Presses universitaires d'Aix-Marseille, 2000 (généré le 09 mai 2019). Disponible sur Internet:. ISBN : 9782821853324. DOI: 10.4000/books.puam.1044., pp: 1-24 Consult. https://books.openedition.org/puam/1044 23MAI20

La BROSSE, Gaele (2019). "Le chemin de Jérusalem: retour aux sources. In: Le pelerin, https://www.lepelerin.com/pelerinages/grandes-voies-de-pelerinage/le-chemin-de-jerusalem/tout-savoir-sur-le-chemin-de-jerusalem/le-chemin-de-jerusalem-retour-aux-sources/ 22MAI20

BRAUDEL, Fernand (1989). Gramática das civilizações. Lisboa: Editorial Teorema

BRAUDEL, Fernand (1949). La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II. *Paris: Armand Colin, 1949 [1966].*

BRISSAUD, Alain (1992). Islão e Cristandade. Carcavelos: Puma Editora Lta.

BRU, Hadrien (dir.); KIRBIHLER, François (dir.); et LEBRETON, Stéphane (dir.). *L'Asie mineure dans l'Antiquité : échanges, populations et territoires : Regards actuels sur une péninsule.* Nouvelle édition [en ligne]. Rennes : Presses universitaires de Rennes, 2009 (généré le 18 juin 2020). Disponible sur Internet : <http://books.openedition.org/pur/98343>. ISBN : 9782753566576. DOI: https://doi.org/10.4000/books.pur.98343. 22MAI20

BURESI Pascal (2008), *Histoire de l'islam, Paris, La Documentation française, «La Documentation photographique», juillet-août 2007,*

n°8058. » 2008, , *IESR - Institut Européen en Sciences des Religions , mis à jour le: 12/16/2016, URL: http://www.iesr.ephe.sorbonne.fr/ressources-pedagogiques/comptes-rendus-ouvrages/buresi-pascal-histoire-lislam-paris-documentation* 21JUN20

CARDINI, Franco (2012). As Cruzadas e o reino de Jerusalem". In: ECO, Umberto- Org. (2012). Idade Média: catedrais, cavaleiros e cidades. Lisboa: Edições Dom Quixote

CASTILLO, Arcadio (2006): "O Império Romano nas dinastias Flávia e Antoninna (69-192 d.C.). In: Abón, 2006, pp. 241-263

CHALIAND, Gérard, RAGEAU Jean-Pierre (1991). Atlas des diasporas, Paris: Editions Odile Jacob,

CHANTAL, Marie (2008). Conflit des idéologies et stratégies militaires lors de la première guèrre juive: une lecture de Flavius Josèphe (66-70 apr. J. C.). Québec: Université de Naval – Faculté des Lettres (Mémoire)

CHAUTARD, S. e FEKI, M. (2012). Les grandes batailles de l'histoire. Perspectives Studyrama

CHEREM, Youssef (2009). Jhiad: Duas interpretações ciontemporâneas de um conceito polissémico. Campos, 10 (2), pp. 83-99, 2009

CLAVAL, Paul (1996). Les points-clefs de la géographie culturelle (Cultural Geography key points). In: Bulletin de l'Association de géographes français, 73e année, 1996-1 (janvier). Géographie culturelle. pp. 2-10

CLAVAL, Paul (1992). Champ et perspectives de la géographie culturelle», Géographie et cultures [En ligne], 1 | 1992, mis en ligne le 16 juillet 2013. URL: http://journals.openedition.org/gc/2448; DOI: 10.4000/gc.2448 27JUN20

CLAVAL, Paul (1992.a). Le thème de la religion dans les études géographiques In: *Géographie et cultures* [En ligne], 2 | 1992, mis en ligne le 16 novembre 2015, consulté le 19 avril 2019. URL: http:// journals.openedition.org/gc/3501; DOI: 10.4000/gc.3501

CORTÁZAR, José A. G. (2006). "A primeira partilha do Mediterrâneo 8395-550). In: ABON, 2006.X, pp. 41-92

CORTAZAR, José A. G. (2006.X). "A segunda e definitiva partilha do Mediterrâne (640-800). In: ABON, 2006.X. pp. 133-181

CORTÁZAR, José: G. (2006). "O novo ponto de partida: a diferenciação das três áres civilizacionais". In: ABÓN, 2006.X. pp. 183-220

CORTÁZAR, José A. G. (2006). "O precário equilíbrio das três áreas de civilização e os sintomas da sua ruptura (950-1050)". In. ABÓN, 2006.X, pp. 221-293

CUNHA, Agostinho Paiva (2009). "Conhecer o Islão" In: Cadernos do Instituto de Defesa Nacional, nº 3 – II série, pp. 1-51

DEBELMAS, Jacques (s/d). Cours Geologie.com in: https://coursgeologie.com/geologie-mediterranee-184/ 21MAR20 & Revista: PERSÉE (1974-2001). Geologie Méditerranéenne https://www.persee.fr/collection/geolm 21MAR20

DELCAMBRE, Anne-Marie (2010). L'Islam: histore des origines e histoire califale. In: Clio.https://www.clio.fr/BIBLIOTHEQUE/l_islam_histoire_des_origines_et_histoire_califale.asp 23JUN20

DERRUAU, Max (1977). Geografia Humana I. Lisboa: Editorial Presença /Martins Fontes

DESERTO, Jorge e PEREIRA, Susana H. M. (2016). Estrabão, Geografia. Livro III: introdução, tradução do grego e notas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Annablume https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/39957/1/Estrabao.pdf 20MAR20

DIEHL, Charles (1919). Histoire de l'Empire Byzantin, In: http://mediterranee-antique.fr/Fichiers_PdF/DEF/Diehl/Histoire_Byzance.pdf 14ABR20

DURKHEIM, Émile (1907). "Cours sur les origines de la vie religeuse". In: Extrait de la Revue de philosophie, vol. 7, n° 5, pp. 528-539 (1907); vol. 7, n° 7, pp. 92-114 (1907); vol. 7, n° 12, pp. 620-638 (1907). Texte reproduit in Émile Durkheim. Textes. 2. Religion, morale, anomie (pp. 65 à 122). Paris: Les Éditions de Minuit, 1975, 508 pages. In: "Les classiques des sciences sociales" - Site web: http://www.uqac.uquebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html 21JUN20

ENCEL, Stéphane (2009). *Les migrations forcées dans le judaïsme du premier siècle de notre ère : histoire et représentations* In : *Le monde de l'itinérance : En Méditerranée de l'Antiquité à l'époque moderne* [en ligne]. Pessac: Ausonius Éditions, 2009 (généré le 26 mai 2020). Disponible sur Internet : <http://books.openedition.org/ausonius/1791>. ISBN : 9782356132789. DOI: https://doi.org/10.4000/books.ausonius.1791 26MAI20

ESPOSITO, John L. (1998). *Islam, the straight path*. Nova York /Oxford: Oxford University Press.

FAURET, Simon (2015). "Le zoroastrisme – doctrine et rites. In: https://www.lesclesdumoyenorient.com/Le-zoroastrisme-Partie-I-doctrine.html 29MAI20

FERRO, Gaetano (1986). Sociedade humana e ambiente no tempo: Temas e problemas de Geografia Histórica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Le FRANC, (1829). Cours de Mythologie. Paris: Charles Gosselin, Libraire (Livros Google)file:///C:/Users/Utilizador/Desktop/Cours_de_mythologie.pdf 20MAR20

FULCONIS, Maxime e Catherine Catherine KIKUCHI (2017) Actuel Moyen Âge – Vendre des hommes In: https://www.nonfiction.fr/article-9136-actuel-moyen-age-vendre-des-hommes.htm 5JUL20

GAUTHIER, Nancy (1998). L'Histoire: Mourir pour le Christ: le temps des martyrs. In: https://www.lhistoire.fr/mourir-pour-le-christ-le-temps-des-martyrs 9JUL20

GODINHO, Vitorino M. (1971). Ensaios, III: Sobre teoria da história e historiografia. Lisboa: Sá da Costa.

GÒMEZ de ASO, Graciela (2011) - "Paulo Orosio : una interpretación de la historiografía providencialista cristiana ante la caída de Roma en el 410" [en línea]. De Rebus Antiquis, 1 (2011). Disponible en:

https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/6908/1/paulo-orosio-interpretacion-historiografia.pdf 21JUL20

GONZALES, Antonio (2001). Provenance des esclaves au Haut-empire (pax romana et approvisionnement). *XXVIe Colloque du GIREA Routes et Marchés d'esclaves*, pp. 65-82

In: ANNEQUIN, J., Marguerite GARRIDO-HORY, M. e GONZALES, A. (2001). *Routes et Marchés d'esclaves - XXVIe Colloque du GIREA* (Dec 2001), Besançon, France. ⟨hal-01573965⟩

GOTTMAN, Jean (2013). Réligions et frontières. In: Jean Gottmann, « Religions et frontières », *Anatoli* [En ligne], 4 | 2013, mis en ligne le 01 août 2016, consulté le 25 juin 2020. URL : http://journals.openedition.org/anatoli/480 25JUN20

GRAVELLE, Yves (1999). Le problème des prisioniers de guerre pendant les Croisades Orientales (1095-1192). Sherbrooke: Université de Sherbrook (Mémoire: Policopiada)

GROL, Théophile (1980) Grands moments de l'histoire juive: de la Bible a la naissance de l''état d'Israel. Paris: Les Editeurs Français Reunis

GULLÉN, Fabiene e TRABELSI, Salah (2017). Les esclavages en Mediterranée. Madrid: Casa de Véázquez, pp. 47-62

HANNE, Olivier (2015). La foudroyante expansion de l'islam. Document:/Hors-Série/Histoire/Pages/2015-01-28/FH18 7 étapes.pgl In: https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01425760/file/Conque%CC%82te%20musulmane.pdf 23JUN20

El HAYEK – Trad. (1974). Alcorão Sagrado. In: eBooksBrasil.com - http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/alcorao.pdf 28MAI20

HENRIQUE, Pedro N. (2011). Os portugueses e as Cruzadas (séculos XII-XIV). Porto: Universidade de Letras do Porto (Dissertação de Mestrado - Policopiada)

HENTSCH, Thierry (1986). "L'orient méditerranéen du Moyen âge chrétien: La reencontre de l'Islam". In: Études internationales, 17 (3), 509–533. https://doi.org/10.7202/702044ar 21JUN20

HERRERA, M., BRUNET, T., e CASTRO, G. (2006) – "O século XIII. O fim das construções universais. O auge das monarquias nacionais". In: ABÓN, 2006, Vol XI, pp. 91-126

HUSSEIN, Safdar (s/d). Histoire des premiers temps de l'Islam. Montreal: Edition La Cité du Savoir. In: http://www.icro.ir/uploads/283_648_HISTOIRE%20DES%20PREMIERS%20TEMPS%20DE%20L%20ISLAM.pdf 6MAI20

JACQUES, Annequin (2013). Couleurs de l'esclavage sur les deux rives de la Méditerranée (Moyen-Âge-XXe siècle), R. Botte, A.Stella éds., Paris, 2012. In: Dialogues d'histoire ancienne, vol. 39, n°2, 2013. pp. 257-262; In: https://www.persee.fr/doc/dha_0755-7256_2013_num_39_2_3864 16JUN20

JAUBERT, P. Amédée (1840). Geographie d'Edrisi (T. II). In: Recueil de voyages et de memoires. Publié par la Societé de Geographie. Paris: Chez Arthus Bertrand, 1840.

JOSÈPHE, Flavius (1900). Antiquites Judaiques.Paris: Ernest Leroux, éditeur

JULLIEN, Louis (1944). Les juifs d'Alexandrie dans l'Antiquité. Alexandrie: Éditions di Sacrabée

LEVANGILE. Dictionnaire Biblique Westphal - https://www.levangile.com/Dictionnaire-Biblique/Definition-Westphal-1968-Galatie.htm 17MAI20

KIERNAN, Ben, «Le premier génocide: Carthage, 146 A.C.», Diogène, 2003/3 n° 203, p. 32-48. DOI: 10.3917/dio.203.0032 In:

https://gsp.yale.edu/sites/default/files/le_premier_genocide.pdf 3ABR20

LABANDE, Edmond-René (1958). Recherches sur les pèlerins dans l'Europe des XIe et XIIe siècles. In: Cahiers de civilisation médiévale, 1e année (n°2), Avril-juin 1958. pp. 159-169. doi : https://doi.org/10.3406/ccmed.1958.1042 2ABR20

LALANNE Ludovic (1846). Des pèlerinages en Terre sainte avant les croisades.. In: Bibliothèque de l'école des chartes. 1846, tome 7. pp. 1-31; doi : https://doi.org/10.3406/bec.1846.451975

https://www.persee.fr/doc/bec_0373-6237_1846_num_7_1_451975 24MAI20

LEBRETON, Stéphane. *« Les mœurs des peuples, la géographie des régions, les opportunités des lieux. » : Comment les Anciens se représentaient-ils l'Asie Mineure du Ve siècle av. n.è. au IVe siècle de n.è. ?* In : *L'Asie mineure dans l'Antiquité : échanges, populations et territoires : Regards actuels sur une péninsule* [en ligne]. Rennes : Presses universitaires de Rennes, 2009 (généré le 18 juin 2020). Disponible sur Internet : <http://books.openedition.org/pur/98376>. ISBN : 9782753566576. DOI : https://doi.org/10.4000/books.pur.98376. 1ABR20

LLORCA, Bernardino (1960). Manual de história eclesiástica. Porto: Edições ASA

MARAVAL, Pierre (1982). *Égérie. Journal de voyage (Itinéraire). Introduction*, Texte critique, traduction, notes, index et cartes. Suivi de la Lettre de \ Valerius du Bierzo sur la bienheureuse Égérie, introduction, texte et I traduction par Manuel C. Díaz y Díaz. Paris: Éditions du Cerf, 380 pp. (Sources Chrétiennes. N° 296)

MANZONI, Sandro (2011). Les Juifs d'Alexandrie. Cahier AAHA, nº 65 http://www.aaha.ch/cahiers/aaha-cahier-65-juifs.pdf 26MAI20

MARCO, Francisco (2006). "A constituição do 'Imperium, Christianum (306-379 d.C.). In. ABON, 2006.IX, pp. 39-67

MARQUES, A. H, de Oliveira (1972). História de Portugal. Lisboa: Palas Editores (II vols)

MARTINS, J. P. Oliveira (1908). História de Portugal. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, Livraria (Tomo I – 7ª Edição)

MARTINS; Maris Cristina S. (2014). "Peregrinação de Egéria": uma narrativa de viagem dos lugares santos no século IV" In: Organon, Porto Alegre, v. 29, n. 56, pp. 279-296, Jan/Jun

MAYEUR, J.-M., PIETRI, L., VAUCHEZ, A., VENARD, M. (1995). Histoire du christianisme: Naissance d'une chrétienté (250-430)" – CoordIn: CHARLES e PIETRI (1995). Paris: Desclée (Tome II)

MEUNIER, Frère (1891). "De Bordeaux a Jerusalem par les vois romaines" (Itinerarium a Burdigala Hierusalem usque) 333-37: Lille: Victor Ducoulombier, 51 pp (2ª Edição)

Cf: https://ccfr.bnf.fr/portailccfr/ark:/06871/0011973875 17JUN20 & http://bibnum.enc.sorbonne.fr/omeka/files/original/89fe49315c355f5cbfe038588abf1156.pdf. 17JUN20

MENJOT, Denis (2013). Introduction; Les gens venues d'ailleurs dans les villes médiévalles: quelques acquis de la recherche. In: QUERTIER, C., CHILÁ, R. e PLUCHOT, N. (2013). "Arriver en ville: les migrants en milieu Urbain au Moyen Âge. Paris: Publications de la Sorbonne, pp. 15-29

MICHAUD, M. (1839). Histoire abrégée des Croisades. Bruxelles: Publié par la Société Nationale.

MICHAUD, M. (1825) – Histoire des Croisades. Paris: Chez Pontieur, Libraire (Tomo.I – Histoire de pa première Croisade) – 4e. Édition

MICHEAU, Françoise (1978) Les itinéraires maritimes et continentaux des pèlerinages vers Jérusalem. In: Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l'enseignement supérieur public, 9. congrès, Dijon, 1978. Occident et Orient au Xe siècle. pp. 79-104 doi: https://doi.org/10.3406/shmes.1978.1275
https://www.persee.fr/doc/shmes_1261-9078_1979_act_9_1_1275
2ABR20

MIGNE, Jacques-Paul e CHASSAY, Édouard (1843) Démonstrations Evangéliques Paris: Petit-Montrouge (T. IX) in: http://books.google.com 2ABR20

MORIN, Edgar (1984). Sociologie. Paris: Librairie Arthème Fayard (Tradução portuguesa: Sociologia, s/d, Publicações Europa-América)

MURPHY-O'CONNOR, Jerome (2012). Keys to Jerusalem. Oxford: Universiity Press https://books.google.pt/books?id= 17JUN20

NAUROY, Gérard (2013), 313, Constantin et nous. Metz: Académie Nationale de Metz in: http://documents.irevues.inist.fr/handle/2042/59859 9ABR20

NEWBY, Gordon (1996). "Muslim, Jews and Christians". In: The Muslim Almanac (Gale Research Inc, Detroit, MI: 1996), p.423-429, ed. A. Nanji. https://iis.ac.uk/academic-article/muslim-jews-and-christians-relations-and-interactions 29MAI20 - Versão Francesa

NOYA, Francisco J.L. (2013). Introducción biográfica y breve análisis del conmonitorio. In: Anuario Brigantino 2013, nº 36, pp. 79-108

MUSÉE CLUNY – musée nationale du Moyen Ãge - Dossier Orient 7 Ocident – Annexes https://www.musee-moyenage.fr/media/documents-pdf/dossiers-enseignents/dossier-enseignants-musee-de-cluny-orient-occident-2008.pdf 20JUN20

OLIVEIRA, Rosa M. Barbosa (2014). O mitinerário de Egéria (séc. IV): Olhares sobre um olhar. Lisboa: Universidade Aberta (Dissertação de Mestrado)

PALAZZO, Carmen L. (2014). "As múltiplas faces do Islã". In: SÆCULUM – REVISTA HISTÓRIA, [30] João Pessoa, jan./jun. 2014, pp. 161-176

PASTOR, Maurício (2006): "Crise e restauração do Império: os Severos e Diocleciano (193-306 d.C.). In: Abón, 2006.IX, pp. 5-37

PIGNON, Tatian (2012). Grande Révolte juive (66-73 après J.-C). in: Les clés do Moyen-Orient. https://www.lesclesdumoyenorient.com/Grande-Revolte-juive-66-73-apres-J.html 7ABR20

PRAT, Henri (1840). Pierre l'Ermite et la première croisade. Paris: Au Dépot et à la Librairie de la Reine

QUERTIER, C., CHILÁ, R. e PLUCHOT, N. (2013). "Arriver en ville: les migrants en milieu Urbain au Moyen Âge. Paris: Publications de la Sorbonne, pp. 15-29

RAMIREZ, Alberto (1978). La homilia de Meliton de Sardes sobre la Pascua. In: Cuestiones Teologicas, 5, n. 13, pp. (Universidad Pontificia Bolivariana) https://revistas.upb.edu.co/index.php/cuestiones/article/view/8257 22MAI20

RIBEIRO, Orlando (1987). A formação de Portugal. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua portuguesa

RIBEIRO, Orlando (1986). Notícia preliminar. In: FERRO, Gaetano (1986). Sociedade humana e ambiente no tempo: Temas e problemas de Geografia Histórica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 5-20

RIBEIRO, Orlando (1968), Mediterrâneo: ambiente e tradição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

RIBEIRO, Orlando (1967). Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Lisboa: Sá da CostaEditora (3ª Edição

RIVELOIS, Jean (IRD/UMR CESSMA), s/d. Petit atlas historique du peuple juif

https://www.researchgate.net/publication/304173544_Petit_atlas_historique_du_peuple_juif 14MAI20

RAJOHNSON, Mathieu (2014). Le pèlerinage à Jérusalem aux derniers siècles du Moyen Âge: un voyage spirituel modèle In : Apprendre, produire, se conduire: Le modèle au Moyen Âge: XLVe Congrès de la SHMESP (Nancy-Metz, 22 mai-25 mai 2014) [en ligne]. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2015 (généré le 26 mars 2020). Disponible sur Internet : <http://books.openedition.org/psorbonne/26973>. ISBN: 9791035101428. DOI: https://doi.org/10.4000/books.psorbonne.26973. 8JUN20

RIBEIRO, Orlando (1987). A formação de Portugal. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – ICALP/Ministério da Educação

RIBEIRO, Orlando (1968) Mediterrâneo: ambiente e tradição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

RICHARD, Jean (s/d). Les États latins de Terre sainte. In: https://www.clio.fr/BIBLIOTHEQUE/les_etats_latins_de_terre_sainte.asp 22JUL20

ROY, Just-Jean-Étienne (1859). Les Croisades, Lille: Lefort

ROY, J.-J.-E. (1848). Histoire des Templiers. Tours: A. Mame et Cie, Imprimeurs-Libraires

RUCQUOI, Adeline (2005). Ordres religieux et histoire culturelle dans l'Occident Médiéval". In: *LUSITANIA SACRA,* 2ª série, 17 (2005), pp. 299-328

RUTGERS, L. V. (2002): *"The Hidden Heritage of Diaspora Judaism.* In: *Contributions to Biblical Exegis and Theology.* Louvain: PEETERS

SARTIN, Gustavo (trad.) e ALTHOFF, Gustavo (ver.) (2014): "Itinerarium Burdigalense uel Hierosolymitanum (Itinerário de Bordeaux ou de Jerusalem): Texto latino, mapas e tradução comentada". In: Scientia Traductionis, nº 15. https://digitalis.uc.pt/pt-pt/artigo/itinerarium_burdigalense_uel_hierosolymitanum_itiner%C3%A1rio_de_bordeaux_ou_de_jerusal%C3%A9m_texto 18JUN20

SBP (2011). A Bíblia para todos, Edição interconfessional. Lisboa: Sociedade Bíblica de Portuguesa

SCHLEGEL, Jean-Louis (2012). Territoires des réligions". In: C.N.R.S. Editions - «Hermès, La Revue», pp. 35-42 https://www.cairn.info/revue-hermes-la-revue-2012-2-page-35.htm 25JUN20

SEMPLE, Ellen C. (1911). Influences of Geographical Encvironment, on the basis of Ratzel's system of Anthropo-Geography. New York: Henry

Holt and Company; London: Constable and Company, pp. xvii, 683 In: https://www.gutenberg.org/files/15293/15293-h/15293-h.htm#toc_5 2ABR20

SERRÃO, Joel – Coord (1992). Dicionário de História de Portugal. Porto: Figueirinhas (V vol)

SILVA, Luis F. (2010). Itinerário da Península Ibérica dos cruzados que participaram na 1ª conquista de Silves. In: https://www.academia.edu/826919/Itiner%C3%A1rio_na_Pen%C3%ADnsula_Ib%C3%A9rica_dos_cruzados_que_participaram_na_1a_conquista_de_Silves 23JUL20

SOUSA, José A. Ribeiro (2016). A Reconquista no actual território português: O contexto de um processo dinâmico, 868-1064. Lisboa: Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado – Policopiada)

TAVIANI, Huguette (1976). Voyage, quête, pèlerinage dans la littérature et la civilisation médiévales - Les voyageurs et la Rome légendaire au Moyen Age". Aix-en-Provence: Presses Universitaires de Provence, pp. 7-23 In: OpenEditionBooks: https://books.openedition.org/pup/4318 3JUL20

TRABELSI, Salah (2017). Réseuax et circuits de la traite des esclaves aux temps de la suprématie des empires d'Orient - Méditerranée, Afrique noire et Maghreb (VIIIe-XIe siècles)". In: GULLÉN, Fabiene e TRABELSI, Salah (2017). Les esclavages en Mediterranée. Madrid: Casa de Véázquez, pp. 47-62

TROTTER, D. A. (1988). Medieval French Literature and the Crusades (1110-1300). Genève: Librairie Droz

ZOUACHE, Abbès (2015). "Les croisades en Orient. Histoire, mémoires". In: *Tabularia « Études »*, no 15, 2015, p. 75-119, 17 novembre 2015 [En ligne], Mémoires normandes d'Italie et d'Orient, mis en ligne le 17 novembre 2015, consulté le 01 février 2017. URL: http://tabularia.revues.org/2187; DOI: 10.4000/tabularia.2187

ZUMTHOR, P. (1993). Dire le voyage au Moyen Âge. *Liberté*, *35* (4-5), pp. 79–94.

Outras:

The pocket world atlas. (1963). Edinburgh: John Bartholomew & Son Ltd Publishers

ANEXOS

I - CRONOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO A VIDA DE JESUS

Imperadores romanos Governadores e Reis da Judéia Eventos do NT

1 d.C.
Augusto – 29 a.C. a 14 d.C.
Tibério – 14 a 37 d.C.
Herodes, o Grande – 37 a 4 a.C.
Arquelau – 4 a.C. a 6 d.C.
Pôncio Pilatos – 26 a 36 d.C.
Nascimento de Jesus – 6 a.C.
Batismo de Jesus – 26 d.C.
Primeira Páscoa no ministério de Jesus – 28 d.C.
Morte e ressurreição de Jesus – 30 d.C.

O Período dos Apóstolos
Imperadores romanos Governadores e Reis da Judéia
Eventos do NT
30 d.C. Calígula (Gaio) – 37 a 41 d.C.
Dia de Pentecostes – 30 d.C.
Conversão de Paulo – 37 d.C.
40 d.C.
Cláudio – 41 a 54 d.C.
Herodes Agripa I – 41 a 44 d.C.
Início do ministério de Paulo – 41 d.C.
Morte de Tiago, filho de Zebedeu – 44 d.C.
Morte de Herodes Agripa I – 44 d.C.
Fome no tempo de Cláudio – 46 d.C.
Primeira viagem missionária de Paulo – 48 a 49 d.C.
Edito de Cláudio – 49 ou 50 d.C.
50 d.C. Nero – 54 a 68 d.C.
Sérgio Paulo, procônsul – 50 d.C.
Félix – 52 a 60 d.C.
Conferência de Jerusalém – 50 d.C.
Segunda viagem missionária de Paulo – 50 a 53 d.C.
Paulo em Corinto – 50 a 52 d.C.
Terceira viagem missionária de Paulo – 54 a 58 d.C.
Paulo em Éfeso – 54 a 57 d.C.

Paulo preso em Jerusalém – 58 d.C.
Paulo na prisão em Cesaréia – 58 a 60 d.C.
60 d.C.
Galba – 68 a 69 d.C.
Oto – 69 d.C.
Vitélio – 69 d.C.
Pórcio Festo – 60 a 62 d.C.
Paulo na prisão em Roma – 61 a 63 d.C.
Libertação e atividades de Paulo – 63 a 65 d.C.
Morte de Pedro em Roma – 65 d.C.?
Segunda prisão de Paulo em Roma – 66 d.C.
Morte de Paulo em Roma – 67 d.C.
70 d.C.
Vespasiano – 69 a 79 d.C.
Tito – 79 a 81 d.C.
Domiciano – 81 a 96 d.C.
Nerva – 96 a 98 d.C.
Trajano – 98 a 117 d.C.
Destruição de Jerusalém – 70 d.C.
Morte de João – 98 ou 100 d.C.?

Fonte: Bíblia de Estudos Almeida, Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

II - CRONOLOGIA BÍBLICA E FATOS IMPORTANTES DA HISTÓRIA [108]

- 638 : Prise de Jérusalem par les Arabes
- 718 : Les Arabes assiègent en vain Constantinople
- Fin du Xe siècle, Moyen-Orient : mouvement de reconquête byzantin
- 969 : Antioche est reprise
- 975 : Jean Ier Tzimiskès conquiert la Syrie, occupe Damas et s'avance jusqu'en Galilée
- 1063 : Croisade de Barbastro en Espagne, prêchée par le pape Alexandre II. Première réalisation d'une coalition chrétienne à but guerrier.
- 1071 : Bataille de Mantzikert. L'empereur Romain Diogène est vaincu par les troupes du Seljoukide Alp Arslan, qui s'empare d'une partie de l'Anatolie (Turquie actuelle)
- 1078 : Prise par les Turcs Seldjoukides de Jérusalem pour le compte des califes abbassides aux dépens des califes fatimides. Les nouvelles autorités n'autorisent plus les pèlerinages chrétiens à Jérusalem.
- 1095 : au concile de Clermont, le pape Urbain II appelle la chrétienté à la Croisade pour rétablir le droit de passage vers les lieux saints.
- 1096 : Le sultan Seldjoukide Kilidj Arslan vainc les croisés de Pierre l'Ermite
- 1097 : Première expédition franque. Bataille de Dorylée, où Kilidj Arslan est vaincu, prise de Nicée par les Francs.
- 1098 : Prise d'Antioche. Édesse devient le siège d'un comté latin d'Orient.
- 1099 : Les Croisés prennent pied a Jérusalem. Le comte d'Édesse Baudoin se proclame roi de Jérusalem l'année suivante.
- 1108 : Bataille de Tel-bacher, qui oppose deux armées à la fois franques et musulmanes.
- 1109 : Prise de Tripoli par les croisés
- 1110 : Prise de Beyrouth et Saida
- 1119 : Bataille de Sarmada et victoire d'Ilghazi contre les croisés
- 1124 : Prise de Tyr par les Francs.
- 1144 : Prise d'Édesse par Zengi.
- 1146 : Mort de Zengi. Son fils Nur al-Din lui succède.

---

108 In: https://pt.scribd.com/document/42107601/06-Cronologia-Biblico-Historica 8JUN20

- 1148 : Défaite de la deuxième croisade devant Damas.
- 1169 : Prise de l'Égypte par Shirkuh pour le compte de Nur al-Din. Le califat fatimide est mis sous tutelle.
- 1171 : Le kurde Saladin met fin au califat fatimide.
- 1174 : Mort de Nur al-Din, dont Saladin profite pour s'emparer de Damas.
- 1177 : Défaite de Saladin devant le roi Baudouin IV à Montgisard.
- 1187 : Victoire de Saladin devant les croisés francs (Bataille de Hattin), prise de Jérusalem.
- 1191 : Défaite de Saladin devant le roi Richard "Le Lion" à Acre.
- 1193 : Mort de Saladin à Damas.
- 1204 : Les Croisés prennent pied à Constantinople, saccagent la ville et prennent la direction de l'empire byzantin jusqu'en 1261, alors que celui-ci se relève à Nicée.
- 1229 : Frédéric II de Hohenstaufen récupère la ville de Jérusalem par la diplomatie.
- 1244 : Perte de Jérusalem pour les Francs.
- 1250 : En Égypte, la dynastie Ayyubide est remplacée par le système des Mamelouks.
- 1256 : la *forteresse de Qasir Khan* est rasée par une invasion mongole.
- 1258 : Prise et sac de Baghdad par les mongols sous la direction d'Hulegu.
- 1260 : Bataille d'Aïn Djalout entre le sultan mamelouk Baybars et l'armée mongole, mettant fin à l'expansion mongole.
- 1261 : La dynastie Paléologue reprend le pouvoir à Byzance.
- 1268 : Baybars prend Antioche
- 1270 : Mort de Saint-Louis près de Tunis
- 1291 : Prise d'Acre par les Mamelouks, mettant fin à la présence franque.
- 1396 : Défaite des armées croisées occidentales face aux Ottomans à Nicopolis.
- 1402 : Défaite des Ottomans face à Tamerlan à Ankara.
- 1444 : Victoire ottomane sur les armées croisées à Varna (Bulgarie actuelle) met fin aux derniers espoirs de libérer Constantinople
- 1453 : Les Ottomans prennent Constantinople sous la direction de Mehmet II.

https://fr.wikipedia.org/wiki/Chronologie_synoptique_des_croisades 13JUN20

III - LISTE CHRONOLOGIQUE DES PELERINAGES ANTÉRIEURS AUX CROISADES.

Fonte: Lalanne, 1846, pp. 23-31

TROISIÈME ET QUATRIÈME SIÈCLES

"Saint Alexandre, évêque de Cappadoce. Il lui fut ordonné dans une vision, en 212, d'aller à Jérusalem, dont il devint patriarche la même année. — Bolland. 18 mars, t. II, p. 614.

325 , Sainte Hélène. — Bolland. 18 août. Voy. p. 1 . Saint Triphylle, évêque de Leucosie (Chypre), mort vers 370. Il fut accompagné par sa mère. — Bolland. Juin, t. II, p. 682. Yers 373, sainte Mélanie, noble dame romaine, morte à Jérusalem vers 411, et Ruffin, d'abord l'ami, puis l'adversaire de saint Jérôme.

382, Saint Porphyre de Thessalonique, qui devint évêque de Gaza. Il eut pour compagnon Marcus son disciple, quia écrit la relation du voyage. Tous deux travaillèrent à Jérusalem pour gagner leur vie. Porphyre faisait des souliers, Marcus transcrivait des livres. Callebam enim, dit-il , pulchre scribendi arte. — Bolland. Février, tome Ш, p. 646.

385, Sainte Paule. La relation de ce pèlerinage, écrite par saint Jérôme, se trouve dans les œuvres de ce Père, Vérone, 1 735, f°, tome I, col. 204. Epištola 46 sanclœ Paulœ et Eustochii ad Marcellum. — Bolland. Janvier, tome II, p. 714.

Saint Philorome, ami de saint Basile. Ibid. Juin, t.IT, p. 863.

Deux évêques de Brescia, saint Philaster — Bolland. Juillet, t. IV, p. 383 — et saint Gaudence, qui vivait encore en 410. — Ceillier, Histoire générale des auteurs sacres, t. XIII, p. 517-

CINQUIÈME SIÈCLE.

De **414 à 416**, Paul Orose, qui rapporta en Espagne des reliques de saint Etienne , les premières qui furent transférées en Occident.— Fleury, 1. XXIII, ch. 23.

Vers la même époque, l'Espagnol Ávitus qui avait pour but , comme Orose, de consulter saint Jérôme ; on sait que ce dernier passa une partie de sa vie à Bethléem. — Id., ibid.

438 ou 439, Eudoxie, femme de Théodose II. Son époux avait fait vœu de l'envoyer à Jérusalem s'il vivait assez longtemps pour voir sa fille mariée. — Théophanes, p. 79 ; Baronius, t. VII, ch. 16 et 21.

Vers la fin du 5e siècle, sainte Apollinaire, petite-fille de l'empereur Anthemius. — Bolland. Janvier, p. 259.

SIXIÈME SIÈCLE

Saint Cadoc, évêque deBénévent. Il alla trois fois à Jérusalem. — Bolland. 24 janvier, p. 604. Saint Siméon, dit Salus, Égyptien. — Bolland. Juillet, tome I, p. 129.

Avant **572**, saint Martin de D urne, archevêque de Braga (Galice).— Grégoire de Tours, 1. V, c 38.

Licinius, 9e évêque de Tours, depuis saint Martin. — Grégoire de Tours, 1. II, c 39.

Saint David, archevêque de Menevia (Saint -David) dans le pays de Galles. 11 eut pour compagnons saint Téliac et saint Patern.

Le patriarche de Jérusalem leur fit remettre après leur retour, per angelos suos, c'est-à-dire par ses envoyés, une sonnette, un bâton et une tunique tissée d'or, présents que chacun des pèlerins plaça dans son église. Le double sens du mot Angelos fit croire, plus tard, que ces présents avaient une origine céleste; inde ea vocat vulgus cœlo venientia, dit l'hagiographe (Bolland. Mars, 1. 1, p. 44). On rencontre dans l'histoire une foule de légendes qui ne reposent, comme celle-ci , que sur une équivoque.

Saint Antonin, voy. ci-dessus, p. 4.

Saint Pétroc, abbé en Cornouaille. — Bolland. Juin, 1. 1, p. 401.

Saint Bertald, fils de Théold, roi d'Ecosse, ermite à Chau- mont, diocèse de Eeims, mort vers 545, et saint Amand, ermite à Beaumont dans le même diocèse. — Bolland. Ibid., t. III, p. 98.

Une loi de Justinien, rendue en 539, relativement à l'aliénation des biens de l'église de Jérusalem, montre quelle était au VIe siècle Γ affluence des pèlerins en Palestine. — Novelle XL, 1561,in-f°,t. II, p. 550.

SEPTIÈME SIÈCLE

620. Héraclius, empereur d'Orient.— Théophanes, p. 273.

Vers **678**, Wainier, duc de Champagne, et S. Berchaire, qui mourut dans la traversée, voy. p. 12. — On lit dans YHistoire littéraire de la France (t. VI, p. 475) que Waimer, l'un des complices du meurtre de S. Léger, fit ce pèlerinage pour expier son crime. Les faits sont rapportés différemment par le moine Ursin dans la Vie de S. Léger (ch. IV. Duchesne, t. I, p. 621). Suivant lu , Waimer , coupable d'avoir fait crever les yeux à l'évêque d'Autun, qui survécut plus de deux ans à ce supplice, fut pendu avant la mort de ce dernier par ordre d'Ébroin.

Saint Théodore de Sicée, évêque d'Anastasiopolis en Galatie. — Bolland. 22 avril, tome III, p. 38.

Saint Wlphlagius, curé de campagne dans le diocèse d'Amiens. — Bo I land. Juin, tome II, p.. 30.

Saint Arculfe, évêque gaulois. — Mab. Jeta ss. ord. s. B. sœc. III, pars 2, p. 505. Voyez plus haut, p. 7.

HUITIÈME SIÈCLE

Vers **712 ou 715**, saint Thomas, abbé de Farfa dans la Sabine, avec deux religieux italiens, Marcianus et Martyrius II resta trois ans à Jérusalem. — Bolland. Septembre, t. III, p. 605.

Vers **720**, saint Silvin , évêque d'Alsiacum (Auchy) dans l'Artois. — Bolland. Février, t. III, p. 24.

Vers **722**, saint Guillebaud.— Bo Hand. Juillet 7, tome II, p. 504 et suiv. Mab. Acta ss. o. s. Ben. sœc. III, pars 2, p. 373. Il resta sept ans en Palestine. Voyez plus haut, p. 6 et 18.

Vers **757**, saint Magdalvée, évêque de Verdun. — Bolland. Octobre, tome II, p. 513.— Il n'eut d'autre but, à ce qu'il paraît, en entreprenant ce pèlerinage, que de recueillir des reliques pour la nouvelle cathédrale qui venait d'être bâtie dans sa ville. Lorsqu'il partit de Jérusalem, le patriarche lui donna, entre autres présents, un calice de cristal merveilleusement ciselé.

NEUVIEME SIÈCLE

Vers **855**, Frotmond et ses frères. Voyez plus haut , p. 13.

Avant **856**, Raban-Maur, évêque de Mayence. On ne connaît ce pèlerinage que par quelques mots de Raban-Maur lui- même dans son commentaire manuscrit sur Josué. — Mabillon, Acta ss. ord. s. Ben. sœc. IV, pars H, p. 26.

870, Le moine français Bernard, voy. ci-dessus, p. 19. [109]

Vers **875**, saint Élie le jeune, moine de Calabre. — Bolland. Août, tome III, p. 482.

Avant **880**, sainte Salomé et sainte Judith, veuve, toutes deux recluses à Altaich en Bavière. La première, descendante du roi d'Angleterre Egbert, s'était enfuie de la maison paternelle. — Bolland. Juin, tome V, p. 492.

889, Jean Hess, prêtre du diocèse d'Utrecht. In bibliotheca Tegerseensi (Tergerensee, en Bavière), dit Bernard Pez, extant Johannis Hess, presbyteři Trajectensis diœcesi s, narra liones de transmarinis partibus. Incipit opus: «Anno Domini DCCCLXXXIX, Johannes Hess, presbyter Trajectensis diœcesis, fuit in Jerusalem, etc.» Thesaurus anecdotorum novissimus, dissertatio isago- gica LXXXVII, n° VIII, tome I, part. 1.

Saint Jacques, Grec d'origine, ermite en Berry. — Mabillon, Acta ss. ord. s. Ben. sœc. IV, pars 2, p. 147 et suiv.

Saint Jean, évêque de Gothie. — Bolland. Juin, t. V, p. 184.

Ce fut au neuvième siècle, vers 825, que Dicuil écrivit le Liber de mensura orbis terrœ, dans lequel, si l'on adopte une correction proposée par plusieurs éditeurs, se trouve encore indiquée la fréquence des pèlerinages entrepris par les Anglais.

«Tamen afíirmans fidelis frater. . . narra vit. . . quod adorationis causa in urbe Hierusalem clerici et laici a Britannia (au lieu de Habitaria), usque ad Nilům velificaverunt. . .» Édition Walcke- naer, 1807, p. 17 et 74.

[109] Descrita em Anexo

DIXIÈME SIÈCLE

Hugues, père de Bernard, abbé deBeaulieu. «Ab eo iter hierosolymitanum pœnitentiœ voto, ante omnes fere in hoc tempore Galliœ habitatores cœptum ac percursatum fuerat.» — Pars vitœ S. Abbonis Floriacensis, c 10. Recueil des historiens de France, tome X, p. 332, 333.

944, Foucher, abbé de Flavigny. — Ibid, tome VIII, p. 291.

Après **954**, sous Lothaire II, Josselin, chevalier. Son père, baron puissant de la Province Viennoise, avait fait vœu d'aller en Palestine; mais n'ayant pu exécuter son dessein, il chargea, à sa dernière heure, Josselin d'acquitter sa promesse. Celui-ci, malgré sa piété, avait toujours négligé d'obéir aux ordres de son père, lorsque, blessé grièvement en combattant contre les peuples de l'Helvétie, et laissé pour mort sur le champ de bataille, il fut déposé dans une chapelle consacrée à saint Antoine. Là, le saint lui apparut, lui reprocha son manque de foi; et l'ayant rappelé à la vie, lui ordonna d'aller chercher ses reliques en Orient et de les rapporter en France. — Bolland. Janvier 17, tome II, p. 153.

Avant **976**, saint Conrad, évêque de Constance. Il alla trois fois à Jérusalem. — Leibnitz, Scriptores rerum brunswicensium, tome II,. p. 1.

Avant **982**, saint Jean, abbé de Parme. Il visita six fois Jérusalem. — -Bolland. Mai, tome V, p. 179. 986, Hélie Ier, comte de Périgord. Il mourut la même année pendant son pèlerinage. — 992, Hilduin, comte d'Arcy en Champagne, frère de l'évêque de Troyes Manassé. Ce pèlerinage lui avait été imposé comme pénitence par Adson, abbé de Montier-en-Der, qui, ayant touIu l'accompagner, mourut au bout de quelques jours de navigation. — Mabillon, Acta ss. ord. s. Bened. seec. IV, pars 2, p. 849, 850. Après le départ d'Adson, les moines firent l'inventaire de sa bibliothèque, et y trouvèrent la rhétorique de Cicéron, le commentaire de Servius sur Virgile, deux Térence , une explica- tion des Églogues et des Géorgiques de Virgile, et deux glossaires latins. État des sciences en France depuis Charlemagne jusqu'à Robert, p. M. Le manuscrit, où l'abbé Lebeuf dit avoir puisé ce renseignement, ayantété mal indiqué par lui (Fonds Colbert, n° 4426), il nous a été impossible d'en vérifier l'exactitude.

Saint Arcane, noble d'Arcadie, et saint Gilles, Espagnol. — Holland. Septembre, t. I, p. 305.

ONZIÈME SIÈCLE

Avant **1002**, Gui Ier, vicomte deLimoges, avecsonfrère Alduin, évêque de Limoges. — Adhémar de Chabanais, Labbe, Biblio- thecanovamss.,t. II, p. 172.

Vers **1010**, Raoul, évêque de Périgueux. — Ibid., p. 174-175.

Raymond ITI, comte de Rouergue, mort en route. 1015, Foulques Nerra. Voyez plus bas à l'année 1035.

Vers **1017**, saint Poppon, abbé dans la Gaule Belgique. Il par- lit avec deux compagnons, et revint avecS. Siméon, reclus auprès de Trêves — Leibnitz, Rerum Brunswicens. Script, t. I,p. 543; Bolland. Janvier 25 , p. 639 ; Dom Martenne, Amplissima collectio, t. II, p. 17.

Avant **1019**, saint Heimerad, prêtre dans le landgraviat de Hesse. — Leibnitz, Ibid, t. I, p. 569.

1026, Guillaume Taillefer II, comte d'Angoulême. Il partit le 1er octobre, avec une nombreuse suite de seigneurs et d'abbés, travensa la Hongrie, arriva à Jérusalem la première semaine de mars, et fut de retour en France dans le courant de la troisième semaine de juin. Au nombre des compagnons de Taillefer, le chroniqueur nomme Eudes, vicomte de Bourges, Richard, abbé de Verdun, et Richard, abbé de St-Cybar-lez-Angoulème , qui mourut en Grèce. — Labbe. Ibid, t. II, p. 182-183.

1026, Richard, abbé de Vannes, avec sept cents pèlerins, qu'il défraya entièrement. — Labbe, Ibid, 1. 1, p. 176 etsuivantes. Bolland. Juin, tome 2, p. 982. Voyez plus haut, p. 21.

Avant **1029**, Odolric, évêque d'Orléans. — Raoul Glaber, 1. IV, ch. 6. Duchesne, t. IV.

1030, le chroniqueur Adhémar de Chabanais. Il mourut dans le pèlerinage.

1032, Avesgaud, évêque du Mans. Il se rendit à Jérusalem, apparatu magno facto, sicut tanto decet episcopo. — Mabillon, Veter. Anal., p. 304, col. 2.

1035, Foulques d'Anjou dit Nerra, qui avait déjà exécuté un pèlerinage en Palestine, en 1015, s'y rendit une seconde fois, et y rencontra Robert de Normandie. Il resta six mois à Jérusalem, apparatu magno facto, sicut tanto decet episcopo. — Mabillon, Veter. Anal., p. 304, col. 2. 1035, Foulques d'Anjou dit Nerra , qui avait déjà exécuté un pèlerinage en Palestine, en 1015, s'y rendit une seconde fois, et y rencontra Robert de Normandie. Il resta six mois à Jérusalem, et, revenu

en France, ne tarda pas à repartir. Il mourut à Metz, au retour de ce troisième voyage, en 1039. Les chroniqueurs se sont plu à entourer de circonstances singulières le séjour de ce prince à Jérusalem. — Recueil des Histor. des Gaules, t. X, p. 256; t. XI, p. 258, 265, 646. Suivant Mabillon, la femme de Foulques, Hildegarde, mourut à Jérusalem en 1 046.

1035, Robert, duc de Normandie, avec Drogon ou Dreux, comte de Vexin. Tous deux moururent dans leur pèlerinage. — Recueil des Histor. de France, t. XT, fp. vin, 16, 327, 328. Duchesne. Hist.Normann. Script., p. 267. Yoyezp. 20, note 6.

Avant **1036**, Wythman, abbé de Ramsey. — Lingard, The History and Antiquities of the Anglo-Saxon Church, 1845, in-8°, t. II, p. 1 1 7 et suivantes.

Vers **1036**, Adhémar Ier, vicomte de Limoges, mort en route.

Avant **1039**, Thierry III, comte de Hollande, avec plusieurs seigneurs. Il mourut en revenant en Europe. — Kluit, Historia critica Comitatus Hollandiœ, Mil, in-4°, 1. 1, p. 39.

Vers **1040**, saint Udalric, moine bénédictin en Brisgaw. — Bolland. Juillet, t. III, p. 157. Mab. Acta ss. o. s. Ben. sœc. YI,t.II, p. 134!

1048, S. Thierry, abbé de Saint - Évroul (Normandie). Il mourut en Chypre avant d'arriver à Jérusalem. — Mabil. Acta ss. o. s. Ben. sœc. YT , part- II , p. 127. Suivant Orderic Yital (liv. Ill et liv. YI), ce pèlerinage eut lieu quelques années plus tard. Thierry eut pour compagnons Guillaume, fils de Radbod, et Herbert de Montreuil, moine d'Ouche.

Vers **1050**, saint Gauthier, fondateur de l'abbaye de Lesterp (diocèse de Limoges). — Bolland. Mai, t. II, p. 70 1 . Vers 1051, saint Davin, de Lucques. — Bolland. Janvier, 1. 1, p. 330. Acta ss. o. s. Ben. sœc. YI, p. 330.

Vers **1053**, Anselme, chanoine de Liège, avec son évêque Théoduin. — Martenne, Amplissima Colleçtion, t. IY. Hist, de l'église de Liège.

1054, Lietbert, évêque de Cambrai. Il ne put arriver jusqu'à Jérusalem, et revint avec Hélinand, évêque de Laon. — Bolland. Juin, t. IV, p. 596 - 599. Michaud, en faisant mention de ce pèlerinage, dans son Histoire des Croisades, a commis une singulière méprise. Il dit que Lietbert partit avec une escorte de trois mille pèlerins. Or, voici le texte des Bollandistes: «Lietbertus egreditur a civitate sua prosequitur eu m fere « ad tria milliaria, non sine lacrymis et immensis gemitibus, «. omnis setas utriusque sexus (p. 596, col. 1). » Une distance de trois mille pas a été prise pour une escorte de trois mille personnes.

En **1056**, la visite au saint sépulcre ayant été momentanément interdite aux chrétiens, il se trouva à Jérusalem plus de trois cents pèlerins que l'on chassa de la ville. — Mab. Acta ss. o. s. Ben. saec. III, part. I, p. 381.

Vers **1060**, Conrad, comte de Luxembourg, excommunié. Le pèlerinage lui fut imposé comme pénitence.

1058, Raoul, abbé du Mont-Saint-Michel. Il mourut pendant le voyage. — Recueil des Histor. de France, t. XI, p. 256.

1064, Gunther, évêque de Bamberg, Siegfried, évêque de Mayence, Otton, évêque de Ratisbonne, Guillaume, évêque d' Utrecht, accompagnés de plus de sept mille personnes. Nous avons parlé de ce curieux pèlerinage, p. 21. — Bolland. 8 août, p. 367; Struvius et Burkard, Rer. Ger m. Script., t. I, p. 332 et suivantes; Baronius, t. XVII, p. 266.

Avant **1069**, Aldred, évêque de Rochester. Lingard, dans son Histoire d'Angleterre, place ce pèlerinage vers 1057. Après 1074, Raoul de Gael, avec sa femme. — Guillaume de Jumiéges, 1. VIII, c 15.

Vers **1073**, Gondulfe, évêque de Rochester.

1090, Robert, comte de Flandre. Anne Comnène prétend (1. VII, c 4) que le comte, à son retour de Jérusalem, prêta serment de fidélité à Alexis Comnène. Ce qu'il y a de certain, c'est que Robert envoya plus tard à l'empereur grec un secours de cinq cents chevaux. — Recueil des Hist, de France, t. XIII, p. 418 et 457.

1092, Guillaume IV, comte de Toulouse, et Bérenger Raymond II, comte de Barcelone. Tous deux moururent dans leur pèlerinage, en 1093. — Vaissete, t. II, p. 280-282.

Avant **1095**, Nicolas, abbé de Saint-Ouen. — Orderic Vital, 1. VIII.

Saint Gérard ou Géraud, abbé et fondateur de la Saulve- Majeure (diocèse de Bordeaux). — Mab. Acta ss. or. s. Ben. ssec. IV, pars I, p. 866.

Ebrard, ermite en Berry. — Histoire du Berry, par M.L.Baynal, 1845,in-8°, 1. 1, T part., p. 39 1 . On trouve, p. 472 du même volume, une charte relative à ce pèlerinage.

Pierre l'Hermite. — Jacques de Yitry, Historia Orientalis, liv. Lch.16; Guillaume de Tyr; Guibertde Nogent, et les autres historiens des Croisades".

IV - ITINERÁRIO DE VIAGEM

Fonte: Micheau, 1978, p. 80

Bernard le Moine

"(...) Peu avant 870, sans doute en 867 (5), Bernard et deux compagnons, après être passés par Rome et le Mont Gargano, vinrent à Bari, alors aux mains des Sarrasins, et obtinrent du prince de la ville une sorte de passeport. S 'embarquant à Tarente, sur deux navires chargés de captifs chrétiens (6), ils atteignirent Alexandrie après trente jours de navigation. Ils ne purent toucher terre que moyennant une redevance, et durent encore s'acquitter d'une taxe auprès du prince d'Alexandrie. Six jours de navigation sur le Nil les conduisirent à Babylone où, malgré les lettres des princes de Bari et d'Alexandrie, ils goûtèrent des geôles égyptiennes. Le versement d'une nouvelle somme d'argent leur permit de poursuivre leur route: redescendant le Nil, ils atteignirent Sitinuth, Maalla et Damiette, puis naviguèrent jusqu'à Tannis. A Farama, ils louèrent des chameaux pour traverser en six jours le désert, que Bernard compare à la Campanie par temps de neige, avec halte aux relais d'Albara et d'Albacara (7). Ils gagnèrent ensuite Jérusalem par Alariza (Al-Arïsh), Ramla et Emmaûs. Cette dernière partie de l'itinéraire correspond à la route habituelle des caravanes se rendant d'Egypte en Palestine. (...)"

V - CHRONOLOGIE des Croisades

1078	
1095 - 1100	**Première croisade**
1095	- Le pape **Urbain II** lance un appel solennel à la **première croisade**
1099	- Prise de **Jérusalem** par les croisés
1144	- Les **Turcs** prennent **Édesse** (possession franque en Asie mineure) et massacrent les chrétiens
1145	- Le pape E**ugène III** décrète, par une bulle, le prêche d'une nouvelle croisade
1147 - 1149	**Deuxième croisade**
1147	- Louis VII part pour la **deuxième croisade**
1148	- Échec cuisant des croisés à **Damas**
1149	- Retour de croisade du roi **Louis VII**
1187	- Prise de Jérusalem par **Saladin**
1189 - 1192	**Troisième croisade**
1189	- Début de la **troisième croisade** (expédition de **Frédéric Barberousse**, **Philippe Auguste** et **Richard Cœur de Lion**)
1191	- Après un long siège de la ville, les **croisés** prennent Saint-Jean-d'Acre - Retour de **Philippe Auguste** en France alors que **Richard II Cœur de Lion** poursuit la croisade

1202 - 1204	**Quatrième croisade**
1203	- Première prise de **Constantinople** par les croisés.
1204	- Seconde prise et pillage de **Constantinople** par les croisés.
1217 - 1221	**Cinquième croisade**
1228 - 1229	**Sixième croisade**
1248 - 1254	**Septième croisade**
1248	- Départ de **Saint-Louis** pour la croisade d'**Égypte**.
1249	- Prise de **Damiette** par les croisés
1250	- Défaite à **Mansourah** (Égypte). **Louis IX** est fait prisonnier - Après sa libération, Saint-Louis restera quatre années en Orient
1254	- **Saint-Louis** est de retour en France
1266	- **Saint-Louis** appelle le pape **Clément IV** à lancer une nouvelle croisade
1268 - 1272	**Huitième croisade**
1270	- Départ de **Saint-Louis** pour la dernière croisade - Mort de **Saint-Louis** à Tunis
1291	- Chute de **Saint-Jean d'Acre**, dernier bastion croisé en Terre Sainte

Acivités en ligne: In: http://soutien67.free.fr/histoire/pages/moyen_age/croisades.htm 19JUL20

VI - ROY, J.-J.-E., (1859) – LES CROISADES
Chapitre VII (pp. 143-144)

Epílogo [110]

(...)

Après la triste issue de l'expédition de Louis IX et la mort de ce prince, toutes les entreprises d'outre-mer furent suspendues. De tous ceux qui avaient accompagné le saint roi en Afrique, il n'y eut qu'Edouard d'Angleterre qui partit pour la Syrie avec le comte de Bretagne, son frère Edmond, trois cents chevaliers et cinq cents croisés venus de la Frise. Tous ces croisés réunis formaient à peine un corps de mille à douze cents combattants, et c'était là tout ce qui devait arriver en Asie de ces armées innombrables levées en Occident pour la délivrance de la terre sainte. Edouard tenta une expédition à Nazareth. Après cette entreprise peu importante, la petite armée des croisés rentra à

[1] Voir pour les détails des deux dernières croisades notre ouvrage intitulé *Histoire de saint Louis*, un volume in-12, chez L. Lefort, libraire-éditeur, à Lille.

[110] Designação escolhida pelo autor

Ptolémaïs. Edouard conclut une trève avec le sultan d'Egypte, et revint en Angleterre (1272).

Dès lors l'existence des colonies chrétiennes d'Orient ne fut plus, jusqu'à leur chute définitive, qu'une longue et cruelle agonie. Enfin, en 1292, Ptolémaïs, le dernier boulevard des chrétiens en Palestine, tomba au pouvoir des infidèles, après treize mois de siége. Tyr, Sidon et les autres villes de Syrie ouvrirent aussitôt leurs portes aux vainqueurs. Tous les chrétiens latins furent expulsés de la terre sainte ou réduits en esclavage. La fureur des musulmans s'étendit jusque sur les pierres : on bouleversa jusqu'au sol qu'avaient foulé les chrétiens; leurs maisons, leurs églises, les monuments de leur industrie, de leur piété et de leur valeur, tout fut condamné par les Sarrasins à périr par le fer et par l'incendie; en sorte qu'avant la fin de l'année 1292, il ne resta pas une parcelle de terre appartenant aux chrétiens sur ces rivages. Ainsi finit le royaume de Jérusalem, qui avait subsisté près de deux siècles.

— Lille, Typ. L. Lefort. 1859 —

ISBN:

ISBN 978-989-99779-5-2

9 789899 977952

Jorge Carvalho Arroteia (Monte Redondo – LR: 1947) – Professor Catedrático da Universidade de Aveiro (Aposentado). Licenciado em Geografia (Universidade de Lisboa), Doutor e Agregado em Ciências Sociais (Universidade de Aveiro. Autor de diversos estudos relacionados com a Geografia Humana, Emigração Portuguesa e Análise Social da Educação.